

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TEMPORALIDADE DA PAISAGEM NA VILA DE PARANAPIACABA: ENSAIOS SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL HABITADO

THIAGO DE MORAES DOS PASSOS

Tese de doutorado, apresentado ao programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Júlio de Mesquita Filho, campus de Presidente Prudente, SP.
Orientadora: Neide Barrocá Faccio
Linha de pesquisa: Análise e Gestão Ambiental

PRESIDENTE PRUDENTE, SP
2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

A TEMPORALIDADE DA PAISAGEM NA VILA DE PARANAPIACABA: ENSAIOS SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL HABITADO

THE TEMPORALITY OF THE LANDSCAPE IN THE VILLAGE OF PARANAPIACABA: ESSAIS ABOUT DWELLING A CULTURAL HERITAGE

THIAGO DE MORAES DOS PASSOS

Tese de doutorado, apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Júlio de Mesquita Filho, campus de Presidente Prudente, SP.
Orientadora: Neide Barrocá Faccio
Linha de pesquisa: Análise e Gestão Ambiental

Fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Processo: 140404/2019-8

PRESIDENTE PRUDENTE
2024

P289t

Passos, Thiago de Moraes dos
A temporalidade da paisagem na Vila de Paranapiacaba : ensaios sobre patrimônio cultural habitado / Thiago de Moraes dos Passos. -- Presidente Prudente, 2024
305 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientadora: Neide Barrocá Faccio

1. Geografia. 2. Fenomenologia geográfica. 3. Metodologia em geografia. 4. Conhecimento geográfico. 5. Arqueologia histórica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: A temporalidade da paisagem na Vila de Paranapiacaba: ensaios sobre patrimônio cultural habitado

AUTOR: THIAGO DE MORAES DOS PASSOS
ORIENTADORA: NEIDE BARROCÁ FACCIO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em Geografia, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. NEIDE BARROCÁ FACCIO (Participaçao Presencial)
Departamento de Planejamento Urbanismo e Ambiente / Unesp/FCT - Campus de Presidente Prudente

Prof. Dr. RAUL BORGES GUIMARÃES (Participaçao Virtual)
Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Campus de Presidente Prudente

Prof. Dr. DAVID LUGLI TURTERA PEREIRA (Participaçao Presencial)
FFLCH/ USP

Prof. Dr. CARLOS ALBERTO FELICIANO (Participaçao Virtual)
Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Campus de Presidente Prudente

Prof. Dr. REGINALDO JOSÉ DE SOUZA (Participaçao Presencial)
Campus Erechim / Universidade Federal da Fronteira Sul

Presidente Prudente, 06 de setembro de 2023

Dedicatória

À Diana,
Caminhar sem rumo, em um dia inusitado,
Contemplar o movimento das nuvens, de mãos entrelaçadas,
Acompanhar a flora de um mesmo ipê-rosa, primaveras a fio,
Contigo não há nada que não se transforme em um sorriso-poesia
Te amo!

Num fundo de vale...
Numa casa,
essas de tijolos vermelhos, expostos como corpo sem roupa;
De luz rarefeita entrando pelas frestas da janela do cômodo,
Esse cômodo aposentado...
o vô nunca foi de falar, mas a sua respiração sempre foi alta,
com ronquidão,
entre um respirar e outro, a fumaça do cachimbo tomava à sala;
A tv ligada em qualquer canal...
A vó não gostava tanto assim do silêncio e sempre estava a falar...
eu ficava ali, mais pro pé da vó do que a do vô,
largado sobre o chão de 'vermelhão', frio
debruçado em cima do livro...
[tenho este livro até hoje]
pois esta leitura foi velada
e abençoada pelo orgulho deles de mim
que ainda tropeçava nas letras e ideias...
aquela casa, uma "sela de luz"...
quem diria... eu tomando gosto por essa arte que é habitar
de gostar de ouvir sobre o tempo
as coisas e pessoas, ruinas
[sobre inícios e o fim]
O que vem e é levado
Meu vô sempre gostou de fundamentar os alicerces da casa
Minha vó de mobiliar
Construir e habitar
Eu não sabia
Agora sei
Obrigado
Vô, por cimentar em mim o gosto pela vida
Obrigado vó, por sempre sorrir enquanto me observava lendo
Sem mesmo entender essa esquisitice...
A vocês, também dedico esse treco

A todos moradores e moradoras da vila de Paranapiacaba.

AGRADECIMENTOS

Como diria Guimarães Rosa: “viver é um rasgar-se e remendar-se”. E quantos remendos!

O caminho até aqui foi longo, longo demais. Ingressei no doutorado durante a pandemia da covid-19. A crise sanitária tornou tudo muito mais solitário e triste. Isolado, contagiado, preocupado com a família distante e em luto pelas perdas.

O privilégio de estar presente, hoje, só me faz querer agradecer a todas as pessoas que compõem minha existência. Contudo, ao agradecer nominalmente incorro no risco de cometer injustiças, pois tantas pessoas ao longo destes anos me fizeram tão bem, pois acolheram-me, ergueram-me sempre que tudo pareceu obscuro. Os nomes são muitos e o afeto também. Contudo, para efeito deste trabalho, gostaria de agradecer aquelas pessoas que deixaram um tanto de tempo e paciência para que estas páginas existissem.

A Diana, sem você nada disso seria possível, obrigado por compartilhar comigo sua esperança, seus sonhos e sua alegria. Amo-te muito!

Aos meus orientadores: À professora Neide, espelho-me no seu profissionalismo, bondade e seu comprometimento com a formação de seus alunos e alunas. Ser seu aluno e orientando é um grande privilégio. Tenho grande estima, carinho e amizade por ti. Obrigado por tudo, principalmente por deixar mais suave esse caminho e me ajudar a realizar meus sonhos.

Ao professor Barone, pelo companheirismo e ensinamentos, mesmo que de forma informal, me coorientou nos caminhos da pesquisa. Dedicando tempo para as leituras, conversas e conselhos. Muito desta tese tem influência dos seus ensinamentos ao longo desses 12 anos de caminhada. Obrigado pela amizade.

Ao professor Nécio Turra Neto que desde a graduação me inspiro muito, por seu posicionamento ético e compromisso com as pesquisas de natureza qualitativa. Esta tese em muito é reflexo das suas observações nas arguições da defesa de mestrado; das aulas e todas as vezes em que tive o privilégio de ouvi-lo. Muito obrigado.

Ao professor Raul Borges Guimarães por ter me dado a oportunidade de compor a equipe do projeto: “Nhemboaty Mirim: um sistema de vigilância e monitoramento saudável e sustentável do Parque Estadual Serra do Tabuleiro e da Terra Indígena Morro dos Cavalos (SC), com base em geotecnologias de mapeamento participativo” que teve origem a partir de uma disciplina de graduação a qual compus como monitor. Os resultados dessa experiência reverberarão em minha vida acadêmica e pessoal. Gratidão!

Aos professores Isabel e Mariano pela amizade e contribuição nas discussões sobre a Vila de Paranapiacaba e sobre a vida. A alegria de tê-los por perto é enorme. Inspiro-me muito no amor que vocês têm em ensinar e compartilhar alegrias. Obrigado por tudo.

Regis, sou muito grato por ter sido seu aluno na disciplina de “Análise da Paisagem”. Essa tese é uma reverberação das suas aulas e das nossas conversas. Muito obrigado por me mostrar a potência geopoética desta essência geográfica.

Professor Carlos Feliciano, obrigado por aceitar fazer parte deste momento, admiro-te muito como professor e pesquisador.

Ao Laboratório de Arqueologia Guarani. Cada um de vocês é especial de uma maneira diferente em minha vida e tenho-os como família. Não consigo mensurar meus dias sem vocês. Seria injusto da minha parte citar nomes. Contudo, algumas pessoas me ajudaram substancialmente nesta etapa. Destaco a parceria do Paulo, Paulinha, Brendo, Gustavo, Graza e também Mariana que estimulou muito com as conversas acerca do método fenomenológico. Muito obrigado a todos e todas pelo apoio e carinho.

A equipe PROAC (Lari, David, Dani e Maria), muito obrigado! A Vila é um lugar de convergências, e, por uma razão que ainda desconheço, nesse trajeto sempre houve quem iluminou o caminho, vocês foram uma lufada de vida em um período turbulento. Propiciaram que eu pudesse aprender mais sobre a Vila. obrigado de coração, pela amizade e carinho.

Em especial a Lari, uma grande amiga, que sempre apoiou o desenvolvimento desta tese e cuja generosidade em compartilhar conhecimento e experiências influenciou muito os rumos da tese em tela. O Convite a compor projetos na vila reavivaram meu entusiasmo com a pesquisa numa época em que eu estava repleto de dúvidas. Para além, uma pessoa que estimo muito e guardo muito carinho. Serem sempre grato pela força. Muito obrigado por tudo!

David e Kelly, quantas vezes me receberam em sua casa, viajaram para a Vila comigo e me ampararam de diversas formas possíveis. Sou muito grato por tudo. David, além disso, tens participação ativa em inúmeros momentos da minha vida acadêmica e pessoal. Tu me inspiras muito, pela criatividade, amor pela poética da vida e pelo conhecimento, pelo espírito livre que tu és. Obrigado por ser esse irmão de caminho e um grande amigo.

À Juliana (Ju) sou grato pela sua amizade! Aprendo muito contigo e me espelho muito em ti. Sou grato por ter me ensinado as artimanhas da docência, nunca as esquecerei. Sou muito grato a ti, Ju.

Du, meu amigo-irmão, obrigado por aguentar, me ouvir e apoiar. Obrigado por tudo.

Gazinho, que aguentou as severidades climáticas da Vila de Paranapiacaba para me ajudar a ministrar um curso aos monitores ambientais. Obrigado meu amigo.

Marlon, grande amigo e uma das pessoas que mais admiro pela competência e generosidade. Obrigado amigo por ser presente nas horas difíceis – principalmente

Bia e Willians, Jujuba, Ana, Gazinho, Laura e Zé quanta gratidão por tê-los por perto e pela amizade. Por tantos momentos de alegrias compartilhadas, por serem uma família.

João Pimenta, grande parceiro de estrada. Essa vida acadêmica não seria fácil sem as canções que entoa e a generosidade que transborda de ti. Grande abraço

Gabi, obrigado por todo apoio durante o período de escrita, sempre dispôs palavras que me incentivaram e ainda incentivam a continuar no caminho. Admiro e me espelho na sua conduta profissional e na pessoa iluminada que tu és.

Dani, sua amizade é muito especial. Um presente que a Gabi nos proporcionou. Obrigado por partilhar sua alegria conosco. Foram muitas risadas que tornaram os dias mais leves.

André, andarilho das ideias. Sua irmandade é uma força constante no meu caminhar. Obrigado por tudo, meu amigo. “Nai anar kaluva tielyanna”.

Gabriel (calabresa) por simplesmente ser esse grande amigo-irmão. Mas, também, por ter sido você que me incutiste a amar o conceito de paisagem na geografia. Serei sempre grato por ter tido o privilégio de te encontrar nessa vida.

A minha mãe e irmã por serem meu referencial de vida e de força de vontade. Amo vocês.

Vô Domingos, sempre seguirei seus caminhos e seus ideais. Não há chão mais seguro de pisar do que estes que me apresentara. Amo-te de um tanto que não me cabe.

Dona Angela, seu Dehon, Dê e os pequenos: Bela, Ben e Manu. Vocês são o maior presente que a Diana já me deu. Obrigado por tudo. Amos vocês.

A minha irmã, Priscila. Obrigado por tudo! Tia Telma, Isaac e Jé, vocês todos são meu fundamento.

Aos moradores de Paranapiacaba, mais especificamente àqueles que doaram seu tempo e paciência para me receber e ensinar-me, mesmo quando eu não sabia ao certo o que queria apreender: Pedro, Tony, Regina, Chistou, Célia, Zé da Cabra; Evanir e Grilo. À família do melhor Café da Vila: Paulo, Elis e Caio. Ao Rony, por me receber sempre tão bem em seu bar (um ótimo ponto de encontro, lá no Morro). Sou grato também aos casais iluminados Cecé e Isac e Val e Sandro, vocês foram uma verdadeira família durante esse tempo de campo. Guardarei sempre a lembrança das noites ao som da viola no Largo dos Padeiros. Obrigado a todos e todas por me receberem.

Elias, obrigado por doar tanto conhecimento sobre sua história e sobre a Vila. Você é um grande amigo.

Spiff, quase uma década de amizade e afeto. Desde aquele dia, nos largos dos padeiros, eu iniciando a pesquisa de mestrado na Vila e você retornando para seu lugar de nascença, de lá para cá fortalecemos laços e construímos uma grande amizade. Durante este tempo você se tornou um alicerce que torna a vila um lugar para onde quero sempre convergir. Obrigado por tudo!

João Marcelo, meu amigo, obrigado pelo companheirismo no dia a dia, sua amizade foi uma lufada de alegria para dias de luta. Obrigado por tudo!

Ismael, amigo, compartilho contigo um amor profundo pelo conhecimento. Cada conversa contigo é um grande aprendizado para mim. Obrigado por tudo, pela parceria e amizade.

À Prefeitura de Santo André (especialmente ao Leandro e Ingo) por todo apoio quando requisitado.

Ao IPHAN e seus funcionários que me auxiliaram nas pesquisas iniciais. À Prefeitura de Santo André (especialmente ao Leandro, Ingo e Sidinei) por todo apoio quando requisitado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo fomento.

Resumo

A tese em tela é uma ontologia do patrimônio cultural habitado, cujos ensaios buscam desvelar a experiência direta do ‘ser’ com a temporalidade da paisagem, através da cotidianidade dos habitantes da vila histórica de Paranapiacaba. A Vila Ferroviária de Paranapiacaba, localizada em meio à Serra do Mar, no Município de Santo André, SP, tem sua origem ligada à instalação da ferrovia São Paulo Railway (SPR) no século XIX. Trata-se de um conjunto arquitetônico tombado nas instâncias Municipal, Estadual e Federal. A imersão que realizamos na Vila de Paranapiacaba se deu em meio à execução do Programa de Aceleração do Crescimento – Cidades Históricas (PAC2 – CH). A complexa patrimonialização da paisagem da vila entoa na dinâmica da vida cotidiana que fica condicionada à burocratização dos órgãos de proteção ou aos interesses econômicos atrelados ao turismo cultural. Contudo, as dimensões supracitadas são apenas uma das inúmeras camadas desse Habitar. Então, qual é a essência de habitar o patrimônio cultural? Os escritos contidos nesta tese contam sobre as essências fundantes da experiência que é habitar o patrimônio cultural. Narram a relação dos sujeitos com as ‘coisas’, do ‘Ser’ afetado por uma paisagem inundada de justaposição de detalhes e impressões humanas, geração após geração, em sua fisionomia. Os ensaios: “A ruína como um porvir: ou outras formas de habitá-las”; “Memórias que habitam ruínas: os patamares da Serra”; “Sobre as “coisas” e as pessoas: as curadorias domésticas”; “Futebol, ferrovia e faina”; “Paisagem atarefada de uma casa em ruínas” “Nós não somos patrimônio!”: considerações sobre as divergências técnico conceituais da sobreposição de tombamentos”; “A metáfora da roupa velha e o paradoxo de Teseu” e “Ensaio Final” trazem à luz a conexão profunda das pessoas com as "coisas”, memória, identidade, pertencimento e imaginário. Para entender o dinamismo do mundo vivido no recorte de pesquisa em tela, fizemos uma imersão na vida cotidiana de Paranapiacaba. Usamos uma abordagem de triangulação, envolvendo observação participante, entrevistas e histórias de vida. Utilizando-nos de uma perspectiva da geografia fenomenológica, alicerçada na filosofia de Merleau-Ponty, sobre temporalidade da paisagem, buscando desvelar a essência de se habitar o patrimônio cultural. Este trabalho descreve as experiências sensíveis e intrínsecas do habitar, o saber-fazer das pessoas na cotidianidade. Sua comunicação com o mundo da vida é expressa através da paisagem, um fenômeno geográfico manifesto, como a maior expressão dessa experiência. Então percebemos que esses fenômenos confirmam o movimento da paisagem, em sua dialética entre o visível e o invisível. A casa histórica revestida de musgos, ferrugem, ranhuras, ou o assoalho riscado, porque outrora arrastaram um móvel que nem existe mais. Relicários e outros artefatos de valor cultural sobre a estante e tantas outras marcas. A materialidade e imaterialidade do patrimônio cultural viva e em constante transformação, pois é mediada pela experiência sensível das pessoas que fazem uso existencial delas. A percepção do mundo não é uma construção, ela é uma forma primária de ser e estar no mundo. A resposta (ou a tentativa de uma) para as inúmeras indagações supracitadas encontra-se na apreensão da relação das pessoas com as coisas, para figurar sua consciência de ser-no-mundo, da sua condição de ‘tempo’.

Palavras-chaves: Paisagem; Fenomenologia; Conhecimento Geográfico; Patrimônio Cultural; Arqueologia; Metodologias Participativas.

Abstract

The thesis at hand is an ontology of inhabited cultural heritage that aims to unveil the direct experience of "being" with the landscape temporality through the contemporaneity of the inhabitants of the Paranapiacaba historical village. The railway village of Paranapiacaba, located in the middle of Serra do Mar in Santo André municipality - SP has its origins connected to the establishment of the Railway São Paulo (SPR) in the XIX century. It is about an architectural site listed as Municipal, State, and Federal heritage. The immersion made at the Paranapiacaba village took place during the execution of the Programa de Aceleração do Crescimento – Cidades Históricas (PAC2 – CH). The complex process of turning the landscape into heritage resonates with the day-to-day life dynamic which depends either on the bureaucratization of protective agencies or on economic interest linked to cultural tourism. Nonetheless, the dimensions mentioned here are just a few of the layers of this Inhabit. Then, what is the essence of inhabiting a cultural heritage site? The writers here in this thesis discuss the core of the experience of living in a cultural heritage. They discuss the relation of the subjects with "the things" and "the being", affected by a landscape submerged with layers of details and human impressions, and in its features generation after generation. The essays entitled "A ruína como um porvir: ou outras formas de habitá-las"; "Memórias que habitam ruínas: os patamares da Serra"; "Sobre as "coisas" e as pessoas: as curadorias domésticas"; "Futebol, ferrovia e faina"; "Paisagem atarefada de uma casa em ruínas"; "Nós não somos patrimônio!: considerações sobre as divergências técnico conceituais da sobreposição de tombamentos"; "A metáfora da roupa velha e o paradoxo de Teseu"; and "Ensaio Final" shed light on the deep connections established between people and "things", as memories, identity, belonging, and imaginarium. To apprehend the dynamics of the lived world in our research, we have immersed ourselves in the day-to-day life of Paranapiacaba. We have also established a triangulation approach that involves active observation, interviews, and life stories. Based on a phenomenological perspective on geography founded on Merleu-Ponty's philosophy about the landscape temporality aiming to unveil the essence of inhabiting a cultural heritage. This study describes sensible and inherent experiences of inhabiting and people's know-how in daily life. The communication with the world is expressed in the landscape, a geographical manifest phenomenon as the biggest expression of said experience. Thus, we realize that those phenomena confirm the landscape movement in its own dialectic between what is visible and invisible. The historical house covered in mold, rust, grooves, even the scratched floor because once a piece of furniture that no longer exists was pulled across the room. Relics and other artifacts with cultural value on the shelf and numerous other marks. The alive materiality and immateriality of the cultural heritage in ongoing transformation as it is mediated by the sensible experience of people who make the existential use of them. The world perception is not a construction, it is one primary way of being and existing in the world. The answer (or at least the attempt to one) to countless questions above lies in understanding the relation between people and things to frame their awareness of world-being and its condition of "time".

Key-words: Landscape; Phenomenology; Geographical Knowledge ; Cultural Heritage; Archeology; Active Methodologies;

Resumen

La tesis que se sigue es una ontología del patrimonio cultural vivido que intenta desvelar la experiencia directa del 'ser' con la temporalidad del paisaje, a través de la cotidianidad de los moradores del pueblo historico de Paranapiacaba. El pueblo de la línea férrea de Paranapiacaba, ubicado en el medio de la Serra do Mar, en la ciudad de Santo André - SP, tiene sus orígenes enlazados con la instalación de la vía férrea São Paulo Railway (SPR) en el siglo XIX. Este estudio se trata de una agrupación arquitectónica protegida en las instancias municipal, estatal y federal. La inmersión que hicimos en el pueblo de Paranapiacaba sucedió en el medio de la ejecución del Programa de Aceleração do Crescimento – Cidades Históricas (PAC2 – CH). El elaborado proceso de convertir el paisaje en patrimonio vocaliza la dinámica de la vida cotidiana que queda condicionada a la burocracia de las agencias de protección o mismo a los intereses económicos vinculados al turismo cultural. Sin embargo, las dimensiones ahí mencionadas son solamente pequeñas entre las camadas de este Vivir. Entonces, ¿cuál es la esencia de vivir en el patrimonio cultural? Los escritos mencionados en esta tesis cuentan sobre las esencias que fundan la experiencia que es vivir el patrimonio cultural. Ellos narran la relación de los sujetos con las "cosas", del "Ser", afectado por un paisaje cubierto de detalles superpuestos e impresiones humanas, generación tras generación, en su fisonomía. Los ensayos: "A ruína como um porvir: ou outras formas de habitá-las"; "Memórias que habitam ruínas: os patamares da Serra"; "Sobre as "coisas" e as pessoas: as curadorias domésticas"; "Futebol, ferrovia e faina"; "Paisagem atarefada de uma casa em ruínas"; "Nós não somos patrimônio!: considerações sobre as divergências técnico conceituais da sobreposição de tombamentos"; "A metáfora da roupa velha e o paradoxo de Teseu" y "Ensaio Final" aclaran la conexión profunda de las personas con las "cosas", memoria, identidad, pertenencia e imaginario. Para asimilar la dinámica del mundo vivido en este estudio, nos hemos sumergido en la vida cotidiana de Paranapiacaba. Utilizamos una perspectiva de triangulación, que incluye observación activa, entrevistas e historias de vida. A través de un enfoque de la geografía fenomenológica, fundamentada en la filosofía de Merleau-Ponty sobre la temporalidad del paisaje para desvelar la esencia de vivir el patrimonio cultural. Este trabajo describe las experiencias sensibles e inherentes del vivir y el saber-hacer de las personas en la vida rutinaria. La comunicación con el mundo expresa a través del paisaje, un fenómeno geográfico que se manifiesta como la mejor expresión de experiencia. De este modo, es posible percibir que estos fenómenos confirman el movimiento del paisaje, y también su dialéctica con lo visible y lo invisible. Una casa antigua con musgo, óxido, grietas, o el suelo rayado de arrastre de muebles que ya no existen al largo del tiempo son memorias y otros artefactos de intenso valor cultural en la estantería con tantas otras marcas. La materialidad y la inmaterialidad del patrimonio cultural vivo en constante transformación mediada por la experiencia sensible de aquellos que hacen el uso existencial suyo. La percepción del mundo no es una construcción, pero es una manera primaria de ser y estar en el mundo. La respuesta (o el esfuerzo de una) a las variadas preguntas anteriores está en la comprensión de la relación que se queda entre las personas y las cosas, que figuran una conciencia de ser-en-el-mundo y de su condición de "tiempo".

Palabras-claves: Paisaje; Fenomenología; Conocimiento Geográfico; Patrimonio Cultural; Arqueología; Metodologías Activas.

Résumé

Cette thèse est une ontologie sur le patrimoine culturel habité dont les essais tentent de mettre au jour l'expérience directe de « L'Être », avec la temporalité du paysage, à partir du quotidien des habitants du village historique de Paranapiacaba. Le village de Paranapiacaba, situé au cœur de la Serra do Mar, à Santo André, SP, a ses origines enlacées à l'installation du chemin de fer de São Paulo Railway (SPR), pendant le XIX^{e} siècle. Il s'agit d'un ensemble architectural protégé aux niveaux de la ville, de la région et aussi de la fédération. L'immersion faite au village de Paranapiacaba a eu lieu durant l'implémentation du Programa de Aceleração do Crescimento – Cidades Históricas (PAC2 – CH). Le processus complexe de devenir un paysage patrimoine du village résonne autour de la dynamique quotidienne de la vie, qui devient conditionnée par la bureaucratie existante dans les agences de protection gouvernementales ou par les intérêts économiques liés au tourisme culturel. Cependant, ces dimensions ici soulignées ne sont pas qu'une des nombreuses couches de cette façon d' Habiter. Alors, quelle est l'essence d'habiter le patrimoine culturel ? Les écrits dans cette thèse racontent les essences qui sont au cœur de l'expérience d'habiter le patrimoine culturel. Ils décrivent la connexion des sujets et des "choses" et leur relation, de l'Être touché par un paysage submergé de détails et d'impressions humaines en sa physionomie, de génération en génération. Les essais "A ruína como um porvir: ou outras formas de habitá-las"; "Memórias que habitam ruínas: os patamares da Serra"; "Sobre as "coisas" e as pessoas: as curadorias domésticas"; "Futebol, ferrovia e faina"; "Paisagem atarefada de uma casa em ruínas"; "Nós não somos patrimônio!: considerações sobre as divergências técnico conceituais da sobreposição de tombamentos"; "A metáfora da roupa velha e o paradoxo de Teseu" et "Ensaio Final" mettent au jour un lien profond des personnes avec les "choses", la mémoire, l'identité, l'attachement et l'imaginaire. Pour bien comprendre le dynamisme du monde habité par cette recherche, on a infiltré la vie quotidienne de la ville de Paranapiacaba. Une approche de triangulation a été utilisée, ce qui implique l'observation active, des entretiens et des histoires de vie. En s'appuyant sur une perspective phénoménologique de la géographie, ancrée par la philosophie de Merleau-Ponty sur la temporalité du paysage, on vise à avoir l'essence d'habiter le patrimoine culturel. Ce travail décrit les expériences sensibles et inhérentes de l'Habiter, le savoir-faire des personnes de chaque jour. La communication avec le monde s'exprime à partir du paysage, un phénomène géographique qui manifeste la plus grande expression de cette expérience. Ainsi, on a aperçu que ces phénomènes confirment le mouvement du paysage et la dialectique entre ce qui est visible et invisible. Une maison historique couverte de mousses, d'oxydation, de rainure, où le plancher est marqué par le déplacement de meubles qui n'existent plus, ces souvenirs et d'autres artefacts de valeur culturelle sur l'étagère et beaucoup d'autres marques. La matérialité et l'immatérialité du patrimoine culturel vivant et en constante transformation, influencées par l'expérience sensible des personnes qui en donnent leur usage existentiel. La perception du monde ne se construit pas, elle n'est qu'une façon d'être dans le monde. La réponse (ou l'essai d'une) aux nombreuses questions soulignées ici se posent sur la compréhension à propos de la relation entre les individus et les choses, pour connaître leur conscience d'être-au-monde et de leur condition de "temps".
Mots-clés: Paysage; Phénoménologie ; La Connaissance Géographique; Le Patrimoine Culturel ; L'Archéologie ; Les Méthodologies Actives;

Lista de fotos

Foto 1: Vista área e panorâmica da Parte Alta da Vila de Paranapiacaba 24
Foto 2: Vista aérea da Vila de Paranapiacaba 25
Foto 3 e Foto 4: Visita técnica no acervo Histórico do DNIT -São Paulo 72
Foto 5: Preparação do terreno para instalação da Via Férrea 98
Foto 6: Acampamento no Alto da Serra, em 1860, durante a construção da SPR. 100
Foto 7: Vista do 1º patamar do segundo sistema funicular 101
Foto 8: Na parte inferior o Viaduto Grota Funda do primeiro sistema funicular localizado no 4º patamar; acima viaduto do início do 5º patamar do 2º sistema funicular 104
Foto 9: Um dos Patamares da Serra com vistas para a casa de máquina, guarita do "guarda trem" e residências para funcionários 106
Foto 10: Locobreque da SPR 111
Foto 11: Acampamento na "raiz da Serra" para operários que trabalhavam na construção SPR. 112
Foto 12: Habitações temporárias no Alto da Serra 113
Foto 13 e Foto 14: Primórdios da SPR – Alto da Serra (Paranapiacaba) 114
Foto 15: Parte Alta ou vila dos aposentados 118
Foto 16: Casas geminadas da Parte Alta 118
Foto 17: Exemplares da arquitetura da Parte Alta, Paranapiacaba, SP. 119
Foto 18: Igreja Bom jesus de Paranapiacaba 120
Foto 19: Cemitério localizado ao lado da Igreja Bom Jesus de Paranapiacaba 120
Foto 20: Vista Panorâmica de Paranapiacaba 128
Foto 21: Trecho da serra do mar com perda de vegetação devido a contaminação atmosférica e chuvas ácidas que ocorreram na década de 1980. 132
Foto 22 e Foto 23: Sistema de abastecimento por gravidade SPR 134
Foto 24: Sistema de abastecimento por gravidade SPR 135
Foto 25 e Foto 26: interior e exterior da Estação Campo Grande 147
Foto 27: Exterior da Estação Campo Grande restaurado 147
Foto 28: Exterior da Estação Campo Grande restaurado 148
Foto 29: Conjunto de casas do 3º patamar. Na foto é possível observar um "cabineiro". 165
Foto 30: Ateliê-residência do T. na rua Varanda Velha. 170
Foto 31: interior do ateliê-residência de T. 171
Foto 32: Sala do Ateliê-residência do T. 172
Foto 33: fundos da casa de T. 173
Foto 34 e Foto 35: T. sentado à porta. Garrafas artesanais de elixir da antiga farmácia do Sr. Genofre, em Paranapiacaba. A direita Xilogravuras realizadas em dormentes de trem 176
Foto 36 e Foto 37: Coleção de frascos de vidro e artefatos da ferrovia da SPR, ...178
Foto 38 e Foto 39: Placa da SPR utilizada nos porões das casas da Vila Martin Smith (Vila Nova). Paranapiacaba, SP 179
Foto 40: Coleção de fragmentos de louças de um morador da Vila de Paranapiacaba 180
Foto 41: Morador que participou dos trabalhos de campo na área da Arqueologia de Paranapiacaba, expondo sua coleção 180
Foto 42: Campo de futebol União Lira Serrano, Paranapiacaba, Santo André, SP, antes do restauro 182
Foto 43: Time União Lira Serrano 187
Foto 44: campo de futebol do clube União Lira Serrano 187
Foto 45 e Foto 46: Obras de restauro do campo de futebol de Paranapiacaba. 195
Foto 47 e Foto 48: Obras de restauro do campo de futebol de Paranapiacaba 195
Foto 49: Interior da casa do P. 198

Foto 50:Vista da casa da lateral esquerda, tomando como referência o portão de entrada. Andaime para realização dos trabalhos e as telhas francesas empilhadas ao lado. No horizonte, a vista para a parte baixa. 203
Foto 51: Lona utilizada para cobrir algumas partes do teto. 206
Foto 52: Anexo, à esquerda, antigo viveiro de pássaros. 207
Foto 53 e Foto 54: Paisagem da Vila de Paranapiacaba durante as Obras de Restauro do PAC-CDH.....221
Foto 55: Antigo Locobreque nas proximidades da Rua da Estação 223
Foto 56 e Foto 57: comparação entre duas casas da vila de Paranapiacaba, um dos pouco conjuntos de casas restauradas depois dos inícios das obras. 224
Foto 58: comparação entre duas casas da vila de Paranapiacaba, um dos pouco conjuntos de casas restauradas depois dos inícios das obras. 224
Foto 59: Musgos sobre as madeiras que cercam as escadarias de algumas casas.....225
Foto 60 e Foto 61: Marcas registradas em uma das primeiras casas a serem restauradas na Vila pelo PAC2-CDH 226

Lista de figuras

Figura 1: Componentes conceituais que são indissociáveis da paisagem 50
Figura 2: Mapa mental da metodologia.....74
Figura 3: Cronologia do período de concessão da estrada de ferro à SPR.....95
Figura 4: Esquema de funcionamento do primeiro sistema funicular.....103
Figura 5: Diagrama de funcionamento do segundo sistema funicular 108
Figura 6: Esquema apresentando as etapas de construção da ferrovia.....110
Figura 7: Projeto arquitetônico das residências da Vila Velha, Paranapiacaba, Santo André SP 115
Figura 8: Divisão territorial da Vila de Paranapiacaba, com destaque para a Parte Baixa – Vila Velha. Santo André, São Paulo 116
Figura 9: Planta da Vila Martin Smith 122
Figura 10: Disposição das residências por tipologia na Vila Martin Smith.....126
Figura 11: Tipologias de imóveis da Vila Martin Smith, Paranapiacaba.....127
Figura 12: Cronologia dos processos de tombamento e institucionalização do patrimônio cultural e natural da Vila de Paranapiacaba e entorno. 131
Figura 13: Área tombada pelo CONDEPHAAT como bem cultural, de interesse histórico, arquitetônico-urbanístico, ambiental e tecnológico. 144
Figura 14: Tombamento de Paranapiacaba pelo IPHAN.....146
Figura 15: Tombamentos da Vila de Paranapiacaba e entorno.....152
Figura 16: Área que delimitação da ZEIPP.....153
Figura 17: Divisão dos setores de planejamento urbano. 155
Figura 18: Divisão das áreas de uso no setor da parte baixa. Vila de Paranapiacaba, SP. 158
Figura 19: localização do campo de futebol com relação a paisagem panóptica da vila de Paranapiacaba 185
Figura 20: Planta da Vila de Paranapiacaba (Vila nova/Martin Smith).....186
Figura 21: Mosaico de notícias sobre a reforma/restauro do campo de futebol.....196

Lista de quadros

Quadro 1: Perfil dos sujeitos.....73
Quadro 2: Releitura do sentido do Hypomnemata para uma hermenêutica da paisagem 88

SUMÁRIO

PRÓLOGO 22

CAPÍTULO 1: APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO 38

1.1. Geografia Fenomenológica.....39

1.1.1 A fenomenologia de Merleau-Ponty e a Geografia: contornos para um "pensamento-paisagem" 43

1.2 Uma ontologia da Paisagem 45

1.3 Experiência e Percepção (sentir e sentido) 50

1.4 A face oculta das coisas: horizonte, visível e invisível, sentir e sentido 56

1.5 Sobre a temporalidade 62

1.6 Habitar 65

1.7 O Patrimônio Cultural: Espaço Construído 67

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA 71

2.1 A natureza da pesquisa 72

2.1.1 Pesquisa documental em acervo histórico, centro de memórias e museus.....72

2.1.2 Os meandros da observação participante em Geografia Fenomenológica 75

2.1.3 Entrevistas 79

2.1.4 Diário de campo: uma leitura hermenêutica da paisagem 80

2.2 "a escrita de si"; Hypomnemata e a correspondência.....82

2.2.1 "A escrita de si" 82

2.2.2 Haikai como exercício fenomenológico de paisagem 84

2.2.3 Hypomnemata.....87

2.2.4 Correspondência 90

2.2.5 O movimento do pensamento 91

CAPÍTULO 3: A VILA DE PARANAPIACABA.....92

3.1 SÃO PAULO RAILWAY: patrimônio tecnológico e industrial 93

3.1.1. Sistema funicular: "os planos inclinados" 99

3.1.2 Segundo Sistema Funicular 104
3.2 A VILA DE PARANAPIACABA 112
3.2.1 Os primeiros núcleos urbanos da SPR: Vila Velha 112
3.2.2 Morro, Parte Alta ou Vila dos aposentados 117
3.2.3 Vila Nova ou Martin Smith 120
CAPÍTULO 4: PATRIMONIALIZAÇÃO DA VILA DE PARANAPIACABA 129
4.1 Delineamentos 130
4.2 Tombamento do CONDEPHAAT 135
4.3 Tombamento IPHAN 145
4.4 Tombamento CONDEPHAAPASA 149
4.5 A Implantação da Lei de Zonas especiais de interesse do Patrimônio de Paranapiacaba para o fortalecimento do Tombamento Municipal 151
CAPÍTULO 5: TEMPORALIDADES: ENSAIOS 160
5.1 A ruína como um porvir: ou outras formas de habitá-las 161
5.1.1 Memórias que habitam ruínas: os patamares da Serra 162
5.2 Sobre as “coisas” e as pessoas: as curadorias domésticas 169
5.3 Futebol, ferrovia e faina 181
5.4 Paisagem atarefada de uma casa em ruínas 197
5.5 “Nós não somos patrimônio!”: considerações sobre as divergências técnico conceituais da sobreposição de tombamentos 211
5.5.1 Sobreposição dos tombamentos da Vila de Paranapiacaba 216
5.6 A metáfora da roupa velha e o paradoxo de Teseu 220
CAPÍTULO 6: ENSAIO FINAL 232
6.1 A Temporalidade da Paisagem na Vila de Paranapiacaba 233
6.2 Uma síntese sobre a relação das pessoas com as coisas 234
REFERÊNCIAS 242


Aqui é a vila mágica
A vila aparece
E desaparece
Tem horas que você vê o morro
Tem dias que você não vê nada
Parece o grande caldeirão
Que você põe para esquentar
E a fumaça vem para a vila apagar
Tem bruxa no pedaço
Com sua vara de condão
E põe fogo no chão
A fumaça aparece
E a vila desaparece
Como passe de mágica
O morro a sumir
E a fumaça a perseguir
O dia não passa
Nem as horas
Só fica a fumaça
Na cidade mágica.
(*In memoriam* Dona Francisca)
Francisca Cavalcanti de Araújo. Dona Francisca faleceu no dia 16 de junho de 2021 aos 89 anos, era poetisa e moradora da Vila de Paranapiacaba.

PRÓLOGO

Hoje vejo 'coisas'
Vindas de outros tempos,
Feitos do inacabamento
[da paisagem]

No período de 2014 a 2016, realizei uma imersão− pesquisa participativa/observação participante intensa na Vila de Paranapiacaba, que resultou na dissertação de Mestrado: "Habitando o patrimônio arquitetônico: os curadores da Vila de Paranapiacaba, Santo André, SP". No ano de 2015, compus a equipe de Programa de Prospecção e de Monitoramento Arqueológico da parte baixa da Vila de Paranapiacaba, no contexto das obras do PAC-CH (Programa de Aceleração do Crescimento - Cidades Históricas). Por fim, em meados de 2022, compus a equipe do Projeto PROAC para elaboração de um plano museológico para o Museu Tecnológico do Sistema Funicular, localizado na Vila de Paranapiacaba.

Posteriormente, ao longo de um sexênio, estive atento a todos os assuntos da Vila, claro que com intensidades distintas. Houve muitos encontros e desencontros, entre idas e vindas – e até mesmo um período pandêmico que nos tornou reclusos, distantes e preocupados uns com os outros − que me fizeram perceber que os vínculos criados em uma pesquisa de cunho participativo não se desfazem facilmente e que o senso de responsabilidade vai se enraizando em nosso pensamento e, aos poucos, tomando a forma de uma pesquisa para a vida toda.

Por essa potência de envolvimento que a pesquisa participativa proporciona, ela não se dá a encaixotamentos e definições, é uma característica pujante e flexível para uma metodologia que nos exige ***permanência, apreensão, descrição e, sobretudo, envolvimento.***

***

Cheguei pelo Morro ou Vila dos aposentados (Parte – Alta) em um raro dia em que a neblina não consumia a visibilidade da vila, apesar de as nuvens sobrevestirem os cumes da escarpa, como quem anuncia uma vindoura precipitação mas, mesmo assim, ainda se podiam ver, daquele ponto, o relógio e os trilhos da ferrovia, no limite da vista, por ambas "as pontas". A leste, a abertura do Vale do Rio Mogi – o caminho das brumas – uma

abertura para a visão que se perdia com o tempo na inescrutável densidade do verde da mata serrana. Para oeste, a visão da continuidade desse caminho ancestral para o Planalto do Piratininga. À frente, pude observar uma quantidade massiva de transeuntes (turistas) cruzando a ponte[27] para chegar à "Vila inglesa"[28] (**Foto 1**).

Foto 1: Vista área e panorâmica da Parte Alta da Vila de Paranapiacaba

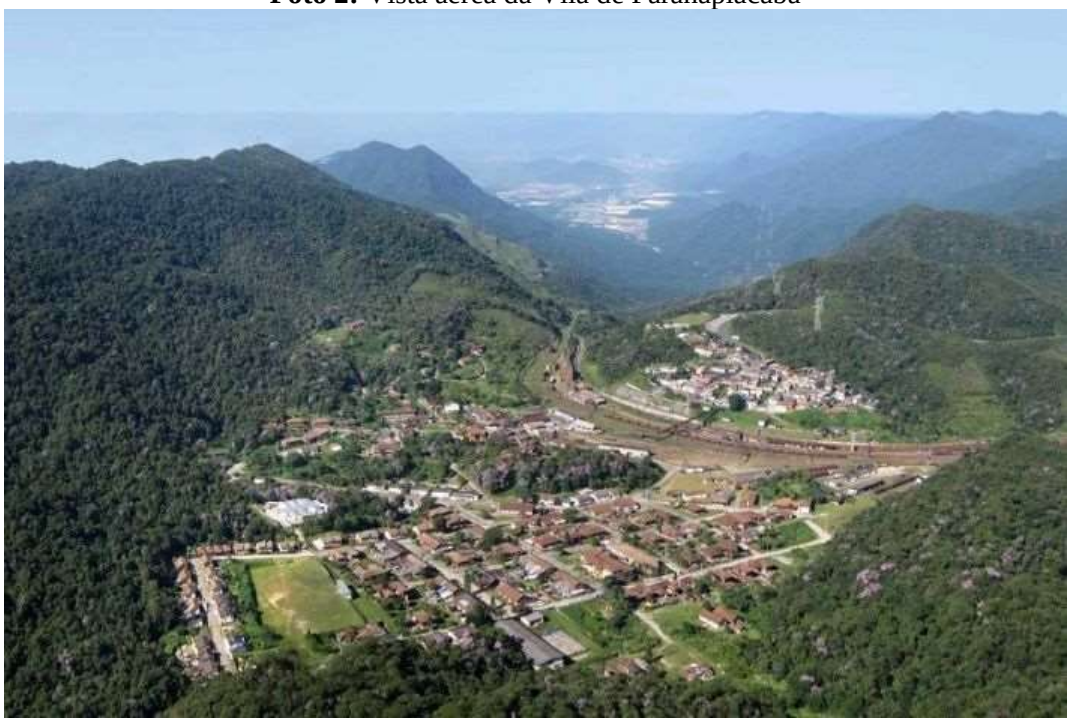


Fonte: Sergio Souza (2022).

Do Morro, a vista da Vila é incrível, por achar-se rodeada por moradias diversas e coloridas, inspiradas em uma arquitetura portuguesa. Encontrava-me em meio ao contraste com as casas postas naquele horizonte da Parte Baixa, a Vila Inglesa e a Vila Velha, assentadas no platô, com casas de um vermelho denso ressaltado pelo contraste tonal do verde da floresta ombrófila densa – com ressalva para as quaresmeiras de flores lilás, que anunciam as festividades de Carnaval (**Foto 2**).

[27] Como é chamada a passarela.
[28] Destaco entre aspas a terminologia "Vila Inglesa", alcunha consagrada e perpetuada pelo turismo cultural, por entender a Vila de Paranapiacaba como uma vila ferroviária e operária. Para além da arquitetura e das ligações com a Inglaterra em sua constituição e em configuração, em essência, as histórias que se escutam são de pessoas que dedicaram suas vidas e sua força de trabalho na manutenção desse lugar.

Foto 2: Vista aérea da Vila de Paranapiacaba



Fonte: Victor Hugo Mori (2000)

Comecei a caminhar pelas ruas do Morro e, para constar, a promessa das nuvens acinzentadas fez-se cumprir, na forma de uma garoa, não tão suave. Os foliões pareciam até mais eufóricos com a chuva.

Eu, por outro lado, senti intensificar a sensação de desconforto por estar ali, parte por uma insistente timidez que não condizia com a tarefa a que me propus, parte por ter, inconscientemente, escolhido o pior momento para realizar uma incursão em uma vila histórica e turística – o Carnaval. Meu ânimo e vestimentas (parcialmente molhadas) eram incondizentes com a alegria dos foliões.

Preocupado com os equipamentos, livros e diários de campo, ainda tive que lidar com os infames e lisos paralelepípedos, querendo me levar a um tombo. Continuei a descer a rua Rodrigo Quaresma, passando por um casarão robusto, de bases de pedras, com uma cor beje e com ares de ruína.[29]

[29] Essa casa viria a ser meu abrigo por longos meses – foi por habitá-la, e compartilhar das angústias de seu proprietário na época, que os fundamentos da pesquisa em tela nasceram.

Contornei o quarteirão, como quem anda em círculo, retornando ao ponto inicial. À minha direita uma pequena bodega, ainda vazia, com seu dono à porta. Se não me falha a memória, foi ele a primeira pessoa com a qual me identifiquei como pesquisador.

Antes de tomar coragem de seguir adiante – sem rumo, na verdade, sentei-me à mesa de sua bodega, pedi-lhe um café e, tomado por uma imensa ansiedade, fiz-lhe inúmeras perguntas que se embaralharam todas, algumas sobre a Vila e outras sobre sua vida pessoal. Um frenesi desenfreado e tagarela, que durou um quarto de hora. Quando dei por mim, o dono já estava em outros afazeres, atendendo os inúmeros turistas folgazões, que não paravam de chegar.

Iniciei a pesquisa em um dia em que eu era apenas um na multidão e os moradores e moradoras da Vila estavam todos atarefados com a inundação de *outsiders,* andando e pulando pelas ruas e vielas da Vila 'Inglesa', lotando as pousadas e abarrotando os restaurantes. Sem tempo para conversar ou acolher, e a tirar as roupas pesadas que vestia e a mochila nas costas, para eles eu era apenas mais um entre todas aquelas pessoas.

De todas as lembranças ao longo desses anos de pesquisa, por algum motivo, esta é a mais vívida e, por mais que eu me esforce para descrevê-la, não consigo alcançar em escrita ou palavras, a **vertigem** que senti naquele dia. Todos aqueles elementos atirados sobre mim: cores, ritmos, intensidades, sensações – frio, ansiedade, entusiasmo e, ao mesmo tempo, uma falta de noção completa do que fazer. Tantos rostos: turistas, moradores, comerciantes, pessoas de todas as idades, por onde começar?

Por mais que eu tivesse amparo teórico-metodológico e grande professores que apoiavam essa empreitada, o sentimento de insegurança e responsabilidade pesava aos ombros. Lembro-me de ter sempre a mão um exemplar do Livro do professor Nécio Turra Neto - "Enterrados vivos" - que foi\é uma grande inspiração para mim. Bem como seus conselhos durante e após as aulas de metodologia em geografia que me guiavam em dias exaustivos de campo: "[o campo pode] causar certo espanto e sensação de vertigem. O trabalho de campo é sempre imponderável" (TURRA NETO, 2012, p. 247).

Assim foi, por semanas, quiçá meses. Não tinha objetivos claros que me guiassem e atenuassem o peso das decisões[30]. Havia muitas perguntas. Encontrar a pergunta certa é, sem dúvida, um dos maiores desafios de pesquisas que se debruçam na experiência do ser-no-mundo.

[30] A pesquisa de natureza fenomenológica não se fundamenta em apriorismos e preconcepções da realidade, por essa razão não se utiliza de hipóteses.

No entanto, foi nesse dia que apreendi a mais valiosa lição sobre observação participante – que, em se tratando de uma busca por fenômenos geográficos, nada está sob controle, principalmente a essência da paisagem.

***

Doravante, ter que lidar com as desventuras e com toda as expectativas que criei, ou que criaram sobre mim, ao longo desses anos é uma arte que ainda não dominei e, sobre esse fato, recai-me um peso de responsabilidade e julgamentos de sucessos e fracassos sobre atender as necessidades que lugares como a Vila de Paranapiacaba demandam.

Acaba que esses conturbados sentimentos só não são maiores que os laços de amizade e companheirismo, que afloraram com a vivência. Esses sentimentos tampouco, apagam as experiências conturbadas, escolhas difíceis, predileções ou posicionamento frente à realidade que, porventura, deu origem a desafetos, a barreiras e a lutas. Essas facetas polarizadas da experiência direta com os sujeitos é uma forma de refutarmos impiedosamente, de antemão, o mito da neutralidade na pesquisa de cunho qualitativo – e de demonstrarmos que o caminho trilhado é um acumulado de escolhas que, longe de um apresado maniqueísmo, são certas e erradas ao mesmo tempo, dependendo da visão que delas se tem.

Estar em campo é um ponto de ruptura com a rotina de estarmos em casa, à mesa, escrevendo o projeto de pesquisa e devaneando sobre inúmeras e bem-sucedidas incursões – ledo engano, mas um dos melhores enganos.

A realidade, de fato, é que eu não tinha âncora, não conhecia ninguém, verdadeiramente naquele lugar, que me pudesse acolher naqueles primeiros momentos. É interessante essa sensação de ir aos poucos preenchendo os espaços, ainda desconhecidos, sem referenciais para a memória, em um ‘lugar’ repleto de sinestesias da experiência direta. Pensar sobre esse fato é um exercício extremamente lúdico e didático para compreendermos essas essências geográficas – lugar e paisagem.

É preciso que ponhamos nosso corpo, em exposição aos fenômenos que queremos entender e deixar-nos ser atravessado, afetado, para então, começar a apreender os fenômenos circunspectos daquela realidade, pois, daquele instante em diante, eu adentraria um mundo desconhecido, como um intruso “deslugarizado”, a fim de conhecer,

de estreitar vínculos e de apreender as esferas íntimas da vida cotidiana dos habitantes em sua interligação com temporalidade, historicidade e geograficidade, com aquele lugar e suas 'coisas'.

Registrei, durante esse tempo, a manifestação do movimento interno da Vila. A sua relação e tensão com as externalidades e todo o processo de transformação por motrizes exógenas e endógenas. A paisagem em constante transformação nos leva a um olhar mais atento para as pessoas, porque "é através da paisagem que [o ser humano] toma consciência do fato de que *habita* a terra" (BESSE, 2011, p.119) isso implica, necessariamente, que há um reflexo existencial sobre o mundo e nós mesmos, nesse processo de 'sermos-na-paisagem'.

***

Como observador-participante pude aprender inúmeros fenômenos que se desvelaram a partir da apreensão sensível daquela realidade. As minimesas do cotidiano, como sentar-se no bar da Vila dos Aposentados, em um fim de tarde qualquer, e falar sobre trens e suas engrenagens, ao som de vagões se entrechocando no pátio ferroviário, aprender sobre o trato da madeira vinda lá de Riga, jargões de oficio, mitos e lendas passadas por gerações, conversas dotadas de uma sinestesia embriagante , onde o narrador procura a melhor versão da história, tateando os detalhes na memória distante, fazendo-as convergir para aquele exato momento presente do conto, sentindo o odor da máquina, da casa, dos artefatos, texturas e sons de um momento do passado, mas trazidos para o instante da conversa.

Os desdobramentos dessas conversas sobre a vila e a ferrovia quase sempre descambavam para uma melancolia, quando a nostalgia dos tempos áureos arrebatava a mente... e, por vezes, dava lugar a uma angústia indistinta sobre o porvir, pois a ferrugem devora o ferro, a umidade apodrece as madeiras e toda sorte de intempéries parece estar obstinada a engolir a materialidade da Vila. Diziam desses problemas: "por falta de cuidados", "falta de investimentos", descaso com patrimônio e com sua gente", narrativas tão comuns no cotidiano de quem vive a paisagem de um lugar 'histórico'.

Percebam que, cada pensamento, cada frase, cada angústia sobre a vila é uma reverberação de inúmeros fenômenos ligados às vilas e às cidades históricas de outros lugares do país e do mundo, conceitos tão caros, como: preservação, restauro, políticas públicas, valorização bens culturais, são preocupações latentes. Havia, ainda, questões macroeconômicas e políticas que orbitam o temário patrimonial, como políticas de

turismo para fomento econômico e distorções técnicas e teórico metodológicas na ideia de conservação de bens históricos, com subterfúgio na dúbia ideia de sustentabilidade.

O temário patrimonial está carregado de ambiguidades, de contradições e de outras complexidades. Não por menos, é o campo da ciência que está sempre no limite epistêmico do significado de 'preservar', pois os valores atrelados aos bens culturais podem acolher ou repulsar, podem ter seus significados ressignificados, reivindicados ou mesmo caírem no ostracismo da História.

Ainda há esse medo da ação do tempo sobre as coisas que tensiona a vida e o movimento natural a todas as coisas, ou seja, o fim, impondo-lhes, aos bens culturais, uma artificialidade do efêmero, e engessando-os todos em molduras de um tempo cronológico frio e distante do calor e do movimento do mundo vivido.

Outrossim, há de se lidar com as perigosas narrativas que sustentam os discursos liberais e econômicos, que ameaçam os usos existenciais dos patrimônios em prol da exploração econômica e do valor de mercado. Poderia, ainda, citar os processos de higienização e de gentrificação dos sítios urbanos, dentre outros tantos fenômenos que ocorrem nessas singulares realidades.

Escolhi, para esses fins de imersão e de leitura dessa realidade, fazer dela uma leitura fenomenológica, por apreender que a paisagem (tal como lugar), enquanto essência geográfica, ainda estava latente

Contudo, a potência destas temáticas pode perder a profundidade se nos afastarmos ou nos esquecermos da escala geográfica da vida. Defendo, portanto, que através do desvelamento de fenômenos nessa escala geográfica, do corpo, do cotidiano, das tarefas diárias, é que podemos alicerçar uma melhor compreensão da totalidade que é habitar o patrimônio cultural.

O que é habitar o patrimônio cultural? Essa questão me movimenta e, embalado por inúmeras inquietudes, me aproxima do mundo sensível, da experiência e da percepção. Percepção que é o berço do conhecimento − esse domínio da experiência vivida, que antecede tudo.

Percebemos o mundo e somos afetados por ele a todo o instante. No entanto, perdemo-nos na segurança da racionalidade e da intelectualidade, frequentemente. O temário do patrimônio cultural, o que se produz academicamente sobre normas e diretrizes, técnicas de restauro, tombamentos, as redefinições e revisões conceituais sobre o conceito de 'paisagem cultural' tem seu valor pragmático e, contextualmente, é efetivo,

na medida em que opera e gere um ‘bem de valor cultural’, mas é distante das essências que emanam dessa relação das pessoas com as coisas e com a temporalidade.

Ler-se-á, nas páginas que se seguem, sobre toda sorte de conceitos fenomenológicos, que exprimem o que é de fato viver no mundo, saber-se vivo, afetado, sobre um ser que experimenta, toca, sente. Defender-se-á, portanto, que antes, muito antes desse conhecimento intelectual racionalizado e institucionalizado sobre o patrimônio cultural, há, na verdade, uma experiência pujante de um habitar inundado de temporalidades. E que é a paisagem, enquanto essência manifestada no real, a expressão dessa relação ‘antepredicativa’ com o mundo, e que atesta o ser-em-si e o ser-no-mundo.

Por essa razão, distanciei-me da narrativa da égide ao monumento e ao seu valor estilístico e arquitetônico, da sua importância como marco da industrialização brasileira e da econômica para o país em determinada época, porque pouco têm importância ao menos nestas páginas − os detalhes técnicos, as paletas certas da cor da madeira, as pátinas das paredes, metal ou cerâmica.

Mas, contudo, se essas características forem invocadas pelo afeto, pela experiência direta de quem vivencia a materialidade dia após dia, então as paletas de cor tomam outros tons de importância; ou de quem tem por receptáculo da memória as paredes de uma casa antiga, então a forma tem importância; que pelos sentidos – tato, olfato, paladar e visão – sente o significado de “estar lá” então os valores existenciais serão acolhidos, pois esta tese trata, sobretudo, da relação das pessoas com as “coisas”, com o tempo e com a paisagem e, acima de tudo, do mundo vivido, experenciado.

Assim, impelido por uma perspectiva geográfica, tratar-se-á, aqui, sobre outros saberes e sobre outras experiências. Esses outros grandes temas do campo do patrimônio cultural flamulam num pano de fundo, dando lugar à percepção e à experiência vivida.

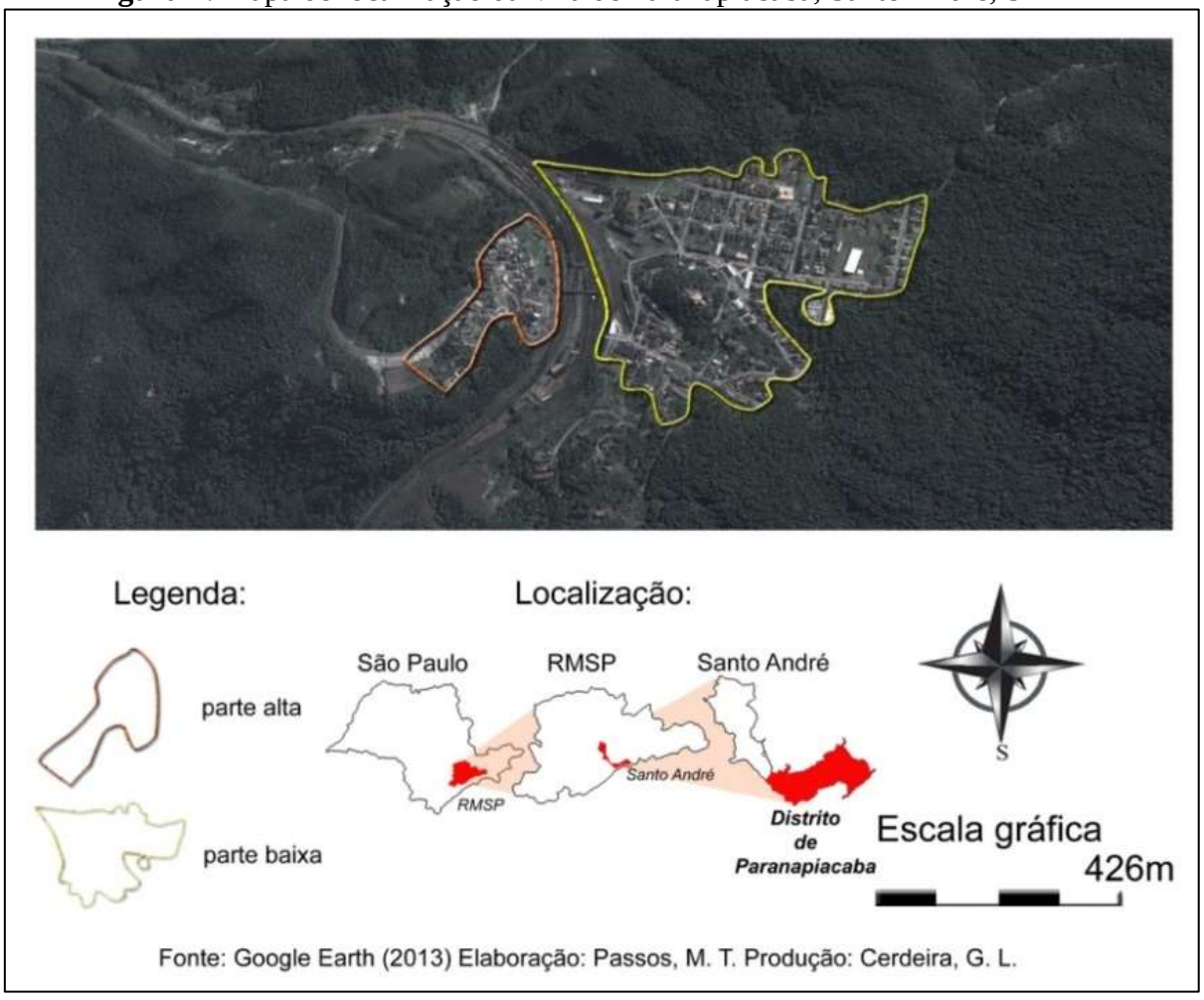
O que se apresentará são os fenômenos apreendidos nessa dada realidade que, adianto, manifestam uma geograficidade e historicidade únicas, as quais, embora circunscritas a um recorte geográfico específico – a Vila de Paranapiacaba – diz muito sobre nossa existência, enquanto seres sociais na inter-relação com a efemeridade do tempo da vida− a temporalidade dessa paisagem.

***

A folha seca
É a forma do outono,
Sua essência é o sopro que a fez voar
[Introdução à Vila de Paranapiacaba]

A Vila Ferroviária de Paranapiacaba em Santo André, SP (**Figura 1**) é considerada patrimônio ambiental, histórico, tecnológico e arquitetônico, tendo sua origem ligada à instalação do sistema funicular inglês na região, em meados do século XIX. Trata-se de um conjunto arquitetônico, tombado nas instâncias Municipal pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico-Urbanístico e Paisagístico de Santo André (COMDEPHAAPASA), estadual pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) e Federal pelo Instituto do Patrimônio histórico Nacional (IPHAN).

Figura 1: Mapa de localização da Vila de Paranapiacaba, Santo André, SP



A Vila de Paranapiacaba conta com os ‘tombamentos’ do Parque das Nascentes; Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba; Parque Estadual da Serra do Mar e Reserva da Biosfera (Organização das Nações Unidas- UNESCO).

Ainda, em 2008, passa a constar na lista indicativa para bens capazes de ser declarados patrimônio mundial. O Brasil, por meio do IPHAN, como signatário da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural – UNESCO, levou a candidatura da Vila por entender que se trata de um exemplar único da industrialização brasileira que reflete a diversidade cultural do território nacional.

Dada esta natureza ímpar na sua constituição enquanto patrimônio, somada a “vocação” para o turismo cultural e desenvolvimento local, a Vila de Paranapiacaba vem sendo o centro das atenções do Estado e instituições nas últimas décadas, tendo sido contemplada pelas principais políticas públicas de proteção ao patrimônio cultural do país: o Programa de Cidades Históricas (PCH)[31]; Monumenta[32]; e, mais recentemente impulsionada pela candidatura como patrimônio mundial, as obras de restauro do Programa de Aceleração do Crescimento – cidades históricas (PAC-CH)[33].

Com a consolidação do temário patrimonial na agenda da Geografia brasileira foi possível ao longo do século XXI diagnosticar alguns fenômenos universais que ocorrem em torno do patrimônio cultural – processo esses, intensificados na pós-modernidade e que afetam principalmente sítios e cidades históricas habitadas, são eles: mercantilização da cultura no mundo contemporâneo; fetichização da cultura e das manifestações culturais; segregação socioespacial advinda dos processos de higienização da população local em detrimento de valores neoliberais da exploração dos lugares turísticos e ‘disneyficação’ /ou artificialização das paisagens culturais dentre tantos outros pontos de pauta[34].

[31] “(PCH) foi implementado no início da década de 1970 pelo Ministério do Planejamento e Coordenação Geral (Miniplan) com vistas à recuperação das cidades históricas da região Nordeste do Brasil. Além disso, buscava a descentralização da política de preservação cultural por meio de sua execução pelos estados, aplicando recursos significativos nessa área” (IPHAN, 2022).

[32] “O Programa Monumenta inicia-se efetivamente no ano 2000, após a assinatura do Contrato de Empréstimo do BID para o Governo Brasileiro em dezembro do ano anterior. Como partida, o Ministério da Cultura institui um Comitê de Especialistas para a elaboração da "Lista de Prioridades do Monumenta", organizando uma listagem dos 101 sítios e conjuntos urbanos sob proteção federal” (IPHAN, 2022).

[33] “O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), iniciado em 2007, é uma inciativa do Governo Federal coordenada pelo Ministério do Planejamento que promoveu a retomada do planejamento e execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do Brasil. Em 2013, de forma até então inédita na história das políticas de preservação, o Ministério do Planejamento autorizou a criação de uma linha destinada exclusivamente aos sítios históricos urbanos protegidos pelo Iphan, dando origem ao PAC Cidades Históricas (IPHAN, 2022).

[34] Realizamos um levantamento sobre os trabalhos apresentados no GT do ENANPEGE (Encontro Nacional de Pós-graduação em Geografia) Geografia e Patrimônio Cultural - Cidade, Imagem e Patrimônio

Muito embora, perímetros urbanos e naturais tombados tenham certa resiliência frente aos avanços e aos tensionamentos advindos das relações da ordem das externalidades [35], ainda sim sofrem revés.

A Vila de Paranapiacaba e seu entorno vem sendo foco, na última década, de inúmeros debates sobre proteção do patrimônio cultural e natural. De um lado, as discussões sobre os rumos na gestão do patrimônio cultural dado o tensionamento de diversos agentes econômicos ligados ao setor turístico que visam se apropriar da visibilidade midiática e internacional da Vila. De outro, os tensionamentos sobres os perímetros de proteção da paisagem cultural e do parque estadual da Serra do Mar e demais limites de proteção para a implementação do "Porto Seco de Santos", que contou com episódios como: tentativas de flexibilização do plano diretor e leis de proteção do patrimônio natural e cultural do Município de Santo André, SP, dentre outros tantos "casos".

Num âmbito mais circunscrito aos moradores e moradoras, as constantes intervenções nos bens imóveis: reformas, restauros e remanejamentos; bem como regras rígidas de habitabilidade asseguradas em todas as esferas do poder público. Também convivem com a ruína, abandono, depredação dos bens, em certa escala.

Situamos, então, a tese em tela dentro de um contexto histórico e geográfico dinâmico, onde estas '*externalidades'* são referidas como as narrativas heteronômicas, que tensionam constantemente esse habitar.

Muito embora, essas narrativas e macrofenômenos exerçam grande peso e influência na dinâmica do mundo-vivido, escolhemos, pois, pôr a luz da discussão e desvelar as "pequenas" narrativas, os fenômenos geográficos latentes na experiencia

- 2015, 2017, 2019 e 2022, buscando identificar as principais temáticas levantadas do temário patrimonial na Geografia Brasileira.

[35] Para Relph (1976) há diferentes níveis de interação dos sujeitos com o espaço vivido. "Interioridade (insideness) e exterioridade (outsideness), são advérbios de modo, de estar dentro ou de estar fora dos lugares" (MARANDOLA JR, 2010, p. 4.). A experiência direta compreende uma 'interioridade' que pode ser existencial (Envolve sentimento de apego ao lugar, uma relação orgânica e inconsciente); comportamental (Envolvimento funcional com o lugar; um relacionamento objetivo com o lugar); empática (Implica estar aberto a um envolvimento profundo com o lugar, a partir da empatia e de um interesse sincero). A experiência indireta, por sua vez, é da ordem das experiências de 'exterioridade', podendo ser objetiva (Envolve uma atitude deliberada, desapaixonada de separação do lugar, como o olhar do cientista, do planejador ou de qualquer um que considere o lugar de forma estritamente objetiva sem envolvimento); incidental (Quando lugar é apenas o cenário para atividades simples, mantendo-se pouco diferenciado); e existencial (Aquela situação em que a pessoa se sente fora do lugar. Isso pode ser por alienação, por topofobia ou por atributos físicos, mas o importante é que são situações não intencionais) (RELPH, 1976; MARANDOLA JR, 2010).

vivida, que contrapõem a superficialidade tecno-burocrática, política e econômica e que constituem ontologicamente este habitar.

Por alto, notar-se-á que as questões que orbitam a temática em tela, de uma forma ou de outra, entrelaçam-se e ramificam-se podendo levar a inúmeros desdobramentos. Mas que, em dada dimensão e escala geográfica, convergem, sempre, para o mundo da vida e da cotidianidade.

Mas que diagnosticá-las, compreendê-las e, ora, analisá-las, estes macrofenômenos também são reverberações do que se tem por patrimônio cultural no Brasil. Estes fenômenos não dizem respeito ao ser da coisa, por serem manifestações fenomênicas que emanam de um uma realidade existente, eles não constituem a essência do que é patrimônio cultural, arquitetônico e nem sobre o que significa habitá-lo.

Esta inversão de perspectiva, contudo, tem por objetivo levar-nos conceber a pluralidade do que é habitar o patrimônio cultural – questão essa, norteadora, que busca evidenciar o que há por de trás das experiências dos sujeitos que se veem lançados na cotidianidade de lugares históricos. A tese em tela versa sobre este desvelar dos fenômenos geográficos que se manifestam no campo da experiência vivida; da relação do ser com o mundo.

Desvelar estes saberes e estas experiências acerca das paisagens é, de certa forma, uma ferramenta para ações anti-heteronômicas, ou seja, ações que busquem potencializar autonomia, e práticas dialógicas e transversais pelos saberes locais.

Por de trás do corriqueiro, há as essências geográficas, os assuntos cotidianos, mesmo que aparentemente prosaicos, podem vir a reverberar grandes questionamentos acerca da realidade estudada. O temário patrimonial, científico e técnico vem depois para validar o estado da arte dos bens de 'valor' cultural.

No fundo, trata-se da relação das pessoas com o mundo, com as coisas – "do ser-na-paisagem" (BESSE, 2001) - dentro de um fluxo de temporalidades. A construção desta narrativa pauta-se, sobretudo pelo singular.

Estes registros culturais, testemunhos pujantes da historicidade, são 'tocadas' pelo sujeito de tal forma que, inevitavelmente, ele não se esquece que habita o testemunho de outro tempo. Isso se dá não apenas pela fisionomia de uma casa velha, das ruinas que o circunda, do estético e pictórico, mas, sobretudo, porque este morador e moradora é 'convidado' a lembrar constantemente, por outros sujeitos (o turista, o gestor, o político, empreendedores e os acadêmicos), que o lugar em que ele vive é dotado de temporalidade.

Tal como o ato de respirar que é involuntário e imperceptível a consciência imediata até que lhe digam – "você respira". Ou mesmo se acometidos por uma enfermidade pulmonar que faça com que não nos esquecemos que respiramos. Não é dado ao habitante da vila o esquecimento de que reside em um 'lugar histórico'.

Os ensaios, todos, são lembranças desta condição: seja pelas intervenções exteriores constantes, das lentidões burocráticas para manutenção; excesso de visibilidade e exposição; do porvir da ruína; tensionamentos políticos com fins neoliberais para exploração turística com fins econômicos; não esqueçamos dos calendários festivos, das atrações e dos turistas.

Morar, ter um lar, se abrigar não é necessariamente habitar, mas o ato de habitar constitui "a mais forte ligação humana entre a data e o lugar. Os lugares habitados são, por excelência, memoráveis. Por estar a lembrança ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los (RICOEUR, 2003, p. 59), tocá-los e percebê-los. Percepção é movimento. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Enfim, se o tempo só deixa de existir no esquecimento, como afirma Meleau-Ponty (1999) a constante lembrança da experiência com esta temporalidade da paisagem faz com que o sujeito conceba a existência de uma temporalidade que ficou para trás ou que ainda está por vir. Mas, mesmo que o sujeito da percepção seja um corpo de finitude, mesmo que sobrem apenas as ruinas das coisas, da memória e da historicidade, enquanto estiver em contato com o mundo, e ter a mão o passado, o presente e porvir saber-se-á pertencente a esta existência singular.

Nesse sentido, a paisagem aparece como a própria imagem do tempo. A vila de Paranapiacaba é o ser-em-si, suas casas, seus vagões de trem, os depósitos, os artefatos são exatamente o que são, eles, estas cosias, não se definem sozinhas. São os sujeitos que percebem o tempo encrustados em sua materialidade que sentem, no momento vivido, o presente, o passado e o porvir convergirem num instante.

Desta feita, é plausível colocar estes escritos como testemunho de um saber geográfico pujante sobre o lido com o espaço construído e a inscrição de significados sobre a materialidade carregada de temporalidade por parte das pessoas que habitam a vila. A paisagem enquanto fenômeno geográfico latente que diz respeito ao sentir, a experiência e encontro com o mundo, a paisagem como expressão da existência singular (BESSE, 2014)

Os "ensaios do patrimônio cultural habitado" são expressão dessa dimensão vivida. Esse estudo de caso da Vila Ferroviária de Paranapiacaba demonstra a incidência

sobreposta de inúmeros elementos ligados ao temário patrimonial: tombamentos, políticas públicas de grande relevância em âmbito nacional, complexo processo de ocupação do território e políticas de habitação; gestão do patrimônio cultural; mas, sobretudo, a relação dos moradores com a Geograficidade e temporalidade deste sítio histórico. Esses elementos fazem da vila um lugar propício a uma imersão para apreendermos os fenômenos latentes na paisagem e, de fato, delinearmos as possibilidades e reflexões sobre a questão norteadora da pesquisa: o que é habitar o patrimônio cultural?

Dessa forma, a pesquisa foi postulada numa triangulação metodológica entre: pesquisa participativa/observação participante; entrevistas, grupo focal e história oral, com suporte de técnicas de análise documental, análise de discurso, dossiês e análise de acervos. Muito embora, para fins de relatório de qualificação, apresentaremos a etapa de pesquisa participativa, tendo no escopo as transcrições de algumas entrevistas.

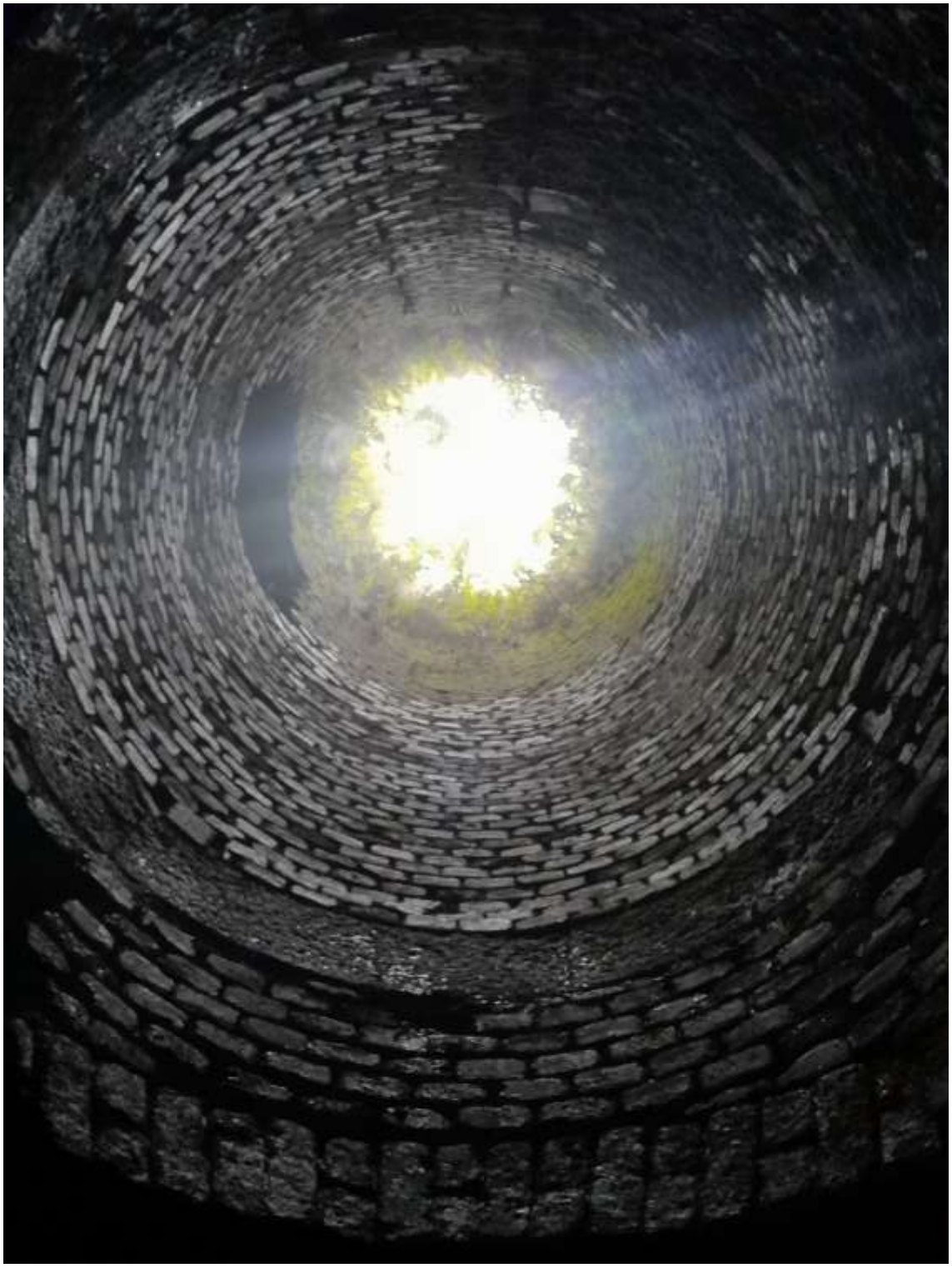
No mais, é importante salientar que todo os processos e etapas de desenvolvimento da tese fora dialogada com os sujeitos envolvidos da Vila de Paranapiacaba. De forma que, ao final houve uma defesa aberta para os moradores e moradoras da Vila, técnicos e servidores da Prefeitura Municipal de Santo André, SP (PMSA) dentro outras pessoas interessadas. Essa devolutiva consta no Apêndice A: "Apresentação dos resultados da tese de doutorado na Vila de Paranapiacaba, Santo André São Paulo". (**APÊNDICE A**)

A tese em tela divide-se em duas Partes. **A Parte I** é composta pelo aporte teórico-metodológico. O **capítulo I** apresenta o escopo teórico, a escolha de método. Enfoca, principalmente, as contribuições da geografia de base fenomenológica para estudos ligados ao patrimônio cultural. Nesse sentido, os fundamentos de uma fenomenologia merleaupontyana direcionam para uma perspectiva centrada no ser-no-mundo na sua interrelação com as coisas e com o tempo. Este tópico subsidiará a o aprofundamento sobre uma busca pela ontologia da paisagem, experiência e percepção (sentir e sentido) sobre a temporalidade e o Habitar.

O **capítulo II** apresenta os delineamentos metodológicos da pesquisa, cuja natureza é qualitativa.

Já o **capítulo III**, a Vila de Paranapiacaba, apresenta a história de fundação da São Paulo Railway, como Patrimônio tecnológico e industrial e as origens da Vila de Paranapiacaba, a origem dos primeiros núcleos urbanos do alto da Serra e o Capítulo IV mostra o processo de Patrimonialização da Vila de Paranapiacaba.

A **Parte II** reúne 9 ensaios sobre a temporalidade da paisagem: A ruína como um porvir: ou outras formas de habitá-las; Memórias que habitam ruínas: os patamares da Serra; Sobre as “coisas” e as pessoas: as curadorias domésticas; Futebol, ferrovia e faina; Paisagem atarefada de uma casa em ruínas “Nós não somos patrimônio!”: considerações sobre as divergências técnico conceituais da sobreposição de tombamentos; Sobreposição dos tombamentos da Vila de Paranapiacaba; A metáfora da roupa velha e o paradoxo de Teseu e Ensaio Final.



CAPÍTULO 1: APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

1.1.Geografia Fenomenológica

Os contornos humanistas[36] na Geografia começaram a ser esboçados no início do século XX, quando Sauer, geógrafo norte-americano, com forte influência da Escola de Berkeley e da Geografia Cultural alemã, publica o livro intitulado: "***Morfologia da paisagem***". Dessa forma, deu início à Geografia Cultural norte-americana. Sua obra destoava veementemente das tendências filosóficas da época, que tinham como norteamento intelectual os preceitos filosóficos do positivismo, fato que atesta a contribuição de Sauer para o pensamento geográfico, como um todo, dado seu pioneirismo (SAUER, 1998).

Identifica-se, também, em seus trabalhos uma reformulação da noção de corologia, bastante difundida na Geografia Clássica, ou seja, a descrição dos lugares e de sua diferenciação.

Sobre a abordagem da cultura[37], Sauer a coloca como um ente indistinto dos seres humanos, como algo que paira sobre nós e que seria utilizada para 'moldar' o mundo, tendo como resultado dessa interação entre a cultura e o meio, a paisagem. A paisagem, portanto, ligada a essa materialidade resultante da cultura: "cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado" (SAUER, 1998, p. 343). Há, portanto, uma valorização das transformações humanas na paisagem – tornando em habitat, a paisagem cultural[38].

Não só a Geografia, mas a Arqueologia– que, em essência, é a ciência que estuda a materialidade –também primava por essa abordagem. Nas décadas de 1930 a 1950, a corrente histórico-cultural[39], também concebia os fenômenos culturais como uma cena,

[36] [...] a competência do humanista repousa na interpretação da experiência humana em sua ambiguidade, sua ambivalência e sua complexidade. Sua principal função como geógrafo é esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar [...] uma das funções do humanista é tornar explícitos as virtudes e os defeitos de uma cultura. Deve ser capaz de sugerir ao planejador que, em algumas culturas, as pessoas preferem viver bem próximas; por outro lado, deve ser capaz de lembrar às pessoas que a proximidade, muito embora aconselhável, é alcançada à custa de certos e outros valores humanos (TUAN, 1985, p.158).

[37] Essa perspectiva de cultura é influência direta do antropólogo ***Alfred L. Kroeber*** – para quem a cultura é algo que independe de nós e, inclusive, pode gerar a si mesma "cultura gera cultura". Essa perspectiva é uma resposta ao determinismo ambiental, mas passa a ser um "determinismo cultural," conforme apregoa Correa (2001). Essa postura seria revisitada por Geertz, posteriormente, em "interpretações da cultura", cuja abordagem do conceito tenderia para essência. "A cultura como uma teia de signos e significados".

[38] O conceito ***Kulturlandschaf*** ou paisagem cultural nasce na Geografia alemã e influencia diretamente Carl Sauer.

[39] Em Arqueologia, a corrente teórica do histórico culturalismo baseia sua classificação e definição das sociedades históricas em agrupamentos étnicos e culturais distintos, de acordo com a sua cultura (TRIGGER, 2004).

um recorte espacial e material, fadada à linearidade − metaforizando a cultura, a vida biológica − começo, meio e fim.

Conceitos como "mundo vivido" e uma valorização sobre a experiência dos seres humanos com o meio − rebatendo os privilégios do ***a priori*** em detrimento do empírico (trabalho de campo) − dão o tom fenomenológico à sua obra.

Contudo, as referências "humanistas" no texto supracitado são marcos notáveis, que atestam uma leve influência da fenomenologia alemã em sua obra, tendo sido essa publicada no entremeio das principais obras da fenomenologia. Para além da influência, não há menção direta a Husserl (cujo livro: "Ideias para uma filosofia pura e uma filosofia fenomenológica", de 1913) ou a Heidergger, que fora seu contemporâneo ("Ser e tempo", publicado em 1927).

Já na década de 1950, Eric Dardel, geógrafo francês, que teve grande influência dos filósofos existencialistas e fenomenólogos como Kierkegaard, Jaspers e Heidegger publica: "O homem e a terra: natureza da realidade geográfica". Essa obra desviou-se, radicalmente, da consolidada tendência positivista enraizada na Geografia da época. Infelizmente, a obra passou despercebida e caiu em quase uma década de ostracismo (BESSE, 2012; HOLZER, 2012; PINCHEMEL, 2012).

Segundo Besse (2012), Dardel se opôs à visão circunscrita da Geografia como mera disciplina científica. Com colocações ecléticas entre as humanidades (filosofia, literatura, história e artes), Dardel nos convida a elevarmos a Geografia como possibilidade de desvelar o mundo (BESSE, 2012). Para Dardel (2012), "a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva" (DARDEL, 2011, p.1). Assim, a "geografia viria então ilustrar, de maneira decisiva, o fato de que um certo número de elementos da existência humana não pode ser objetivado pela ciência, e, consequentemente, exige um outro tipo de abordagem (BESSE, 2012, p.112).

A essa relação entre o ser humano e a terra, Dardel chamará de **geograficidade.** Ou seja, a "inscrição" do terrestre no humano e do humano no terrestre (DARDEL, 2012; BESSE, 2012). É importante notar que não há, portanto, uma relação dicotômica – ou separação de sujeito e objeto – em consonância com os pressupostos fenomenológicos.

Besse (2012) escreve "nem humano, nem o terrestre podem ser geograficamente pensáveis um sem o outro" (BESSE, 2012, p.112). Assim, há um mútuo envolvimento, uma relação inseparável que dá a tonalidade ao saber geográfico – geograficidade: "o mundo geográfico só é autenticamente acessível a partir do nível da experiência vivida, em que o terrestre e o humano se ajustam a uma medida original" (BESSE, 2012, p. 112).

Apesar de, atualmente, ser considerada a primeira ontologia da Geografia e ser seminal para os estudos de Geografia Fenomenológica, "o homem e a terra" só teve a devida atenção em meados da década de 1970 – Dardel faleceu em 1967 (HOLZER, 2012; PINCHEMEL, 2012).

Na década de 1970, o "projeto" humanista se consolidou. Registra-se a grande importância dos "Annals of the Association of American Geographers", de 1976, para a estruturação da corrente humanista. Pontualmente, destaca-se o papel de três professores que articularam as ideias para a configuração do que conhecemos por Geografia Humanística atualmente: Eduard Relph, Anne Buttimer e Yi-Fu-Tuan (BUTTIMER, 1974, 1976, 1982; TUAN 2012; 2013; RELPH, 1976, 2012; HOLZER, 2008; MARANDOLA JR., 2013).

Relph "foi o primeiro a colocar em um artigo as possibilidades de a fenomenologia ser o suporte filosófico capaz de unir todos os geógrafos" (HOLZER, 2008, p. 140). Anna Buttimer, por sua vez, com sua abordagem fenomenológica/existencialista, pretendeu emancipar a Geografia dos ditames cartesianos e positivistas. Para a autora, a Geografia deveria adentrar a esfera subjetiva da sociedade (HOLZER, 2008). Tuan defende dois modos da leitura dos conceitos geográficos: o primeiro, a partir dos processos físicos, que afetam as formas da Terra e o segundo, pelas marcas que o homem imprime na natureza como agente (HOLZER, 2008).

Tuan,

> Levantava e enumerava diversas "aproximações humanistas", tais como: as atitudes do indivíduo em relação a um aspecto do ambiente; atitudes do indivíduo com relação às regiões; a concepção individual da sinergia homem-natureza; a atitude dos povos acerca do ambiente; e as cosmografias nativas. Outra dessas aproximações ele considerava como que totalmente negligenciada: a das atitudes em relação à natureza focalizando a atenção nas paisagens que adquirem um significado simbólico especial (HOLZER, 2008, p. 139).

A Geografia Humanista sobressaiu-se por alicerçar-se no método fenomenológico, esse que "seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as essências da estrutura perceptiva" (HOLZER, 2008 p.141). Essa corrente da Geografia "[...] tenta especificamente entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana" (TUAN, 1985, p.144).

Para Tuan,

> A oportunidade, para o humanista, reside na tentativa de entender em profundidade a natureza das crenças, atitudes e conceitos; a força com a qual são mantidos; suas ambivalências e contradições inerentes; e seus efeitos, tanto diretos como indiretos, sobre as ações (TUAN, 1985, p. 158).

A rigor, uma pesquisa voltada para os preceitos humanistas requer do pesquisador um grau acentuado de disciplina. Para abranger na totalidade seu objeto geográfico é preciso vivenciá-lo e, assim, "alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição, [*procurando*] um entendimento do mundo humano através dos estudos das relações das pessoas com a natureza" (TUAN, 1985, 143, grifo nosso). Para tal feito, faz-–se mister inserir-se como observador e reduzir – numa atitude de método − os fenômenos apreendidos por meio de uma 'descrição densa' dessa observação (GEERTZ, 2013).

Desse objetivo de desvelar o mundo intersubjetivo, surge a necessidade indissociável de adotar metodologias que deem subsídios para que o pesquisador possa inserir-se no universo do objeto geográfico para apreender a vivência dos sujeitos em relação ao seu mundo vivido. Tuan (2013) apresenta a necessidade de apreender, em campo, todas as nuances do espaço e do tempo: as sazonalidades do clima; as horas de convívio entre as pessoas e os lugares. Observar os fluxos de transeuntes nos mais variados horários; pois captar as relações sensíveis das pessoas para com o mundo constitui uma forma de apreensão do espaço e do tempo (TUAN, 1985; 2013; DARDEL, 2011; BUTTIMER, 2015).

Essa forma de abordagem não pode correr o risco de cair num solipsismo pseudocientífico (TRIVINÕS, 2008); deve procurar coerência entre o método estudado e a metodologia, a disciplina, o rigor e a ética. Como a natureza da pesquisa em tela é fenomenológica, isso pressupõe o estudo centrado nas estruturas intersubjetivas, nos fenômenos e nas suas essências (TRIVNÕS, 2008).

Em outras palavras, o pesquisador que adota a abordagem qualitativa, dentro da perspectiva da Geografia Humanista, deve lançar-se a "campo" desprovido de apriorismos hipotéticos ou de outra forma de premeditação pelo resultado da pesquisa (TRIVIÑOS, 2008).

1.1.1 A fenomenologia de Merleau-Ponty e a Geografia: contornos para um "pensamento-paisagem"

> No próprio seio do universo científico, o mal-estar provém da oscilação sincera do pensamento entre as duas ordens do mundo: a da realidade concreta, mais local e momentânea; a do real, abstrata e universal, resgatada pelo método científico. Em que nível da realidade, as águas marinhas são verdadeiramente "reais", no nível do fenômeno, lá onde as suas transparências seus reflexos, suas ondulações agem sobre os nossos sentidos e nossa imaginação? Bom, no nível do esquema que provém da análise físico-química? É a onda que "vemos" ou a molécula, é ao átomo que "concebemos" que devemos atribuir o valor essencial? A ciência não Visa à realidade das coisas, mas sua conexão "legal", não sua "natureza", mas sua composição. A Geografia, por sua posição, não pode se furtar de ser solicitada entre o conhecimento e existência; descartando-se da ciência ela se perderia na confusão e na loquacidade; entregando-se sem reservas à ciência ela se exporia ao que Jaspers chama de" uma nova visão mítica", esquecendo-se de que uma atitude científica objetiva Visa há uma compreensão total do mundo que não pode deixar de ser também moral estética, espiritual. O frio isolamento cósmico do espectador combina mal com a finitude e a solidão moral do homem em sua existência efetiva, com exigência concreta de sua morada terrestre entidade (DARDEL, 2013, p. 97).

A Geografia Fenomenológica é plural, tendo como referência inúmeras vertentes dentro da fenomenologia e do existencialismo, sendo, contudo, mais usual a utilização dos conceitos de Heidegger e Merleau-Ponty. Mesmo com seu campo já consolidado, vem se transformando com o tempo e adequando-se às novas agendas do século XXI. A Geografia Fenomenológica é flexível em seus referenciais e dialoga abertamente com outras correntes dentro do espectro existencialista (LOWENTHAL, 1975; 1978; MEINING, 1979; MARANDOLA JR., 2013).

A fenomenologia de Merleau-Ponty expande a concepção originária da fenomenologia de Husserl. Husserl apresentava a ideia de que a consciência é sempre a consciência de algo, ou seja, é impossível nós não pensarmos em nada, a consciência sempre se projeta no mundo. Isso vale, também, para as ideias ou para os conceitos - esse exercício é conhecido como **epoché ou redução transcendental** – uma suspensão do juízo, de forma que a consciência sempre está no interior de um fluxo que fornece significado e sentido ao mundo. Portanto, essa era a ideia originária da Fenomenologia Husserliana. Em outras palavras, a consciência é sempre consciência de algo – ou seja, a

consciência sempre intenciona algo – e a isso chamamos de **intencionalidade** (HUSSERL, 1986; MERLEAU-PONTY, 1992, 1994; CHAUÍ, 2013)

A crítica, se assim podemos dizer, à fenomenologia Husserliana, é que a intencionalidade se dá apenas no aspecto mental. Para Merleau-Ponty, o corpo, assim como a mente, também é "consciente"; através dos nossos sentidos: olfato, paladar, visão, audição e tato – o corpo também possui uma intencionalidade. Esses sentidos são indissociáveis da nossa mente – ao tocar, cheirar, olhar um objeto fazemos isso como uma extensão de nossa mente dando significado ao mundo. Merleau-Ponty denomina essa relação como "**senciente**" – a consciência dos sentidos – o corpo é fonte de conhecimento (HUSSERL, 1986; MERLEAU-PONTY, 1992, 1994; CHAUÍ; 2013).

Nosso corpo pensa, articula-se com a mente – assim, produzimos significado e sentido ao mundo. Merleau-Ponty objetiva comprovar o ***cogito tácito***; que o ***cogito*** é, também, corporal (HUSSERL, 1986; MERLEAU-PONTY, 1992, 1994; CHAUÍ;2013).

> nós não somos uma consciência cognitiva pura, nós somos uma consciência incarnada em um corpo. O nosso corpo não é um objeto tal como descrito pela ciência. Mas é um corpo humano, isto é, habitado e animado pela consciência. Não somos pensamento puro, porque nós somos um corpo, mas não somos uma coisa, porque somos uma consciência. Nós somos seres temporais. Ou seja, nós nascemos e temos consciência do nascimento e da morte (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 35).

Essa indistinção entre sujeito e objeto, corpo e mente, Merleau-Ponty vai chamar de carne. "***Carne***" não é só o corpo, a "carne" representa um esquema corporal em que todos os sentidos de uma maneira sinestésica trocam suas percepções com o mundo e suas tecnologias sensoriais entre si (MERLEAU-PONTY, 1992, 1994).

O sujeito é como uma poesia de Manoel de Barros, que faz com que seu corpo poético experiencie o mundo de forma ***senciente***: "[escuta] o perfume dos rios"[40]; [sabe] que a voz das águas tem sotaque azul; [ouve] "o tamanho oblíquo de uma folha[41]" [cujo] olho renova as tardes e aumenta o poente[42]", em outras palavras, a "percepção sinestésica nos franqueia o acesso a uma certa intimidade com a matéria geográfica", escreve Dardel (DARDEL, 2012, p. 42).

[40] "Deus disse"
[41] "Os deslimites da palavra";
[42] "Bernardo é quase árvore"

Merleau-Ponty busca mostrar que o corpo é fenomenológico, assim como Husserl nos dizia que a consciência é sempre consciência de algo. Corpo é sempre consciência de algo – o cogito está no corpo e faz com que a nossa presença no mundo deva ser entendida por uma articulação profunda entre corpo e alma, ou seja, entre os nossos sentidos e a nossa mente, de forma que o corpo é extensão da mente e a mente a extensão do corpo (MERLEAU-PONTY, 1992).

Através da filosofia de Merleau-Ponty sabemos que somos seres espaciais e de que o mundo é constituído por uma inter-relação entre o que é perto ou longe, por lugares,− tal como a experiência geográfica que, no fim das contas, se nos indagarmos, não seria uma forma "de sermos invadidos pela terra, pelo mar, pelas distâncias, de sermos dominados pela montanha, conduzidos em uma direção, atualizados pela paisagem como presença na terra?" (DARDEL, 2012, p. 39).

Nosso corpo é um ser visível em meio a tantos outros visíveis (humanos ou não; naturais e artificiais), mas que se distingue por ser um visível que se vê, portanto vidente, que é visto por outros seres e que possui a faculdade de se olhar "posso me ver vendo" numa perspectiva de interioridade. Nosso corpo é tátil, pode ser tocado e pode-se tocar – por tanto, um 'ser tocante'. O corpo é sonoro, produz som e é ouvido – mas também ouve− somos sonoros (eu me ouço falando e ouço quem me fala) sonoro para nós mesmos. O corpo é móvel, é um móvel e movente que tem o poder de se mover – ser movente. Meu corpo é o meu modo fundamental de ser no mundo. O corpo é reflexão dele mesmo (CHAUÍ, 2002).

De todas as contribuições de Merleau-Ponty para essa essência geográfica, que é a paisagem, talvez a que mais se sobressaia seja a de restringir o 'imperialismo visual' que, desde a Geografia Clássica impera na disciplina, de forma a atenuar, na ordem dos sentidos, a hierarquia vigente do "olhar", buscando uma relação de equidade entre os outros sentidos na apreensão da paisagem, muito embora, ainda prevaleça um prediletíssimo metafórico com a visão em sua obra.

1.2 Uma ontologia da Paisagem

> A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele [...] as representações científicas, segundo as quais eu sou um

> momento do mundo, são sempre ingênuas e hipócritas, porque elas subentendem, sem mencioná-la, essa outra visão, aquela da consciência, pela qual antes de tudo um mundo se dispõe em torno de mim e começa a existir para mim. Retornar às coisas mesmas é retornar a esse mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem — primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3-4).

Paisagem é uma essência geográfica, é a expressão de uma comunicação entre o ser humano e a *terra*[43]. Enquanto fenômeno, a paisagem possui caráter ativo no mundo da vida.

Essas essências (ou essências espaciais) emanam de uma realidade que é geográfica – elas estão 'lá', coexistem, cada lugar possui em si essas essências: paisagem, região, lugar, território; o que fazemos é desvelar esses fenômenos geográficos, que podem manifestar-se com essas essências – essa realidade geográfica, que é a relação Ser humano com a Terra, a qual Dardel (2011) denomina como geograficidade: que diz respeito a essa ligação intrínseca entre ser humano e Terra e que expressa o próprio fundamento de nossa existência como seres humanos, essa existência que é uma experiência terrestre (DARDEL, 2011). A terra é a base de nossa existência:

> A Terra, como base, é o advento do sujeito, fundamento de toda a consciência a despertar a si mesma; anterior a toda a objetivação, ela se mescla a toda tomada de consciência, ela e para o homem aquilo que ele surge no ser, aquilo sobre o qual ele erige todas as suas obras, o solo de seu habitat, os materiais de sua casa, o objeto de seu penar, aquilo (a) que ele adapta sua preocupação de construir e de erigir (DARDEL, 2011, p. 41).

A paisagem, então, compreendida enquanto essência geográfica, só pode ser apreendida na realidade vivida – a partir da experiência. Dito isso, se nós nos voltarmos,

[43] A terra é a natureza física do planeta, contudo, não como vem sendo abordada desde as geografias clássicas como um ente separado da cultura, dicotomizada em relação ao ser humano, nós 'somos' em relação a terra e não dá para pensar terra sem a condição humana – geograficidade. Nessa leitura Dardeliana o ser se realiza na sua condição terrestre. "É a Terra que, podemos dizer, estabiliza existência [...] A Terra é, por excelência, para o homem como destino a circunstância (*circumstare*), aquilo que se ergue à sua volta e mantém sua presença como engajamento do ser. [....] [o ser humano] procura a Terra, ele a espera e a chama com todo o seu ser, antes mesmo de tê-la encontrado, ele vai diante dela e a reconhece [...] todavia, é necessário lembrar-se dessa experiência como tipo de "fulguração do ser ", de um começo absoluto do existir, que faz do encontro com a Terra muito mais do que um espetáculo banal insignificante é uma ultrapassagem e levada da mediocridade cotidiana, um sobrevoo de si, uma invasão para uma nova dimensão do ser [...] (DARDEL, 2011, p. 43-45)

por exemplo, à apreensão de uma realidade circunspecta – tal como a experiência do habitar o patrimônio em Paranapiacaba – buscamos apreender, então, essas manifestações dos fenômenos geográficos latentes e que, com o tempo, se manifestam e se presentem para nós na forma como essas essências. A paisagem, mesmo, está presente nas nossas escolhas, no cotidiano, nas relações interpessoais, nos afazeres, nas relações de poder; nas trocas; nas redes; na forma como nos relacionamos com essa terra, construindo-a e a habitando-a. A realidade geográfica é constituída por esses fenômenos, e cada uma dessas essências coexistem, numa relação complexa e intrínseca, mas que podem ser descritas de forma separada, pois são entes distintos em si e expressam aspectos diferentes de determinadas realidades geográficas.

Os elementos (entes) geográficos congregam-se em torno da paisagem. Ela contém, ao mesmo tempo, ausência e presença; um aspecto visível e invisível, indistintamente, pois a paisagem, em essência, é união e não dicotomia, é convergência, momento vivido – que se apresenta no estranhamento, na confusão, na fluidez dos instantes, na relação sensível e afetiva com o terrestre (DARDEL, 2011). Assim, a paisagem pode assumir

> uma dimensão da relação humana com o mundo e a natureza que a ciência moderna, por princípio, havia descartado: a relação direta, imediata, física com os elementos sensíveis do mundo terrestre: a água, o ar, a luz, a Terra: todos aspectos do mundo, os que estão abertos aos cinco sentidos, à emoção, a um tipo de Geografia afetiva que repercute os poderes de ressonância que possuem os lugares sobre a imaginação (BESSE, 2014, p. 46)

Esse caráter de convergência dos elementos geográficos, que a paisagem possui, ficam evidentes em alguns relatos de viagens, narrativas e em crônicas, as quais as pessoas, diante de algo novo, apreendem esses elementos geográficos dispersos, de forma 'senciente' e congregam-nas, tal como o vislumbre de Euclides da Cunha frente a suas experiências em "Os Sertões: a terra", quando ele se aventurava pelas paragens das barrancas pedregosas do Jacurici, em meio à fisionomia de um ambiente aparentemente inescrutável e percebe um agreste que "se desvenda ou se deixa adivinhar" e que vem a revelar:

> Verdadeiros oásis, têm contudo, não raro, um aspecto lúgubre: localizadas em depressões, entre colinas nuas, envoltas pelos mandacarus

> despidos e tristes, como espectros de árvores; ou num colo de chapada, recortando-se com destaque no chão poento e pardo, graças à placa verde-negra das algas unicelulares que as revestem. [...] Algumas denotam um esforço dos filhos do sertão. Encontram-se, orlando-as, erguidos como represas entre as encostas, toscos muramentos de pedra seca. Lembram monumentos de uma sociedade obscura. Patrimônio comum dos que por ali se agitam nas aperturas do clima feroz, vêm em geral, de remoto passado. Delinearam-nos os que se afoitaram primeiro com as vicissitudes de uma entrada naquelas bandas. E persistem indestrutíveis, porque o sertanejo, por mais escoteiro que siga, jamais deixa de levar uma pedra que calce as suas junturas vacilantes. Mas transpostos estes pontos — imperfeita cópia das barragens romanas remanescentes na Tunísia — entra-se outra vez nos areais exsicados. [...] Raras vezes, como no povoado minúsculo de Cansanção, larga emersão de terreno fértil se recama de vegetação virente. Despontam vivendas pobres; algumas desertas pela retirada dos vaqueiros que a seca espavoriu; em ruínas, outras, agravando todas no aspecto paupérrimo o traço melancólico das paisagens (EUCLIDES DA CUNHA, 1984, p. 10).

Assim a paisagem se faz: primeiro a sentimos em sua 'visibilidade' – as coisas que nos cercam esses elementos geográficos: o agreste com sua vegetação, mandacarus, o relevo; 'os filhos do sertão', o elemento humano em sua inserção no mundo e a expressão de uma fisionomia terrestre que se comunica – 'mandacarus despidos e tristes' e toda melancolia daquele momento.

A paisagem tem texturas, cheiros e sons, tudo que está ao alcance do nosso 'sentir'. Então, no instante que em nossos canais perceptivos se abrem a essa experiência, a paisagem funde esses elementos geográficos dispersos e os congrega. Entretanto, ela não se mostra em totalidade, há sempre um outro lado invisível, intangível até que o busquemos.

A experiência da paisagem fala de um afeto, ou de como somos afetados pelo mundo, nessa comunicação ou leitura da terra, que diz não apenas da presença, mas das ausências; que contempla a vida, mas se depara com a morte. Essa paisagem é a repercussão dos arquétipos humanos na face da terra: medo, injustiças, desigualdades e outras formas de aniquilamentos. Não apenas o deslumbrar sobre as coisas: a paisagem está para além dos maniqueísmos e dicotomias, ela é a reverberação da complexidade humana. Nessa experiência direta, que faz repercutir o sentir das coisas, surgem as formas e fisionomias a partir dessa percepção primeira.

Não é à toa que Dardel (2011), evoca a "Geografia da fome", de Josué de Castro, para aludir essa inserção do ser humano na terra e de como a paisagem se apresenta à realidade, como uma verdade existencial.

> [...] a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social. No país de morte lenta, a fome impõe sua presença lúgubre e obsessiva à paisagem inteira. Tal é o caso da região Brasileira do "Nordeste açucareiro", onde as carências alimentares causam uma mortalidade verdadeiramente assustadora, passando de 300% [...] uma verdade emerge da paisagem, contudo, não como teoria geográfica ou mesmo como valor estético, mas com uma expressão fiel da existência [...] (DARDEL, 2012, p. 32).

Tudo o que o mundo nos oferece a sentir em substância: água, terra, ar, luz e os afetos, medos, inseguranças, vida e morte. Onde apenas a imaginação alcança – esse "horizonte" – a paisagem se faz presente, na realização e irrealização, no real e no imaginário (MERLEAU-PONTY, 1964; DARDEL, 2011; CULLOT, 2013; BESSE, 2014).

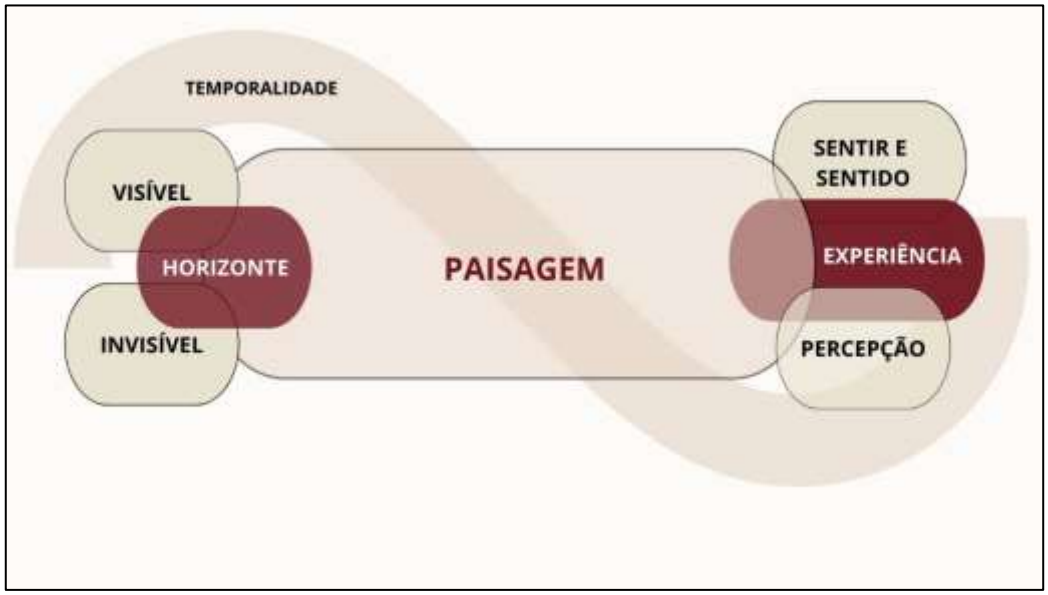
Em síntese, "muito mais que a justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão, que une todos os elementos" (DARDEL, 2011, p. 30).

Assim como outras essências geográficas, como lugar e território, a paisagem emerge de uma geograficidade original, que tem a terra como alicerce de sua realização. Contudo, ela diz respeito às nossas ligações existenciais com a terra, e isso a difere das demais essências geográficas, essa natureza fluida, impulsiva (DARDEL, 2011; CULLOT, 2013; BESSE, 2014).

Os componentes que alicerçam essa essência geográfica – numa leitura fenomenológica – são: horizonte; visível, invisível; sentir, sentido; experiência. Merleau-Ponty (1964) em "fenomenologia da percepção" e em sua obra póstuma "Visível e invisível" de (1964), discorreu sobre cada um desses componentes.

Cullot (2013), por sua vez, num processo de desconstrução da obra de Merleau-Ponty (1964), ampliou o sentido de cada um desses componentes para uma linguagem propriamente geográfica. Besse (2011; 2014a; 2014b), num caminho semelhante, identifica essa leitura fenomenológica de influência Merleaupontyana nos escritos de Dardel (2012). Através de uma leitura desses autores podemos compreender o sentido de paisagem através dos múltiplos componentes que a constituem como essência geográfica (**Figura 1**).

Figura 1: Componentes conceituais que são indissociáveis da paisagem



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Esses alicerces conceituais atravessam a noção, o conceito e a essência da paisagem. Paisagem é uma essência geográfica, que emana da experiência humana com o mundo. Ela contém, ao mesmo tempo, ausência e presença; um aspecto visível e invisível, indistintamente.

A paisagem, em essência, é união e não dicotomia; é convergência, momento vivido – que se apresenta no estranhamento, na confusão, fluidez dos instantes, na relação sensível e afetiva com o terrestre. A paisagem se faz presente na realização e na irrealização; no real e no imaginário. (MERLEAU-PONTY, 1964; DARDEL, 2011; CULLOT, 2013; BESSE, 2014).

1.3 Experiência e Percepção (sentir e sentido)

> *[sic] Disse Amiel que uma paisagem é um estado de alma, mas a frase é uma felicidade frouxa de sonhador débil. Desde que a paisagem é paisagem, deixa de ser um estado de alma. Objectivar é criar, e ninguém diz que um poema feito é um estado de estar pensando em fazê-lo. Ver é talvez sonhar, mas se lhe chamamos ver em vez de lhe chamarmos sonhar, é que distinguimos sonhar de ver.*

De resto, de que servem estas especulações de psicologia verbal? Independentemente de mim, cresce erva, chove na erva que cresce, e o sol doira a extensão da erva que cresceu ou vai crescer; erguem-se os montes de muito antigamente, e o vento passa com o mesmo modo com que Homero, ainda que não existisse, o ouviu. Mais certo era dizer que um estado da alma é uma paisagem; haveria na frase a vantagem de não conter a mentira de uma teoria, mas tão-somente a verdade de uma metáfora.
(Fernando Pessoa [Bernardo Soares] 1982, p. 36)

O que é paisagem? Antes de tudo, a paisagem é uma experiência[44], um acontecimento que, mesmo que transpassada de temporalidades, nunca se repete devido à sua essência singular e momentânea (DARDEL, 2011; CULLOT, 2013; BESSE, 2014a; 2014b).

A paisagem é a forma pela qual nós adentramos e nos conduzimos à realidade geográfica, é a marca de uma presença na terra. Realidade geográfica essa que, em essência, é também experiência, um r(e)encontro sensível com o ser: "uma forma de sermos invadidos pela terra, pelo mar, pelas distâncias, de sermos dominados pela montanha, conduzidos em uma direção, atualizados pela paisagem como presença na terra" [...] (DARDEL, 2011, p. 39)

Quando alegamos que a paisagem é uma experiência, é porque ela nasce da relação de movimento interno para um encontro com algo que nos é externo: "Se há experiência, há exposição da subjetividade a algo como um "fora" que conduz e a empurra, às vezes violentamente, fora dos seus limites" (BESSE, 2014b, p. 49). Por essa razão a paisagem é sempre o movimento arrebatador que nos transporta para além do aqui.

Essa experiência – numa leitura *merleaupontyana* – não se limita àquilo que conseguimos apreender das exterioridades (realidade); para além, esse movimento de saída deixa-nos expostos para/na realidade (MERLEAU-PONTY, 1964; BESSE, 2014).

[44] Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido e, se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 4)

> a experiência radical da paisagem é um sujeito fora, um fora sem objeto. É uma derrota comum do sujeito e do objeto. Não se deve dizer, por consequente, que a paisagem é concebida como uma experiência. Ela *é* mais esse acontecimento, singular e sempre diferente, da exterioridade como tal a qual experiência expõe aqueles que se arriscam, numa confusão em uma atenção entre os 'si' e o mundo que, propriamente, arrebatam. Estranhamento é a condição da paisagem e por isso a paisagem não é um lugar: ela é "indestinada", ela escapa, e essa escapada é a sua "razão" de ser (BESSE, 2014, p. 49 grifo nosso).

A essa exposição do 'corpo' no mundo e "ao fato de ele ser afetado tocado fisicamente pelo mundo ao redor, suas texturas, suas estruturas e suas espacialidades: há nisso algo como um acontecimento" (BESSE, 2014, p. 48) e a isso nomeamos paisagem.

Essa afirmação pode ser apreendida na obra de Eiji Yoshikawa (1999), que exemplifica muito bem essa essência arrebatadora da paisagem: neste excerto o personagem, Musashi, ainda adormecido começa a despertar. Na noite anterior, caminhara até uma elevação rochosa "o ponto mais alto do desfiladeiro de Shiojiri" e se abrigara em uma varanda de um templo abandonado – "ergueu-se bruscamente. No mesmo instante **sentiu os olhos ofuscados pelas deslumbrantes nuvens do amanhecer**. Não viu ninguém nas proximidades, mas sobre o mar de nuvens distante avistou o perfil avermelhado do monte Fuji. É dito que Musashi só conhecera o monte Fuji de pinturas – tal como as paisagens vicárias, aquelas distantes em nosso horizonte de alcance a que, mesmo que nunca cheguemos a ir, idealizamos e sonhamos com eles. Yoshikawa continua:

> Além do mais, o pico e ele estavam no mesmo nível. Esquecido de si e do mundo, contemplou o perfil da montanha sem sequer piscar, um longo e profundo gemido de prazer escapando-lhe dos lábios. Profundamente emocionado, seus olhos encheram-se aos poucos de lágrimas, que lhe rolaram pelas faces. Não se preocupou em enxugá-las: permaneceu imóvel, deixando que os raios matinais lhe tingissem de vermelho o rosto e até os rastros deixados pelas lágrimas. A pequenez do ser humano! Tinha sido essa percepção que o comovera. Ele se havia dado conta de como ele próprio era pequeno no meio desse vasto universo, e isso o entristecera. [...] Musashi sentiu tristeza. Mais que isso, sentiu indignação ao contemplar a beleza eterna do monte Fuji. Afinal havia um limite para a vida do ser humano, ele nunca seria eterno como a natureza. Existia algo incomparavelmente maior que ele pairando solenemente sobre sua cabeça; e abaixo disso estava o ser humano. Musashi sentiu medo de estar na mesma altura do topo da montanha. [...] Foi então que uma voz lhe disse de súbito dentro dele: - tolo! Por que o homem seria pequeno? A natureza tornava-se imensa só

> depois de refletida nos olhos do [ser humano]. [...] (YOSHIKAWA, 1999, p. 1040 grifo nosso).

Essa passagem da obra de Yoshikawa (1999), alude a como a paisagem precede "toda orientação e toda referência. A paisagem é desorientação radical, ela surge da perda de toda a referência, é uma maneira de ser invadido pelo mundo" (BESSE, 2006, 79).

A inserção do ser com o mundo não é apenas o olhar, como assegura Dardel (2011). É esse engajamento com o mundo que se manifesta na forma de um vislumbrar das coisas, como Musashi se surpreendendo com a magnitude geológica do monte Fuji.

A Geografia Fenomenológica obstina-se à "desobjetificação" da paisagem, pois ela não é "um objeto apreensível pelo pensamento, quanto um certo modo de estar no mundo, um ambiente, certa maneira, muito singular, de participar do movimento do mundo em determinado lugar [...] A paisagem é primeiramente vivenciada" (BESSE, 2014, p. 49).

> Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, **como a geografia em relação à paisagem — primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho** (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 4).

Por essa razão é plausível concordar com Cullot (2013), quando escreve que "a paisagem aparece como a própria imagem do mundo vivido". É dessa relação da experiência direta com o mundo que o conhecimento emerge, e não ao contrário. É essa espécie de tensionamento do corpo com o mundo que se traduz em paisagem – a experiencia, então, nos revela um horizonte.

A paisagem é um acontecimento indomável. "O espaço da paisagem é, de início, o lugar sem lugares do ser perdido" (BESSE, 2014, p. 75). Ela "não é um lugar: ela é "indestinada", ela escapa, e esta escapada é a sua "razão" de ser" (BESSE, 2014, p. 49). Assim, "Compreender uma paisagem é "ser-na-paisagem", é estar "no ser", é ser atravessado por ela, em "uma relação que afeta a carne e o sangue" (DARDEL, 2011, p. 119).

Essa percepção que temos do mundo que é apreendida pelos nossos sentidos de forma imediata, é aquilo que se compreende como uma "pré-compreensão originária do

espaço com o mundo" (BESSE, 2012, p. 117). Por essa razão, antes mesmo que essa nossa experiência com o mundo seja traduzida como ciência geográfica, ela é um saber anterior.

> Efetivamente, não se trata apenas de detectar e destacar a existência de um "fora" em relação às representações mentais, psicológicas, isto é, de uma "realidade". Não é só isso, é a própria noção de experiência quando se trata da paisagem, que é reavaliada: experiência deve ser entendida aqui como uma "saída" no real e, mais precisamente ainda, como uma exposição ao real. A paisagem é o nome dado a essa presença do corpo e ao fato de ele ser afetado tocado fisicamente pelo mundo ao redor, suas texturas, estruturas e espacialidades: há nisso algo como um acontecimento. Trata-se, efetivamente, de uma desobjetificação: a paisagem não é tanto um objeto apreensível pelo pensamento quanto um certo modo de estar no mundo, um ambiente, [uma] certa maneira, muito singular, de participar do movimento do mundo em determinado lugar. A paisagem é primeiramente vivenciada e depois, talvez, falada, a palavra buscando, sobretudo aqui, prolongar a vida, ou melhor, o vivo que faz da paisagem uma experiência (BESSE, 2014a, p. 47, grifo nosso)

Essa experiência 'sensível' acaba por ser fonte direta dos sentidos, dirá Cullot (2013). Como quando uma pessoa se muda para um outro lugar, uma nova cidade com novos referenciais: "há ali um sentido latente, difundido através da paisagem ou da cidade, que reencontramos em uma evidência específica, sem ter a necessidade de defini--lo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 63)

Há uma cena da obra do cineasta francês Cédric Klapisch em "*L'Auberge espagnole",* onde o protagonista Xavier − interpretado por Romain Duris − desembarca pela primeira vez em Catalunha, onde viveria por um bom tempo. Quando Xavier emerge do metrô, em uma rua qualquer, entra em um estado de vertigem, pois tudo lhe era novo.

> Quando você chega a uma cidade, vê ruas, construções estranhas. Tudo é desconhecido, virgem. [...] um dia você terá morado aqui. Vai conhecer essas ruas de cor. Terá morado nesses edifícios e vivido histórias com o povo. Uma vez que tiver morado nesta cidade, cruzado essa rua 10, 20, 1000 vezes.... *Urquinaoana*, *Passeig de Gràcia*, *Laietana*... fará parte de você depois de ter vivido lá... estava para acontecer comigo, mas eu ainda não sabia. Urquinaoana, que parecia ser Sioux, entrou na longa lista daqueles nomes bizarros que eu tive de memorizar. Urquinaoana fazia lembrar a *mouffetard, Bondoufle, Pontault-combault* [...] tornou-se normal e familiar (KLAPISCH, 2002)

Essa passagem é elucidativa pois, com ela, conseguimos nos aproximar de uma situação real pela qual, provavelmente, todas as pessoas já passaram ou mesmo irão passar. Quando de frente com o estranho e o novo, tendemos a buscar referenciais dispersos no espaço. Aqueles sons dos automóveis; a língua ou as gírias, sotaques e dialetos; o calor ou sua ausência; a atmosfera do lugar; a arquitetura e as pessoas, seja qual for o estímulo, vamos ao encontro deles e, mesmo não os compreendendo de imediato, tentamos reuni-los e fazemos isso primeiro com o sentir.

Essa experiência sensível com o novo também se faz presente nos escritos de Fernando Pessoa, poemas de Álvaro de Campos (2008, p.83):

> Sim, passava aqui frequentemente há vinte anos... nada está mudado – ou, pelo menos, não dou por isso – nesta localidade da cidade [...] há vinte anos!... o que eu era então! Era outro... há vinte anos, e as casas não sabem de nada [...] tento reconstituir na minha imaginação quem eu era e como era quando por aqui passava... há vinte anos [...] houve um dia em que subi esta rua pensando alegremente no futuro [...] hoje, descendo esta rua nem no passado penso alegremente [...] tenho a impressão que as duas figuras se cruzam na rua, nem então nem agora; mas aqui mesmo, sem tempo a perturbar o cruzamento [...] (PESSOA, 2008, p.83)

"O sentido de paisagem não resulta de uma análise intelectual dos elementos que a compõem, mais de uma apreensão sintética das relações que os unem" (COLLOT, 2013, p. 23).

Esse momento vivido e percebido "não é a simples adição de dados sensoriais aos quais seria conferida por associação, tal ou tal significação, mas uma construção significante por si mesmo" (CULLOT, 2013 p. 23). Por isso, é necessário voltar às coisas mesmas – a essência dos fenômenos − como a fenomenologia nos convida.

> retornando aos fenômenos encontra-se como camada fundamental um conjunto já pregnante de um sentido irredutível: não sensações lacunares entre as quais as lembranças deveriam se inserir, mas a fisionomia a estrutura da paisagem (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 30).

Tomados por esse ensejo, podemos considerar que, uma vez que a paisagem consiga "falar conosco", ela mostra que há um *logos* no fenômeno em si, somos nós que temos uma experiência da paisagem, mas, a partir dessa experiência, tomamos

consciência de assumir uma situação de fato, de juntar um sentido disperso nos fenômenos e aprendemos o que eles querem dizer de si mesmos − um desvelamento dos fenômenos (MERLEAU-PONTY, 1999).

1.4 A face oculta das coisas: horizonte, visível e invisível, sentir e sentido

> *Quando eu o fixo, ancoro-me nele, mas esta "parada" do olhar é apenas uma modalidade de seu movimento: continuo no interior de um objeto a exploração que, há pouco, sobrevoava-os a todos, com um único movimento fecho a paisagem e abro o objeto. As duas operações não coincidem por acaso: não são as contingências de minha organização corporal, por exemplo a estrutura de minha retina, que me obrigam a ver obscuramente a circunvizinhança se quero ver claramente o objeto. Mesmo se eu nada soubesse de cones e de bastonetes, conceberia que é necessário adormecer a circunvizinhança para ver melhor o objeto, e perder em fundo o que se ganha em figura, porque olhar o objeto é entranhar-se nele, e porque os objetos formam um sistema em que uma não pode se mostrar sem esconder outros. Mais precisamente, o horizonte interior de um objeto não pode se tornar objeto sem que os objetos circundantes se tornem horizonte, e a visão é um ato com duas faces. Pois não identifico o objeto detalhado que agora tenho com aquele sobre o qual meu olhar há pouco deslizava, comparando expressamente estes detalhes com uma recordação da primeira visão de conjunto (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 104).*

Há, na paisagem, uma dialética entre aquilo que é visível e o que é invisível. Uma correlação entre o interior e o exterior – entre o eu e o outro. Horizonte é uma dimensão ontológica e fundamental da paisagem, não há paisagem sem horizonte. O horizonte é o fio condutor de todo movimento humano, seja qual for a orientação, vertical ou horizontal, imaginário ou 'real', próximo ou distante. A abertura é uma condição da paisagem e o horizonte é a expressão de um 'aqui' e de um 'além', de um visível e um invisível que coexistem (CULLOT, 2013, 2016, BESSE, 2014).

> A paisagem não é um círculo fechado, é mais um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar. [...] A paisagem é um escape para toda a terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: **um horizonte**. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso (DARDEL, 2011, p. 31, grifo nosso).

Esse horizonte, ao qual se refere Dardel (2011), conota uma dimensão da paisagem que recusa uma totalização ou uma síntese, pois, diante da consciência imediata, a paisagem permite um deslocamento do ser para o que está em aberto. Assim:

> O ambiente visual do [ser humano] não é uma adição de estímulos pontuais, mas o conjunto estruturado pelo ponto de vista do observador, que ponha as coisas em relação umas com as outras, segundo um processo complexo de **"ocultação reversível".** Isso acontece porque a nossa visão jamais nos dá a ver tudo ao mesmo tempo; ela não obtém um panorama, mas um agrupamento de perspectivas parciais, que se modificam e se completam à medida que nosso ponto de vista se desloca. **Nosso campo visual é delimitado por uma borda que separa o que nos é mostrado do que ainda não o foi ou do que não é mais, mas esse limite é móvel e reversível e, quando um aspecto é ocultado, não passa a ser menos integrado ao que é percebido** (CULLOT, 2013, p. 21)

Besse (2014) escreve que Horizonte possui um alcance ontológico e epistemológico. Muito além, o horizonte seria aquilo que há de invisível, mas que reside invariavelmente em um visível. Significa, também, inacabamento, uma vez que, para além do campo de experiência, tudo é uma possibilidade e nada está efetivamente pronto e acabado (BESSE, 2014).

Outrossim, "horizonte é o nome dado a essa potência de transbordamento do ser que se apresenta na paisagem. Mas, só pode aceder ao horizonte na paisagem ao preço da perda das referências, da recusa do mapa, e da assunção dessa perda e dessa recusa" (BESSE, 2014, p. 49-50).

A paisagem em si, presume que haja algo para além do olhar, do sentir, do ouvir, 'algo' que nos absorve e no conduz. Não quer dizer, porém, que horizonte se limite à ideia de algo que apenas está longe, pois é esse movimento que nos desloca para as bordas do mundo.

Imaginemo-nos diante das ruinas de uma antiga casa, apreendêmo-las, com os sentidos e por entre os escombros, uma comunhão de coisas, passíveis de serem descritas pela sua natureza visível. Tudo que há de visível possui uma fisionomia[45]. São formas que se mostram: poder-se-á observar o acúmulo de tempo soterrando pátina por pátina; a vida inerte das estruturas incorporando musgo, gramíneas e outros seres fundidos à

[45] Se presumirmos que por de trás do aparente – das fisionomias das paisagens, tal como La Blache e Humbolt já dissertavam, e que autores da Geografia Fenomenológica amadureceram - há sempre uma possibilidade de leitura (uma hermenêutica) passível de leitura, desvelamento "desocultação". E é nessa possibilidade que se desdobra uma metodologia.

matéria. As formas arquitetônicas, os conceitos estéticos, suas estruturas: alicerces, colunas; planta e mesmo a disposição da casa no relevo e sua relação com ambiente, mas todos esses 'objetos' visíveis, ocultam tantos outros entes invisíveis.

Ao contemplarmos essa ruína hipotética reunimos os estímulos dispersos no campo perceptivo e o estruturamos em um conjunto coeso de elementos apreendidos pelos sentidos. Nesse processo, fazêmo-las −as coisas −se relacionarem umas com as outras, num esforço de abertura. Contudo, não é possível apreender tudo, mas esse esforço de abertura para essas 'coisas' que estão no limite de nosso alcance, faz com que nos desloquemos, de um movimento interno para o externo. A partir desse deslocamento tudo é fluido e mutável, transformando-se à medida que movemos nosso ponto de vista em relação ao objeto observado.

Quando olhamos a decrepitude material dessa casa em ruínas, somos impelidos por um limite – ou borda – e conseguimos observar a materialidade aparente das coisas, mas foge-nos o tempo, aquilo que já foi – uma gama de significados perdidos. Diante dessas ruínas somos jogados para fora num fluxo de temporalidade. Por entre os escombros, imaginando o que teria sido essa casa e o porquê de ter decaído. Divagar sobre o destino daqueles que outrora ali viveram e entressonhar com aquele passado misterioso. Entre os resquícios construtivos, identificar altares e suas deidades; contemplar a arquitetura das casas e os vestígios do calçamento. Há uma imensidão ocultada tanto no espaço material quanto no tempo.

Esses arquétipos que povoam nossos pensamentos e nossa imaginação nos levam a esse "sentimento-paisagem"[46], que encarnam a experiência sensível com o mundo. Essa "experiência" nos joga para 'fora', nossa subjetividade divaga para a coisa sem objetificá-la, há uma extroversão de nós para o mundo.

A ruína do nosso exemplo, é um fenômeno que congrega inúmeros entes geográficos e temporais. Diante da ruína "somos-na-paisagem" e há um certo reconhecimento metafórico entre o corpo e a ruína, pois compartilhamos com as 'coisas' esse destino de sermos acometidos pelo tempo: "Sou feito das ruínas do inacabado e é uma paisagem de desistências que definiria meu ser", escreveu Fernando Pessoa. E há nesse exemplo um alinhamento com a reflexão de Dardel (2011). Para o autor:

[46] "o sentimento-paisagem [...] não pertence nem ao sujeito e nem ao objeto, mas nasce do encontro e de sua interação [...] nesse ponto de inflexão entre sujeito e mundo, não se sabe mais onde se situa o objeto. O pensamento -paisagem é um pensamento partilhado, do qual participam o [ser humano] e as coisas [...] o quiasmo sublinha aqui entre objeto e sujeito que caracteriza um pensamento não reflexivo e não discursivo que se constitui a partir da experiência sensível" (CULLOT, 2013, p. 29-30)

> Uma verdade emerge da paisagem, contudo não como teoria geográfica ou mesmo com valor estético, mas como expressão fiel da existência, e é assim que os alinhamentos megalíticos, um castelo feudal, constituem parte integrante da geografia local, como testemunho de uma presença humana que dá sentido a seu entorno. A paisagem não é só "paisagem da história", campo de batalha ou cidade morta [...] a paisagem pressupõe uma presença do homem, mesmo lá onde toma forma de ausência. Ela fala de um mundo onde realiza sua existência como presença circunspecta e atarefada [...] o passado revelado na paisagem atesta que a superfície e o volume do espaço terrestre se abrem para uma outra dimensão que é atemporal [...] há, na paisagem, uma fisionomia, um olhar, uma escuta, como uma expectativa ou uma lembrança. Toda espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio em sua existência e porque nela o homem se supera e se evade, comporta também uma temporização, uma história, um acontecimento (DARDEL, 2011, p. 32-33 grifo nosso).

Essas imagens elucidam um duplo movimento do horizonte de uma paisagem, que é tanto espacial quanto temporal, vertical e horizontal. Para cada objeto fixado pelo olhar, um horizonte se abre abrigando Entes, que se refugiam num espetro invisível.

Essa é a dança que a paisagem faz conosco, pois somos nela, naquele momento. O que ora está oculto pode se mostrar. O que está à mostra sempre pode ocultar algo. Esse é o significado da "ocultação reversível" que todo horizonte possui.

"Haverá mais coisas num cofre fechado do que num cofre aberto [...] Sempre, imaginar será mais que viver" (BACHELARD, 1984, p. 254). Essa passagem de Bachelard dialoga com o "horizonte da paisagem". A metáfora do cofre poderia ser, também a metáfora da casa ou qualquer outro ente existente. A percepção da coisa já é um ato de pensamento – mesmo onde só a imaginação alcança – daquilo que não se mostra e está oculto – invisível. "Está ligada a uma espécie de expansão do ser que a vida refreia, que a prudência detém [...] quando imóveis, estamos algures; sonhamos com um mundo imenso" (BACHELARD, 2008, p. 190).

Sobre as ruínas repousam a infinidade de possibilidades, a paisagem de uma ruína é habitada, e em cada monturo há uma essência ocultada– as possiblidades de ser e viver habitam os vestígios e as paisagens (MERLEAU-PONTY, 1999). Para Merleau-Ponty:

> a visão atual não está limitada ao que o meu campo visual me oferece efetivamente o quarto ao lado, a paisagem atrás desta Colina, o interior ou verso deste objeto não é invocado representado. Meu ponto de vista é, para mim, bem menos uma limitação da minha experiência do que uma maneira de deslizar pelo mundo inteiro. **Quando olho o**

> **Horizonte, ele não me faz pensar nesta outra paisagem que eu veria se estivesse lá, esta como uma terceira paisagem e assim por diante, não me represento, mas todas as paisagens já estão lá, no encadeamento consoante e na infinidade aberta de suas perspectivas [...] no Horizonte anterior,. exterior da coisa ou da paisagem, há uma co-presença ou coexistência de perfis que se entrelaça através do espaço e do tempo.** O mundo natural é o Horizonte de todos os horizontes [...] através do meu campo perceptivo com seus horizontes espaciais, estou presente no meu meio, das outras paisagens que se estendem para além, e todas **essas perspectivas formam, juntas, uma única onda temporal, um instante no mundo** (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 380-381 **grifo nosso**)

"Olhar um objeto é entranhar-se nele" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 4) e nesse processo de absorção aparece a paisagem, "como a própria imagem do mundo vivido" (CULLOT, 2014, p. 22). Mesmo frente a Entes que possuem maior 'carga' de temporalidade, tal como a supracitada casa em ruína, o horizonte nos conduz para fora, levando-nos para o passado e, também, para um porvir. Essas bordas da paisagem estão povoadas por ocultamentos à espera do desvelar. Por essa razão a paisagem vertiginosa, pela ausência de referência, faz com que nos percamos nela.

De fato, perdemo-nos na paisagem, mas, indaga Besse (2014), o que significa isso, de se perder em uma paisagem e em qual paisagem estamos nos perdendo? A resposta é: "perder-se é habitar o espaço, ou o tempo, de outro modo, é vagar de lugar em lugar, sem pressuposição nem finalidade. A paisagem significa ausência de plano e de programa, é a desorientação" (BESSE, 2014a, p. 81)

E a esse invisível que se apresenta no horizonte, o qual nos leva a nos perder e ser assimilados por ela, pode-se dizer que esse invisível é a própria paisagem: a paisagem é invisível por excelência, 'inobjetivável' 'irrepresentável' (BESSE, 2014).

Esse movimento é elucidado por Cullot (2013). Dialogando com o conceito de "intencionalidade operante" de Husserl, o autor diz que a 'paisagem' é a manifestação primordial – antepredicativa com o mundo – que antecede todo conhecimento já sistematizado sobre as coisas e que está manifesto no momento vivido e na experiência direta com a paisagem.

> Ainda que anterior à reflexão, essa relação anti-predicativa como o mundo é "o meio e algo como a pátria de nossos pensamentos"; ao contrário do cogito reflexivo, que se subtrai do mundo para melhor coincidir consigo mesmo, cogito pré-reflexivo não se separa do contexto do qual emerge: é o que é visível e o invisível chama de um "pensamento do Horizonte". Esse pensamento opera no próprio ato da

> percepção e "é diretamente na infraestrutura da visão que a fenomenologia se propõe "a fazê-lo aparecer". o **fato de que uma paisagem possa, como se diz, falar conosco mostra que há um logos no fenômeno em si** (CULLOT, 2013, p. 22, grifo nosso).

Em outras palavras, "sou eu que tenho a experiência da paisagem, mas, nessa experiência, tenho consciência de assumir uma situação de fato, de juntar um sentido disperso nos fenômenos, e de dizer o que eles querem dizer de si mesmos" (MERLEAU PONTY, 1992, p. 305).

Nesse sentido, só percebemos algo em sua correlação com outros − num horizonte externo – que é visível. Esta é a manifestação do horizonte externo, que se dá porque a percepção nasce num ato de pensamento e, nesse processo, ela agrupa todos os sentidos, mesmo aquilo que está na "borda" do que é diretamente observado e sentido. Então, mesmo aquilo que não nos é dado diretamente (horizonte interno das coisas) aquilo que está oculto, também é incorporado ao conjunto de coisas visíveis (MERLEAU-PONTY, 1999; CULLOT, 2013; BESSE, 2014).

> Entenda-se bem, a paisagem se deixa ver, mas, além do simples pitoresco, na ordem própria da visibilidade que a paisagem oferece, o ser humano, ao situar-se nela visualmente, nela descobre as dimensões do seu ser. A paisagem é ambiente, mas não círculo fechado: ela é desdobramento, ela é fundamentalmente um Horizonte que se abre. Não há paisagem de sobrevoo, para retomar a imagem frequentemente usada por Merleau-Ponty, o que quer dizer que a paisagem exige, para ser, um corpo de carne, um olhar encarnado, um olhar vivo, em outras palavras, um ímpeto, uma intencionalidade presente e que atravessa o espaço que se abre entre o aqui eu distante. Em suma, não há paisagens em profundidade, uma profundidade que se dá a ver sobre[sob?] a forma de uma presença nos longes, de um ser na distância que significa o espaço da vida. A profundidade da paisagem é a da existência (BESSE, 2014, p 92).

Há, portanto, uma dialética entre as coisas e seus horizontes, que faz com que todo visível tenha uma contraparte invisível. Por essa razão só é possível "ser-na-paisagem" se acompanharmos esse incessante alternar de 'sombras e luzes' (BESSE, 2014; CULLOT, 2013) precisamos, parafraseando Manoel de Barros, "ficar pregado nas coisas vegetalmente e achar o que não procurava". (BARROS, 2000, p. 13)

Assim, o lado oculto das coisas – seu horizonte interno – quando desvelado, torna todas as coisas em seu redor em horizonte. Quando apreendemos uma paisagem com nossos sentidos ela, inevitavelmente, se move e se desdobra e tudo à sua volta recua para as bordas sem que deixem de existir (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 62)

Essa "idealidade do Horizonte" é o próprio fundamento de um pensamento-paisagem, mas que diz respeito às dicotomias habituais do pensamento conceitual, não só às sensíveis do inteligível, do visível e do invisível, mas também às do sujeito e do objeto, do espaço, do pensamento, do corpo, do espírito, da natureza e da cultura.

1.5 Sobre a temporalidade

"O Tempo só anda de ida.
A gente nasce, cresce, envelhece e morre.
Pra não morrer,
É só amarrar o Tempo no Poste.
Eis a ciência da poesia:
Amarrar o Tempo no Poste!"
(Manoel de Barros, 2007)

A partir da nossa experiência de tempo, tomamos consciência de nossa finitude e da finitude das coisas. O Ser-no-mundo é tempo e toda experiencia que se dá no mundo, perpassa por nossa percepção de tempo (MERLEAU-PONTY, 1999; HEIDEGGER, 2001).

A temporalidade, para Merleau-Ponty (1999), faz com que tenhamos uma percepção própria sobre o mundo que nos cerca (MERLEAU-PONTY, 1999). A melhor ilustração para compressão dessa relação do ser com o tempo é o simples ato de revisitação do passado. E se eu fosse ao encontro da casa de minha infância, passeasse por cômodos dessa antiga casa, revisitasse fotografias de um velho álbum, tocando em objetos antigos carregados de afetos? Lembraria eu dos odores outrora familiares? Nesse instante fugidio a que chamamos de presente eu faria convergir a temporalidade em todas as suas dimensões num só momento, pois essa experiência não seria uma forma de transcender a divisibilidade habitual do tempo, entre passado, presente e futuro?

Essa experiência perceptiva, evocada no enxerto acima, seria uma paisagem cujo tempo se entrelaça, fluido, vivido e subjetivo. Passado, presente e o porvir estão presentes no mundo e, ao tocar o mundo, nós os movimentamos para o momento presente da

experiência. Nossa existência é movimento e transformação (MERLEAU-PONTY, 1999).

A compreensão do tempo, isto é, a temporalidade, é esta forma de sentirmos o mundo. A partir dos sentidos e da nossa experiência de tempo, constituímos nossa compreensão do mundo, de nós mesmo e dos outros que nos rodeiam.

Merleau-Ponty (1999) evoca a imagem de um entardecer para ilustrar essa relação entre passado e porvir: "eu não penso na tarde que vai chegar e em sua sequência, e, todavia, ela "está lá", como o verso de uma casa da qual vejo a fachada, ou como o fundo sob a figura."

O porvir, então, não é algo de natureza conjectural, ele existe, adiante daquilo que percebo e que vivo no mundo; para o vivente, o porvir continua "por linhas intencionais que traçam antecipadamente o que virá [...] o próprio presente não é oposto". (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 566)

De outro modo, o que está ao alcance da minha percepção – o mundo alcançável aos meus sentidos − estão ali para mim, mas não consigo percebê-los de forma explíicita, pois há o que está em torno do observável.

Merleau-Ponty (1999) toma emprestado de Husserl dois conceitos fundantes da experiência de tempo, retenções e pretensões, para expressar as intencionalidades que se ancoram em uma circunvizinhança (MERLEAU-PONTY, 1999), ou seja, desses momentos que se deixam a cada instante, mas que ali estão, caso queira revisitá-los, ou daqueles momentos que estão por vir e são aguardados.

Há uma passagem no Tao Che Ching da filosofia taoísta que exemplifica essa percepção do tempo que converge entre passado e porvir: "ser como gelo a ponto de derreter" essa premeditação potente do ser ainda por ser, mas já experienciado. As retenções e protenções

> [...] não partem de um Eu central, mas de alguma maneira de meu próprio campo perceptivo, que arrasta atrás de si seu horizonte de retenções e por suas protensões???? morde o porvir. Não passo por uma série de agoras dos quais eu conservaria a imagem e que, postos lado a lado, formariam uma linha. A cada momento que chega, o momento precedente sofre uma modificação: eu ainda o tenho em mãos, ele ainda está ali e, todavia, ele já soçobra, ele desce para baixo da linha dos presentes; para conservá-lo, é preciso que eu estenda a mão através de uma fina camada de tempo. É exatamente ele, e tenho o poder de alcançá-lo tal como ele acaba de ser, não estou cortado dele, mas enfim ele não seria passado se nada tivesse mudado, ele começa a se perfilar ou a se projetar sobre meu presente, quando há pouco ele era meu

> presente. Quando sobrevém um terceiro momento, o segundo sofre uma nova modificação; de retenção que era, ele se torna retenção de retenção, a camada de tempo entre mim e ele se espaça (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 558)

Assim os momentos predecessores, em sua fluição, ora estão ao alcance imediato ora se afastam, embaralhando-se. O tempo é uma rede de intencionalidade e as recordações e as memórias trazem uma síntese de identificação dessas figuras evocadas de um passado longínquo ou pelo menos uma derivação da consciência desse passado (MERLEAU-PONTY, 1999).

> O que existe na realidade não é um passado, um presente, um futuro [...] não é uma multidão de retenções e, por outro lado, uma multidão de protensões. O surgimento de um presente novo não provoca uma compressão do passado e um despertar do futuro, mas o novo presente é a passagem de um futuro ao presente e do antigo presente ao passado, é com um só movimento que, de um extremo ao outro, o tempo se põe a mover (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 561).

A memória que narra a trama do passado é hesitante. Quando uma pessoa conta, busca na lembrança as datas e detalhes de determinado evento distante, as informações tendem a divagar, pois não possuem a mesma ancoragem dos momentos (retenções) que ainda estão ali à mão, pois dessas memórias sobram apenas as casualidades do acontecimento, imagens pálidas dele.

Mesmo assim, enquanto houver ancoragem. o passado não morrerá:

> a morte do tempo é o esquecimento [...] quando reencontro a origem concreta da recordação, é porque [...] desde o momento considerado até meu presente, a cadeia das retenções e o encaixe dos horizontes sucessivos asseguram uma passagem contínua (MERLEAU-PONTY, 1999, 564).

Diz-se que a paisagem é essencialmente temporal, pois ela é o testemunho ou registro duradouro de gerações que nela habitaram – há sempre algo em uma paisagem que é marca da presença de outrem. Nesse contato com a temporalidade da paisagem, vamos também deixando algo de nós mesmos e ela própria de nós, ou seja, uma convergência de momentos vividos ao alcance de nossa percepção. Somos tempo, somos-

na-paisagem e habitamos o mundo (HEIDEGGER, 2001; INGOLD, 2022; DARDEL 2011).

1.6 Habitar

O que é então habitar? É isso de se pôr numa tarefa inacabável, sempre em reconstrução, que transcende a materialidade que é aclamada pela síntese deste verbo – se habito, habito algo.

Construir é habitar, reconstruir também, pois não habitamos porque construímos – construímos porque habitamos e à medida que habitamos (HEIDEGGER 2001; RICOEUR, 2003; MALPAS, 2015).

Para Heidegger (2001), "nem todas as construções são habitações" (HEIDEGGER 2001, p. 2). uma casa é habitada não por ser seguramente uma casa cuja função principal é abrigar – um abrigo não é, por si só, um habitar. Uma ferrovia ou uma estrada, *a priori*, não são habitações, porém, todas essas construções estão ao alcance de nosso habitar. (HEIDEGGER 2001). Para Ricoeur (2022), o "habitar é feito de ritmos, paradas e movimentos, fixação e movimento" (RICOUR, 2022, p. 154).

Assim "é sobre essa alternância de repouso e de movimento que se enxerga o habitar, o qual tem suas próprias polaridades: residir e deslocar-se, abrigar-se sob um teto, frequentar o umbral e sair para o exterior" (RICOEUR, 2003, p. 158).

Habitar é estar em movimento, estar em harmonia com o deslocamento e o repouso – a experiência viva do corpo. O corpo como referência do que está próximo e do que está distante, do que se inclui ou se exclui, em outras palavras, uma topologia do ser (HEIDEGGER 2001; RICOEUR, 2003; MALPAS, 2015).

Portanto, habitar não se restringe a limites geométricos das estruturas arquitetônicas, ele extrapola os limites cartesianos. Em termos conceituais, habitamos o mundo. O horizonte que vislumbramos pela janela de nossas casas é a extensão delas mesmas. Não há limite físico para aquilo que não está acabado. A casa nunca está terminada, assim como nós mesmos nunca estamos – como habitantes, nunca cessamos o movimento, contudo sabemos onde nos resguardar (HEIDEGGER, 2001; INGOLD, 2012).

O resguardo é a essência do habitar, o resguardo é o aspecto fundamental. O tempo que nos demoramos em um lugar, ali nos assentamos e tão logo esse lugar irá nos resguardar. O Ser consiste em habitar (HEIDEGGER, 2001; PÁDUA, 2005).

> Habitar é bem mais um demorar-se junto às coisas. Enquanto resguardo, o habitar preserva a quadratura naquilo junto a que os mortais se demoram: nas coisas. A demora junto às coisas é, no entanto, a mencionada simplicidade a quatro [...] no habitar, a quadratura se resguarda à medida que leva para as coisas o seu próprio vigor de essência. As coisas, elas mesmas, porém, abrigam a quadratura apenas quando deixadas como coisas em seu vigor. Como isso acontece? Quando os mortais protegem e cuidam das coisas em seu crescimento. Quando edificam de maneira própria coisas que não crescem. Cultivar e edificar significam, em sentido estrito, construir. Habitar é construir desde que se preservem, nas coisas a quadratura. (HEIDEGGER, 2001, p. 4, grifo nosso).

Se habitar é construir, "então em que medida construir é um habitar?" (HEIDEGGER, 2001, p. 5). Construir é o mesmo que edificar alguma coisa? Tomemos o exemplo a casa.

A casa necessita da solidez da terra para se firmar. Funde os elementos construtivos ao solo, unindo-os. A casa é pensada para acolher os elementos externos, por essa razão, as janelas e as portas que, quando necessário, ficam abertas. Ou, ao contrário, fecham-se para nos proteger das intempéries do clima. Seja como for, a casa não se limita ao seu interior, ela se estende ao mundo. Ingold (2012) escreveu que a casa "é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião" (INGOLD, 2012, p. 30).

A chuva que acumula na calha, o musgo que cresce nos vãos do acabamento. A casa volta-se para o horizonte e podemos, através de suas aberturas, contemplar o entardecer. Em diversas culturas, famílias mantêm altares para a prática religiosa e dão suporte para nossa realização como Ser-no-mundo. A casa, a seu modo, "reúne integrando a terra e o céu, os divinos e os mortais juntos" (HEIDEGGER, 2001, p. 5).

Seguindo o pensamento de Heidegger (1954), a casa seria uma *coisa* com atributos próprios e que em, si mesma, é um lugar. O lugar não está dado *a priori* na casa e a casa não se situa em um lugar, é da casa que se origina o lugar.

> Denominamos provisoriamente de construções as coisas que, como lugares, propiciam estâncias e circunstâncias. Têm esse nome porque se produzem através de uma construção edificante. Só podemos, no entanto, fazer a experiência de como deve ser essa produção, isto é, essa construção, quando tivermos pensado a essência de cada coisa que a construção, entendida como produzir, exige para a sua consecução.

> Essas coisas são lugares que propiciam à quadratura uma estância e circunstância, que por sua vez arrumam e dão a cada vez espaço. Não só a relação entre lugar e espaço como também o relacionamento entre o lugar e o homem que nele se demora residem na essência dessas coisas assumidas como lugares (HEIDEGGER, 1954, p. 5).

A casa enquanto "coisa" construída pode ser pensada como fundamento edificado dos lugares. As "coisas" construídas - como a casa - dão suporte aos espaços que, por sua vez, configuram os lugares. Criamos raízes com esses alicerces: o piso, o teto, as colunas. Essa base onde se firma a raiz é o próprio habitar (HEIDEGGER, 1954; SARAMAGO, 2014).

Rememoro, por pertinência narrativa, um compêndio geopoético sobre essa essência que é habitar, pois, Leloup (2002) escreveu "Se minha casa pegasse fogo, eu salvaria o fogo (LELOUP, 2002, p. 33).

1.7 O Patrimônio Cultural: Espaço Construído

[...] E parece-me que é a glória da arquitetura tornar presente não o que já não é, mas o que passou pelo que já não é.[...]
(RICOUER, 2021, p.152)

O que é patrimônio cultural? Esse conceito plural e polissêmico possui significados que se ramificam em conformidade com a sua aplicabilidade, uma vez que vaga entre o meio acadêmico-científico e político-administrativo. Esse conceito também se flexiona, dependendo das escalas geográficas em que opera que vai da alcunha de 'mundial' ao nível regional e local. Muda com o tempo ou com o período histórico, pois os valores e ideologias são altamente mutáveis na História. Sendo, assim, em essência, patrimônio cultural é um conceito em aberto que se adequa às circunstâncias de seu emprego no tempo e no espaço.

> O espaço construído é tempo condensado. Esta incorporação do tempo ao espaço torna-se ainda mais evidente se considerarmos o trabalho simultâneo de "configuração" do ato de construir e do ato de habitar: as funções do habitar são continuamente "inventadas", nos dois sentidos da palavra (descobrir e criar), ao mesmo tempo em que os processos construtivos estão inscritos na forma do espaço arquitetônico.

> Podemos dizer que o ato de habitar e a edificação resultante do ato de construir se moldam ao mesmo tempo A referência mútua das funções da habitação e das formações construtivas consiste em um movimento e uma sequência de movimentos de inteligência arquitetônica, investidos na mobilidade do olhar que atravessa a obra (RICCOUER, 2022 p. 156).

Contudo, esse conceito possui raízes etimológicas ligadas à ideia de herança. Aquilo que é legado a gerações futuras individual ou coletivamente. Herança essa que pode ser material (artefatos, monumentos, edificações) ou imaterial (oralidades, valores, saberes e expressões).

Há também as definições das instituições internacionais e nacionais que guiam as políticas de proteção a esses bens. Ao revisitá-las podemos apreender alguns componentes basilares do conceito.

A definição de patrimônio cultural da UNESCO, na "Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural", por exemplo, considera patrimônio cultural como os: a) **monumentos** que, enquanto cultura material, podem ser expressos nas obras arquitetônicas, esculturas, pinturas, bem como estruturas arqueológicas b) **conjuntos** – Grupos de construções isoladas ou reunidos; c) **locais de interesse** – que são obras feitas pela humanidade que podem estar conjugadas com os elementos da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico. Esses três pontos devem expressar valor universal excepcional do ponto de vista da História, da Arte, da Estética, da Ciência, da Etnologia ou da Antropologia (UNESCO, 1977).

Com base nas premissas internacionais, principalmente a partir da convenção da UNESCO de 1977, o Brasil, em sua Constituição, define Patrimônio Cultural como bens culturais materiais e imateriais (ainda que não haja dicotomia entres essas dimensões tangíveis e intangíveis da cultura) e que sejam tomados individualmente ou pela sociedade (grupos, coletivos). Esses bens culturais devem possuir referências à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Podem ser manifestos pelas formas de expressão ou pelos modos de criar, de fazer e de viver. Essas "criações" podem ser de natureza científica, artística e tecnológica: obras, objetos, documentos, edificações e conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico e arqueológico (UNESCO, 1977; BRASIL, 1988).

Também podemos, no exercício de desconstrução dessa conceituação, identificar noções e outros conceitos que alicerçam a ideia de patrimônio cultural. A começar pelo

próprio conceito de cultura que, se tomarmos a definição do artigo 3[47] da carta UNESCO: *"*Declaración de México sobre las políticas culturales*"* de 1982, é tido como um "conjunto dos traços distintos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou grupo social e que engloba [...] os modos de vida, as maneiras de se viver junto, os sistemas de valores, as tradições e as crenças" (UNESCO, 1982, p. 1).

Outro componente conceitual intrínseco ao patrimônio cultural é "memória". A ideia de preservação da memória está intimamente ligada à própria criação da UNESCO, uma vez que esse órgão nasce das inquietações de um pós-segunda Guerra Mundial, quando inúmeros monumentos, documentos e outras formas de expressão criativa da humanidade se perderam em meio ao caos suscitado pelos conflitos. A proteção do patrimônio cultural como uma forma de evitar a obliteração da memória da humanidade.

Na Carta do México, essa preocupação é estendida para outros processos que incidem e ameaçam o patrimônio cultural que são os processos de urbanização e industrialização. A carta reforça que, diante dos ataques ao patrimônio cultural "perpetrados pelo colonialismo, conflitos armados, ocupações estrangeiras e a imposição de valores exógenos, todas essas ações contribuem para romper o vínculo e a memória dos povos com seu passado" e, dessa forma, devemos assegurar a proteção e salvaguarda desses registros.

Vê-se que, memória é entendida, aqui, no seu sentido coletivo e social e que através da preservação e da valorização do património cultural, pode, assim, dar mecanismos para os povos defenderem a sua soberania e independência e afirmar e promover a sua identidade cultural (UNESCO, 1977)

Autenticidade e identidade são outros componentes atrelados à ideia de patrimônio cultural, enquanto a ideia de autenticidade está atrelada a uma noção de repetição de grande duração no tempo – tal como técnicas e saberes que se perpetuam pela transmissão oral ou escrita, dentro de um determinado grupo.

Identidade, por outro lado, está ligada à impermanência e à mudança. Mesmo que uma casa histórica, feita com a técnica de pau-a-pique ou taipa, por exemplo – cujo saber fazer é autêntico − seja constantemente restaurada ou reformada, com partes originais

[47] UNESCO. Declaración de México sobre las políticas culturales. 1982. Disponível em: http://portal.unesco.org/culture/es/files/12762/112762/1329542/4031mexico_sp.pdf/mexico_sp.pdf. Acesso em: 10/11/2011.

sendo ao longo do tempo substituídas, ela ainda carregará sua identidade, na constituição de sua própria historicidade e temporalidade.

Por fim, um último conceito que compõe a noção de patrimônio cultural é o da temporalidade, ente esse, que se assenta sobre toda forma material. Segundo Menezes (2011) a temporalidade "diz respeito à duração; efeito, é um conceito relacional. O presente é composto de temporalidades diversas. No patrimônio ambiental urbano, por exemplo, a presença dessas temporalidades diversas enriquece o presente" (MENEZES, 2011, p. 4).

Em suma, esses são os componentes inerentes ao conceito de patrimônio cultural: cultura, memória, autenticidade, identidade e temporalidade. Outrossim, há de se destacar as ramificações contidas nesse conceito: patrimônio arqueológico; patrimônio histórico; patrimônio arquitetônico e patrimônio imaterial.



CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 A natureza da pesquisa

2.1.1 Pesquisa documental em acervo histórico, centro de memórias e museus

A pesquisa documental em acervos físicos e digitais realizou busca sistemática de arquivos de interesse da pesquisa em tela, por meio de indexadores. Os requerimentos para as Instituições e para busca em banco de dados digitais continha palavras-chave, previamente selecionadas. Essa etapa substanciou o levantamento histórico e documental acerca da Vila de Paranapiacaba.

A **foto 3 e 4** apresenta a visita técnica no acervo do DNIT-SP. A foto 4 é um mapa topográfico dos patamares da SPR. (**APÊNDICE B**)

Foto 3 e Foto 4: Visita técnica no acervo Histórico do DNIT -São Paulo



Fonte: Autor (2022).

Também, além dos documentos históricos buscaram-se plantas, desenhos técnicos, fotografias, croquis ligados ao Sistema Funicular, Paranapiacaba, Santo André, SP.

No que tange aos aspectos metodológicos da pesquisa em tela, ela é de natureza qualitativa. Sobretudo, uma metodologia que se alinha com os pressupostos do método hermenêutico-fenomenológico. Essa escolha de método e de metodologia norteiam os objetivos da pesquisa, que busca abordar a realidade, a partir de concepções ontológicas.

Em síntese, a pesquisa baseia-se na experiência vivida dos moradores e moradoras de Paranapiacaba com o patrimônio cultural, portando, é sobre as narrativas e sobre a

história de vida dessas pessoas, que encontramos. Contudo, a pesquisa em tela visa abarcar a totalidade dessa realidade – suas interioridades e suas exterioridades – assim, por essa razão, todos os sujeitos que, de uma forma ou de outra, estão envolvidos com a cotidianidade da Vila, são abordados (**Quadro 1)**

No que tange ao tratamento dos dados qualitativos optou-se por transcrições diretas, mantendo o anonimato dos entrevistados (ABNT, 2022). As falas foram transcritas exatamente como foram ditas, com os erros de linguagem que apresentaram, com a identificação do entrevistado(a), ao final da fala, entre parênteses. As autorizações/consentimentos de entrevistas estão no Apêndice 1, denominado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. (**APÊNDICE B)**

Quadro 1: Perfil dos sujeitos

Sujeitos da pesquisa	**Perfil**	**Abordagem**	**Tratamento dos dados qualitativos**	**Recorte temporal da pesquisa**
Moradores e moradoras da Vila de Paranapiacaba.	As entrevistas e conversas informais foram realizadas, predominantemente, com pessoas adultas, acima de 18 anos. Contudo, algumas ações foram realizadas em escolas de Ensino Fundamental e Médio, bem como em Ongs de apoio a adolescentes da vila de Paranapiacaba.	Conversas informais – entrevistas não estruturadas e/ou semiestruturadas	Notas de diário de campo; descrição; Técnica de transcrição: transcrição literal	A pesquisa em tela apresenta uma delimitação temporal atrelada à história de vida dos sujeitos – incluindo, portanto, as memórias e os relatos de seus predecessores. A memória mais recuada data de 1930 – anterior a esse período, há somente fontes documentais e históricas.
Gestores municipais e membros de sociedade civil	Pessoal ligado à administração da Vila de Paranapiacaba: políticos, secretarias de cultura; meio ambiente; obras; Museóloga e coordenadores de ONG, dentre outras.	Entrevistas semiestruturada e estruturada	Notas de diário de campo; descrição; Técnica de transcrição: transcrição literal	
Técnicos e especialistas	Urbanistas; técnicos? dos órgãos de proteção nas três esferas de poder; profissionais do restauro	Entrevistas semiestruturada e estruturada	Notas de diário de campo; descrição; Técnica de transcrição: transcrição literal	

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Por tratar-se de uma pesquisa intersubjetiva e para evitarmos os riscos de solipsismos científicos – muito embora, a égide da pesquisa em tela seja a experiência e o conhecimento geográfico dos sujeitos cognoscentes, num sentido antepredicativo – precisamos triangular heterogeneamente as metodologias para abarcar a complexidade inerente ao mundo vivido.

O alicerce metodológico da pesquisa é a Observação Participante. Orbitam, entretanto, essa prática, as entrevistas; os grupos focais e a História Oral. Como em uma teia, para além de uma triangulação, interconectam-se para essa apreensão das experiências vividas a prática da escrita do diário de campo; a análise documental e a produção de dossiê documental-jornalístico e as cartografias afetivas. Esse compêndio de metodologias ajuda-nos a evidenciar uma narrativa sobre o habitar do patrimônio arquitetônico: os saberes e os fazeres que se traduzem nas essências geográficas (**Figura 2**).

Figura 2: Mapa mental da metodologia



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A **figura 2** ilustra os caminhos metodológicos da pesquisa – uma triangulação de fato, principalmente entre observação participante, entrevista e História Oral, mas que

busca amparo em outros recursos metodológicos para sustentar nossa posição frente às discussões orientadas pela questão norteadora – "o que é habitar o patrimônio arquitetônico?" Tendo os sujeitos como fonte principal de conhecimento para esse objetivo, utiliza, contudo, recursos como: o dossiê documental, a análise de documentação historiográfica e as cartografias afetivas. Uma característica presente nas abordagens qualitativas em fenomenologia geográfica é a

> [...] de fundamentação teórica fenomenológica, pode usar recursos aleatórios para fixar a amostra. Isto é, procura uma espécie de representatividade do grupo maior nos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, preocupação dela a quantificação da amostragem. E, em vez da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador) para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para encontrar com as pessoas; tempo dos indivíduos para as entrevistas, etc (TRIVIÑOS, 2008, p. 132).

Com base em Triviños (2008), Passos (2016), sintetizou as principais características do enfoque qualitativo em fenomenologia. São, ao todo, cinco tópicos importantes a serem considerados na abordagem qualitativa. Contudo, em seus escritos, há uma visão caricata do método, com apontamentos que, não necessariamente, correspondem à realidade de tal método. Sendo assim, mantivemos a síntese do tópico do seu livro na coluna à direita, enquanto na coluna à esquerda apresentamos os escritos de nativos do método, tais como Besse (2011), Collot (2013), cujas características se enquadram dentro de uma perspectiva da Geografia Fenomenológica.

2.1.2 Os meandros da observação participante em Geografia Fenomenológica

A observação participante vai para muito além das desventuras Malinowskianas[48], que as "criaram". Metodologicamente, é muito mais que apenas "estar lá e escrever aqui"

[48] Malinowski realizou incursão nas Ilhas Trobriand, na Polinésia, objetivando compreender o sistema de trocas entre as populações autóctones da região. A consagração do método etnográfico se deu de forma acidental, uma vez que, entre 1941 e 1918, com a eclosão da 1ª guerra mundial foi forçado a permanecer entre os trobriandeses e, assim, com sua "permanência", aspecto central do método etnográfico, o autor conseguiu identificar os principais aspectos da cultura da população estudada, resultando em sua obra "Argonautas do Pacífico Sul" (MALINOWSKI, 1978). Obra seminal da Antropologia, cuja publicação é o marco do método etnográfico (e da observação participante). O estilo da obra, um tanto quanto prosaico e melancólico fez grande sucesso na época. Contudo, anos após sua morte, em 1967, uma publicação

como adverte Geertz (1998). Trata-se de estar lançado no mundo, o qual se quer apreender, num envolvimento que expõe nosso corpo às experiências com os fenômenos.

A observação participante é um ofício, ou como escreve Winkin (1998), uma "arte de ver, arte de ser, arte de escrever. São estas as três competências que a Etnografia convoca" (WINKIN, 1998, p. 132).

Diversas disciplinas do campo da Educação, da História, da Arqueologia e da Geografia deram significativas contribuições e destaque para essa abordagem dentro do escopo das pesquisas de cunho qualitativo.

A observação participante, em particular, tem sido incorporada nos estudos geográficos tomando um corpo teórico-metodológico distinto. Aliás, não podemos mais, apenas circunscrevê-las a pesquisas de cunho participativo, ao seu 'berço' antropológico, principalmente aquelas antropologias colonialistas e imperialistas. Evidentemente, a bibliografia clássica é imperativa, é essencial para compreendermos seus fundamentos, mas essa prática toma, contemporaneamente, novos contornos e está, do ponto de vista metodológico, aberta e flexível para compreender a realidade de outras disciplinas do conhecimento.

Essa abertura não significa, contudo, um rompimento com as raízes da observação participante. Apenas que, muito das premissas centrais do método etnográfico e da observação participante, tais como preconizadas pela bibliografia especializada até meados do século XX e início do século XXI, já não mais atendem aos ensejos de uma ciência impregnada de visões centradas nos sujeitos do conhecimento.

Na Geografia, temos contribuições seminais para o desenvolvimento da observação participante, como os trabalhos de Turra Neto (2004), que estudou a cultura punk na cidade de Londrina, Paraná, abordando aspectos da identidade cultural punk e de sua territorialidade (TURRA NETO, 2004).

É exatamente por essa potência de envolvimento que a observação participante proporciona, **imersão**, **permanência**, **envolvimento, apreensão, descrição e desvelamento.**

Por **imersão** compreendo a etapa em que, de fato, dispomo-nos a iniciar uma redução eidética ou redução fenomenológica− desligar-se dos apriorismos, em uma

póstuma: "Um diário no sentido estrito do termo" (MALINOWSKI, 1997) foi publicado, antagonizando drasticamente os escritos de seu livro e mostrando aspectos eurocêntricos e extremamente preconceituosos do autor para com os trobriandeses. Esse episódio controverso é um marco para as discussões das décadas seguintes sobre ética do método etnográfico.

atitude de abertura para aquela realidade. Considero esse o passo mais difícil, pois nossa mente divaga facilmente para pressupostos, hipóteses e prejulgamentos. Voltar às coisas mesmas é desligar-se do conforto apriorístico e mergulhar no desconhecido, abandonando a bagagem para trás.

Isso nos leva necessariamente para a **permanência**. Muito embora não haja um requisito de "observação participante" é seguro afirmar que permanecer no lugar é fundamental para o desenvolvimento dessa prática.

"Contudo, se viver por um longo período na comunidade que é o seu objeto de estudo, sua vida pessoal estará inextricavelmente associada à sua pesquisa" (WHYTE, 2005, p. 283). "As ideias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver" (WHYTE, 2005, p. 284). Permanência, essa, que diz respeito ao tempo de imersão do sujeito da pesquisa em 'campo'. Sobre esse tópico, seria leviano postular um período ideal de permanência, relativizando, assim, a realidade e as experiência que cada pessoa tem com os fenômenos estudados.

Consagrou-se na Antropologia o tempo de longa duração para 'decodificar os significados' e 'interpretar as culturas'; tal como o exemplo de Malinowski (1978). Contudo, principalmente em se tratando de fenomenologia geográfica, experiências intensas em períodos curtos podem ser suficientes para uma imersão profunda e para o alcance das essências dos fenômenos.

Ainda sobre a permanência, ela, independentemente do tempo e dependendo da intensidade, cria um entrelaçamento entre nossas vidas e a das pessoas com quem por acaso nos relacionamos. Nesse aspecto surgem, de forma natural, aberturas para inúmeros assuntos que se assentam na esfera da intimidade e que, por essa razão, são de difícil acesso.

Envolvimento diz respeito a um processo complexo e delicado, pois não depende apenas de si, mas do outro. Toda observação participante desenrola-se a partir desse momento − o ser aceito (ou tolerado). Envolver-se é, a meu ver, um lançar-se ao mundo em "carne". Sem esperar trocas, por ser à luz dos julgamentos, das recusas, dos desprezos, mas também por ser uma abertura para aceitação, compreensão, afetos e amizades. A partir desse envolvimento em diante, um véu começa a descortinar- se.

Apreensão e descrição constituem outra faceta da observação participante em Geografia Fenomenológica, que busca desvelar as experiências humanas com a terra, em toda a sua diversidade e pluralidade. Busca-se, sobretudo, esse conhecimento geográfico latente e recôndito na esfera do mundo-vivido.

Descrever o que aprendemos, ou seja, o que lemos da paisagem. A metáfora da leitura de Bachelard (2008) diz respeito à atitude de um leitor que, imerso na obra literária, tem a sensação de participar do trabalho do escritor (BACHELARD, 2008). O observador participante assume a postura de um leitor.

> Tal atitude não pode ser tomada facilmente na primeira leitura. A primeira leitura é feita com excessiva passividade. O leitor é ainda um pouco criança. Uma criança que a leitura distrai. Mas todo bom livro, deve ser relido imediatamente. Após o esboço que é a primeira leitura, vem a obra de leitura. É preciso, então, conhecer o problema do autor. A segunda leitura, a terceira etc., vão nos ensinando pouco a pouco a solução desse problema. Insensivelmente, temos a ilusão de que o problema e a solução são nossos. Essa nuança psicológica: "eu é que devia ter escrito isso", transforma-nos em fenomenólogos da leitura (BACHELARD, 2008, p. 39).

Para a Geografia Fenomenológica, essa busca pelas expressões da experiência humana na terra é o que se denomina *geosofia* (WRIGHT, 2016). Seria essa a apreensão das expressões e das ideias geográficas, que se ligam a toda temporalidade humana, dos saberes ancestrais, do conhecimento transmitido de forma oral ou escrita e que se perpetuam nos dias de hoje; na busca, também, nas formas com que nos relacionamos com os fenômenos geográficos em todas as suas intensidades, a nossa razão de ser e estar no mundo?

Os fenômenos geográficos estão impressos nos saberes todos: arquitetura, pintura, poesia, artes plásticas – ou seja, nas expressões próprias da cultura humana em sua totalidade: as percepções e representações humanas no e com o espaço (material, aquático, telúrico, aéreo e construído), com a própria dimensão da paisagem e com as representações mítico-religiosas (essa visão vertical com o mundo simbólico) (DARDEL, 2011, BESSE 2014).

Essa perspectiva fenomenológica em Geografia abriu novas possibilidades metodológicas no campo das pesquisas qualitativas, voltando a atenção para apreensão do mundo da vida, numa atitude imersiva e descritiva dos fenômenos geográficos objetivando desvelá-los, trazê-los a superfície para conhecimento de todas as pessoas.

Numa atitude hermenêutica, realiza-se uma leitura do mundo, tal como ele se apresenta para nós, extraindo dos discursos e narrativas, comportamentos e toda sorte de formas de se expressar as essências geográficas – ou a geograficidade.

Apareceram, enfim, novos corpos de informações: os “discursos”, as tradições literárias, as filosóficas, as religiosas ou, ainda. as artes plásticas, são consideradas hoje como portadores de saberes e significações geográficas (BESSE, 2014).

2.1.3 Entrevistas

Por entrevista qualitativa, entende-se toda aquela intervenção que objetiva obter informações de cunho intersubjetivo e experiencial dos indivíduos. A entrevista pode ser definida como “um processo de inteiração social, na qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações; trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa” (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 143).

Foram adotados, a princípio, dois tipos de entrevistas: não estruturada e semiestruturada. Ambas, contudo, são flexíveis e acontecem num momento de interação fluida entre as pessoas. Os “gatilhos” para a conversação são questões mais abertas que suscitam nos entrevistados maior liberdade. São imprescindíveis, uma atitude de escuta, diário à mão e – não obrigatoriamente - um gravador.

O que deve ser aprendido – para fins de pesquisa que tenham como preocupação um desvelar dos fenômenos para chegar às essências, chamo de “níveis de base”, termo de que me utilizo para referir-me a toda consistência narrativa. São repetição de padrões que aparecem em mais de uma narrativa. Quando o entrevistado faz menção a um fato que, porventura, tenha sido referenciado por mais de um sujeito, mesmo que em circunstâncias distintas, sugere que haja um marco substancial a ser melhor aprofundado.

Na Vila de Paranapiacaba, por exemplo, quando iniciei minhas entrevistas, costumava indagar-me sobre a relação das pessoas com a Vila. sua história e trajetória. Quase que a totalidade das pessoas se referia a elas mesmas como “moradora antiga” ou “morador novo”. Mas, curiosamente, muitas dessas pessoas que se diziam “moradores novos” já habitavam a Vila havia algumas décadas. Enquanto os que se diziam “moradores antigos” tinham em comum o passado ferroviário, seja por ter sido funcionário da ferrovia ou de ter predecessores ferroviários. Identificado tal padrão, este se tornou um nível de base das entrevistas. Todas as vezes em que havia tal rotulação eu estabelecia uma nova base para conversa – era um marco que me orientava na entrevista, bem como na transcrição, tabulação e tratamentos qualitativos.

a) Elementos que acusem uma relação com fenômenos geográficos. Uma vez que toda nossa relação com a terra é orientada pelas dialéticas da distância e da proximidade, perto e longe, alto e baixo, em seu movimento.

b) Frases de conotação afetuosa (a capacidade que um lugar tem de nos afetar – seja pela relação de topofilia ou topofobia (TUAN, 2012). "eu evito andar pela rua à noite"; "gosto de descansar sobre esta árvore"; "minha casa é insalubre". Essas frases de afeto nos dizem muito da relação do corpo lançado ao mundo e como este percebe o ambiente que o reveste.

c) Indicações. Em uma conversa é natural que as pessoas façam menções a eventos casuais ou históricos, a personagens reais ou fictícios dentro do imaginário do lugar. Essas indicações nos auxiliam a pensar a realidade em rede e de conectarmos os nós das "teias de significado" de um grupo ou sociedade.

2.1.4 Diário de campo: uma leitura hermenêutica da paisagem

> A Geografia não é então primitivamente uma ciência, ela é antes a manifestação de uma realidade, que é a da existência humana que se desenvolve sobre a Terra. [...] o sentido da palavra "Geografia" é, por um lado, realidade geográfica e, por outro, saber geográfico. Mas o esforço fenomenológico e hermenêutico em geografia será o de manter sua comunicação interior, de preservar esta cumplicidade secreta entre experiência e ciência, sem que ambas percam seu verdadeiro sentido (BESSE, 2014b, p. 94).

O exposto teórico sobre paisagem, em trechos supracitados, diz respeito a um fenômeno que não é aberto a dicotomias e que se faz valer de uma relação profunda com a existência. A "Geografia", em sua concepção literal, é uma escritura – uma escritura humana sobre a Terra. Essa inscrição do humano é carregada de significados a serem decifrados para revelar o sentido da existência humana (BESSE, 2014).

Mas como ler essas marcas e esses sinais talhados na terra? Para isto é preciso lê-–la: "se a geografia como realidade é escritura, a geografia como saber deve ser leitura, decodificação, interpretação dos signos dispostos sobre o solo e a paisagem, a geografia é uma experiência hermenêutica"[49] (BESSE, 2014b, p. 94).

[49] O princípio fundamental da hermenêutica é, justamente, que o único conhecimento adequado da verdade é a interpretação, o que quer dizer que a verdade é acessível e atingível de muitos modos, e que nenhum

> o termo grego a Terra é um **texto** a decifrar, que o desenho das costas, os recortes das montanhas, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto". Assim sendo, a Geografia, não mais entendida como "ciência natural", é compreendida como leitura, como decodificação, como interpretação da paisagem ou do solo; ela é "uma experiência hermenêutica (BESSE, 2014a, p. 94, grifo nosso).

Essa "experiência hermenêutica é a da existência humana situada sobre a terra, nela construindo inapelavelmente a identidade humana". Quando nos pomos a ler estes signos, nos aproximarmos dos poetas e dos filósofos, para alcançar o estado da arte da descrição, uma vez que a ciência é rígida no trato das sensações.

Vale ressaltar que essa relação "ser humano-terra" deixa marcas ora monumentais ora singelas, impressas no cotidiano, cujos significados, muitas vezes, não vemos de imediato, elas pois estão nas entrelinhas – no trabalho, no pensar, no brincar – no fazer humano, que comumente chamados de cultura.

> Antes então da instituição de qualquer experiência visual, antes de qualquer espetáculo, e dando ao espetáculo sua verdadeira dimensão, a paisagem é expressão, e, mais precisamente, expressão da existência. Ela é portadora de um sentido, porque ela é a marca especial do encontro entre a Terra e o projeto humano. A paisagem é essencialmente mais Mundo do que Natureza, ela é o mundo humano, a cultura como encontro da Liberdade humana com o lugar de seu desenvolvimento: a Terra. O que descobrimos finalmente na contemplação da paisagem? Primeiro descobrimos que não há Terra sem o humano que a habite e contribua para lhe dar seu sentido de Terra para a existência humana. Em outros termos, a Terra, concebida unicamente como planeta, não é Terra, mas apenas um corpo indiferente ao mundo das significações dos valores. A Terra do geógrafo não é um planeta, mas [...] o solo da Experiência, [...] a base da existência humana (BESSE, 2014, p. 92).

Acredito que, em uma perspectiva hermenêutica-fenomenológica, o diário de campo deixa de ser apenas um instrumento ou procedimento metodológico das pesquisas participativas, pois se torna a expressão de uma leitura hermenêutica da paisagem, meio

desses modos, desde que digno do nome interpretação, é privilegiado em relação aos outros (PAREYSON, 2005, p. 56).

pelo qual essa leitura se converte em escrita, num movimento que nos leva a desvelar essa relação ser humano ─Terra.

2.2 “a escrita de si”; Hypomnemata e a correspondência

2.2.1 “A escrita de si”

Foucault (2009) resgata as reflexões de Antonii de Atanásio sobre a escrita como um esforço de revisitação da consciência e dos pensamentos. A ‘escrita de si mesmo’ é o meio pelo qual acompanhamos os movimentos de nossos pensamentos. (FOUCAULT, 2009).

Não é diferente do que se espera da escrita de um diário de campo de um pesquisador, que se proponha ao estudo hermenêutico-fenomenológico da paisagem, uma vez que toda experiência suscita o pensamento.

Assim, quando estamos emersos por um certo tempo em determinado cotidiano, naturalmente nos deixamos levar, numa atitude de abertura para as possibilidades. Assim, não conseguimos controlar as ações, os encontros, as conversas e muito menos estar conscientes da pesquisa o tempo todo – nos desligamos, muitas vezes, e quando nos damos conta, estamos em uma conversa informal com alguma pessoa. Em pesquisas de cunho imersivo, temos que nos refrear em diversos momentos e não nos deixar levar pelo calor do momento e pelas as desvirtudes que nos limitam.

A ‘fofoca’, nesse sentido, é um bom exemplo, ela é uma faca de dois gumes, pois, por mais que ela seja um gatilho de informações, ela também é um limiar ético. Habitualmente, as pessoas ora valorizam ou desvalorizam atitudes de outras pessoas e fazem juízo de valor nas ações dos outros.

Muitas vezes, acontece de ao levar tais questões ao nosso conhecimento, o narrador espera que tomemos posicionamento e compactuemos com suas opiniões sobre essa ou aquela pessoa e suas atitudes. Num primeiro momento, sentimos a tentação de explorar essa forma de interação, mas isso pode vir a comprometer-nos e levar dúvidas sobre nosso caráter. Isso também vale, quando nos sentimos tentados a desabafar sobre desafetos ou circunstâncias desagradáveis para pessoas do mesmo grupo.

Por essa razão, frente às emoções inevitáveis com a convivência, como raiva, frustação, medo, mau humor e, grosserias devem ser posta à luz na ‘escrita de si’ para

amainar os ânimos e melhor nos portar em uma situação de tensão constante, que é estar em campo.

A ‘escrita de si’ também é fundamental para uma descrição das nossas experiências. Comumente, o diário de campo sempre está à mão, para descrevermos, desse modo, o que for possível, aquilo que apreendemos do mundo que estamos conhecendo.

Assim, mesmo que estes pensamentos sejam tempestuosos, num primeiro momento – dada a natureza dinâmica da observação dos fenômenos quando em campo - estes devem ser transcritos para uma revisitação. Nossas experiências, sensações, emoções são desdobramentos do contato com o mundo, nos quais queremos nos aprofundar e conhecer. É natural, portanto, que uma reflexão sobre nós mesmos seja um passo fundamental para começarmos a desvelar os fenômenos geográficos diante de nós.

Essa revisitação da escrita de si – das nossas reflexões, postura, condutas e do nosso sentir-agir na paisagem – é uma forma de nos colocarmos à luz de uma análise, também. Quando nosso corpo está lançado no momento vivido, toda apreensão dos pensamentos que se originam das experiências são importantes instrumentos de uma leitura da realidade.

Além do mais, há de se considerar a escrita como uma espécie de companhia, pois ela “atenua os perigos da solidão; dá ao que se viu ou pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenhar o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha” (FOUCAUT, 2009, p. 130), pois, é certo que, quando diante dos olhares dos outros, postamo-nos com mais rigor sobre nossas atitudes. Assim, a escrita de si também serve como um vigia dos nossos pensamentos, naquele momento em que estamos escrevendo sobre o que apreendemos.

Ainda, a *Askesis*, que significa este “adestramento de si, por si mesmo” (FOUCAUT, 2009, p. 130) por meio da escrita, possibilita-nos uma elevação de consciência. Pela escrita, o pensamento estará sempre à disposição.

***

2.2.2 Haikai[50] como exercício fenomenológico de paisagem

Ainda sobre a escrita do diário de campo, permiti-me exercitar minha apreensão da paisagem enquanto fenômeno geográfico, manifesto através de outras expressões literárias, tais como haikai.

O haikai (*hai-ku*) é um excelente exercício fenomenológico de apreensão da paisagem. Complementarmente à observação, nos momentos em que estamos lançados na paisagem, emergem formas geopoéticas, que expressam um momento que é vivido – uma síntese absoluta que não se detém no olhar, e extroversa para o corpo sinestesicamente: é uma escuta, um odor e um sentir das coisas.

Os fenômenos geográficos ora apreendidos são expressos em poucas palavras. Palavras essas que mal aguentam o peso dos seu significado. Nascem, assim, os haikais, de momentos soltos no dia de uma contemplação do cotidiano, das pessoas em meio ao seu mundo.

Como um episódio, em Paranapiacaba, na companhia de TG, devaneávamos sobre o seu trabalho e de como incorporava objetos elementares da ferrovia aos de seu fazer artístico [51]: dormentes de trem; trilhos; garrafas; rochas talhadas para fins operacionais da SPR e toda sorte de objetos

Sob aquele alpendre e sentados ao chão de seu ateliê-residência, na rua varanda velha, nos encolhíamos o frio e custávamos a tomar coragem para retirar as mãos do bolso. À porta, a vista privilegiada de toda a sala, uma paisagem doméstica espalhafatosa, com quadros, artes plásticas e livros. Estar lá, experenciando um dia frio de inverno, querendo ser abraçado pela casa e pela cordialidade do anfitrião, escrevi, discretamente:

Eis o alpendre
Afagando a nuca
D'porta: entre...
...
O inverno arde.
queria vestir esta casa,
esquentar-me de conversas

[50] "O haikai é uma modalidade poética de origem japonesa que prima pela simplicidade, concisão e plasticidade [...] é uma pequena composição poética japonesa, em que se cantam as variações da natureza e a sua influência na alma do poeta. Consta de dezessete sílabas, divididas em grupos de cinco, sete e cinco" in SOUSA, T. A, **Haikais de Bashô**: o oriente traduzido no ocidente. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2007.

[51] Ver crônica 4 – "sobre as 'coisas' e as pessoas.

Essas intervenções no diário de campo são, de certo modo, uma predileção do autor, uma forma de agruparmos todos esses elementos dispersos na paisagem. Assim, uma simples nota no topo de uma página do diário, diz respeito ao momento-vivido: o clima do dia, o lugar em que se está e, principalmente, a experiência vivida do fenômeno da paisagem.

Obviamente, poderiam ser outras colocações literárias para descrição e síntese de momento. Mas, todos esses componentes da paisagem: percepção; experiência (sentir e o sentido), horizonte (visível e invisível) congregam-se, por excelência, na expressão poética do Haikai.

Em geral, a linguagem da poesia, da literatura e da pintura exprimem o ser e o estar no mundo – Merleau-Ponty utiliza-se das obras de Cèzane para elucidar a experiência e o sentir em "fenomenologia da percepção".

Por não querer objetificar e subjetificar a realidade, essas linguagens alcançam um determinado estado de prolongamento do horizonte, para além daqueles que pretendem mensurar e enclausurar os limites de uma paisagem. Isso que os sentidos apreendem pode ser descrito por palavras, mas essas "dão conta apenas imperfeitamente das formas e das cores, mas permitem veiculá-las pelo relato. Os testemunhos dos outros sentidos não se prestam da mesma maneira à transcrição verbal ou escrita" (CLAVAL, 2011, p. 227) e, nesse sentido, a literatura, a arte e a poesia podem elevar o estado descritivo de fenômenos complexos.

Fenomenologicamente, podemos 'situar' a paisagem no instante, no agora, ela sempre será o momento presente – o instante que é carregado de temporalidades – que nos deslocam, tal como um Haikai.

O haikai, em sua estética poética, sintetiza o "instante" em sua forma. Um haikai é composto por três momentos: *kire* (corte), *kigo* (palavra-estação), *teikei* (Forma) (SUZUKI, 1997; VIEIRA, 1975).

Cada uma dessas partes (kire, kigo, teikei) está ligada à apreensão senciente do mundo – são imagens, cheiros, sons e toques que se justapõem sinestesicamente na forma poética para buscar expressar uma paisagem.

O kire é o corte entre instantes, é o que dá "alma" para aquilo que é apreendido e em seguida representado numa síntese da totalidade do fenômeno desvelado. O kigo é o que referência a temporalidade e a transformação, impermanência. Há a comunicação da "terra" conosco. É a primavera, o verão, o outono e o inverno que se traduzem nas feições das coisas, como a florada do ipê, o degelo da montanha, as folhas que caem, da

lareira acesa, dos animais que migram, do calor, do frio, do vento e da chuva. É toda experiência humana com a terra – que expressa uma geograficidade. Tekei é a forma, o corpo e a estética do Haikai – é como a sonoridade é expressa (principalmente em japonês, que é composto por dezessete sons, em português, refere-se a dezessete silabas poéticas: 5 – 7 – 5.

Os haikai são mais que ornamentos estéticos ou recursos estilísticos de escrita da tese em tela. Constituem um exercício real de se lançar na paisagem e, por essa razão, dizem muito mais do que sua simplicidade sintética aparenta.

Não à toa considero os haicais como um exercício de temporalidade da paisagem, pois os haicais sintetizam um elemento fundamental trabalhado por Merleau-Ponty , nos quais explicita que "passado e porvir não podem ser simples conceitos que nós formaríamos por abstração a partir de nossas percepções e de nossas recordações, não podem ser simples denominações para designar a série efetiva dos 'fatos psíquicos' (MERLEAU-PONTY, 199, p. 555). Tal como este haikai, oriundo de uma absolta contemplação:

Tarde se alonga;
O ninho da andorinha
Perpetua a casa velha

Num piscar de olhos, o tempo "é" e nós somos neste tempo, quando nos percebemos contemplativos numa tarde, onde o horizonte se abre para um porvir, tal como essa tarde mencionada, que se finda, mas se prolonga para um porvir. Assenta-se um pensamento nostálgico incorporado à casa velha e a todos os verões que nela tocaram.

Outrossim, abrem-se como um elemento invisível de uma estrutura de horizonte de uma paisagem que quer ser desvelada pelas vias da imaginação. Palavras simples, mas de reverberações profundas.

Como veremos, dos dias de campo e sobre as notas que tomamos, queremos extrair das experiências compartilhadas uma "verdade local máxima".

***

2.2.3 Hypomnemata

Ainda nos valendo do resgate ensaístico que Foucault faz sobre a escrita, há os hypomnemata. Trata-se de um exercício autorreflexivo que guia toda forma de pensar e de agir na construção intelectual a partir da escrita. Para o autor, os hypomnemata podiam ser

> na sua concepção técnica [...] livros de contabilidade, registros notórios, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta. Parece ter-se tornado coisa corrente entre o público cultivado. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que tinham sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que estivesse vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e a meditação ulterior (FOUCAULT, 2009, p. 134).

Por essa natureza de revisitação da escrita para construção de um saber, busquei adaptar sua essência no diário de campo. Principalmente, pelo fato de possibilitar - os hypomnemata - um movimento circular de reflexão, pois há uma revisitação constante e ponderada das escritas anteriores, dando potência para novas formas de pensar o mesmo fenômeno outrora aprendido, dialeticamente.

Esta característica dá pulsão ao corpo da escrita– e, em boa parte, esta tese é tecida de inúmeros retornos aqueles fenômenos posto à nota, anos atrás, as pressas, em campo, com rasuras e erros gramaticais grosseiros. Descrições de fatos, juntamente com lembretes soltos, que hoje nem mais fazem sentido. Toda via, há de se decapar a escrita, camada por camada, para um diálogo com o "eu" de outro tempo.

Desses retornos à escrita, vamos aos poucos percebendo valor naquilo que outrora passará despercebido. Àquelas "descrições densas", após a reflexão de retorno a leitura, começa a ganhar novos contornos, significados e essências. De fato, esse exercício remete-nos a uma hermenêutica das escrituras que fizemos em outros dias – uma arqueologia do nosso ser-estar-no-mundo[52]

> Por mais pessoais que sejam, estes hypomnemata não devem, porém, ser entendidos como diários íntimos, ou como aqueles relatos de experiências espirituais (tentações, lutas, fracassos e vitórias) [...]. Não

[52] Daisen

> constituem uma "narrativa de si mesmo", não tem por objetivo trazer à luz do dia as *arcana conscientiae* cuja confissão – oral ou escrita – possui valor de purificação. O movimento que visam efetuar é inverso desse: trata-se, não de prosseguir o indivisível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário de captar o já dito; reunir aquilo que se pode ouvir ou ler, e isto é uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si (FOUCAULT, 2009, p. 136).

Assim, diferente da "escrita de si", que compõem parte do diário dedicado a nós mesmo, a escrita do Hypomnemata, como aqui o aplicamos, dedica-se aos pensamentos – meus ou de outros sujeitos/autores: das notas e fichamentos que fazemos paralelamente a observação participante, das entrevistas e das histórias de vida que transcrevemos (**Quadro 2**).

Quadro 2: Releitura do sentido do Hypomnemata para uma hermenêutica da paisagem

Premissas	**Hypomnemata**	**Uma releitura para uma hermenêutica da paisagem**
a) "Os efeitos limitadores devidos ao emparelhamento da escrita com a leitura"	"não se deve dissociar leitura e escrita"; "temperar uma por meio da outra"; "a escrita do Hypomnemata opõe-se a essa dispersão, ao fixar os elementos adquiridos e ao constituir [...] um "passado" a qual podemos sempre regressas e recolhermo-nos"	Abrange-se, aqui, a conotação de leitura para uma hermenêutica da paisagem. Não podemos nos valer apenas dessa "leitura" – ou dessa observação – do mundo sem tomar nota. A escrita do Hypomnemata tem por característica desviar-se dessa atitude - "*stultitia*" – que é a leitura infindável sem a retenção para a escrita.
b) "A prática refletida do contraste de determinadas escolhas"	"prática regrada e voluntária da disparidade. É uma escolha de elementos heterogêneos"; os cadernos de notas são regidos por dois princípios: a "verdade local máxima" e "o seu valor circunstancial de uso"; "de tudo aquilo que tiveres percorrido com o olhar, retira um pensamento próprio para bem digerir esse dia [...] eis minha safra de hoje".	Em campo, é impossível tomarmos nota de tudo indistintamente. Esses dois princípios são importantes contributos para instrumentalizar-nos acerca do que é realmente importante registrar dos fenômenos que nos são apresentados, das falar dos sujeitos que ouvimos.
c) "Apropriação que leva a cabo"	"o contraste desejado não exclui a unificação. Esta, porém não se realiza na arte de compor um conjunto; deve estabelecer-se no próprio escritor, como resultado do hypomnemata, da sua constituição e da sua consulta."	A estes fragmentos dispersos - que tomamos por verdades locais máximas – apreendidos do mundo e da interação com outros sujeitos, devemos unificá-los para constituir, no próprio gesto da escrita, e das repetidas leituras, um corpo de conhecimento sobre os fenômenos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Assim, tal como hypomnemata, cujo objetivo é "fazer da recolocação do *logos* fragmentário e transmitido pelo ensino, a audição ou a leitura, um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo próprio" (FOUCAULT, 2009, p. 138), o diário de campo visa ser elo entre diferentes temporalidades e momentos da pesquisa.

Todavia, acentua Foucault (2009), há um tom um tanto quanto paradoxal nessa relação, afinal "como se pode ser posto em presença de si mesmo por intermédio de discursos velhos como o tempo e oriundo de toda a parte?"

A dissolução dessa dúvida se dá pelo estabelecimento de três premissas que sustentam o fato de que "a redação dos hypomnemata pode, assim, construir para a formação de si através desses *logoi* dispersos (FOUCAULT, 2009, p. 138)".

Estas três premissas constituem, indissociavelmente, os hypomnemata. Sua inspiração para a composição do diário de campo se dá exatamente pela postura equilibrada entre o que é apreendido, descrito sobre os as experiências, bem como a percepção dos fenômenos geográficos - tal como a paisagem, nos termos epistemológicos da pesquisa em tela - e logo traduzido pela reflexão.

Em boa medida, as crônicas sobre o patrimônio arquitetônico habitado nasceram dessa prática. Tomando as experiências – minhas e dos/com os sujeitos - com o mundo da vida, na vila de Paranapiacaba, como fonte primeira de 'leitura', compus uma coletânea de escritos sobre memórias, vivências, histórias de vida e de saberes.

Para exemplificar, um enxerto da **crônica 2**, quando registrei uma fala de um morador da Vila sobre sua casa – em meio as obras de restauro. Caminhávamos, enquanto falávamos e quando paramos de frente para sua moradia, este veio a refletir sobre as ações do restauro em seu lar: "Minha casa é como uma roupa velha, confortável [...], mas quando restaurarem [a casa] será como uma roupa nova [...] Vai perder esse musgo que tanto gosto, no telhado e as bromélias.... que estão ali [...] (L., 2016).

Tomei esse fragmento de fala e o contexto no qual estávamos inseridos, momento em que era proferida uma "verdade local máxima". Refleti por muito tempo sobre ela. Aquele momento, uma convergência entre fenômenos dotados de geograficidade, de historicidade e de percepção individual sobre um dado fenômeno – do movimento da paisagem - serviu-me de matéria-prima para pensar sobre a relação entre a casa – 'cultura material' na constituição da identidade e pertencimento dos sujeitos que habitam lugares históricos.

Está narrativa, frente a iminência de uma abrupta mudança na fisionomia do seu lar, aliada a outras tantas narrativas de diferentes sujeitos sobre temáticas relacionadas:

ora a ruína, ora o restauro, os acúmulos de coisas, artefatos de toda sorte, a casa, políticas públicas. Unifiquei-as.

Para Foucault (2009) esses fragmentos heterogêneos ao serem subjetivados no exercício da escrita, devem ser unificados. Neste ponto o autor evoca – resgatando, sobretudo, os tratados de Seneca - algumas metáforas sobre a "colheita do néctar" ou a digestão que o corpo faz aos alimentos" como forma de torná-las – esses trechos – parte de uma única coisa [que podemos entender aqui com fenômeno – lembrando, da supracita característica da paisagem, dela mesma ser constituídas de elementos dispersos que reunimos "num só piscar de olhos"] digerida: "a escrita transforma a coisa vista ou ouvida "em força e sangue" (*in vires, in sanguinem*) [...]" (FOUCAULT, 2009, p. 142-143).

Ao se escrever as leituras que fazemos da paisagem (retomando a colocação de Besse (2011) de sermos-na-paisagem) vamos como que constituindo um corpo para os fenômenos. Todas as notas, descrições densas, rascunhos e rabiscos, Haikais me levaram ao presente momento – da correspondência.

2.2.4 Correspondência

Por fim, a correspondência é o modo pelo qual os escritos do diário de campo põem-se a luz do diálogo com os outros. A tese em tela, é um compendio de uma" escrita de si mesmo", um olhar e uma experiência de corpo do pesquisador lançado na paisagem. Também são as "verdades locais máximas" apreendida de uma leitura hermenêutica da paisagem, dos sujeitos cognoscentes, que nos permitiram adentrar a esfera cotidiana de suas vidas, saber de seus ofícios, saberes e experiências e que, na convergência de todas estas relações, materializadas na escrita, nos deu condições de traçar um caminho em direção as essências do habitar o patrimônio arquitetônico.

Correspondência é, pois, estes escritos "que, em si mesmos, constituem exercícios de escrita pessoal, [podendo] servir de matéria-prima para os textos que se enviam aos outros (FOUCAULT, 2009, 145). Como diria Foucault (2009,) "escrever é, pois, "mostrar-se", dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto a outro" (FOUCAULT, 2009, p. 146).

2.2.5 O movimento do pensamento

O demorar-se ‘ali’, naquele lugar, naquela época e naquele tempo, naquelas circunstâncias, com meu corpo próprio, pude apreender à rotina e o cotidiano do lugar; por me envolver com as pessoas e delas me ater por perto, pude vagarosamente sentir surgir emergir novos sentidos sobre as latências do habitar o patrimônio cultural.

Há uma relação profunda das pessoas com a temporalidade da paisagem, muitos saberes, muitos fazeres e muitas percepções imperceptíveis aos métodos científicos rigorosos. Lugares históricos elevam exponencialmente assa experiência complexa com o habitar. Contudo, essas essências são inteligíveis a ao rigor da ciência cartesiana, de rigorosos procedimentos, com suas comparações, suas tabulações e sua análise sistemática de sucessão de fatos evidentes. Por essa razão acredito que, metodologicamente, devemos fluir em consonância com a vida cotidiana e expormo-nos ao sensível do mundo com as pessoas.



CAPÍTULO 3: A VILA DE PARANAPIACABA

3.1 SÃO PAULO RAILWAY: patrimônio tecnológico e industrial

Noite quente:
pensamentos tragados para o passado;
mariposas voam para a luz

Não há como entrar na água de um lago sem que se turve a imagem do fundo. Assim como não é possível rememorar o passado sem turvar a realidade com nossas percepções de tempo presente – visão de mundo, cultura e preconceitos.

As narrativas que acolhi nas inúmeras entrevistas se alicerçam nas experiências das pessoas com o patrimônio cultural, com o mundo vivido naquele sítio histórico. Contudo, essas paisagens lúdicas que dançam na imaginação de quem recorda de um lugar, uma época ou um outro tempo são, de certa forma, inundadas de afetos, sentimentos de todas as naturezas e, por vezes, os eventos da História da Vila se entrelaçam com a experiência vivida pelos sujeitos.

Esse capítulo nasce para dar subsídio as referências citadas nos ensaios pelas pessoas da vila. Há uma rica História de pano de fundo, como datas festivas; referencias sobre a cultura ferroviária, sobre prédios e casas históricas; sobre o patrimônio industrial, arquitetura, bens moveis e imóveis, dentre tantos outros eventos importantes.

Os ensaios estão repletos de referências sobre os acontecimentos da Vila. Por essa razão, o capítulo em tela foi pensado, também, para ser um glossário histórico para consultas quando necessário. Não havendo, assim, necessidade de lê-lo de imediato, caso prefira tê-lo como consulta posterior a leituras das narrativas e percepções dos moradores e moradoras da Vila, contidos nos ensaios na Parte III.

***

Entre a estreita
entranha, adentra estranha
tormenta de ferro
[vale do rio Mogi]

"Lugar onde se vê o mar" em tupi-guarani, Paranapiacaba[53] assenta-se sobre o escudo cristalino em um patamar contornado pelas escarpas serranas de gradiente altitudinal de 800 a 1170 metros, excetuando por uma abertura do Vale do rio Mogi (rio das cobras) – caminho ancestral do Peabiru[54], que ligava Piratininga[55] a Piaçaguera[56]. Por este vale, uma quantidade massiva de umidade marítima adentra, transformando rapidamente a paisagem com a névoa, que encobre por completo a floresta ombrófila densa.

O vale do rio Mogi é um dos poucos caminhos que irrompem a 'muralha' escarpada. Essa rota foi utilizada há milênios pelos povos ameríndios. Segundo Lavander Jr e Mendes (2005) "o traçado da ferrovia seguiu o mesmo delineamento da antiga trilha tupiniquim, pelo vale do Rio Mogi" (LAVANDER JR, MENDES, 2005, p. 10).

[53] O topônimo Paranapiacaba só foi oficializado em 15 de junho de 1945. Outrora, a designação para a vila era "Alto da Serra". A mudança se deu com a deliberação de Departamento de Estradas de rodagem e o Conselho Nacional de Geografia.

[54] "Após um segmento hoje obliterado, nas imediações da Praça da Sé, o Peabiru reaparecia na Rua do Carmo, virava à esquerda na Rua Tabatinguera, descia ao antigo leito do Tamanduateí e, a partir daí, orientava-se pelo traçado do primeiro caminho do mar, a hoje chamada Trilha dos Tupiniquins. Passando por Santo André da Borda do Campo, elevada a vila em 1553, e Paranapiacaba, fazia a descida da serra pelo vale do Rio Mogi, até atingir na Baixada Santista o ponto conhecido por Piaçaguera Velha [...] chegou à conclusão de que a Trilha dos Tupiniquins, ao transpor o Rio Tamanduateí, acompanhava o trajeto do antigo caminho da Mooca (Rua da Mooca). Depois continuava pela Rua do Oratório, pela Avenida Vila Ema e por trechos da Avenida Sapopemba, já fora dos limites do município até atingir a cidade de Ribeirão Pires. O Peabiru compunha-se, portanto, dentro da atual área urbana de São Paulo, de dois importantes caminhos quinhentistas da vila paulistana, o que chegava do sertão, vindo do oeste, e o que seguia para o litoral, em direção a leste" (CAMPOS, 2006, p. 10).

[55] "Na interpretação de Afonso de Freitas, fundamentado na leitura das cartas de datas de terra distribuídas durante o quinhentismo e o seiscentismo, Piratininga era, ao contrário, uma região bem delimitada, de localização precisa, a nor-noroeste da vila de São Paulo e contígua ao Guaré" (CAMPOS, 2006, p. 17). A Mando de Dom João III, Martim Afonso de Sousa se instalou na faixa litorânea para firmar território para a coroa portuguesa. Fundou "a primeira colônia portuguesa da américa meridional, consagrando-lhe a primitiva denominação de São Vicente e, transpondo depois a Serra de Paranapiacaba, seguindo o caminho velho de Piaçaguera, elevou outra, em outubro de 1532, nove léguas pelo interior, nos campos de Piratininga (FRANCO, 1940, p. 16).

[56] Piaçaguera ou Piaçaguera velha (porto velho) constitui-se como um local – hoje localizado na cidade de Cubatão – que foi amplamente povoada por populações indígenas nos séculos XVI e XVII e incluído em inúmeras crônicas, que envolvem as expedições colonizadoras de Martin Afonso de Souza" em sua subida de São Vicente ao campo de Piratininga em 1532" (HOLANDA, 2014b, p. 238-239). In ***HOLANDA, S. B. de. Caminhos e fronteiras. 3a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.***

Outrossim, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII inúmeros cronistas relataram a importância da rota para o comércio e expansão das bandeiras, como os eventos ligados a atuação de Martim Afonso de Souza, na região (**Figura 3**).

Figura 3: Cronologia do período de concessão da estrada de ferro à SPR



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Durante o século XIX, marcado pela economia cafeeira, o vale do Rio Mogi tornou-se palco central dos interesses do governo imperial e das oligarquias ligadas a produção de café. O fator motriz desse empreendimento ferroviário, em plena Serra do Mar de São Paulo, esteve ligado à necessidade de escoar a produção das "principais regiões produtoras de café ao seu terminal exportador, o porto de Santos" (MINAMI, 1996, p. 114). "Os primeiros levantamentos para a construção de uma estrada de ferro ligando o Porto de Santos ao planalto tiveram início em 1835, mas foi somente a partir de 1850, que Barão de Mauá, empenhou-se na construção desta via" (PASSARELLI, 1989, p. 7).

Os esforços de Mauá para a construção de Santos-Jundiaí iniciaram-se quando lei geral do império, Lei Cochrane, de 1952[57], concedeu vantajosas condições de lucro aos

[57] Entre as vantagens estavam: concessão da estrada de ferro por noventa anos ou mais; o direito de desapropriar os terrenos que estivem no trajeto de domínio particular; uso indiscriminado de matérias-

investidores. Mas, foi Decreto Imperial nº 1759, de 26 de abril de 1856, que possibilitou a concretização dos objetivos do Barão de Mauá. O decreto imperial autorizou a incorporação de uma companhia para a construção da estrada de ferro, entre as cidades de Santos e Jundiaí. Segundo este decreto, o Marques de Monte Alegre, o Conselheiro José Antônio Pimenta Bueno e o Barão de Mauá representariam o império nas negociações para a captação de capital internacional e para a construção da ferrovia.

> [Sic] Art. 1º Ficão autorisados os referidos Cidadãos para incorporarem huma Companhia fóra do Paiz, a qual se encarregue de construir, usar e costear, mediante as condições a que se refere o Artigo seguinte, huma Estrada de ferro, que, partindo das visinhanças da Cidade de Santos, aonde for mais conveniente, se approxime da de S. Paulo e se dirija á Villa de Jundiahy na respectiva Provincia. [...] Art. 2º A' sobredita Companhia, se for incorporada na conformidade do Decreto Nº 838 de 17 de Setembro de 1855, e das condições que com este baixão, assignadas pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, serão concedidos os privilegios e favores constantes das mesmas condições. Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em vinte seis de Abril de mil oitocentos cincoenta e seis, trigesimo quinto da Independencia e do Imperio [sic] (BRASIL, 1979)

Ficou estipulado, então, que haveria conceção da Estrada de Ferro por um período estipulado de 90 anos. A companhia depois nomeada de "São Paulo Brasilean Railway Company LTD – São Paulo Railway.

> 1ª O Governo concede a Companhia, que organizarem o Marquez de Mont'alegre, o Conselheiro José Antonio Pimenta Bueno, e o Barão de Mauá o privilegio autorisado pela Lei Nº 838 de 12 de Setembro de 1853, pelo prazo de 90 annos contados da data destas condições, para a construcção e custeio, e gozo de huma estrada de ferro que partindo das visinhanças da Cidade de Santos, se approxime da de S. Paulo, e a dirija á Villa de Jundiahy [sic] (BRASIL, 1979)

primas, tais como madeiras provenientes das matas; isenção de direitos de importação sobre os trilhos, maquinários e outros instrumentos, que fossem destinados para a construção.

Devido essa “abertura”, Barão de Mauá dirigiu-se a Londres em busca de investidores e de especialistas que subsidiariam a construção desta estrada de ferro que conectaria o Porto de Santos à Jundiaí a São Paulo Railway.

Para dar cabo desse projeto audacioso, Barão de Mauá convidou o engenheiro James Brunless, notoriamente conhecido pelo *no-hal* em construções de ferrovias. Brunless vistoriou pessoalmente a área e conclui que conseguiria executar a obra, apesar de sua dificuldade técnica e, também, conseguiria fazê-la dentro dos limites orçamentários.

Em seguida, Brunless enviou Daniel Makinson Fox ao Brasil, como engenheiro residente, “para estudar as condições do território. No ano de 1859 o engenheiro D. M. Fox foi contratado para supervisionar a construção da [...] SPR” (SANTOS; LAGE; SECCO, 2017, p. 4).

Em uma carta intitulada: “***Description of the line and works of São Paulo Railway in the Empire of Brazil”*** (**Anexo I**) enviada a Londres pelo Daniel Fox, engenheiro chefe do empreendimento, relata os grandes desafios técnicos que utilizaria para superar a geomorfologia “hostil” da Serra do mar.

Em seu relato, Fox escreve que a Inexistência de mapa e ou cde artas topográficas exatas foi um fator limitante para o avanço das obras. Dado que a falta de conhecimento detalhado do relevo levou a inúmeros contratempos. Os trabalhadores da ferrovia tiveram que abrir clareiras em meio a mata para buscar terrenos mais favoráveis para assentar as estruturas de ferro e, vez ou outra, se deparavam abruptamente com que Fox denominou de “abismos” (FOX, 1870).

> Fox percorreu a Serra do Mar de cima a baixo, mas a descoberta de uma passagem através da muralha da serra, na qual os trens podiam trafegar, só foi encontrada quando o engenheiro desembarcava em Santos, pois a mesma só era possível se avistar de longe. Nessa ocasião Fox percebeu uma fissura que se estendia até o cume, sendo a mesma interrompida por uma grota aparentemente intransponível, a Grota Funda, e deste ponto foi possível vislumbrar a rota definitiva para a estrada ao longo do vale do Rio Mogi (CYRINO, 2004, p. 84)

A **Foto 5** mostra uma das áreas de abertura de clareira em meio a mata, na busca de terrenos favoráveis a implantação da Estrada de Ferro São Paulo Railway.

Foto 5: Preparação do terreno para instalação da Via Férrea



Fonte: Acervo RFFSA / In LAVANDER JUNIOR; MENDES, (2005)

De fato, esses "abismos" relatados por Fox são escarpas que, devido aos processos erosivos e pela constituição rochosa de granito-gnáissicas constitui-se por "perfis retilíneos de grandes desníveis e vertentes entalhadas por numerosas ravinas" (ALMEIDA, 1974, p. 14).

Almeida (1974) ainda escreve que a influência litológica é fundamental para entendermos os processos de erosão: "Os granitos e gnaisses-graníticos são rochas resistentes que resultam em maiores altitudes, geralmente em forma de cristas, enquanto os vales são entalhados em rochas menos resistentes, como xistos e filitos" (ALMEIDA, 1974, p. 14). Essas características da área nos ajudam a compreender os desafios encontrados para a construção da SPR, desde o início das obras e outros inúmeros acidentes e tragédias, que estão ligadas a construção de ramal ferroviário.

> Para transpor os obstáculos naturais, tentando evitar os frequentes deslizamentos (mesmo com as obras concluídas, eles chegavam a interromper o tráfego por semanas), foram efetuados numerosos cortes

> no terreno e construídos canais de drenagem, aterros, muros de contenção, viadutos e pontes, que transformaram a construção desse trecho da SPR num verdadeiro desafio à engenharia (SANTOS, LAGE E SECCO, 2017, p. 4).

Outrossim, o clima úmido e chuvoso - "clima tropical brasil central sub-quente super úmido sem seca" (IBGE 2002), aliado as quantidades exorbitantes de insetos e de animais ferozes, também compõem as narrativas daqueles que testemunharam os trabalhos na região (FOX, 1870; SANTOS, LAGE E SECCO, 2017; LAVANDER JUNIOR; MENDES, 2005).

Para superar essas barreiras técnicas e operacionais, Fox adotou o "sistema funicular", comumente utilizado em áreas de exploração de minas. Uma resolução para enfrentar a declividade da Serra do Mar. A implementação desse sistema era consideravelmente mais barata, exequível dentro do cronograma do projeto e ainda diminuiria o tempo de viagem (LAVANDER JR, MENDES, 2005).

3.1.1. Sistema funicular: "os planos inclinados"

> *"Na subida dos três primeiros planos inclinados, depois de 560 metros acima do nível do mar, o viajante, surpreendido e enlevado pelo espetáculo grandioso dos vales que o circundam, pelo rumorejar das cascatas e cursos d'água, que se insinuam e desaparecem entre as anfractuosidades dos rochedos e das matas virgens, pela sensível variante atmosférica, por todas essas belezas infinitas da criação; transpõe maravilhado o grande viaduto que imortalizou no Brasil o nome do engenheiro Brunlees, e constitui a obra prima do caminho de ferro de S. Paulo" (REVISTA FERROVIA, 1964, p. 10).*

Para tanto, a tecnologia utilizada para superação da declividade da serra foi a implementação do "sistema funicular". Foram feitos quatro "planos inclinados" com rampas de 10% de inclinação. Para cada plano inclinado, havia um patamar com maquinário fixo de vapor de três caldeiras "trabalhando em regime de revezamento dotadas de cilindros que ofereciam 40 t de esforço-tração para os cabos de aço" (LAVANDER JR, MENDES, 2005).

O Engenheiro Fox tinha experiência com áreas de alto declive, tendo atuado na região dos Alpes suíços, França e País de Gales, sendo o sistema funicular muito usual

nas minas de carvão do norte europeu (PASSARELLI, 1989, LAVANDER JR, MENDES, 2005).

Originalmente, o projeto dividia-se em três etapas de operação: 1) construção do trecho entre o Porto de Santos e a "raiz da serra", onde o terreno caracterizava-se pela charques de mangue e canais fluviais (**Foto 6**); 2) construção do que trecho saia da "Raiz da Serra" e irrompia a escarpa rochosa e sinuosa, com instabilidades em pontos cruciais e densa vegetação, certamente o trecho de maior complexidade do empreendimento e 3) construção do trecho que ligava o Alto da Serra à cidade de Jundiaí – a porta de saída da produção cafeeira do interior paulista.

Foto 6: Acampamento no Alto da Serra, em 1860, durante a construção da SPR.

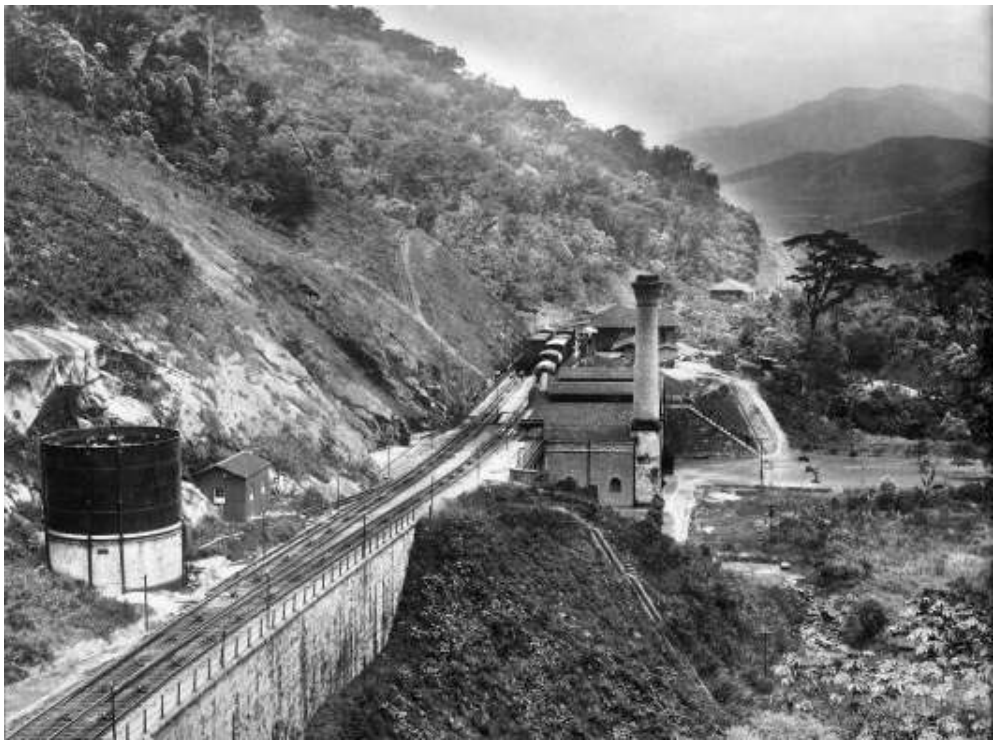


Fonte: Museu de Santo André (2015).

Para a implementação da ferrovia nas vertentes do Vale do Rio Mogi foram utilizadas quatro máquinas fixas. Essas máquinas "tracionavam e movimentavam cabos de aço de duas pontas, os "tail-end", que eram presos nos "serra-breques" para realizar o movimento de subida pelos planos inclinados da serra" (PASSARELLI, 1989, p. 8).

A **Foto 7** mostra o primeiro patamar do segundo sistema funicular da São Paulo Railway.

Foto 7: Vista do 1º patamar do segundo sistema funicular



Fonte: Lavander Jr e Mendes (2005).

Pelo 'tail-end', os trens eram puxados e tracionados por uma máquina a vapor fixa "com carga máxima de 60 toneladas numa extremidade e 30 na outra, em direção ao litoral" (CRUZ, 2007, p. 58). Cruz (2007) descreve o locobreque ou Serra-Breque como sendo um carro que "era acoplado às composições por meio de um dispositivo engatado em uma extremidade do cabo" (CRUZ, 2007, p. 58).

> O movimento era dado aos trens por meio de quatro máquinas fixas implantadas na Serra [...] por meio de roldanas, subterraneamente colocadas, passavam os cabos da casa de máquinas para os planos, onde se desenrolavam por sobre polias, 4800 no total, com diâmetro de 0, 225m nas curvas e 0,304m nas tangentes (CRUZ, 2007, p. 60).

Enquanto uma "composição iniciava a subida pelo recolhimento do cabo esticado, outra começava a descer fazendo a operação inversa, ambas no mesmo plano inclinado.

Exatamente na metade do plano, a via férrea bifurcava-se para permitir o cruzamento dos trens" (CRUZ, 2007, p. 58).

A **Figura 4** mostra o esquema de funcionamento do primeiro sistema funicular da São Paulo Railway.

De uma extremidade a outra – Alto da Serra (atual Paranapiacaba) a Piaçaguera, a operação do sistema funicular dava-se de forma sincronizada quanto ao posicionamento dos trens, indo do patamar inferior ao superior (MINAMI, 1996; CRUZ, 2007).

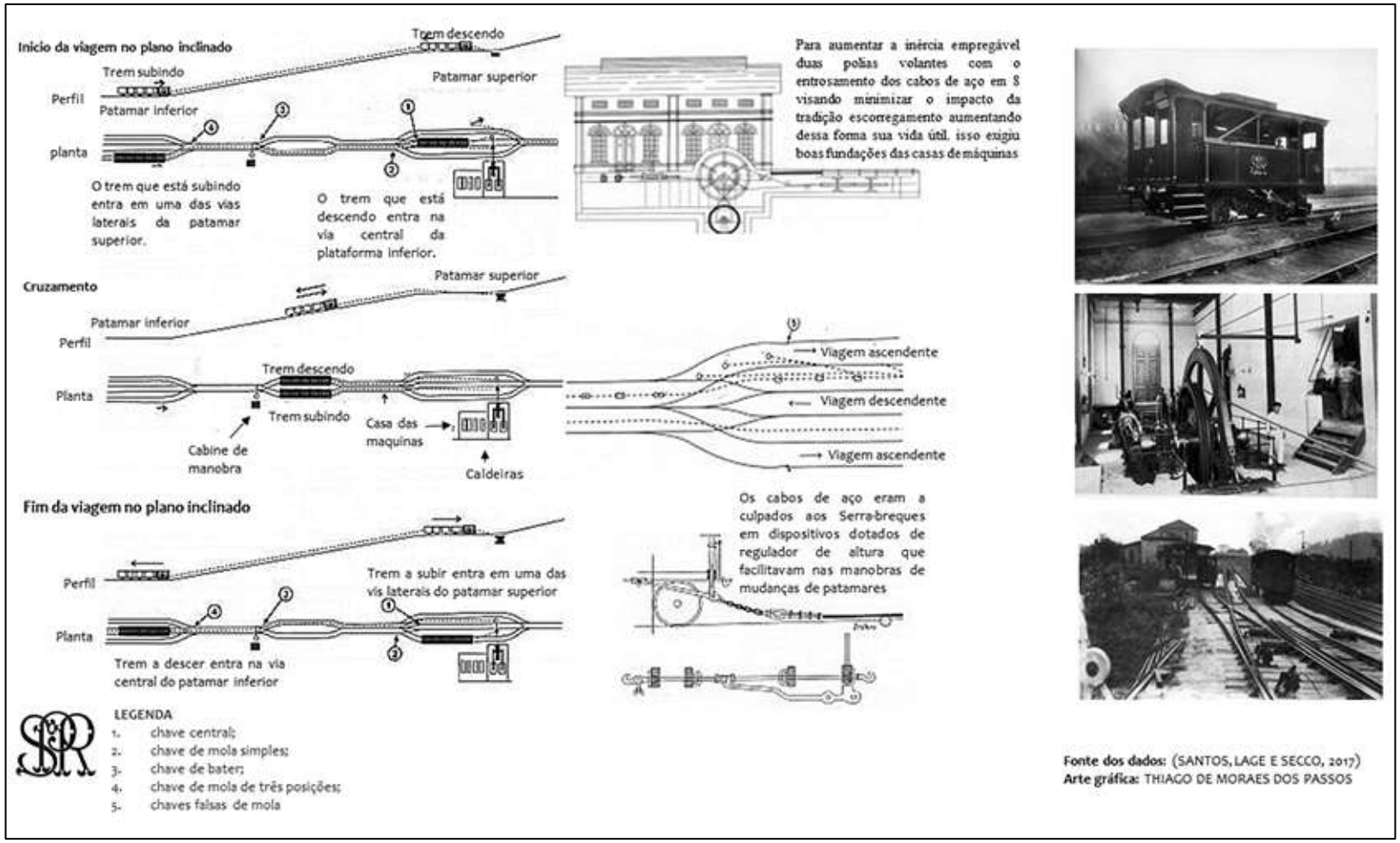
> Sistema Funicular - Serra Velha – Inaugurado em 1867 com oito quilômetros de extensão e rampas de 10% de declividade para vencer um declive de 762 metros. Operado pelo sistema de cabos simples, com quatro máquinas fixas a vapor, abrigadas em construções situadas no alto de cada um dos quatro planos inclinados. Peso máximo por viagem: 60 toneladas, balanceadas por pelo menos 30 toneladas na outra ponta do cabo. Média de viagens diárias: 48,7. Transporte médio diário: 2.432 toneladas para cima e 1.857 toneladas para baixo. Tempo necessário para a subida ou descida: 50 minutos, incluindo paradas, manobras e mudança de pessoal (SANTOS, LAGE E SECCO, 2017, p 13).

Segundo Santos, Lage e Secco (2017) esta obra teve grande reconhecimento, sendo referida com notoriedade pela impressa. "Foram efetuados numerosos cortes no terreno e construídos canais de drenagem, aterros, muros de contenção, viadutos e pontes, que transformaram a construção desse trecho da SPR num verdadeiro desafio à engenharia" (SANTOS, LAGE E SECCO, 2017, p 13).

Segundo Lage e Secco (2017) o início das atividades na estrada de ferro SPR foram vistas como sucesso e veio a impressionar as autoridades e o poder público da época.

> No dia 16 de fevereiro de 1867, iniciou-se o tráfego nos 139 quilômetros da via férrea com bitola de 1,60 m em toda a extensão ao custo final de 2,75 milhões de libras esterlinas. Em 1869, dois anos depois da inauguração, superando todas as expectativas, a SPR transportou 69.186 passageiros e 78.065 t de carga, utilizando 12.000 composições; em 1887 a SPR havia multiplicado o transporte de carga para 359.141 toneladas, contra as 114.000 t conduzidas pela Estrada de Ferro D. Pedro II, no Rio de Janeiro, que contava com maior extensão de linha (19). Porém, nos relatórios da companhia e do governo brasileiro, é constante a menção de que o mais importante estrangulamento do fluxo de tráfego da SPR estava na Serra do Mar, no sistema funicular (SANTOS, LAGE E SECCO, 2017).

Figura 4: Esquema de funcionamento do primeiro sistema funicular.



Ainda, o viaduto da Grota Funda (**Foto 8**) teve sua estrutura de ferro pré-moldada "importada do Reino Unido com 214, 87 metros de extensão e chegando a atingir 48,80 metros de altura em relação ao terreno –, foi considerada a maior obra de engenharia do Brasil na época de sua conclusão" (SANTOS, LAGE E SECCO, 2017).

Foto 8: Na parte inferior o Viaduto Grota Funda do primeiro sistema funicular localizado no 4º patamar; acima viaduto do início do 5º patamar do 2º sistema funicular



Fonte: Acervo RFFSA

3.1.2 Segundo Sistema Funicular

> "É o alto da serra. Em frente, a alguns decâmetros, abre-se, rasga-se um vão, uma clareira enorme por onde se enxerga um horizonte remotíssimo, um acinzentamento [Sic] confuso de serras e céu, que assombra que amesquinha a imaginação. Começam aí os planos inclinados..." (trecho de "A Carne" - Júlio Ribeiro - Romance de 1888).

Passados 20 anos após a inauguração da SPR, a companhia começava a dar sinais de esgotamento de número de viagens e de armazenamento. Também havia indícios de desgaste das estruturas averiguada pela fiscalização do governo do Estado de São Paulo.

Todos esses fatores levaram ao questionamento sobre o monopólio exercido pela empresa. Pressionada, a SPR inicia manutenção da linha em 1892. Após os inícios dos reparos a ferrovia trouxe energia elétrica e outras inovações para as instalações, feitos que foram apreciados pela imprensa local da época (SANTOS, LAGE E SECCO, 2017). Para isso, fora construído a segunda via do sistema funicular ou serra nova.

Temerosos com o fim do monopólio e almejando uma prorrogação no prazo de concessão, os acionistas da SPR fortaleciam as negociações e no mesmo ano já haviam iniciado os planos de ampliação e duplicação da ferrovia visando melhorias de infraestrutura, bem como melhoria da tecnologia de tracionamento para aumentar a velocidade de subida dos vagões no trecho da Serra do Mar. Com o início da construção da segunda funicular em 1896 – ainda sob a supervisão do Engenheiro Fox, a ferrovia inicia sua segunda fase de operações (PICANÇO, 1887; SANTOS, LAGE; SECCO, 2017).

O engenheiro Bento José Ribeiro Sobragy, ao fazer considerações sobre as estações da SPR, em 1866, observa que as estações, até então, apenas mantinham estruturas mínimas para operação ferroviária (PICANÇO, 1887). Fox (1870) destaca em sua carta, a natureza "primitiva" das estações. Segundo seu laudo, havia duas estações terminais, mas a maior parte, nove no total, eram exclusivamente para passagem. Caracterizavam-se por sua arquitetura de alvenaria, pequenos edifícios com telhas de barro, que se situavam a margem das vias sem quaisquer notoriedades arquitetônicas. As estações terminais Santos e Jundiaí e Estação da Luz e as duas estações nas extremidades do sistema funicular, Alto da Serra, depois Paranapiacaba e Raiz da Serra, depois Piaçaguera eram as mais importantes (FOX, 1870).

Santos, Lage e Secco (2017) fazem menção a um documento escrito pelo engenheiro-chefe do projeto, James C. Madeley, no documento denominado: ***"Memória Justificativa dos planos e orçamentos da duplicação da linha atual com novos planos inclinados",*** onde consta a justificativa de melhorias técnicas, sejam elas reformas ou aplicação de novos projetos, em todos os trechos da ferrovia. Com a execução das ideias de Madeley, dobrou-se a quantidade de estações, todas munidas de telégrafos para auxiliar na comunicação da extensa via férrea (SANTOS, LAGE; SECCO, 2017).

As novas estações da SPR: ***Raiz da Serra e Alto da Serra*** destinavam-se ao embarque e desembarque de passageiros – "especiais de segunda classe". A construção dessas estações ajudou a aliviar o tráfego de pessoas, que se amontoavam enquanto

aguardavam os trens se recomporem em suas vias após a ‘escalada’ dos planos inclinados (SANTOS, LAGE E SECCO, 2017).

No 5º Patamar do novo sistema funicular foram feitas as obras mais expressivas: a) **Ponte metálica** de comunicação da estação com a vila; b) o girador (vira-máquina); c) as carvoeiras e d) o depósito para dez locomotivas. Contudo, a implementação de um núcleo urbano planejado e destinado aos trabalhadores para manutenção e conservação da via férrea foi um dos pontos mais notórios dessa nova fase da ferrovia (**Foto 9**).

Foto 9: Um dos Patamares da Serra com vistas para a casa de máquina, guarita do “guarda trem” e residências para funcionários



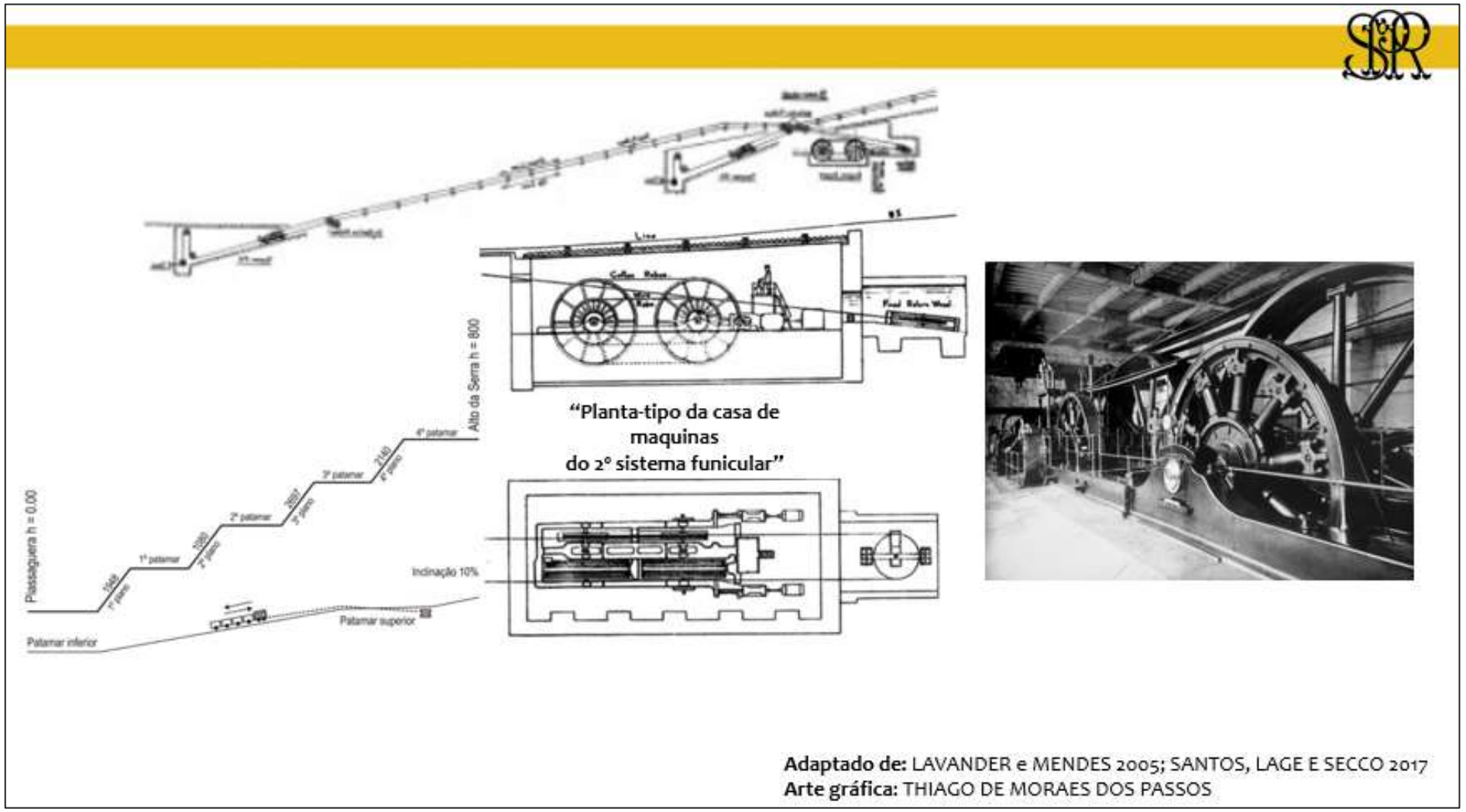
Fonte: Santos, Lage, Secco (2017).

Ainda sobre a construção do segundo sistema funicular, destaca-se o fato de ser construída “ao longo do mesmo espigão da Serra do Mar onde estava a linha antiga, um pouco acima dela [...] o entroncamento com a linha antiga passou a se dar no quilômetro 30, no Alto da Serra”[63] (SANTOS, LAGE; SECCO, 2017, p. 21).

[63] “A execução do funicular da Serra Nova ficou a cargo do engenheiro Emilio A. H. Schonoor, brasileiro formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, com a supervisão do engenheiro-chefe da SPR, o inglês James Fforde [...]” (SANTOS; LAGE; SECCO, 2017 p. 22).

A tecnologia empregada visava vencer quase dez quilômetros de desníveis, por essa razão, esse novo sistema utilizava-se de cinco planos inclinados e de cinco patamares. Outrossim, optou-se pela substituição de todo sistema de cabos (**Figura 5**).

Figura 5: Diagrama de funcionamento do segundo sistema funicular



Diferente do antigo sistema funicular, o ***endless-rope*** apresentava maior robustez para aguentar quase 100 toneladas. e passa a direcionar-se em apenas uma direção. Segundo as especiações do projeto de Madeley, optou-se por manter a flexibilidade do sistema de cabo, para que, uma vez que as máquinas fixas a vapor tracionassem elas responderiam aos mecanismos de polia (SANTOS, LAGE E SECCO, 2017 p. 21).

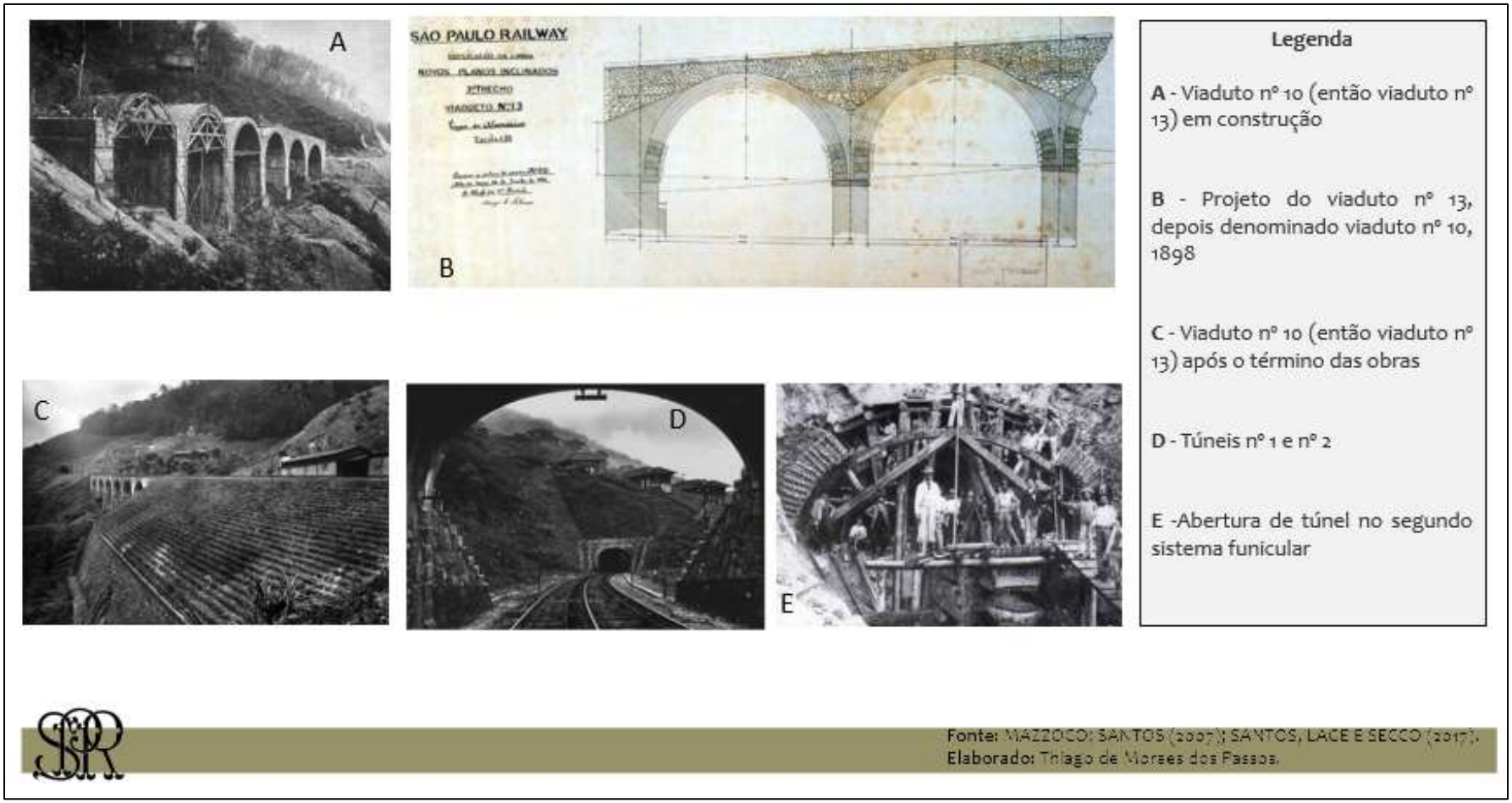
> **O sistema da Serra Nova passa a contar com cinco Planos Inclinados e cinco patamares** de manobra para vencer 10 quilômetros de desnível, com três trilhos em toda a extensão, exceção feita aos desvios intermediários, cruzamentos e patamares, onde o trilho continuava duplo. O antigo sistema de cabos é substituído por outro, endless-rope, ou cabo sem fim, no qual os cabos de aço passam a se movimentar somente em uma direção. O cabo de tensão também é redimensionado para suportar até 96 t, passando a ter 4,8 cm de diâmetro (SANTOS, LAGE; SECCO, 2017 p.23).

Madeley optou por manter a flexibilidade dos cabos e, quando acionado o sistema dos planos inclinados que contava com máquinas fixas à vapor, os cabos responderiam com mecanismos das polias (MADELEY, 1925; SANTOS, LAGE; SECCO, 2017).

> na máquina fixa havia dois eixos de movimento e quatro volantes; os menores movimentavam o cabo de tensão enquanto os maiores, ligados entre si por cabos flexíveis, tinham a função de garantir o movimento sincronizado e atenuar os impactos dos engates, além de manter a própria inércia (MADELY, 1925, p. 20).

Foram construídas nos patamares da serra benfeitorias para abrigar o equipamento "Casa de Máquinas [...] Casa de Caldeiras com chaminés, localizadas na lateral dos trilhos no mesmo nível da máquina fixa para abrigar quatro caldeiras, e um poço de tensão localizado sob os trilhos e cujo objetivo era manter o cabo sem fim sempre tensionado" (MADELEY, 1925; SANTOS, LAGE; SECCO, 2017).

Figura 6: Esquema apresentando as etapas de construção da ferrovia



O loco-breque (**Foto 10),** uma inovação tecnológica que se utilizava de força própria para se locomover e se engatava no cabo, recebendo força de tração para movimentar os vagões acoplados na subida e na descida da serra, acabou por acelerar as operações nas linhas.

Foto 10: Locobreque da SPR



Fonte: Lage e Secco (2017).

Um novo veículo especial com força motriz própria, o loco-breque, é dotado de resistência necessária para engatar no cabo e receber o esforço de tração, movimentando o conjunto de vagões nas viagens na serra; essa pequena locomotiva 0-4-0T agilizava a operação nos patamares, manobrando o conjunto de carros e de vagões a ela acoplados (LAVANDER JR, MENDES, 2005).

Em síntese, o Sistema Funicular Serra Nova fora inaugurado em 1901, com dez quilômetros de extensão e rampas de 8%, para vencer um declive de 796 metros. Operado pelo sistema de cabos sem fim, com cinco máquinas fixas a vapor abrigadas em

construções no alto de cada um dos cinco planos inclinados. O peso máximo por viagem era 120 toneladas, balanceadas por pelo menos 60 toneladas na outra ponta do cabo. A média de viagens diárias era de 114,6. O transporte médio diário: 11.747 toneladas para cima e 9.521 toneladas para baixo. O tempo necessário para a subida ou descida era de 35 minutos, incluindo paradas, manobras e mudança de pessoal.

3.2 A VILA DE PARANAPIACABA

3.2.1 Os primeiros núcleos urbanos da SPR: Vila Velha

As primeiras casas eram feitas de pau-a-pique ou sapé e eram muito vulneráveis as intempéries climáticas e geomorfológicas da região serrana (**Foto 11**). A matéria-prima, basicamente, consistia em madeiras nativas da mata atlântica. O caráter temporário de sua função fazia com que não houvesse um grau técnico elevado em suas construções, presumindo-se que seriam tão logo abandonadas, com o final das obras.

Foto 11: Acampamento na "raiz da Serra" para operários que trabalhavam na construção SPR.



Fonte: Cyrino (2004).

Segundo Fingir (2010 era comum, durante a implantação de linhas férreas, a construção de habitações para os operários, pois, quando estas obras se davam em localidades que não dispunham de estruturas urbanas próximas às áreas de empreendimento, como é o caso das áreas 'pioneiras' e pouco povoadas, com essas habitações, os operários podiam permanecer próximos ao canteiro das obras. A autora cita, dentre outros exemplos, o caso da São Paulo Railway, na Serra do Mar Paulista (**Foto 12**).

Foto 12: Habitações temporárias no Alto da Serra



Fonte: Acervo museu Mário de Andrade. Militão (s.d.).

Essas habitações abrigavam precariamente um contingente de operários alocados de forma desordenada e com condições insalubres de trabalho. A alta taxa pluviométrica e a falta de familiaridade com o ambiente hostil eram um dos dificultadores da adaptação dos trabalhadores na epopeica da construção do empreendimento ferroviário (PASSARELLI, 1989).

Quando findada a construção da estrada de ferro, por volta de 1867, as casas precárias, foram dando lugar a construções mais robustas nas proximidades da linha

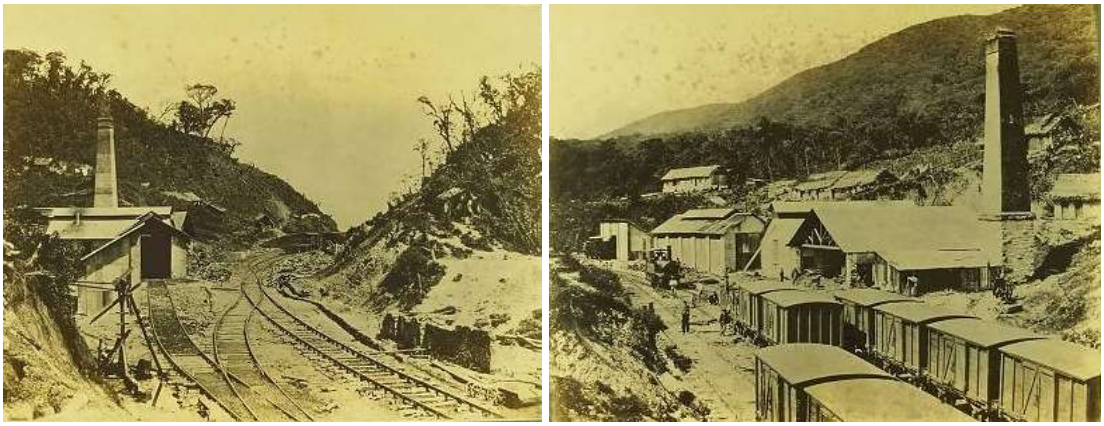
férrea, para facilitar o acesso dos trabalhadores na manutenção da SPR. Os trabalhadores que residiam nestas casas eram de nível intermediário e baixo, dentro da hierarquia dos ferroviários (PASSARELLI, 1989; CRUZ, 2013).

O acampamento do Alto da Serra – que mais tarde seria denominado Vila Velha, está disposto na embocadura do vale do Rio Mogi, "primeira fase de ocupação inglesa, no local, com data, aproximada, de 1860 a 62 [...] A Vila Velha é onde estão localizados os mais antigos depósitos da empresa (a maioria já demolido ou reformado)" (SANTOS, 1990, p. 19).

Casas, galpões e oficinas foram construídos em um vale contornado por morros com forma de alvéolo colinoso entre um colar de pequenas serranias, seguidas pelo paredão da Serra do Mar. Essa característica topológica, um platô menos acidentado favoreceu o assentamento (AB'SABER, 1985).

Esse núcleo urbano remanescente dos antigos acampamentos foi instalado nas proximidades com o quinto patamar do Sistema funicular. Muito embora não haja indícios de um planejamento arquitetônico prévio, estas moradias aglomeram-se em sua maioria nas margens da ferrovia. Com exceção do antigo hospital que fora construído mais afastado, fazendo costas a vila e fronte à vista do mar. A rua direita corta perpendicularmente a Vila Velha, iniciando-se próximo aos antigos depósitos e ascendendo a vertente serrana (**Fotos 13 e 14**)

Foto 13 e Foto 14: Primórdios da SPR – Alto da Serra (Paranapiacaba)



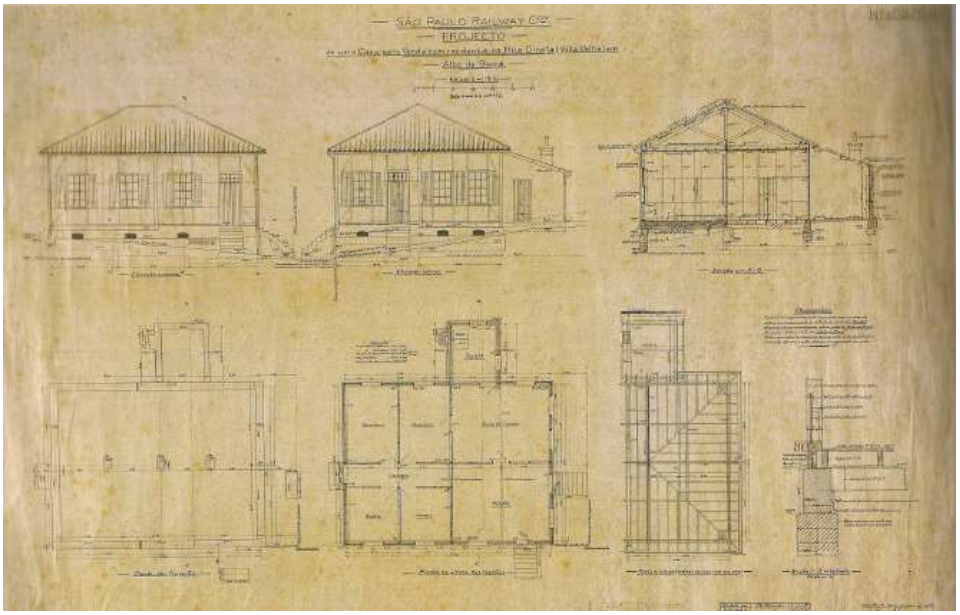
Fonte: Alto da Serra. Acervo museu Mário de Andrade. Militão (s.d.).

Como característica notória, "as casas da Vila Velha não tinham recuos de frente, localizados, portanto, nas testadas dos lotes que a empresa dividia e distribuía aos trabalhadores" (SANTOS, 1980, p. 19). Essa característica é perceptível atualmente, bem

como os edifícios que foram destinados aos funcionários ligados as atividades burocráticas (SANTOS 1980; CRUZ, 2007).

Para Finger (2010) não há, aparentemente, resquícios de uma hierarquização de vias e edificações. Isso, provavelmente, deu-se porque, quando fora construída a previsão "era que ali residiriam apenas técnicos de nível intermediário. E como à área deriva do primeiro acampamento, ainda hoje as casas não seguem padrões pré-estabelecidos quanto a implementação, sendo dispostas de maneira aparentemente aleatória" (FINGER, 2010, p. 97, (**Figura 7**)

Figura 7: Projeto arquitetônico das residências da Vila Velha, Paranapiacaba, Santo André SP



Fonte: Mazocco e Santos (2005).

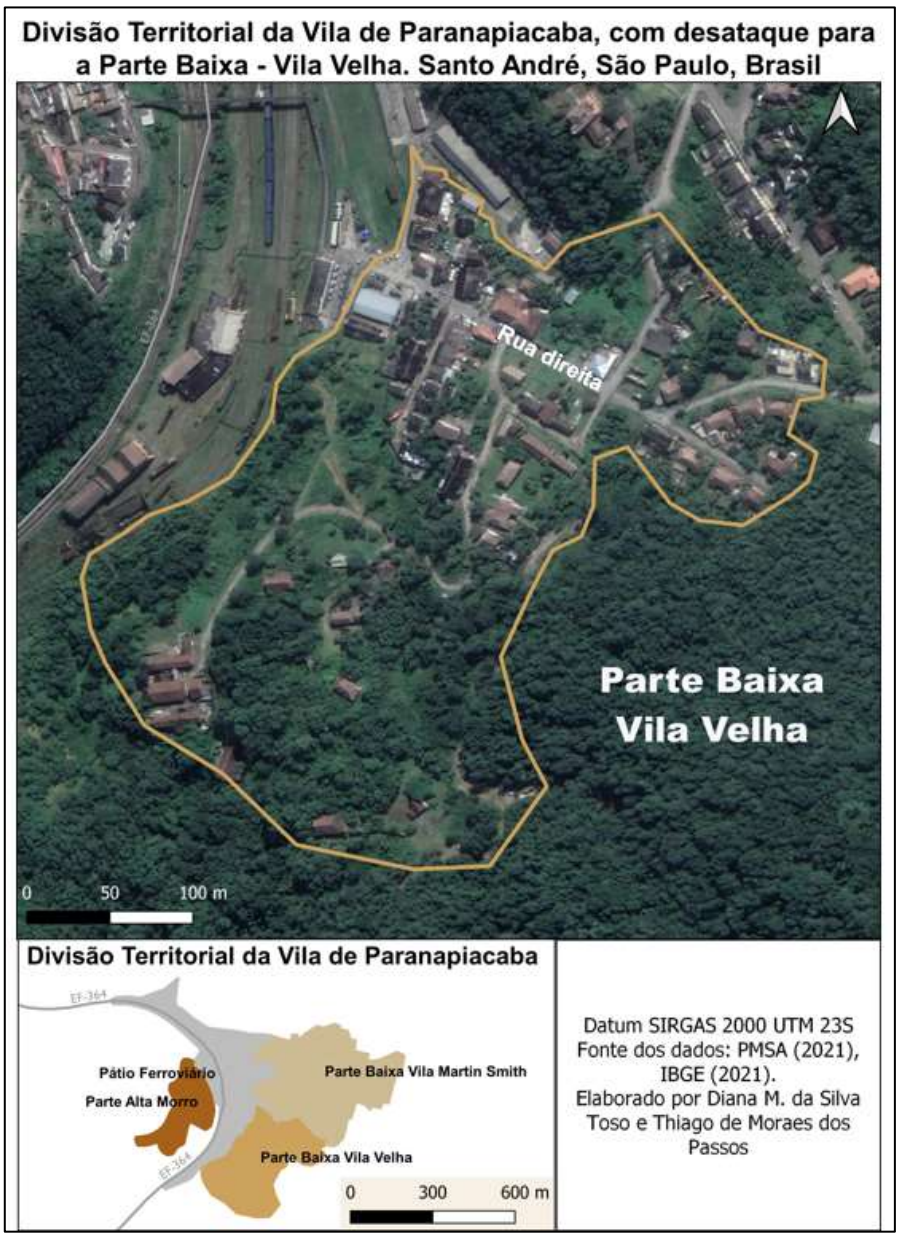
A condição estrutural do primeiro acampamento apresentava calçamentos precários, que dificultavam a circulação dos transeuntes. A distribuição das moradias na Vila Velha foi feita de forma desordenada, com um eixo principal (Rua Direita), que dá acesso aos depósitos e oficinas, sem arruamento (SANTOS, 1980).

> Neste trecho se observa uma forma de implantação aparentemente aleatória, disposta ao longo de uma rua principal denominada curiosamente de "rua direita", o antigo acesso principal à vila. Desta área também parte a rua que fazia ligação entre o pátio ferroviário e o hospital, implantado em local próximo, demonstrando a preocupação

> em oferecer os meios necessários à sobrevivência dos operários ali instalados (FINGER, 2012, p. 97).

A Vila Velha, por ser o primeiro núcleo de ocupação em Paranapiacaba, "é o lugar onde as residências mais se aproximam das oficinas e das casas de máquinas de empresas ferroviárias; sendo que algumas residências chegam a dar fundo de lote para as oficinas" (SANTOS, 1980, p. 19), fato esse ainda perceptível na paisagem (**Figura 8**).

Figura 8: Divisão territorial da Vila de Paranapiacaba, com destaque para a Parte Baixa – Vila Velha. Santo André, São Paulo



3.2.2 Morro, Parte Alta ou Vila dos aposentados

Os aposentados, por sua vez, tinham como prática adquirir imóveis na "Vila dos Portugueses" (atualmente conhecida como Parte Alta e/ou Vila dos Aposentados). A Parte Alta formou-se como núcleo urbano espontâneo que, no período da SPR, serviu como centro de comércio. Os seus proprietários eram, em sua maioria, imigrantes portugueses e italianos e, também, brasileiros.

> As companhias passaram então a adquirir glebas de terra próximas às linhas e loteá-las, estabelecendo o arruamento e construindo os edifícios conforme o número de postos de trabalho disponíveis no local e o perfil dos empregados que os preencheriam [...] e devido á importância adquirida pelas vilas e ao fato de concentrarem um grande número de habitantes, essas aglomerações acabaram por atrair outro tipo de moradores para as proximidades, como comerciantes e prestadores de serviço, que se instalaram próximos às estações e contribuíram para a formação de muitas das cidades situadas ao longo das linhas (FINGER, 2011, p. 79).

A Parte Alta, ou Morro, como também é denominada, contrasta com a Vila Inglesa, pois, sua Arquitetura e traçado urbano trazem as marcas de uma ocupação tipicamente portuguesa (PASSARELLI, 1989; SANTOS, 1980; MINAMI, 1996; CRUZ, 2007). Nas "ruas estreitas foram erguidas unidades de pequena frente, edificadas junto ao alinhamento, e, devido a acentuada declividade da área, foi necessária a execução de muitos cortes no terreno (**Foto 15**) (PASSARELLI, 1989, 12).

A ocupação da área do 'Morro' data de 1860, quando Bento Rodrigues da Silva, conhecido como o "Ponteiro", foi atraído pela notícia da construção da ferrovia pelos ingleses, construiu um rancho de pau-a-pique no morro, onde em 1989 se encontra a rua Rodrigues Quaresma (PASSARELLI, 1989).

As construções, em geral, surgiram com uso híbrido entre moradia e comércio, sendo este núcleo "o único centro de abastecimento da população" (SOUZA, 1990, p. 13). Em sua maioria, as casas são geminadas e, na maior parte, fazem frente ao pátio ferroviário (PASSARELLI, 1989), como podemos observar na **Foto 16**.

Foto 15: Parte Alta ou vila dos aposentados



Fonte: Autor (2014).

Santos (1980) define a parte alta como uma "área de espaço mais dinâmico e também a que mais se descaracteriza com o tempo" (SANTOS, 1980, p. 13).

Foto 16: Casas geminadas da Parte Alta



Fonte: Autor (2016).

Isso ocorre, em parte, pelo fato de a Parte Alta nunca ter pertencido à ferrovia. Diferente da Parte Baixa, a Parte Alta, desde o início teve liberdade construtiva e decorativa. As fachadas das casas são um bom exemplo, pois foram pintadas pelos próprios moradores (**Foto 17**), com "as cores que chamam a atenção de qualquer indivíduo que esteja passando por elas" (SANTOS, 1980, p. 13).

Foto 17: Exemplares da arquitetura da Parte Alta, Paranapiacaba, SP.



Fonte: Autor (2016).

É na Parte Alta que se encontra a igreja, até então, capela do Bom Jesus (**Foto 18**) e o cemitério (**Foto 19**). Os terrenos foram doados, na época, pelo próprio Bento Rodrigues da Silva, que também se incumbia de delimitar parcelas da gleba que a ele foram concedidas, na Parte Alta, sobretudo, para comerciantes. A ocupação da Parte Alta, ocorre concomitantemente com a inauguração da ferrovia em 1867 (PASSARELLI, 1989; SANTOS, 1980).

Contudo,

> Contrastando com a limpeza e a arrumação da Vila planejada dos ingleses, o Morro sofria de total falta de infraestrutura. Somente a capela e o Club Recreativo Flor da Serra possuíam luz elétrica, enquanto que o restante do Morro vivia às escuras [...] a maior parte das famílias aloja-se em verdadeiros cortiços, sem ar, sem luz, entre paredes a ressumar humidade. As casas escatelam-se umas sobre a outras, e as paredes meias comprometem a intimidade do lar (MARTIN apud PASSARELLI, 1989, p. 10)

Foto 18: Igreja Bom jesus de Paranapiacaba



Fonte: Prefeitura Municipal de Santo André (2022).

Foto 19: Cemitério localizado ao lado da Igreja Bom Jesus de Paranapiacaba



Fonte: Autor (2022).

Com o passar dos anos, ficou evidente a desigualdade de infraestrutura entre esses dois núcleos urbanos. As marcas da ação do tempo são mais perceptíveis no Sítio Histórico da Parte Alta da Vila de Paranapiacaba.

3.2.3 Vila Nova ou Martin Smith

Com a ampliação e sofisticação tecnológica da ferrovia, advinda da sua duplicação, "era preciso ampliar o número de trabalhadores que teriam diferentes funções no pátio, nas oficinas, nas máquinas, ou seja, em setores específicos da empresa" (SANTOS, 1980, p. 25). O local escolhido para construção do sítio urbano possuía declividade pouco acentuada, possibilitando a instalação de um complexo arquitetônico planejado.

A Vila Nova ou Vila Martin Smith foi construída para comportar a demanda de trabalhadores contratados para a manutenção da linha. Esse novo núcleo urbano era único para o período, com seu modelo de habitação, conhecido por "*factory town*" (vila operária). Tratava-se de aglomerados urbanos projetados e produzidos por indústrias pesadas na Europa e EUA (Model Company Town) como mineradoras e ferrovias, tendo como característica principal serem modelares. Ambos, a Vila Martin Smith e a "Model Company Town" eram de um mesmo agente gestor: "a single-enterprise" (MINAMI, 1996, p. 116)

> Como as operações ferroviárias demandavam precisão e pontualidade, as empresas logo perceberam que era necessário e até mesmo vantajoso investir na construção de residências próximas às linhas e pátios, pois anulando a necessidade de longos deslocamentos diários, garantiria a pontualidade e disponibilidade dos funcionários próximos aos seus postos de trabalho quase que de maneira ininterrupta (FINGER, 2011 p. 78).

Segundo Fingir (2009) uma das características dessas companhias – como a SPR – consistia em oferecer alojamentos para os funcionários, não todos, mas aqueles ligados às atividades técnicas especializadas e/ou consideradas imprescindíveis à manutenção e à operação de determinado trecho da linha. Para a autora, estes funcionários, geralmente, operavam em setores estratégicos como operação do maquinário e manutenção de linha "(maquinistas, foguistas, ajustadores, eletricistas, guardas e pessoal da estação), e nos grandes complexos também os engenheiros-chefes, mestres, contramestres e demais encarregados pelo preciso funcionamento do sistema" (FINGER, 2011 p. 78).

Elaborado na Inglaterra, o projeto urbanístico é um dos pioneiros no país. Ao se caminhar pela área da Vila Martin Smith percebe-se o 'desenho xadrez' que as ruas fazem, com linhas ortogonais, as ruas principais e as ruas secundárias se cruzam.

Apesar de haver certa variabilidade nos tipos arquitetônicos, salta-se no plano urbano ares de organização e padronização. Uma arquitetura datada do início do século XIX trouxe o tom conceitual, no que diz respeito ao sistema de abastecimento d'água, com água encanada e esgoto. As casas, em sua maioria, possuem recuo de frente, algo muito sofisticado para época. Cada casa possuía banheiros individuais e nas costas das casas instalaram vielas sanitárias.

Na **Figura 9** podemos observar os traçados ortogonais presente na Vila Martins Smith.

Figura 9: Planta da Vila Martin Smith



Fonte: Mazzoco e Santos (2005).

Ainda no tocante a arquitetura, as residências construídas eram, em sua maioria, de madeira pré-fabricada, com pinos oriundos do Norte da Europa, em sua maioria Pinho do Porto de Riga, Letônia, que hoje (2022) é comumente chamado pelos moradores como "Pinho de Riga". O madeiramento sobre alvenaria conta com suas paredes vedadas para

conforto térmico e proteção contra a umidade do ar característico da região serrana (SANTOS, 1990).

> As casas foram construídas utilizando geralmente o pinho europeu e recuadas em relação ao alinhamento da rua para formação de jardins. Dentro desse planejamento, a SPR desenvolveu um plano de uso e ocupação do solo, aliado a uma completa infraestrutura urbana e condições sanitárias" (CRUZ, 28).

A partir da implementação da Vila Martin Smith, Paranapiacaba começou a receber maior infraestrutura: escola, hospital, mercado; padaria; cinema; campo de futebol e o Clube Lira Serrano. Essa estratégia da empresa visava suprir as necessidades de primeira ordem do local e ofertar espaços recreativos.

Para Finger (2012), essa estratégia adotada pelas companhias objetivava amainar os ânimos dos operários e minar quaisquer inícios de organização trabalhista, que levassem a questionamento sobre as condições de trabalho.

> Além das edificações residenciais e equipamentos de primeira necessidade, como armazéns para abastecimento, escolas, hospitais e igrejas, é interessante notar a presença frequente de clubes associados às vilas. Nestes locais os funcionários se concentravam nos horários de folga, praticando esportes (como o futebol, trazido pelos ingleses que vieram construir as primeiras linhas). Estes espaços, assim como as praças, parques e clubes recreativos, **tinham como objetivo coibir hábitos considerados "nocivos" e que pudessem prejudicar o bom andamento das relações empresariais. Assim, se incentivava as ocupações "uteis", e de formas "saudáveis" de lazer, coibindo ajuntamentos considerados "suspeitos" e que pudessem interferir ou influenciar as relações sociais e a disciplina dos trabalhadores** (FINGER, 2012, p. 79-80, grifo nosso).

Outra característica marcante no padrão construtivo da Vila Martin Smith é a sua morfologia hierárquica. Segundo Passarelli (1989), as edificações da vila apresentavam "uma extrema hierarquia na forma de habitar que se expressa no tamanho da casa e do lote, na localização do banheiro, dentro ou fora da residência, definindo, assim, para cada padrão de edifício, uma categoria diferente de funcionário" (PASSARELLI, 1989, p.12).

Segundo Minami (1996) o conjunto urbano projetado para a vila formava um "sistema disciplinarmente organizado mediante técnica de aglomeração disposta hierarquicamente e conforme o arranjo que definia o desenho das habitações" (MINAMI, 1996, 117).

As casas da Vila Velha já apresentavam contornos de uma arquitetura Inglesa, mas esse novo modelo reforçava ainda mais o aspecto britânico em construção de madeira com moldes pré-fabricados. Há certa influência da revolução industrial inglesa ocorrida no século XIX nos traços arquitetônicos da Vila Martin Smith. O estilo vitoriano é notado nos detalhes pitorescos que destoam tanto do que comumente era apreciado no Brasil. As chaminés ornamentadas com orquidáceas e bromélias, colunas de ferro contrastando com o verde-musgo aderido à sua superfície; as mãos francesas, e as silhuetas dos telhados dão um tom inglês as formas, mas essa convergência entre a arquitetura inglesa fabril e os contornos e cores da ombrófila densa tornam essa experiência arquitetônica única (MINAMI, 1996).

Segundo Minami (1996) os ingleses, ao invés de adaptarem "às cores locais, ocorria o inverso: a paisagem natural é que incorporava o tipo de construção, dando como resultado características específicas ímpares, única encontrada no Brasil".

Além disso, as casas obedeciam ao um rígido padrão arquitetônico diferenciado por tipologias hierárquicas que iam desde alojamentos coletivos, casas de trabalhadores solteiros, residências para trabalhadores e suas famílias a casas com maior complexidade arquitetônica, onde o alto escalão da SPR residia.

Esta característica arquitetônica somava-se à disposição topológica das residências no relevo. As casas dos engenheiros, técnicos e encarregados localizam-se em pontos de maior altimetria do sítio urbano, enquanto as casas dos trabalhadores operários da SPR, localizavam-se nas proximidades com a ferrovia. Essa paisagem panóptica representava o forte caráter de divisão social do trabalho na Vila Martin Smith.

A despeito das diferenças entre as residências, a tese de doutorado de Cruz (2007) é uma referência nos estudos destas diferentes tipologias arquitetônicas da Vila Martin Smith. Segundo a autora, "este novo núcleo urbano teve um controle muito mais rígido em relação ao seu traçado, diferentemente do que ocorreu no início da implementação da vila velha. Para a vila Martin Smith foi adotada o traçado em xadrez" (CRUZ, 28).

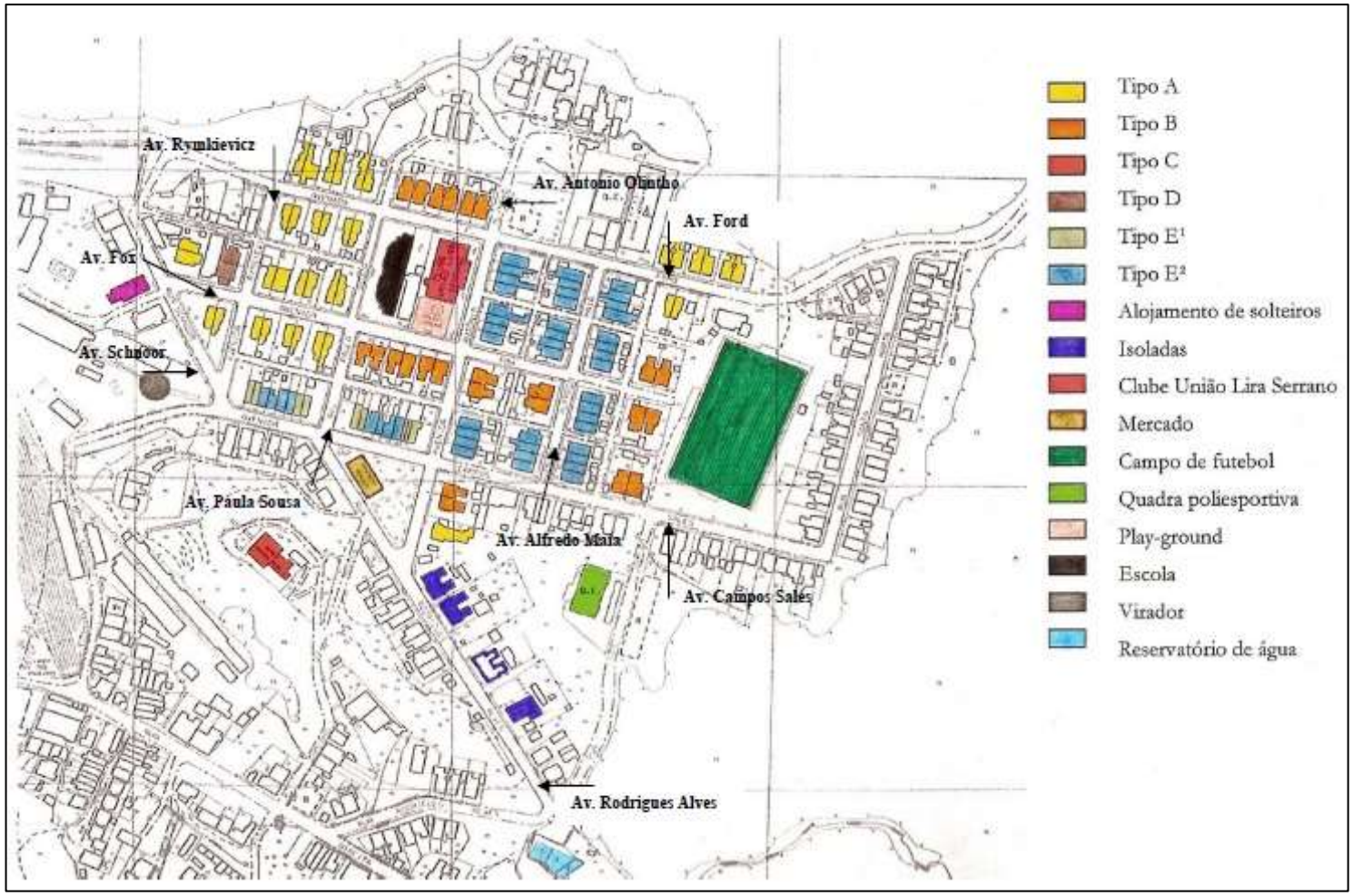
As tipologias na Vila Martin Smith distinguem-se em cinco categorias: A, B, C, D e E (**Figuras 10 e 11**).

Algumas residências, entretanto, não possuem classificação. É o caso, por exemplo, de casarões isolados do alto escalão e alguns barracões para funcionários solteiros (CRUZ, 2007).

Assim, as diferentes funções exercidas pelos funcionários da ferrovia, tais como "engenheiros, maquinistas, foguistas e ajudantes conviviam em um único espaço urbano, residindo, porém, em casas de projetos diferenciados" (PASSARELLI, 1989, p.12).

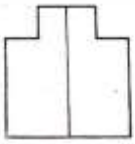
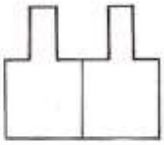
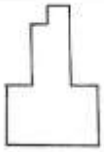
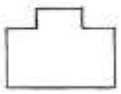
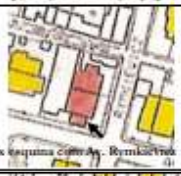
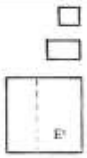
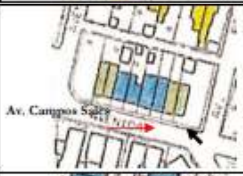
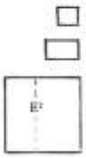
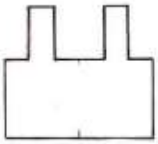
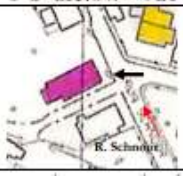
Abaixo, as tipologias de imóveis da Vila Martin Smith, Paranapiacaba (**figura 10**)

Figura 10: Disposição das residências por tipologia na Vila Martin Smith



Fonte: Prefeitura de Santo André, São Paulo (s.d.

Figura 11: Tipologias de imóveis da Vila Martin Smith, Paranapiacaba.

Tipos	Localização	Caracteristicas	Imagens
 A		Geminada com duas residências. Possuem quatro cômodos e banheiros externos. Este exemplar, a "Casa Fox", atualmente está aberta à visitação pública. Desta tipologia são encontradas dezenove grupos com duas unidades.	
 B		No total há 24 exemplares desta tipologia distribuídos pelas ruas da Vila. Abriga em seu interior seis cômodos, também com banheiros externos.	
 C		Tipologia única. Assobradada, abriga no total 22 cômodos, mais um sótão e adega sob piso da sala de jantar. Elevada e isolada das demais casas da vila, pertencia ao engenheiro chefe da ferrovia.	
 D		Primeira sede do Clube União Lira Serrano. Atualmente seu estado é precário.	
 E1		Geminação abrigando oito unidades. São residências extremamente simples compostas por apenas dois cômodos. Formam a quadra das Avenidas Rymkievicz, Paula Sousa e Campos Sales.	
 E2		Este conjunto é formado por quatro unidades geminadas possuindo quatro cômodos cada uma. Desta tipologia há dez grupos distribuídos pela Vila.	
 Isolada		Conhecidas também por 'duplo B', não possuem geminação. Maiores que as demais casas operárias, foram destinadas aos funcionários do alto escalão da SPR.	
 Alojamento		Construído sob pequenos pilotis de alvenaria. Possui entrada frontal acessando diretamente ao corredor central que leva aos quartos. Ao fundo encontram-se a cozinha e banheiros coletivos.	

Fonte: Cruz (2007).

Em 1946, a SPR foi encampada pela União. Em 1956, passou a ser administrada pela Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA). Esse foi um marco, pois finda aí a presença inglesa na Vila de Paranapiacaba. O período de 1946 a 1956 é apontado nas referências como marco do abandono pela RFFSA da Vila e da deterioração do patrimônio da ferrovia. Boa parte do acervo histórico/arqueológico da Vila de Paranapiacaba foi

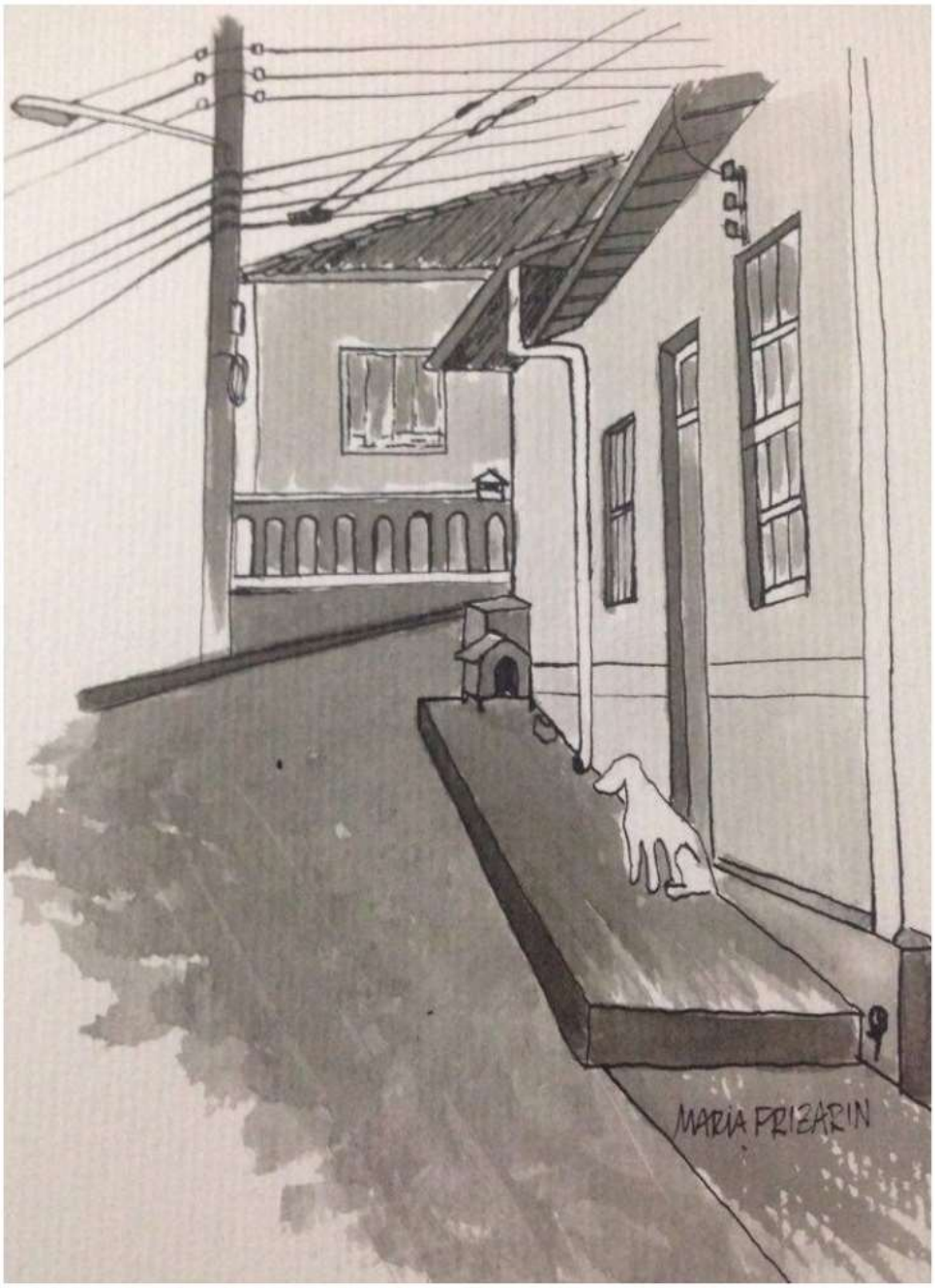
depredado nesse período, sendo descartado em áreas adjacentes às casas da vila (**Foto 20**).

Foto 20: Vista Panorâmica de Paranapiacaba



Fonte: Mori (2000).

A Vila Velha, a Vila Nova e a Parte Alta compõem o complexo sítio histórico de Paranapiacaba, que, do final do século XIX e início do século XX manteve o status de uma vila próspera. Com o tempo, ocorreram mudanças significativas na Vila de Paranapiacaba. Em 1907, foi criado o distrito de paz de Paranapiacaba (PASSARELLI, 1989; SANTOS, 1980). O início do século XX foi marcado por intensa atividade sociocultural que, segundo Passarelli (1989), perdurou até meados dos anos de 1940. Em 1934 foram introduzidas as primeiras "locomotivas de tração diesel-elétrica nos trechos do planalto e da baixada santista. Em 1944 foi iniciada a implantação do projeto de eletrificação de suas linhas no trecho de São Paulo a Jundiaí" (PASSARELLI, 1989, p. 16). Essas adequações tecnológicas foram um marco para época e refletiu na economia local (SANTOS, 1980).



CAPÍTULO 4: PATRIMONIALIZAÇÃO DA VILA DE PARANAPIACABA

4.1 Delineamentos

Paranapiacaba é considerada patrimônio ambiental, histórico, tecnológico e arquitetônico, tombada nos níveis Municipal, Estadual e Federal, respectivamente: Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico-Urbanístico e Paisagístico de Santo André, SP (COMDEPHAAPASA) em 2003; Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) em 1987 e Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), em 2008.

A Vila de Paranapiacaba conta com o Parque das Nascentes; Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba; Parque Estadual da Serra do Mar e Reserva da Biosfera. Em 2014, a Vila de Paranapiacaba foi indicada para pertencer ao Patrimônio Mundial da UNESCO. Ao mesmo tempo, iniciaram-se as obras de restauro dos bens imóveis da Vila, em 2013, com recursos provenientes do Programa de Aceleração do Crescimento – Cidades Históricas (PAC – CH). Entre 2013 e 2014 a Vila iniciou as obras de restauro com recursos provenientes do Programa de Aceleração do Crescimento – Cidades Históricas (PAC – CH) e concomitante foi indicada para pertencer ao Patrimônio Mundial da UNESCO (PASSOS, 2016; PASSOS, FACCIO, 2017).

A cronologia dos processos de tombamento e de institucionalização do patrimônio cultural e natural da Vila de Paranapiacaba e entorno pode ser observada na **Figura 12**.

Dado esse mosaico cultural, histórico e natural, com grande diversidade e apelo cênico, a vila e seu entorno passaram por um processo de patrimonialização único e que ainda está em curso - marcado pelas sobreposições dos processos de tombamento em várias instâncias e em diferentes épocas e por distintos órgãos de proteção do patrimônio cultural e ambiental. Ainda se verifica na Vila a articulação de diversos sujeitos ao longo do tempo, com grande mobilização da população e de outras instituições no intuito de preservar o sítio histórico.

Haja vista o evidente potencial econômico da região, seja pelos recursos naturais, pelo potencial turístico ou pela localização privilegiada, há também aqueles que tencionam o frágil equilíbrio entre “preservação” e “exploração”.

Figura 12: Cronologia dos processos de tombamento e institucionalização do patrimônio cultural e natural da Vila de Paranapiacaba e entorno.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Observa-se na história de Paranapiacaba que a década de 1980 é um marco temporal das manifestações em defesa do patrimônio cultural e ambiental do contexto da Vila de Paranapiacaba. Pode-se dizer que é o início da institucionalização de uma paisagem complexa que, antagonicamente, carrega os marcos culturais do desenvolvimento industrial e urbano do Estado de São Paulo, contudo, assenta-se em um rico e frágil fragmento de Mata Atlântica (Ombrófila Densa Atlântica).

Esta relação sempre esteve no limiar, pois a ferrovia foi um dos mais importantes modais de transporte e trouxe, por demanda, toda uma infraestrutura que foi incialmente instalada no sopé da Serra, na embocadura do vale do rio Mogi, muito pelo facilitado deslocamento de seus produtos e suprimento de suas necessidades industriais.

A implantação de um polo petroquímico na Cidade de Cubatão - exemplo de obra que afetou a Vila de Paranapiacaba e seu entorno - foi um dos maiores impactos socioambientais da década de 1980 no Brasil.

A Organização das Nações Unidas (ONU) na época chegou a considerar a cidade de Cubatão como uma das cidades mais poluídas do Mundo, ganhando a alcunha de “vale da morte”, com índices elevados de contaminação atmosférica e chuvas acidas que levaram à contaminação de inúmeras pessoas (ONU, 1980).

Essa contextualização faz-se mister para compreendermos que: a) o abandono generalizado das ferrovias brasileiras; b) o desinteresse por parte da RFFSA pelas estruturas industriais e arquitetônicas da SPR nos antigos patamares – que teve por consequência grande perda do patrimônio ferroviário; c) o avanço nocivo da indústria petroquímica para a região e altos índices de degradação ambiental e poluição

atmosférica, impulsionaram a mobilização da população e dos órgãos de proteção ambiental e cultural do Estado de São Paulo.

Foto 21: Trecho da serra do mar com perda de vegetação devido a contaminação atmosférica e chuvas ácidas que ocorreram na década de 1980.



Fonte: PMSA (1996)

Datado de 1985, o primeiro tombamento do entorno da Vila de Paranapiacaba, foi o da Serra do Mar, cuja Resolução 40, de 06/06/1985, inscrita no "Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e paisagístico: inscrição número 16 305, 08/09/1986" instituíu a Serra do Mar e a Serra de Paranapiacaba[69] por reconhecimento de seu valor geológico, geomorfológico, hidrológico e paisagístico (CONDEPHAAT, 2021).

Acerca desse processo, vale ressaltar a importância da atuação de Ab'Saber, que estava à frente do conselho CONDEPHAAT, no início da década de 1980. O processo delongou duas décadas antes de ser retomado pelo geógrafo (SCIFFONI, 2020).

> Frente à presidência do Condephaat, Ab'Saber ficou apenas alguns meses, o que lhe impediu de acompanhar a continuidade do processo. Na sequência, em 1984 iniciaram-se os estudos visando a delimitação da poligonal de tombamento que incluiu entre os limites o Parque Estadual da Serra do Mar, trechos de planície arenosas, mangues, praias, esporões, morros isolados e ilhas, grosso modo acompanhando

[69] Apesar de possuir nome homônimo à da Vila, a serra de Paranapiacaba localiza-se a sudeste do Estado de São Paulo.

> a cota altimétrica de 40 metros. Também naquele momento foi estabelecido um conjunto de 16 diretrizes gerais para a área tombada. Levada a proposta ao conselho, em abril de 1985, aprovou-se o tombamento definitivo, com a delimitação proposta pela equipe técnica, o que levou Ab'Saber a tecer críticas contundentes em artigo publicado na Revista do Patrimônio Histórico do Iphan. A divergência dizia respeito à concepção do desenho da área tombada, que, para ele, não deveria ter tomado como base os limites institucionais dos parques (SCIFOONI, 2020, p. 23).

Z1, moradora e uma das lideranças da Vila de Paranapiacaba e membro do conselho do CONDEPHAAPASA, relatou-nos que "na década de 80 havia um processo violento de destruição da Vila de Paranapiacaba". Na época, ela e um grupo de moradores auxiliados por pesquisadores e poder público se mobilizaram para dar encaminhamento ao pedido de Tombamento pelo CONDEPHAAT.

Continua: "Conheci o Professor Aziz, ele vivia por aqui... ele, o professor Minami[70] e o Julio Ab[71], junto com alguns moradores nos articulamos para que fosse possível o tombamento". Estas pessoas destacadas na fala de Z1 compunham um grupo denominado "SOS Paranapiacaba".

Para Ab'Saber (1977) a tomada de decisão para um tombamento é um ato de "discernimento cultural, que procura atender às reclamações de muitas vozes e de muitas gerações. Como tal, é um ato de inteligência e de coragem coletiva. Trata-se de uma estratégia trans-ideológica, destinada a ter permanência e validade histórica" (AB'SABER, 1977, p. 11). Esse discernimento sobre a importância e alcance de um processo de tombamento horizontal e dialógico com a sociedade foi de suma importância para os desdobramentos de décadas de políticas de proteção da vila de Paranapiacaba e seu entorno.

Segundo o Ab'Saber (1977), o que assegura a implementação de um tombamento é o tipo de tratamento dado ao objetivo da preservação. Este deve ser reconhecido por toda "uma geração de intelectuais, cientistas e líderes culturais. E por todos aqueles que opinaram na abordagem dos diferentes ângulos envolvidos nas querelas sobre os espaços a ser protegido por força de lei" (AB'SABER, 1977, p. 11).

Dentro do perímetro da área tombada do Parque Estadual da Serra do Mar há 46 municípios, que possuem parques, reservas e áreas de proteção ambiental. Destes,

[70] Professor Doutor do Curso de Graduação e Pós-Graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo FAUUSP

[71] Júlio Abe Wakahara foi arquiteto e urbanista, museólogo, fotógrafo e artista plástico

destaca-se Município de Santo André, Cubatão, Mogi das Cruzes e Rio Grande da Serra, que possuem a área florestada e compreendem área de influência do Sítio histórico da Vila de Paranapiacaba (CONDEPHAAT, 2021).

A Vila de Paranapiacaba, estando localizada no vale de feições escarpadas da Serra do Mar beneficiou-se muito com o tombamento. Isto porque, a Vila encontra-se em área de grande fragilidade ambiental, estando rodeada por encostas íngremes e por ser subjugada ao rigor pluviométrico da região.

Parte da engenharia ferroviária deu-se nas encostas escarpadas de alta declividade cuja instalação impactou severamente a vegetação com alto índice de desmatamento. Também, com a instalação da Vila de Paranapiacaba – principalmente a Martin Smith – os engenheiros instalaram um complexo sistema de abastecimento d'água, com base na declividade e sistema de contenção de velocidade por quebras do ângulo das valetas (**Foto 22, 23 e 24**) e sistema de dutos no subsolo. A própria construção das residências se valeu em boa parte de árvores nativas da Mata (Peroba e Aroeira, por exemplo) – somando-se as madeiras de Pinho-de-Riga importados.

Foto 22 e Foto 23: Sistema de abastecimento por gravidade SPR



Fonte: Pereira et all (2016).

Instituída a área de preservação na década de 1980, freou-se consideravelmente os impactos ambientais, evitando assim uma exposição maior da Vila aos eventos estremos de movimento de massa e de erosão.

Foto 24: Sistema de abastecimento por gravidade SPR



Fonte: Pereira et all (2016).

Outrossim, a vegetação constitui-se como elemento fundamental para a "atmosfera" única da Vila, que compartilha dos testemunhos ambientais, incorporando-os, em certa medida a sua composição arquitetônica vitoriana.

4.2 Tombamento do CONDEPHAAT

Quando a Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA) incorporou os bens da extinta SPR, em 1957, a ferrovia passava a ser denominada como Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. O projeto brasileiro de rodovias já estava em andamento. A RFFSA, claramente, não tinha interesse nas residências da vila, focando sua atenção na estrutura do pátio ferroviário (PASSARELLI, 1989; MORETTO NETO, 2005; ALAMINO, 2011).

O cenário de descaso e de abandono com o transporte ferroviário em favor dos investimentos rodoviários – marco governamental do Presidente Juscelino – sempre teve contornos contraditórios com a realidade, pois, com os avanços econômicos do período e o crescente investimento rodoviário, foi necessário a instalação de um novo Sistema Ferroviário, por sobre o traçado da Serra Velha. Os primeiros levantamentos para essa

empreitada iniciaram-se em 1960 com a construção do Sistema cremalheira-aderência[72], inaugurada em 1974 (ALAMINO, 2011, MINAMI, 1996).

Destaca-se a década de 1970, quando, nas palavras de Passarelli (1989), a Vila "sofre o golpe fatal. Pressionada a atender à crescente demanda de transporte de carga das indústrias instaladas ao longo da linha férrea, a Rede Ferroviária inaugurou em 1974 um novo sistema de transposição da Serra do Mar" (PASSARELLI, 1989, p. 19).

Essas mudanças, advindas da modernização do transporte, vieram a provocar a "desativação parcial do Sistema Funicular da Serra Nova, que passou a operar com dois trens diários para passageiros. Com isso, muitos dos antigos funcionários da estrada de ferro foram dispensados ou aposentados e a Parte Baixa recebeu novos moradores" (PASSARELLI, 1989, p. 20).

> No ano de 1981, a serra Nova foi finalmente desativada. As inúmeras residências do trecho da Serra foram demolidas e a antiga estação sofreu um incêndio, de causas até hoje não esclarecidas. Dos tempos antigos, restou apenas o famoso relógio, transferido para a nova plataforma dos trens suburbanos em 1979 [...] algumas unidades da via férrea e ao início da descida da serra também foram demolidas para dar lugar ao pátio de manobras de maiores proporções e para subestação de energia elétrica que passou a alimentar a vila e o novo sistema de cremalheira (PASSARELLI, 1989, p. 20, grifo nosso).

Outro marco a salientar, refere-se a um processo de demissões compulsórias dos antigos trabalhadores da SPR ocorrido neste período. A história ferroviária – que compreendemos como história operária, ligada ao período de concessão inglesa – esfacelava-se. Inúmeros trabalhadores que habitavam a Vila tiveram que deixar suas casas em busca de novas oportunidades, haja vista que, com o recém-inaugurado Sistema Cremalheira-aderência, a RFFSA volta-se completamente para o transporte de mercadorias para exportação. Essa mudança de prioridade viria a culminar na extinção completa do transporte de passageiros na Vila. Seus moradores presenciaram, pouco a pouco, a Vila Ferroviária deixar de possuir trem de transporte humano (PASSARELLI, 1986; ALAMINO 2011).

Esse quadro, que perdurou durante quase duas décadas, chamou a atenção de indivíduos e de órgãos que tinham interesse na preservação do patrimônio ferroviário. Os

[72] A cremalheira-aderência foi construída com tecnologia japonesa. Trata-se de um sistema de tração, parecido com as operações de escadas rolantes, engrenagens que se juntam e se ajustam às locomotivas, que, além de rodas convencionais, possuem uma terceira roda dentada, no meio da composição, que se ajusta à cremalheira (MINAMI, 2003).

autores referem-se à década de 1970 como o marco das ações que viriam a culminar nos futuros processos de tombamento (PASSARELLI, 1989).

Essas ações iniciaram-se, com maior vigor em 1977, quando o então vereador de Santo André, José Mendes Botelho, articulou-se com o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAT) para iniciar o processo de tombamento da Vila de Paranapiacaba, atendendo ao apelo dos moradores e das entidades envolvidas com Paranapiacaba no nível estadual. O tombamento da Vila de Paranapiacaba ocorreu uma década depois dos primeiros esforços, por meio da Resolução 37, de 30 de setembro de 1987 (PASSARELLI, 1989).

Na década de "1980, divulgou-se, na imprensa, uma série de denúncias sobre os efeitos da poluição do polo petroquímico de Cubatão sobre a reserva biológica de Paranapiacaba" (PASSARELLI, 1989, p. 21). Iniciava-se, concomitantemente, um movimento 'Pró-Paranapiacaba', que culminaria com a organização de moradores e de simpatizantes na luta pela preservação da Vila. Esse movimento embrionário viria a ser fundamental nos processos de preservação da Vila junto aos órgãos de proteção do patrimônio.

Sobre as ações precedentes do processo de tombamento da vila pelo CONDEPHAAT podemos destacar a formação de uma comissão organizada para debater as questões atinentes à preservação dos bens herdados da SPR, em 1982. A comissão, posteriormente denominada "Movimento Pró-Paranapiacaba", visava encontrar alternativas de preservação para os bens da ferrovia, uma vez que a RFFSA vinha deflagrando um processo de demolição por entre os patamares da Serra, que, caso não fosse interrompido, inevitavelmente alcançaria as casas da Vila (PASSARELLI, 1989).

O Movimento Pró-Paranapiacaba teve atuação basilar nesse período de fragilidade em que se encontrava o patrimônio ferroviário da Santos-Jundiaí. Em 1983, houve outro ponto importante para barrar a depredação de Paranapiacaba. Ocorreu, nesse ano, o primeiro simpósio Pró-Paranapiacaba, que objetivou construir uma proposta de preservação da Vila e de formas de utilização do seu potencial turístico (PASSARELLI, 1989). É salutar frisar que, desde os primórdios das discussões sobre o destino da Vila de Paranapiacaba, sempre esteve presente o ideário de potência turística.

Segundo Passarrelli (1989), em resposta a esse primeiro encontro, a Prefeitura Municipal de Santo André declarou a Vila e seu entorno como uma área de proteção ambiental e de interesse de preservação por meio da portaria número 1730, de setembro

de 1983 (PASSARELLI, 1989; PMSA, 2015). Em 1985, ocorreu o segundo Encontro do Movimento Pró-Paranapiacaba, que culminou na publicação da Portaria 312, de 30 de maio de 1985, ligada à pasta do Ministério de Transportes. Essa portaria destaca a importância da preservação do Sistema Funicular, especificamente do quarto e quintos patamares da serra (PASSARELLI, 1989). Sabe-se que,

> junto à necessidade do Ministério do Transporte, veio a determinação de restauro do trecho da Serra Nova entre o 4º e 5º patamares e de seis edifícios de uso comum: o castelinho, o Lira, o Mercado, a Pensão dos solteiros, a Delegacia e o SENAI (PASSARELLI, 1989, p. 24 grifo nosso).

Contudo, os esforços não foram suficientes para assegurar o que, provavelmente, seria um ponto estratégico na luta pela preservação dos imóveis, que consistia na sua aquisição pelos moradores. Em meados de 1985, a RFFSA, alegando a falta de um plano de proteção eficiente, suspendeu as vendas daqueles imóveis para os habitantes da Vila (PASSARELLI, 1989).

Muitos ferroviários, moradores da Vila se ressentiram com esse episódio, pois tinham esperança de aquisição ativa dos bens imóveis da Parte baixa, fato que nunca se concretizou, sendo reforçada essa posição, principalmente, depois da aquisição dos imóveis pela PMSA.

SD[73], bem como outros ex-ferroviários da extinta RFFSA, descrevem com pesar os caminhos que a ferrovia tomou:

> [sic] me deram uma casa eu acabei mudando pra cá e ficando. Gosto de Paranapiacaba, não nego, gosto. Eu sou apaixonado por esse cinturão verde que ela tem. Gosto das estruturas. Gosto de muita coisa. Só não gosto das mentiras. Das falsidades e dos governantes... mas, infelizmente a gente tem que engolir sapo, porque a população põem. Não é a gente que põem, se fosse só uma pessoa que colocasse eles não estariam aqui. E por direito eu teria... a casa seria minha, por que a ferrovia sempre colocou nos documentos que se eu mantivesse em

[73] Homem, branco, 63 anos, ferroviário aposentado e residente da Vila Velha, Paranapiacaba. Iniciou suas atividades na ferrovia na década de 70. "[sic] nasci 29 de abril de 1954 e registrado em 1 maio de 1954. Até os 20 anos morei na zona norte de são Paulo. Fui nascido e criado lá. Aí eu fui fazer um serviço e entrei na ferrovia. Fui trabalhar em Mogi das Cruzes e eu sou montador de estrutura metálica, não só montador, como pintor também. Eu acabei vindo para Paranapiacaba para fazer um serviço, eu não vim para ficar em definitivo. Eu vim para fazer um serviço. Quando acabei estava tudo pronto para ir embora. O engenheiro me chamou e disse que eu iria ficar aqui. Perguntei a ele o por que de eu ter que ficar aqui e ele me disse que "já havia feito a transferência". - Mas como se eu não pedi a transferência? "não eu pedi porque vai ficar mais fácil pra você e vai ficar mais melhor pra gente" – pra ele sim, porque eu fui trabalhar na serra, nos viaduto da serra, trabalhamos no viaduto nos tuneis da serra...

> ordem meus pagamentos eu teria direito de compra da casa, e não tive esse direito por que a ferrovia por baixo dos panos vendeu pro Celso Daniel (SD, 2016).

Essas questões foram reavivadas pela Lei nº 9.636, de 15 de maio de 1998[74] e, posteriormente pela Lei nº 11.483, de 2007, que em seu Artigo 12 dispõe: "ocupantes de baixa renda dos imóveis não-operacionais residenciais oriundos da extinta RFFSA cuja ocupação seja comprovadamente anterior a 6 de abril de 2005 é assegurado o direito à aquisição por venda direta do imóvel" (BRASIL, 2007).

Nesse interim, um turbilhão de pautas e interesses se sobrepunham. Colocando os diversos sujeitos em conflitos de interesses. Todavia, o andamento do tombamento estadual seguia:

> No ano seguinte, como proposta do então presidente do CONDEPHAAT, Dr. Modesto Carvalhosa, a elaboração do plano foi encaminhada para a EMPLASA que, para tanto, reuniu todo o material já desenvolvido pela comissão Especial Pró - Paranapiacaba dando, assim, continuidade aos trabalhos [...]. Em 30 de setembro de 1986, em comemoração ao dia do ferroviário, a Rede Ferroviária entregou ao público o sistema ferroviário entre o 4º e o 5º patamares e o castelinho, que passou a abrigar o centro de preservação da história de Paranapiacaba. Ambos os equipamentos, recuperados com a orientação do Programa PRESERVE passaram a ser operados pela A.B.P.F. (PASSARELLI, 1989, p. 25).

A atenção dos meios de comunicação, dos especialistas e dos técnicos ligados aos órgãos competentes e da sociedade civil, naquele período, engendrou todas as demais ações que fazem com que a Vila, hoje, seja protagonista no que diz respeito à complexa e burocrática tarefa de gestão do patrimônio cultural. As obras recentes de revitalização e o tombamento do CONDEPHAAT não foram suficientes para dar seguimento orgânico aos projetos organizados naquele momento. Para Passarelli (1989):

> O tombamento da vila e seu entorno foi bastante festejado devido a possibilidade de se utilizar os recursos da Lei Federal 7505 – Lei Sarney

[74] Principalmente o Art. 26. onde consta: que "em se tratando de projeto de caráter social para fins de moradia, a venda do domínio pleno ou útil observará os critérios de habilitação e renda familiar fixados em regulamento, podendo o pagamento ser efetivado mediante um sinal de, no mínimo, 5% (cinco por cento) do valor da avaliação, permitido o seu parcelamento em até 2 (duas) vezes e do saldo em até 300 (trezentas) prestações mensais e consecutivas, observando-se, como mínimo, a quantia correspondente a 30% (trinta por cento) do valor do salário mínimo vigente (Brasil, 1998). Essa lei essa que foi atualizada pela Lei n. 11.483, de 2007.

> – para restauração da vila, no entanto, o Plano de Preservação e Revitalização da Vila apresentava, apenas, diretrizes gerais de atuação em toda a área, era necessário, ainda, ser realizado todo o detalhamento do Plano para sua implantação. Ao mesmo tempo, a comissão especial não conseguiu reunir todos os seus membros para o detalhamento do plano (PASSARELLI, 1989, p. 25).

O tombamento efetuado pelo CONDEPHAAT[75] foi antecedido pela implementação da Resolução 40/85, referente à lei que tombou a Serra do Mar de Paranapiacaba e o Parque Estadual da Serra do Mar (CONDEPHAAT, 2016). A compreensão a que o CONDEPHAAT chegou, foi a de que a Vila de Paranapiacaba possui elementos inerentes à ação humana, que são indissociavelmente integrados ao ambiente biótico do entorno, construindo-se em alvo de um tombamento pertinente e avançado para a época (ALAMINO, 2011).

> No Brasil, foi somente a partir da segunda metade do século XIX que se iniciou a implantação da maior parte das estradas de ferro, construídas basicamente com recursos ingleses. Paranapiacaba é um núcleo com características urbanísticas e arquitetônicas peculiares, marcadas por influências inglesas. A Parte Alta de Paranapiacaba, tão antiga quanto o núcleo ferroviário, se desenvolveu, ao longo do tempo, prestando serviços à população local, configurando-se como um exemplo de implantação autônoma em contraposição à parte baixa, residencial, destinada aos funcionários da ferrovia. **O tombamento incluiu, além da Vila Ferroviária, a Parte Alta, ferrovia e acervo, paisagem envoltória, representativa do conjunto serrano da Serra do Mar,** onde se encontram as bacias de drenagem formadoras do Rio Mogi e Rio Grande da Serra ou Jurubatuba, além das cabeceiras que abastecem o núcleo urbano. A área tombada situa-se entre as coordenadas UTM 7.372,00-7368,00 km N e 363,00-370,00 km E. (CONDEPHAAT, 2016, grifo nosso).

Alamino (2011) escreve que "a base do tombamento foram as recomendações do Conselho da Europa[76] que se orienta a partir do conceito de paisagem cultural" (ALAMINO, 2011, p. 5).

De fato, a recomendação do Conselho da Europa, em seu anexo número R (91) 13, elenca cinco princípios para a salvaguarda e valorização do patrimônio arquitetônico

[75] Livro do Tombo Histórico: inscrição nº 276, p. 71, 18/07/1988.
[76] O objetivo do Conselho da Europa é o de realizar uma união entre os estados membros para salvaguardar e promover as ideias e princípios baseados no respeito dos direitos das pessoas, da democracia e dos Estados de direito, que constituem o seu patrimônio comum (IPHAN, 2016).

do século XX: I identificação do patrimônio; II proteção de elementos mais significantes do patrimônio; III gestão e conservação do patrimônio; IV sensibilização dos responsáveis da administração e do público e V perspectiva de uma indispensável cooperação europeia (CONSELHO DA EUROPA, 1991).

O segundo princípio coloca:

> a necessidade de conceder estatuto de proteção, não apenas às obras dos criadores mais reputados de um período ou estilo arquitetônico, mas também aos testemunhos menos conhecidos, mas representativos da arquitetura e da história de um determinado período; – a importância de incluir, entre os fatores de seleção, quer os aspectos estéticos, quer a contribuição das obras no âmbito da história das técnicas construtivas e o desenvolvimento dos aspectos políticos, culturais, económicos e sociais; – **o indispensável alargamento da proteção ao conjunto das componentes do meio envolvente construído, englobando, não apenas as construções independentes, mas também as estruturas produzidas em série, nomeadamente, loteamentos, grandes conjuntos edificados e cidades novas, bem como os espaços e arranjos em áreas públicas**; – a necessidade de estender a proteção às decorações exteriores e interiores bem como aos equipamentos e mobiliário concebidos em simultâneo com a arquitetura e conferindo significado à criação arquitetônica (CONSELHO DA EUROPA, 1991, p. 2, grifo nosso).

Segundo a Resolução SC-37, de 30/9/1987 da Secretária de Cultura, nos termos do Art. 1º do Decreto-Lei 149, de 15 de agosto de 1969 e do Decreto 13. 526 de 16 de março de 1979, Artigo 1º executa-se o tombamento da Vila de Paranapiacaba como "bem cultural de interesse histórico, arquitetônico-urbanístico, ambiental e tecnológico, a área abrangida pelo perímetro descrito no artigo subsequente, localizada no município de Santo André" (CONDEPHAAT, 2021, p.1).

Com relação a Parte Baixa, o conselho, no artigo I do tombamento, justifica o tombamento por tratar-se de um conjunto urbanístico de característica singular de "núcleo urbano planejado com uso especializado - vila ferroviária - composto por edificações em sua grande maioria construídas com madeira e com características arquitetônicas de influência europeia" (CONDEPHAAT, 2021, p.1).

A Parte Alta, por sua vez representaria, segundo consta no artigo II, um caráter histórico e social complementar a Parte Baixa.

O inciso II frisa o caráter contemporâneo da parte alta à vila ferroviária, legando valor a ocupação urbana, mesmo que espontânea, por suas "características arquitetônico

"urbanística" oriundas da tradição luso-brasileira associadas aos empregados de material e técnica construtiva adotados pelos ingleses em Paranapiacaba" (CONDEPHAAT, 2021, p.1).

Como veremos, o Tombamento federal não contemplou a Parte Alta, mesmo tendo como base o tombamento estadual como antecessor. Ainda referindo-se ao tombamento da Parte Alta, "destaca-se, desde seus primórdios, como área concentradora das atividades comerciais de abastecimento da população local, constituindo, portanto, parte integrante universo urbano instalado no alto da Serra do Mar" (CONDEPHAAT, 1987, p. 1).

O tombamento do CONDEPHAAT contemplou todo o conjunto "ferroviário da antiga São Paulo Railway CO. - edifício e equipamentos férreos existente em Paranapiacaba" (CONDEPHAAT, 1987, p. 1).

A Alínea "a" faz referência as estruturas de referência à arquitetura ferroviária do Estado de São Paulo, tais como a "estação ferroviária, galpões, depósitos, oficinas e demais instalações ferroviárias que compõem um conjunto representativo da arquitetura ferroviária em São Paulo" (CONDEPHAAT, 1987, p. 1). O Tombamento Estadual contempla "Edifício e equipamentos remanescentes dos planos inclinados da serra velha, primeiro sistema funicular empregado para transpor a serra do mar, em operação no período de 1861-1974" (CONDEPHAAT, 1987, p. 1 grifo nosso).

Outrossim, como referenciada alínea "c" do inciso IV, está acautelado, também o trecho correspondente ao último plano inclinado da "serra nova" entre o 4º e 5º patamares, do segundo sistema funicular inaugurado em 1896, um dos únicos exemplares remanescentes, no mundo, desse complexo mecanismo utilizado pelos meios de transportes em regiões serranas (CONDEPHAAT, 1987).

O edifício "5º Machina – novos planos inclinados", localizado no 5º patamar do segundo sistema funicular opera como Museu tecnológico funicular. O tombamento supracitado contemplou não só a edificação, bem como outros bens, como o próprio sistema de tração das máquinas fixas.

A área natural de entorno, referida no inciso III, faz divisa em alguns trechos com o Parque Estadual da Serra do Mar,

> Reserva natural que representa parcela do conjunto da Serra do Mar, onde se encontram as bacias de drenagem formadoras do Rio Mogi do Rio Grande da Serra ou Jurubatuba, além das cabeceiras com nichos de nascentes que abastecem o núcleo urbano de Paranapiacaba. A

> vegetação que reveste o solo da área é composta principalmente por estratos arbóreos em estágio avançado de recuperação, sub-bosque arbustivo e grande número de espécies nos estratos inferiores, configurando-se como área formadora de ecossistemas propiciadores e mantenedores da fauna local e, também como importante fator na proteção do solo. As condições geomorfológicas da área são delicadas, constituindo-se de elevadas atitudes topográficas, declividades de moderadas a altas, com lançantes de vertentes extensas e altas amplitudes topográficas. A presença de áreas escarpadas na sua porção SE e NE e na NW forma o conjunto vulnerável e bastante frágil, se houver, desmatamentos ou um tipo de ocupação antrópica incompatível com esta ambiência (CONDEPHAAT, 1987).

O Artigo 2 descreve o polígono do tombamento em cinco pontos:

P1: uma área de topo de 884 m que coincide com um trecho do Parque Estadual da Serra do Mar. Segue, em direção NNE, cruzando a via férrea e o Vale do Rio Grande, numa linha reta aproximadamente 1400 metros;

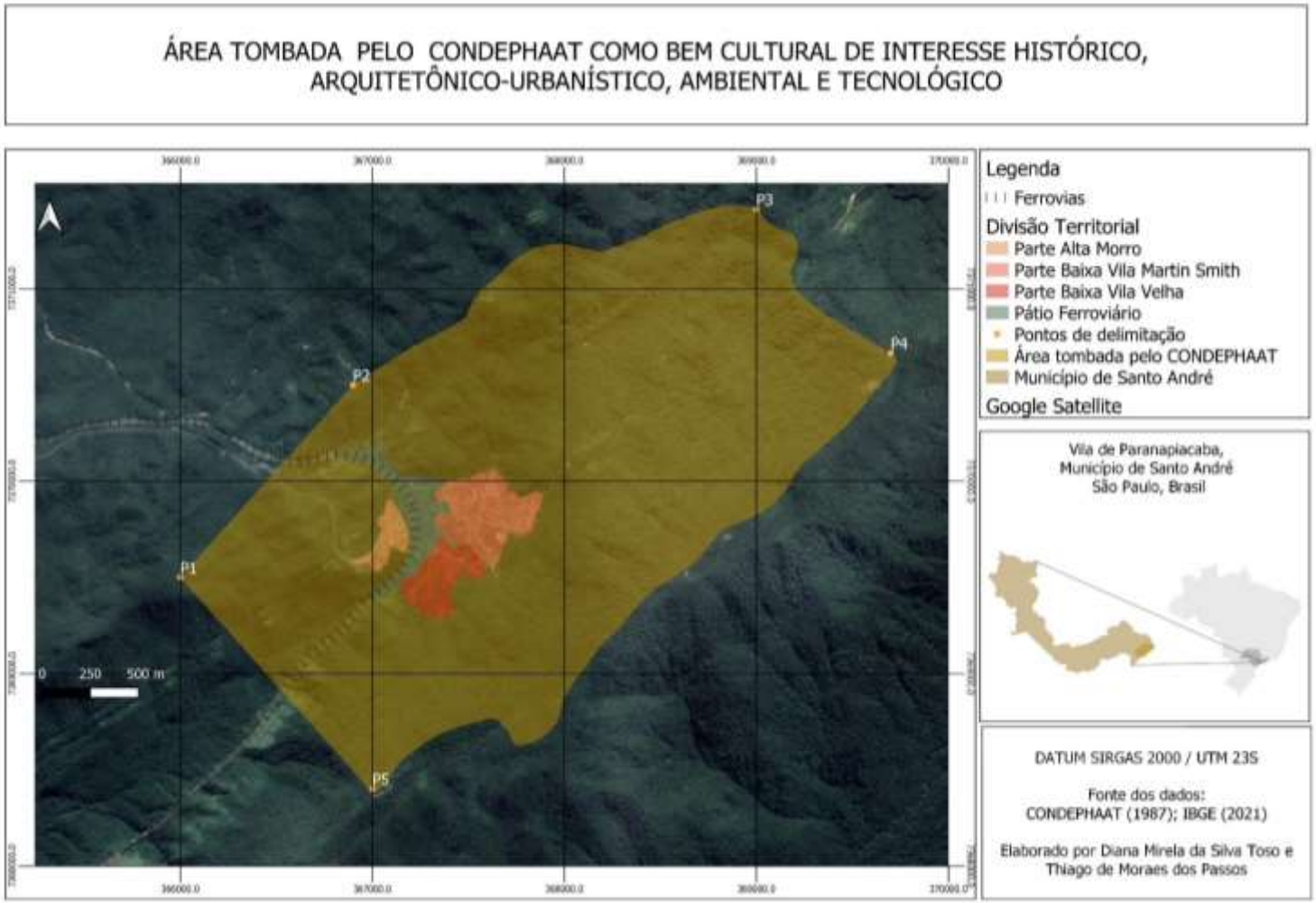
P2: topo de 857 metros. Esse ponto segue em direção ENE, acompanhando o divisor principal cruzando vários outros topos (862m, 882m, 871m, 906m, 901m, 904m, 883m, 873m, 892m, 916m, 950m e 962m);

P3: tem como marco o topo de 1009 metros no alinhamento desse divisor de águas. Desse ponto, segue o divisor de águas e a divisa do município de Mogi das Cruzes e Santo André;

P4: começa no topo de 1136 metros, que coincide com o limite do Parque Estadual da Serra do Mar. Do ponto 4 para o próximo ponto, segue em direção SW, acompanhando os limites deste Parque e do divisor principal da escarpa;

P5: iniciado no pico de 1056 metros, utilizado pela torre de micro-ondas da Telesp e CTBC na Serra do Mar. Deste ponto, segue em direção NO, por uma linha reta de aproximadamente 1580 metros acompanhando o limite do Parque Estadual da Serra do Mar, até fechar o perímetro no ponto P1. Uma aproximação dessa delimitação é apresentada na **Figura 13**.

Figura 13: Área tombada pelo CONDEPHAAT como bem cultural, de interesse histórico, arquitetônico-urbanístico, ambiental e tecnológico.



Em suma, o tombamento do CONDEPHAAT compreendeu todo o entorno, como reservas biológicas, Vila Velha, Vila Martin Smith, Parte Alta e trechos do 4ª e 5º patamares da Serra, seguindo a recomendação do Conselho da Europa.

Para Brandão (2016), o contexto em que se insere o tombamento da Vila, na esfera estadual, refere-se a um período em que houve um grande movimento de tombamentos ampliados pelo CONDEPHAAT e cita exemplos de outros lugares, como São Luiz do Paraitinga, SP, onde a 'paisagem natural' de entorno foram incorporadas.

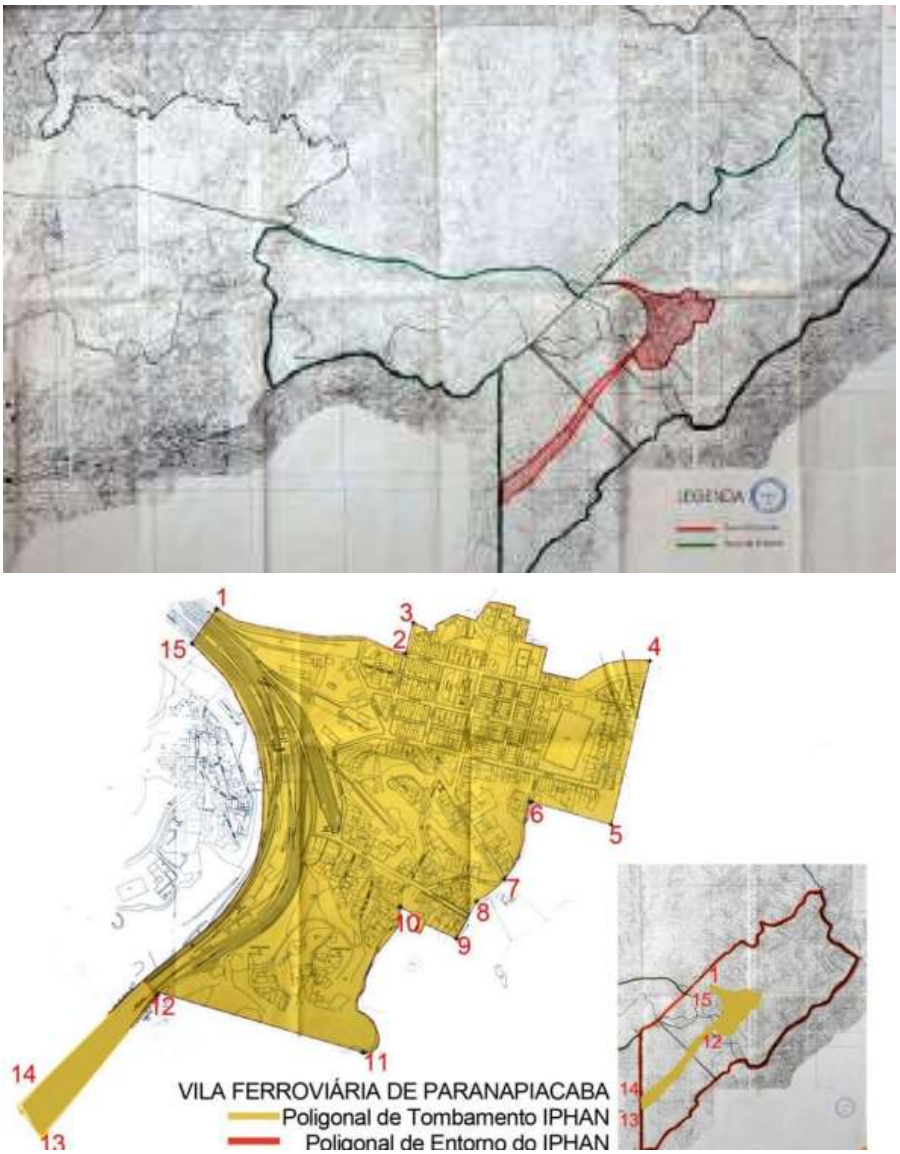
4.3 Tombamento IPHAN

Quinze anos mais tarde, a Vila foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional (IPHAN) e no ano seguinte, 2002, pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico-Urbanístico e Paisagístico de Santo André - SP (CONDEPHAAPASA).

O tombamento do IPHAN, solicitado pela "Comissão Especial Pró-Paranapiacaba", foi iniciado em 1985. Em 1987 a diretoria Regional do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) dá abertura para o processo. Em 2001 o processo é finalizado. Este tombamento contemplou os bens imóveis ligados à ferrovia, justificando o valor histórico do conjunto. Manteve-se a denominação da Vila Ferroviária de Paranapiacaba, no livro do tombo histórico (IPHAN, 2002; MORETTO NETO, 2005; ALAMINO, 2011; FIGUEIREDO, 2011).

Sobre o perímetro, o tombamento circunscreveu-se, às instalações que têm relação direta com a ferrovia e, portanto, nesse perímetro estão excluídas a Parte Alta e toda a área natural envoltória da Vila (ALAMINO, 2011). Na perspectiva adotada para o processo de tombamento (nº 1. 252 – T- 87), exclui-se tudo o que não tem relação direta com os planos inclinados e com a parte construtiva da Vila pela SPR (**Figura 14**).

Figura 14: Tombamento de Paranapiacaba pelo IPHAN.



Fonte: IPHAN (1987) processo nº 1252 -T 87.

Podemos observar que o tombamento do IPHAN se restringe aos bens imóveis ligados a ferrovia, mais precisamente, o pátio ferroviário e a Parte Baixa – Vila Martin Smith e Vila Velha.

Ao longo de 17 anos, o processo de tombamento do IPHAN teve entraves técnicos e conceituais. Em 2001, o parecer não pode ser votado por ausência de especificações técnicas e um dos pontos de entroncamento era a delimitação do perímetro do tombamento. Em entrevista ao Diário do ABC, na data da publicação do Tombamento na DOU, o pesquisador e relator do processo, Nestor Goulart Reis Filho, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP reafirma o valor histórico da Vila: “é um bem histórico excepcional, em cuja preservação

devemos nos empenhar, preservando inclusive a integridade da área envoltória, como parte do conjunto" (DIÁRIO DO ABC, 2022, p.1).

Pareceres anteriores propunham a inserção mais abrangente de alguns bens – como a Igreja de São José dos viajantes e a Estação Campo Grande (**Fotos 25 e 26**), contudo, entendeu-se que essas edificações e conjuntos destoavam do contexto ferroviário e arquitetônico da SPR.

Foto 25 e Foto 26: interior e exterior da Estação Campo Grande



Fonte: Diário do ABC (2022)

A estação de Campo Grande, inaugurada em 1889, faz parte integrante do complexo ferroviário da SPR. Encontra-se no principal ponto de entrada de automóveis para a Parte baixa da Vila. Esta estação encontrava-se em estado de quase ruína (**Foto 27**).

Foto 27: Exterior da Estação Campo Grande restaurado



Fonte: diário do ABC (2022)

Em 2020, recursos provenientes da MRS – logística (aproximadamente 1, 7 milhões – via lei de incentivo à cultura) foi destinado ao restauro. Outras obras de restauro estão inclusas nesse montante: Museu Castelo, a Igreja do Senhor Bom Jesus de Paranapiacaba e a garagem

das locomotivas e o campo de futebol da Vila. As obras do restauro da estação terminaram em 2021 (PMSA, 2022).

A capela do protetor da Boa Viagem, inaugurada em 1913, é um marco monumental religioso tombado em nível municipal pelo CONDEPHAAPASA em 2011. Está localizada nas proximidades da estação campo grande, no alto de um morro, onde é possível avistar a imagem do padroeiro indicando o acesso para parte baixa da Vila de Paranapiacaba. Outrora, esta capela era utilizada para celebrações de casamentos dos moradores da Vila e arredores (PMSA, 2022).

Foto 28: Exterior da Estação Campo Grande restaurado



Fonte: PMSA (2022).

O tombamento do IPHAN, nessa conjectura, apresenta-se como conservador. E, mesmo entendendo que a sobreposição ao tombamento Estadual permitia um laudo mais restritivo e severo ao contexto a ser tombado, estas escolhas repercutem diretamente na gestão federal do bem até os dias atuais.

Dos principais pontos críticos, lista-se: a) pouca abrangência das áreas naturais de entorno, evitando-se sobrepor aos tombamentos Estadual e Municipal, e limitando-se as áreas verdes do entorno imediato ao perímetro urbano; b) não contemplação de instalações, edifícios

ou monumentos que, direta ou indiretamente, compõem a história ferroviária de Paranapiacaba. No que diz respeito a esse último quesito, a exclusão da Parte Alta, seja o ponto mais crítico. Pois, a Parte Alta é considerada área de entorno, e, por essa razão, sempre que há intervenções no contexto da Vila, a Parte Alta é considerada num plano de controle de ações, considerando critérios que evitem comprometer a visibilidade do restante do Distrito (ALAMINO, 2011; IPHAN, 2022). Ou seja, é subjugada em relação a um privilégio da Parte Baixa (Vila Velha e Vila Martin Smith).

4.4 Tombamento CONDEPHAAPASA

Em 2003, deu-se o tombamento em nível municipal. Contudo, o início do processo data de 1996, mais especificamente, 17 de dezembro de 1996 (Processo número 56616/96/5), com homologação em 7 de julho de 2003. Notoriamente, a abrangência da área de proteção supera os tombamentos de âmbito Federal e Estadual. O CONDEPHAPASA inclui toda área urbana da Vila, ou seja, diferente do IPHAN, inclui a Parte Alta/Morro; ainda, a parte baixa: Vila Velha e Vila Martin Smith; o Parque Natural Municipal, Nascentes de Paranapiacaba, além da linha férrea, em toda sua completude, que abarca as ruínas das pontes da Serra Velha e da Máquina Fixa do 4º patamar (MORETTO, 2005; ALAMINO, 2011; FIGUEIREDO, 2011; 2012, 2013; PMSA, 2015).

O tombamento pelo CONDEPHAAPASA deu-se em meio ao processo de aquisição dos imóveis da Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba e teve como ponto central articulação de um plano diretor e a implantação da Lei de Zonas especiais de interesse do Patrimônio de Paranapiacaba (ZEIPP). Apesar de ser coetâneo ao tombamento do IPHAN, o tombamento do CONDEPHAAPASA toma como base as diretrizes do tombamento estadual.

A ZEIPP (Zona Especial de Interesse do Patrimônio de Paranapiacaba) configura-se como um marco substancial no que tange à gestão pública do patrimônio cultural. A sua implantação deu base sólida para o que havia sido feito até então. Segundo Figueiredo (2012) a ZEIPP "foi criada e demarcada em 2004 pelo Plano Diretor de Santo André (Lei número 8.696/04) e regulamentada em 2007, pela Lei Específica número 9.018/07" (FIGUEIREDO, 2012, p. 13).

A natureza específica do Sítio Histórico de Paranapiacaba tornou a experiência de elaboração da ZEIPP um laborioso desafio, cujo objetivo consistia em articular e atender todas as prerrogativas dos mais diversos órgãos dos três níveis de poder: Federal (IPHAN), Estadual

(CONDEPHAAT) e Municipal (CONDEPHAPASA), além da legislação ambiental das três esferas do poder (MORETTO NETO 2005; FIGUEIREDO, 2012, 2013).

> Esse complexo desafio exigiu a resolução de três grandes questões: a construção de um novo arranjo institucional vertical que articulasse os três níveis de governo no tocante à política de patrimônio; a construção da interdisciplinaridade, com a finalidade de compor uma única lei que disciplinasse e integrasse as políticas de preservação, planejamento urbano, meio ambiente e desenvolvimento; e, por fim, a constituição de um novo arcabouço jurídico que atendesse a todas essas questões. Soma-se ainda a esses desafios a busca pela participação qualificada da comunidade envolvida. Assim, o primeiro passo para o início do processo de elaboração da lei foi promover a participação dos diversos atores e instituições: prefeitura; os órgãos de preservação (IPHAN, CONDEPHAAT e COMDEPHAAPASA); os conselhos municipais de política urbana e meio ambiente; universidades; entidades de classe e a comunidade local (FIGUEIREDO, 2012, p. 13).

Ainda sobre a etapa de elaboração da ZEIPP, organizou-se na ocasião uma comissão abrangente em sua diversidade, contando com atores sociais de vários segmentos: gestores, pesquisadores e moradores. A comissão foi denominada "Comissão da ZEIPP" (MORETTO NETO, 2005; ALAMINO, 2011; FIGUEIREDO, 2011, 2012, 2013).

Segundo Figueiredo (2012), a Comissão foi "composta por 34 membros, sendo 50% representantes da comunidade residente na Vila. A lei foi elaborada em oito meses, de novembro de 2005 a julho de 2006, com o método do planejamento estratégico situacional" (FIGUEIREDO, 2011, p. 14).

Figueiredo (2012), é enfática quando relata as dificuldades encontradas para superar as divergências conceituais e pragmáticas dos tombamentos realizados pelos órgãos de proteção do patrimônio cultural. O primeiro obstáculo referia-se aos diferentes perímetros do tombamento, enquanto o CONDEPHAAT abrangia todas as partes da vila: Parte Baixa, Morro e Rabique[41]. O IPHAN, por exemplo, restringia-se à porção da Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba (FIGUEIREDO, 2012),

[41] Segundo o Art. 10. O Setor do Rabique caracteriza-se por uma ocupação urbana orgânica e espontânea em área de alta declividade, de urbanização precária, de difícil acesso entre a linha férrea e a Rodovia Estadual Adib Chammas (SP-122), com risco iminente de deslizamentos de terra e atropelamentos, configurando-se em um setor impróprio à urbanização (PMSA, 2007).

4.5 A Implantação da Lei de Zonas especiais de interesse do Patrimônio de Paranapiacaba para o fortalecimento do Tombamento Municipal

A Zona Especial de Interesse do Patrimônio de Paranapiacaba foi e é um instrumento de fortalecimento das diretrizes de proteção do patrimônio de Paranapiacaba. Aliada ao tombamento Municipal, conjecturou uma estratégia de preservação que garantisse efeitos a longo prazo e em conformidade com as outras instâncias de proteção e do Plano Diretor Municipal.

A ZEIPP "foi criada e demarcada em 2004 pelo Plano Diretor de Santo André (Lei número 8.696/04) e regulamentada em 2007, pela Lei Específica número 9.018/07" (FIGUEIREDO, 2012, p. 13).

Entendemos que dada a complexidade inerente as sobreposições dos diversos tombamentos exigiu-se que houvesse a criação de instrumentos que articulassem os diversos entendimentos sobre patrimônio cultural uma vez que os objetivos com a aquisição dos imóveis pela PMSA visavam, sobretudo, alinhar o acautelamento dos bens imóveis com o desenvolvimento turístico. Assim a ZEIPP tornou-se um importante mecanismo para viabilizar políticas públicas.

No tocante a importância da ZEIPP para operacionalizar políticas públicas, quando a Vila fora contemplada pelo PAC2-CDH, o município já contava com "Planos de Ação", que era exigência do programa para a adesão dos municípios. Muitos dos objetivos do plano de ação estavam balizados com normas e conceitos internacionais de proteção.

> Esse complexo desafio exigiu a resolução de três grandes questões: a construção de um novo arranjo institucional vertical que articulasse os três níveis de governo no tocante à política de patrimônio; a construção da interdisciplinaridade, com a finalidade de compor uma única lei que disciplinasse e integrasse as políticas de preservação, planejamento urbano, meio ambiente e desenvolvimento; e, por fim, a constituição de um novo arcabouço jurídico que atendesse a todas essas questões. Soma-se ainda a esses desafios a busca pela participação qualificada da comunidade envolvida. Assim, o primeiro passo para o início do processo de elaboração da lei foi promover a participação dos diversos atores e instituições: prefeitura; os órgãos de preservação (IPHAN, CONDEPHAAT e COMDEPHAAPASA); os conselhos municipais de política urbana e meio ambiente; universidades; entidades de classe e a comunidade local (FIGUEIREDO, 2012, p. 13).

Ainda sobre a etapa de elaboração da ZEIPP, organizou-se na ocasião uma comissão abrangente em sua diversidade, contando com atores sociais de vários segmentos: gestores,

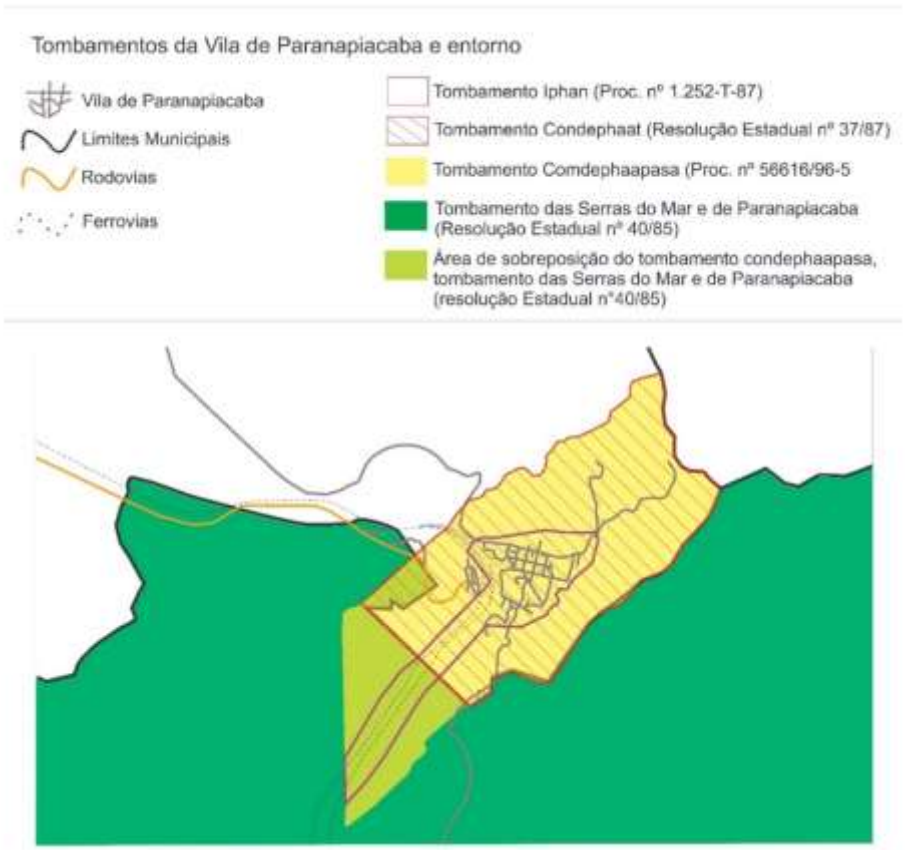
pesquisadores e moradores. A comissão foi denominada “Comissão da ZEIPP” (MORETTO NETO, 2005; ALAMINO, 2011; FIGUEIREDO, 2011, 2012, 2013).

Segundo Figueiredo (2012), a Comissão foi “composta por 34 membros, sendo 50% representantes da comunidade residente na Vila. A lei foi elaborada em oito meses, de novembro de 2005 a julho de 2006, com o método do planejamento estratégico situacional” (FIGUEIREDO, 2011, p. 14).

Figueiredo (2012) é enfática quando relata as dificuldades encontradas para superar as divergências conceituais e pragmáticas dos tombamentos realizados pelos órgãos de proteção do patrimônio cultural. O primeiro obstáculo referia-se aos diferentes perímetros do tombamento, enquanto o CONDEPHAAT abrangia todas as partes da vila: Parte Baixa, Morro e Rabique. O IPHAN, por exemplo, restringia-se à porção da Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba (FIGUEIREDO, 2012).

Na **Figura 15** podemos observar, de maneira sobreposta, os perímetros de tombamento dos supracitados órgãos de proteção.

Figura 15: Tombamentos da Vila de Paranapiacaba e entorno



Fonte: IPHAN (1987)

> Outra questão relevante é que os tombamentos no Brasil recorrentemente não estabelecem diretrizes para a preservação, restringindo-se apenas a uma descrição e justificativa da relevância cultural e, no máximo, à fixação de níveis de tombamento para as áreas envoltórias dos bens, como observado no caso de São Paulo. A ausência de diretrizes pré-estabelecidas e pactuadas entre os órgãos levam frequentemente a orientações distintas, antitéticas e até personalizadas quando da aprovação de projetos de intervenção, configurando uma atuação pouco objetiva, sem critérios e nada institucionalizada. Por outro lado, **no debate conjunto com os órgãos de preservação afloraram problemas de ordem conceitual.** A complexidade, a confusão e os conflitos em torno dos conceitos praticados na área do patrimônio era tamanha que foi necessária a pactuação de uma carta patrimonial para Paranapiacaba referenciada, obviamente, nas premissas e diretrizes das cartas internacionais e nacionais, mas atendendo às especificidades relativas à preservação de um conjunto urbano, patrimônio industrial ferroviário, inserido em área de conservação ambiental e compreendido como paisagem cultural (FIGUEIREDO, 2012, p. 14).

A ZEIPP constitui-se de sete títulos: preservação, conservação, restauração, reparação, manutenção, adaptação e atualização tecnológica. Constitui-se também de diretrizes norteadoras para o desenvolvimento sustentável da vila (ZEIPP, 2007).

Figura 16: Área que delimitação da ZEIPP.



Fonte: ZEIPP (2007).

De maneira geral, a ZEIPP é organizada de forma a conciliar o turismo e a preservação do patrimônio cultural. O turismo é o vetor escolhido, *a priori*, para impulsionar o desenvolvimento sustentável na Vila de Paranapiacaba. Nesse modelo, o bem-estar da população depende do sucesso ou não do plano de gestão.

A conciliação entre turismo, patrimônio cultural e desenvolvimento sustentável é uma herança do extinto "Programa para as Cidades Históricas (PCH)"[42] que, na Região Sudeste foi implantado em 1977. O PCH foi uma proposta com o objetivo de promover o engajamento "dentro de uma perspectiva de política integrada, possibilitando maior eficiência aos investimentos públicos" (CORRÊA, 2014, p. 2). Esse programa adotou uma postura em que o turismo seria o vetor motriz para o desenvolvimento local dos sítios históricos e, como consequência, acreditava-se que a renda gerada por meio do turismo seria aplicada para fins de preservação dos patrimônios culturais.

Porém, a proposta da ZEIPP somente se assemelha aos PCHs, pois, no que tange à abrangência conceitual, o PCH visava "essencialmente à recuperação física dos monumentos, não constituindo uma visão global e compreensiva dos sítios históricos, do que é patrimônio cultural" (CORRÊA, 2014, p. 4).

A ZEIPP, por outro lado, adota uma concepção mais abrangente de sítio histórico, que não se circunscreve apenas ao monumento (**Figura 17**). No Artigo 4º, parágrafo único, "compreende-se por Vila de Paranapiacaba todo o aglomerado urbano e o ambiente natural que compreende os setores da Parte Alta, da Parte Baixa, do Rabique e da Ferrovia" (ZEIPP, 2007, p. 4).

A ZEIPP, por meio do turismo, visa o desenvolvimento local sustentável e à gestão democrática e participativa. Assim, desenvolvimento sustentável é entendido como o "desenvolvimento socialmente justo, ambientalmente equilibrado e economicamente viável, visando garantir o uso e ocupação racional do ambiente natural e edificado, bem como a qualidade de vida para as presentes e futuras gerações" (ZEIPP, 2007, p. 4).

A gestão democrática e participativa visa incorporar "a participação da comunidade local, da sociedade andreense, dos órgãos de defesa do patrimônio e do Conselho Municipal de Política Urbana em sua formulação e execução" (ZEIPP, 2014, p. 4).

[42] "O Programa começa a ser delineado por meio da criação de um grupo de trabalho pelo Ministério do Planejamento e Coordenação Geral (Miniplan), em dezembro de 1972, constituído por membros dos Ministérios da Educação e Cultura; Indústria e Comércio do Interior e do próprio Planejamento. O objetivo foi o de formular, em versão preliminar, o Programa de Reconstrução das Cidades Barrocas do Nordeste, com vistas a recuperar cidades coloniais de relevante interesse histórico e artístico, e a possibilidade dessas cidades, integradas em roteiros turísticos, atraírem investimentos à Região Nordeste" (CORRÊA, 2014, p. 2).

Figura 17: Divisão dos setores de planejamento urbano.



Fonte: ZEIPP (2007).

No que diz respeito à moradia, primou-se pela garantia do uso habitacional do patrimônio arquitetônico, de forma que as residências fossem compatíveis com essa finalidade. Essa postura contribuiu para que os moradores das casas da Vila de Paranapiacaba tivessem condições mínimas para manter-se e fazer usufruto do patrimônio arquitetônico de forma sustentável. Por esse motivo, uma série de medidas foi acrescida à lei, tais como: condições para a mobilidade urbana, qualificação para hotelaria, empreendedorismo e carpintaria (PMSA, 2007).

A Vila também foi zoneada em Área Predominantemente Residencial e Área Predominantemente Comercial. A Área Predominantemente Residencial apresenta duas categorias: 1) de uso não residencial e 2) misto. Essas duas categorias são permitidas até atingir 20% dos lotes. Na Área Predominantemente Comercial, o uso não residencial é permitido em até de 60% dos lotes. Dessa maneira, o zoneamento garante uma mistura de uso nas zonas, evitando a existência de zonas de uso exclusivo e o desconforto pela proximidade de usos incompatíveis (ZEIPP, 2007, FIGUEIREDO, 2012, 2013, 2014).

Para o uso residencial, ainda fixa o correspondente a 50% dos imóveis públicos da Parte Baixa (cerca de 170 imóveis), ou seja, garante em lei a manutenção do uso residencial. Foram redefinidos também os parâmetros de ocupação dos lotes e seus limites, as taxas de

permeabilidade, os níveis de incomodidade por emissão sonora e as diretrizes para a preservação das edificações e sistema viário, com o objetivo de salvaguardar o conjunto edificado e as relações urbanas que caracterizam a paisagem da Vila (ZEIPP, 2007, FIGUEIREDO, 2012, 2013, 2014).

Os moradores tiveram que se adequar às restrições no uso dos imóveis. Na condição de permissionário, o morador tem restrições para exercer atividade de benfeitorias que alterem as estruturas das casas ou, de alguma forma, altere ou desrespeite a relação entre área construída e espaços livres e assim venha a desconfigurar o padrão urbanístico da Vila. Há de se preservar a relação entre os recuos, o corpo principal da edificação, o quintal, o sanitário ao fundo do lote e a viela sanitária ao meio da quadra. Isto é, para os imóveis que têm originalmente os banheiros fora da casa, por exemplo, só é permitida a ampliação, desde que essa não junte o corpo principal do imóvel ao anexo do sanitário ao fundo e não ocupe os recuos frontais e laterais (ZEIPP, 2007; FIGUEIREDO, 2012, 2013).

> Vale esclarecer que o projeto original das casas dispõe de sanitários externos à edificação. Na fase da administração da Rede Ferroviária Federal houve uma adaptação dos sanitários no interior dos imóveis em madeira. Estes são atualmente utilizados pelos moradores e foram funcionalmente mantidos na lei, com sugestões de melhorias construtivas, exceto nos *Exemplares de Tipologias Residenciais* (FIGUEIREDO, 2013, p. 13-14, grifo do autor).

Quanto à finalidade das moradias, o artigo 38 estipula que área de uso predominante para residências sejam permitidos: I residencial; II não residencial e misto, somente até o estoque máximo de 20% dos lotes disponíveis nessa área; III não residencial dos tipos hotelaria e comércio de arte e artesanato; IV não residenciais dos tipos restaurante, doçaria, lanchonete, café e bar diurno, somente nos lotes com frente para as Vias de Acesso Liberado (ZEIPP, 2007).

Quanto às áreas de uso predominante comercial, o Artigo 39 prevê os usos: "I residencial e misto; II não residencial permitido pela legislação ambiental vigente, até o estoque máximo de 60% dos lotes disponíveis nesta área; III não residencial do tipo borracharia, somente na Travessa dos Canudos (ZEIPP, 2007).

O artigo 41 por sua vez, estipula que, para as áreas dentro do perímetro de Serviços Diferenciados, são permitidos os seguintes usos: I não residencial dos tipos hotelaria, arte, artesanato, alimentação, tais como restaurantes, lanchonetes, café, doçarias e similares; II não residencial dos tipos de prestação de serviços especiais relacionados ao condicionamento ou

relaxamento físico e mental ou ao retiro espiritual, tais como, *spas*, massagens, clínica médica, psicológica, psiquiátrica, medicina ou tratamentos alternativos e III misto (ZEIPP, 2007).

O artigo 42 delimita os tipos de ocupação permissíveis nas áreas de atividades noturnas: I residencial e misto; II não residencial dos tipos comércio e serviços relacionados ao turismo, lazer e alimentação (ZEIPP, 2007).

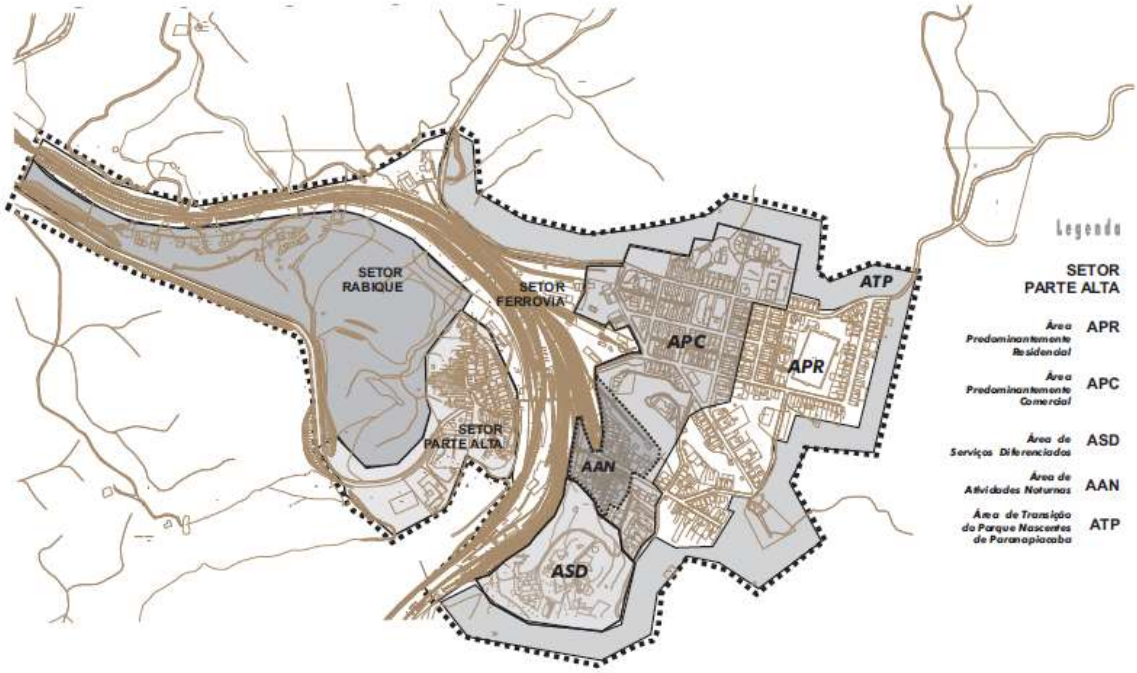
O não cumprimento dessas normativas acarreta penalidades, pretendendo, assim, um estímulo à preservação do patrimônio arquitetônico. Primou-se, também, para que houvesse medidas para uma boa relação na vizinhança. Para esse efeito, foi realizado o Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV), bem como a outorga onerosa do direito de construir; a assistência técnica gratuita para fins de preservação e conservação; incentivos e benefícios fiscais; incentivos para benfeitorias nos bens imóveis; a cessão de imóveis públicos e a doação de bens imóveis em pagamento de dívidas (MORETTO NETO, 2005; ZEIPP, 2007; FIGUEIREDO, 2011, 2012, 2013).

A **Figura 18** mostra a divisão das áreas de uso non setor da parte baixa da Vila de Paranapiacaba.

> Visando incentivar a conservação dos imóveis e ter controle sobre a ação dos usuários, foram concedidos descontos na contraprestação aos permissionários que investissem na manutenção dos imóveis, desde que estas fossem realizadas com autorização e supervisão da Prefeitura, conjuntamente com os órgãos de preservação. Este procedimento foi institucionalizado pela ZEIPP. Para os moradores da Parte Alta, onde os imóveis são privados, há a possibilidade de descontos no IPTU (FIGUEIREDO, 2013, p.16)

Ainda, segundo Figueiredo (2013), em 2008 estabeleceu-se um novo instrumento complementar à ZEIPP, que visava à democratização da gestão, que ficou conhecido como "Fórum de Paranapiacaba (regulamentado em 2008), reunindo representantes da Prefeitura, dos órgãos de preservação e da comunidade local, no debate permanente das questões relativas ao desenvolvimento sustentável e à preservação da Vila" (FIGUEIREDO, 2013, p.16).

Figura 18: Divisão das áreas de uso no setor da parte baixa. Vila de Paranapiacaba, SP.



Fonte: PMSA (2007).

> Assim, a ZEIPP pode ser considerada o "plano estratégico" de Paranapiacaba, ou seja, é o principal instrumento de orientação das políticas e gestão territorial, conciliando o desenvolvimento urbano e econômico da atividade turística, com a conservação e sustentabilidade do patrimônio edificado, natural e imaterial da vila ferroviária, garantindo também a permanência e qualidade de vida do morador [...] No que tange especificamente à integração entre políticas, a ZEIPP, apresenta avanços tanto no campo conceitual quanto na gestão. A Vila recebeu, através de uma única lei, um conjunto de diretrizes, instrumentos e parâmetros urbanísticos, ambientais e culturais específicos à sua realidade, articulados entre si e, em sua maioria, autoaplicáveis, contribuindo para a institucionalização de uma política, parcialmente em curso, bem como orientações e articulações mais adequadas ao desenvolvimento e à preservação (FIGUEIREDO, 2013, p.16-17).

Embora seja uma experiência pontual, esse caso revela como uma lei municipal pode, mais que orientar, pactuar a integração horizontal das políticas setoriais, bem como a articulação vertical entre os órgãos responsáveis nas três esferas de governo. Contudo, há que se ressaltar que modelos, por mais pioneiros e vanguardistas que sejam, ainda são modelos e a realidade é muito mais complexa.

Contudo, os tombamentos não são o ponto final da patrimonialização – eles acautelam, institucionalizam e referenciam tecnicamente o bem móvel e imóvel, e bem dentro de suas limitações buscam os valores inalienáveis à grupos de referência. Mas, toda via, a partir do tombamento uma série de elementos aglutinam-se em torno do objeto: geograficidade, temporalidade e historicidade e para compreendermos o "ser" das coisas em si devemos atravessar essa película protetora e ir de encontro às coisas mesmas, em sua fluidez.

Por mais que os tombamentos sejam imprescindíveis instrumentos de proteção é após sua efetivação que os fenômenos ligados ao patrimônio habitado se intencionam e se intensificam, fazendo convergir para as 'coisas' e para as pessoas.

Nesse sentido, os capítulos seguintes versam sobre a dimensão do mundo vivido e a paisagem na Vila de Paranapiacaba, partindo das contribuições da Geografia Humanista e fenomenológica.



CAPÍTULO 5: ENSAIOS SOBRE A TEMPORALIDADE DA PAISAGEM

5.1 A ruína como um porvir: ou outras formas de habitá-las

A casca da cigarra
É a ruína da última primavera.
Meus pensamentos ainda à habitam

Toda ruína tem uma narrativa intrínseca, elas são arautos da temporalidade. Toda obra da cultura material humana, dá mais singela à mais epopeica, tem por porvir o arruinamento.

Temos a impressão de que a ruína dá grandeza estética aos monumentos, edificações, fortificações antigas. Tal como um toque final de um artista a obra de outrem, o tempo pincela sobre uma casa a ferrugem dos batentes da porta; o musgo sobre as telhas francesas e as patinas sobre as paredes. Quantos patrimônios edificados não tem por valor as marcas do tempo sobre a matéria?

Há aquelas ruínas enigmáticas, de tempos distantes, a qual a psique humana se compadece e acolhe com afeto. Segundo Starobinski (1994) para que uma ruína se torne bela diante nossos olhos é preciso que a destruição seja antiga e que as circunstâncias que a levaram ao estado de ruína não sejam precisas em nossas memórias (STAROBINSKI, 1994).

Devido a força de atração que a ruína exerce sobre à imaginação humana podemos dizer que, não há ruínas inabitadas. De uma forma ou de outra, as ruínas estão sempre ocupadas, seja por fabulações, seja por devaneios, seja por memórias.

> Se se trata de uma civilização desconhecida ou estranha, várias maneiras de ser ou de viver podem repousar sobre as ruínas, sobre os instrumentos quebrados que encontro ou sobre a paisagem que percorro. O mundo cultural é agora ambíguo, mas ele já está presente. Há ali uma sociedade a conhecer. Um Espírito Objetivo habita os vestígios e as paisagens (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 465).

Contudo, há aquelas ruínas que dizem respeito aos infortúnios humanos e sociais, que nos contam uma história de abandono e por destempero de cuidado com a matéria o tempo e outros agentes elementais devoram com violência e rapidez. De fato, esses arruinamentos são malquistos. Não há como nos tranquilizarmos diante das ruínas recentes, muito menos quando são os restos materiais de nosso habitar.

Os ensaios que se seguem falam dessas ruinas, literais ou metafóricas, ocupadas e habitadas pelas memórias afetivas de inúmeras pessoas que tem como assento existencial a Vila de Paranapiacaba.

As casas e as antigas estruturas podem vir a esvanecer, pois sua materialidade é alimento do tempo, mas, se a casa – em sua condição de cultura material tem por porvir a ruína, é porque a historicidade, temporalidade e geograficidade – essas experiências que a substanciam e a consome – são um pesar para suas estruturas e alicerces – "elas sentem" os impulsos e disposições do tempo - que pode ser voraz, se há o abandono e a inabitabilidade. Mas mesmo quando arruinadas ainda haverá quem as habite, como lembrança e/ou devaneio

5.1.1 Memórias que habitam ruínas: os patamares da Serra

> "Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. [...] O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém [...] Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo" (Manoel de Barros, 1998)

Quando a RFFSA acampou a ferrovia e seu patrimônio, houve uma mudança significativa no que tange as prioridades na gestão. Se outrora, persistia um certo "assistencialismo" da SPR, que era uma herança da "Model Company Town", cuja manutenção constante com o patrimônio imóvel da companhia era, obviamente, preocupação da empresa, bem como lazer, saúde e cultura, aos poucos, principalmente ao longo das décadas de 60, 70 e 80 foi ficando mais evidente o abandono com as edificações – seja das residenciais ou dos galpões e das antigas estações.

Contudo, num processo compulsório empregado pela a RFFSA – intensificado em 1976 com a desativação do sistema cremalheira - a desativação, desmontagem e demolição das casas das vilas dos Patamares da Serra foi uma das maiores perdas em se tratando de patrimônio cultural. Estas pequenas vilas instaladas ao longo da ferrovia que iam desde Piaçaguera ao alto da Serra (Paranapiacaba), eram conjuntos de habitações com poucas casas, mas que, ao longo de um século, aproximadamente, centenas de famílias estiveram assentaram-se nestes locais.

Bastasse a ausência de um registro fotográfico sistemático, não há pesquisa que tenha se debruçado especificamente nas habitações dos demais Patamares[43]. Dos poucos moradores dessas antigas casas que ainda residem na região, estes se concentram em Paranapiacaba – A única vila que resistiu ao desmonte das vilas ferroviárias da Serra do Mar e são detentores de uma valiosa memória de um patrimônio perdido.

Cada plano inclinado (patamar) possuía um conjunto de moradias para os trabalhadores da SPR e posteriormente RFFSA. Geralmente eram ferroviários destinados a realizar a manutenção, a vigia e outros serviços que exigiam moradas próximas de seus pontos de operação. Estas vilas possuíam uma arquitetura com influência vitoriana – com madeiramento em Pinha de Riga, Letônia; de telhas vindas de diversas regiões da França dentre outros materiais construtivos de madeira, ferro e olaria com a mesma origem das que existem em Paranapiacaba (no caso das casas construídas durante a concessão da SPR), contudo, após o término da concessão da SPR e o início das operações da RFFSA, algumas casas de alvenarias foram construídas no transcorrer dos patamares, casas essas que se assemelham muito com as que existem na rua Nova em Paranapiacaba.

Os vilarejos dos Patamares não possuíam os mesmos serviços e comodidades que Paranapiacaba, tinham a vida cultural menos intensa. Sendo assim, o 5º Patamar era onde estas pessoas se direcionavam para suprir as necessidades básicas de saúde, de alimentação e de educação. Com exceção, talvez do 1º patamar – Piaçaguera – que tinha como opção os arredores de Cubatão e de Santos para se dirigir.

Através dos relatos e das memórias dos que habitaram os patamares, temos uma riqueza de detalhes que transcendem a cotidianidade e nos levam para uma relação orgânica dos moradores com os aparatos tecnológicos da vila – o trem, o Locobreque, as estações, o som do ferro com o trilho, as festas, os aspectos do meio físico, as relações interpessoais e de sociabilidade, os hábitos e os costumes, continuem-se uma imersão profunda da e na paisagem.

As narrativas que se seguem tem por temporalidade o final da década de 1950 até meados da década de 1980, quando o sistema foi desativado. Os relatos dizem respeito as operações da RFFSA. Menções do período de operações da SPR, quando há, geralmente, alocuções que tinham como fonte as memórias de relatos de predecessores: “minha mãe dizia

[43] Não há trabalhos arqueológicos ou historiográfico que se debrucem sobre o patrimônio material e imaterial ligados aos patamares da Serra. Mesmo porque a desativação e abandono dessas residências e estruturas do sistema funicular da SPR são os motivos primeiros da articulação dos moradores e dos outros sujeitos para a manutenção e o tombamento do único patamar preservado – Paranapiacaba. Após a institucionalização e a patrimonialização da Vila, as atenções voltaram-se para o 5º patamar. Outro fato que remete a falta de estudos é ao caráter inacessível dos patamares da Serra: a) trechos recobertos de vegetação e grande declividade; b) as estruturas (tuneis, linha férrea, e maquinários) deterioradas que levam risco à vida e c) trecho sobre concessão particular da MRS logística.

que...". De qualquer forma, as falas evidenciam o quão excepcional era essa relação entre os moradores e os caminhos da Serra.

Como em uma conversa de fim de tarde, onde a Dona C[44], em sua casa na Vila de Paranapiacaba, juntamente com seu filho e suas duas netas, compartilharam memórias sobre o período que habitaram um dos patamares do trecho Serrano da SPR.

C. descreve sua casa no 2º patamar: "a minha casa mesmo tinha dois quartos, sala e cozinha. O banheiro era do lado de fora. O quarto era grande pra caramba... e meu cunhado uma vez foi morar com a gente. Lá ele fez quarto e cozinha dentro de um quarto só" (C., 2022).

Ela acrescenta que a casa era de alvenaria, mas que não estava em boas condições quando se mudaram. Interessante notar o aspecto acautelador da RFFSA no suporte para integração dos trabalhadores na rede:

> E as casas eram boas. Quando eu mudei pra lá a casa estava ruim, não tinha janela, a porta estava caída, aí na semana que eu fiquei por lá.... [uma pausa reflexiva] - naquele tempo a rede reformava as casas e a Rede reformou tudinho nossa casa. Uma janela dava pra máquina fixa e outro pro lado, de baixo, tinha mais casa na parte de baixo, sabe?! ... tinha que descer umas escadinhas [pausa para lembrança] Falecido Eurico, as filhas deles todas pequenininhas ... tinha quatro filha mulher e um homem ... com diferença de um ano dois.... era bacana, pois mudamos aqui pra cima, e acabou tudo ... (C., 2022).

A sociabilidade entre vizinhos e moradores dos demais patamares era difícil, mas acontecia. C. contou sobre uma "festança" em comemoração ao primeiro ano de vida de seu filho [filho – hoje com 42 anos]: "a gente fez uma festa lá embaixo, no 2º patamar, e foi gente, hein rapaz. Mas foi uma festa que eu vou te contar ... na época lá, há 40 anos atrás nós gastamos 600 cruzeiros .... que festa, bebida, a vontade, bolo salgadinho e doce, churrasco... a única festa que a gente fez pra ele, com um ano e depois aos dez anos. Ali beberam tanto, que estavam mijando um na cabeça do outro... só tinha a luz da máquina fixa. Sempre tinha festa, ia parente, gente da vila. Teve um sanfoneiro que nos contratou, que foi forró a noite inteira. Festa gostosa (C. 2022, grifo nosso).

A casa de C. era próxima das instalações da máquina fixa, cuja iluminação dos faróis altos, que guiavam as máquinas sobre os trilhos, clareava as noites escuras ou enevoadas. Pela

[44] C. Mulher, caucasiana, 73 anos, moradora de Paranapiacaba, imigrante mineira. Veio para a vila acompanhada de seu companheiro Z. na década de 60 para que o mesmo assumisse o cargo de cabineiro: "trabalhava nas casinhas, tipo umas guaritas" do 2º patamar (oficio esse que levou até a aposentadoria).

descrição que C. faz de sua casa, faz crer que se assemelhava as casas do 3º patamar[45] (**Foto 29**). Provavelmente construções pós os anos de 1950, em alvenaria que se situavam nas proximidades do segundo sistema funicular, próximo a máquina fixa do 2º patamar. "Uma parte das casas era de alvenaria, tinha as de madeira. Eu acho ... já faz muitos anos 1976 até 1979" (C. 2022).

Foto 29: Conjunto de casas do 3º patamar. Na foto é possível observar um "cabineiro".



Fonte: Acervo Museu de Santo André (s.d).

Quando perguntado sobre como era viver no 2º patamar, ela pausou e escolheu na memória um episódio "qualquer" para exemplificar como eram seus dias e de sua família, naquela época de 2º patamar: "Nós não andávamos só de Locobreque, mas a pé também, mesmo que a gente ia pra Mauá e nós voltávamos a noite, depois das nove horas, por aí, só que a noite estava claro, lua bonita, sabe? ZC.[46] [marido] colocava esse aqui [filho] no cangote e 'perna pra que ti quero', lá pra baixo" (C., 2022).

Segundo C. as operações dos trens e Locobreque pausavam entre alguns períodos - seja por manutenção ou por troca de turno. Caso perdesse o último meio de transporte nesses

[45] Não encontramos fotos das casas do segundo Patamar. C. e outros moradores entrevistados não possuem fotos devido ao difícil acesso a esse recurso no período.
[46] ZC, homem, 74 anos - Ex-funcionário da RFFSA, aposentado. Em um tempo recente, quando o conheci, realiza arte em azulejo, próximo a praça dos padeiros, nos finais de semana. Também é conhecido por ter sido "erveiro" na Vila.

entremeios a opção era descer a Serra pé. "[sic] Antigamente nós tínhamos uma lanterna – farolete e aí pelos tuneis – que eram iluminados – e aí a gente descia a serra – gastávamos mais de uma hora a pé, aquela lua bonita" (C. 2022). Na segunda menção a Lua daquela noite C. fez uma expressão prolongada para enaltecer aquela noite.

O cotidiano das incursões pela Serra era rotineiro, seja para subir ou descer a Serra do Mar, eram as composições que ritmavam a dinâmica da vida diária dos moradores. Muitos compartilham da opinião de que havia certo privilégio em morar no 5º patamar "onde tudo acontecia". "Eu prefiro aqui [Paranapiacaba]... eu não tenho um pingo de saudades [risos] lá, porque as coisas eram mais difíceis... você tinha que subir aqui pra cima [Paranapiacaba] pra comprar mistura, pra comprar coisa pra dispensa. Eu morei três anos lá, bem complicado" (C. 2022).

Nota-se a relação hierárquica estabelecida entre os patamares, cuja concentração de serviços fazia convergir todo um fluxo de moradores dos demais patamares, principalmente, para abastecimento de itens básicos de alimentação e de higiene.

Como descreve C.: "para fazer compra íamos de Locobreque ou então uns carrinhos que levava passageiro. Nós íamos de carrinho. Vagão que a gente chamava de carrinho, o vagão de passageiro, mas é um vagão de madeira, não tinha nada a ver com trem" (C., 2022).

***

AP[47]. outra moradora antiga da Vila, faz alusão a essa época, da mesma forma que C. e AP., relataram com tons melancólicos àquela época, as memórias dos patamares da Serra. Era uma tarde, meio de semana, quando conversamos, meados de 2015. Cheguei a AP por indicações de outros moradores, que sempre me diziam: "AP é moradora antiga, você tem que conversar com ela".

Entramos no salão do sobrado, que aparentava um antigo bar, com o balcão de mármore sobre aquelas vitrines de madeira e de vidro, que comumente aparecem em antigas bodegas. As luzes mal clareavam os móveis escanteados. O lugar tinha ares de antiquário. As paredes estavam repletas de fotografias, de medalhas e de troféus e outros tantos objetos antigos. Quando AP passava os olhos por estes objetos, era como se voltasse no tempo. Assim que tateava um quadro, mergulhava em pensamentos, algumas vezes em voz alta. Boa parte dos

[47] AP, 58 anos. Mulher, branca, "Nasci aqui na Vila. meu pai era ferroviário. Nasci na parte baixa da Vila, fui criada lá. Ai quando eu casei, em 1976, vim morar aqui na parte alta".

troféus e das medalhas eram de seu falecido marido, que havia sido jogador do Serrano, em sua época de ferroviário.

Dentre tantas conversas daquela tarde, AP contou-me sobre quando ainda havia aquelas habitações que davam vida a "funicular". Contou-me: "tinha também as casas pela Serra, descendo a Serra, né! para ir para Santos. Tinha muitas casas, muito bonitas também, que os funcionários moravam nessas casas e eles todos vinham, subiam a Serra de trem, às vezes até quando a Serra [ferrovia] estava parada. eles [moradores dos patamares inferiores] subiam, durante o dia, para fazer compras aqui na Vila" (AP, 2016).

O caminho da funicular parece ter uma grande importância na sociabilidade da região serrana do Vale do Rio Mogi. Uma mobilidade compassada pelo tempo dos trens e dos pés. Orientada pelo amanhecer ou entardecer. Céu aberto ou nublado.

Corroborando com essa observação, em outra oportunidade pude testemunhar mais um relato sobre estes tempos, quando em uma das pousadas da vila, conversando com VL[48], ela me relatou algo semelhante que, quando criança, seu pai trabalhava na COSIPA[49] em Cubatão e por essa razão chegou à Vila de Paranapiacaba. Essa relação pendular entre a Vila e Piaçaguera proporcionou inúmeras viagens para VL.

> O meu Pai trabalhava na Cosipa, em Cubatão, e descia de trem para Santos.... É porque tinha um trenzinho que levava... tinha o Locobreque que descia, nossa, maravilhoso.... a minha tia morava em Piaçaguera, e eu lembro que eu e minha mãe e minhas irmã... a gente descia tudo de Locobreque, nossa muito gostoso. Tinha o trem também que a gente pegava para ir pra santos, era tão rápido. [passava pela grota funda] a gente era... né! Crianças... e a gente gostava de descer... Nossa, mas era muito bom, tempo maravilhoso (VL, 2022).

Segundo VL (2022) o local que mais visitará era o 1º Patamar "[sic] minha tia morava lá, em Piaçaguera, lembro da casinha dela que tinha até um riozinho atrás, nossa era uma delícia. As casas eram parecidas com as da vila [...] a gente gostava de ir para lá, era a casa da minha tia, então a gente descia sempre [...].

[48] Mulher, 55 anos "meus pais vieram da Bahia (Catuni), eu nasci na vila de Paranapiacaba, mas já fui embora e já voltei. Porque, na época a minha mãe tinha problemas de saúde, então aí eu tive que voltar para cá, para ajudar a cuidar dela porque ela é acamada. então aí eu achei melhor voltar."

[49] Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA), fundada em 1953 e inaugurada em 1963, era uma empresa estatal que fora privatizada na década de 90. Empregou mão de obra da região serrana como um todo.

Uma linha de base[50] para várias narrativas está relacionada a experiência com os equipamentos de transporte da ferrovia. Há inúmeras menções ao Locobreque, com tons sinestésicos nas elocubrações. O cheiro de óleo das composições, a vista panorâmica para escarpas do Mar, o som da tração entre o Locobreque e os trilhos: "o trem funcionava naquele tempo, Locobreque... então se você vestisse uma roupa cara e pegasse o Locobreque lá embaixo, saia aquelas faíscas... que queimava e aquela fumaça, você chegava aqui em cima sujo" (C., 2022).

Mesmo quando dimensionadas as dificuldades de morar nos patamares, ou outras tantas experiências do cotidiano, como mobilidade, logística, mas há sempre menção a paisagem e as interrelações com o habitar: "Era bonito, porque morava muita gente" (C. 2022). "Tinha muitas casas, muito bonitas" (AP., 2016). A fisionomia desta materialidade ainda é presente no imaginário e na memória da população da Vila.

Quando as casas foram sendo desmontadas no decorrer das décadas de 1970 e 1980 muitos moradores ficaram preocupados com os avanços para o 5º patamar – Paranapiacaba. Era uma realidade o desinteresse da RRFSA em manter as moradias. Podemos inferir ao menos que isso se deu, primeiro pela desativação do sistema funicular. Com as novas tecnologias não havia necessidade de manter uma fila ferroviária. Com a desativação das estações do 1º ao 4º patamar – bem como o transporte de passageiros intensificou o desmonte das casas dos patamares. Segundo, dado o próprio declínio da ferrovia no Brasil - iniciado na década de 1950, mas já consolidado no período referido dos anos 80.

SZ[51], rememorando a época do desmonte das casas dos patamares descreve que, anteriormente, seus dias como operador de linha, ele circulava por todos os patamares, chegando a pernoitar em alguns deles, em especial em Piaçaguera: "Quando desmontaram [as casas dos patamares da Serra] já não tinha mais ninguém, lá. Essas casas era pra [para os funcionários] operaram as máquinas fixas (SZ. 2022).

> As casas eram de madeira [algumas de alvenaria]. Os dias em que íamos para Santos [para fazer manutenção ou outras operações na via] tínhamos que dormir por lá, porque fazíamos hora extra. Só que lá em Santos a gente dormia em um alojamento - um barracão grande, cabia umas cem pessoas, tinha cama pra caramba. [Perguntado se ainda existiria esses barracões] demoliram tudo. La em santos mesmo, pegaram estação... e demoliram tudo (SZ., 2022).

[50] Expressão que utilizo para balizar os discursos – quando esses apresentam um padrão de repetição por diferentes sujeitos. Nesse contexto, a menção a 'época em que o Locobreque funcionava' cuja referência fora apreendida por mais de uma pessoa entrevistada.

[51] SZ, Homem, branco, 64 anos. ex-ferroviário, aposentado. Morador da Parte LTA DA Vila de Paranapiacaba.

AP., relata que algumas atividades, corriqueiras, da Vila foram diminuindo com o passar dos anos – intensificada com o fim das atividades da funicular. Vê-se que a patrimonialização dos bens culturais é o meio pelo qual pode-se preservar, mesmo que haja grandes ambivalências entre preservar e habitar o patrimônio cultural. O abandono fada toda materialidade e mora nos pensamentos dos moradores:

> Aqui na Vila tinha mercado, tinha açougue, tinha tudo. É que depois que a ferrovia foi acabando.... porque... virou... foi tombada pelo patrimônio histórico nesse meio tempo, quase que a Vila some mesmo, quase que ela tomba literalmente, foi uma tristeza muito grande. Num ponto o tombamento foi bom porque a Vila não pode expandir. Ninguém pode construir nada, né! Não pode fazer nada, mas por outro lado a vila ficou muito abandonada, né! Ficou quase dez anos aí muito abandonada. Quando foi em 2001 para 2002 a Prefeitura de Santo André comprou, né (AP, 2016).

Para aqueles que vislumbraram e flertam com as coisas abandonadas, a ruína é sempre uma possibilidade. Estas memórias dos patamares da Serra não são de um tempo distante, muitos dos que testemunharam a destruição das casas das margens dos patamares, sentiram "à porta" os ares do arruinamento ou mesmo a obliteração total dos resquícios materiais de um tempo e de uma história.

5.2 Sobre as "coisas" e as pessoas: as curadorias domésticas

> [...] mundo em que habitamos é composto não por objetos, mas s por coisas
> (INGOLD, 2012, p. 27).
>
> Dia amaranhado
> O vento varre as ideias;
> Há um ninho no telhado

O que é uma "coisa"? - Ora, quanto peso aguenta o telhado daquele casebre? Tem tanta vida sobre a casa, até mesmo umas imbuias começam a crescer rente à calha; bromélias de todas as cores e assento de várias aves, cujos ninhos vão dos mais discretos que, entremeando as telhas soltas e o forro de madeira, intentam fugir do olhar de quem passa, até mesmo uns mais vistosos de bem-te-vi, pendurado na viga, que dá para o quintal traseiro da casa, ostentando uma arquitetura que não perde em nada para esse estilo vitoriano dos ingleses. Correndo o risco de analogias antropomórficas, diria que o tempo colocou um adornado chapéu na casa.

Essa casa fica na rua da varanda velha, de alpendre singelo e curto, medindo aproximadamente duas passadas, do início da escadaria à porta, sem recuo de frente. Dá seu corpo à queima-roupa àquela rua torta, cheia de pedregulhos barulhentos que só fazem acusar os transeuntes que por ali vagueiam (**Foto 30**).

Foto 30: Ateliê-residência do T. na rua Varanda Velha.



Fonte: O autor (2016).

De uma antiguidade secular, já teve inúmeras funções, e incontáveis moradores. Orginalmente, dizem ter sido escritórios para os encarregados da SPR, durante a construção da ferrovia. São 10 m², distribuídos em uma pequena sala, cozinha, que é um "puxadinho" de alvenaria, com ares recentes que fogem à arquitetura original, somado a um quarto, a um banheiro e quintal.

Sobre puxadinhos, há um verdadeiro tratado sobre eles − são a vontade que a casa tem de crescer – há inúmeros desses espalhados pela Vila. Uns saltam aos olhos, pois viraram, garagens, oficinas, depósitos. Outros são mais orgânicos, fundidos à casa original de forma discreta. Esses são uma preocupação para quem se ocupa de manter a integridade arquitetônica dos bens tombados. O puxadinho dessa casa é pequeno, paredes de alvenaria, curtas, que se estendem no máximo umas três passadas para o fundo da casa.

A paredes da cozinha foram cuidadosamente pintadas com tinta feita do solo da vila, que deu tons alaranjados a ela. O morador confessou-me que fizera inúmeros testes antes de chegar à tonalidade desejada. A matéria-prima foi coletada na trilha dos tupiniquins, em uma área de solo mais argiloso. Também moeu algumas rochas que havia coletado na serra **(Foto 31).**

Foto 31: interior do ateliê-residência de T.



Fonte: O autor (2016).

Na sala da casa estão alojados poucos metros abarrotados de livros, de xilogravuras, de colagens, de pinturas, de tapeçarias, de artes plásticas das mais variadas, em meio a tantos outros "artefatos" espalhados naquele cosmos doméstico **(Foto 32).**

Foto 32: Sala do Ateliê-residência do T.



Fonte: O autor (2016)

Há apenas uma janela de frente para o pátio ferroviário, dando vistas à parte alta, quando a neblina permite. Sua coloração avermelhada faz contrastes com as flores dispostas sob o alpendre e com a vistosa "condecoração" pendurada na varanda, com as escritas: "ateliê-residência"

É no quintal, porém, que as 'coisas' convergem de forma a fazer dialogar toda atemporalidade da vila: varais cujo postes para amarrar as cordas são trilhos de trem. Há inúmeros frascos antigos expostos sobre uma mureta. Até mesmo um sino dos ventos feito de estilhaços de vidros de garrafas artesanais que encontrara em um lixão[52] nos arredores do

[52] Estes "lixões" na verdade são depósitos pretéritos de tralha doméstica e industrial que foram identificados nos trabalhos arqueológicos de Pereira et al. (2016).

caminho para o hospital velho. Escanteado nas paredes, por de trás de vasos de flores, um monturo de tijolos da SPR e outras coisas mais **(Foto 33).**

Foto 33: fundos da casa de T.



Fonte: O autor (2016)

Não é um quintal que se possa dizer, grande. Mas tem um tom de profundidade, uma profundidade sem mensura, de horizonte de paisagem, com coisas visíveis e coisas invisíveis, que brincam de se mostrar e se esconder, alternadamente.

***

Eis uma "coisa" – uma casa é uma coisa, não um objeto. Uma coisa é algo que está dentro de um fluxo constante de transformação, permeada por temporalidades. Uma casa não é um objeto, pois ela agrega vida, ela é uma coisa que se liga a outras coisas, igualmente, todas as coisas em seu interior: mobília, relicários, plantas, animais, pessoas compõem esse organismo de coisas humanas e não humanas, como órgãos vitais dentro de um sistema vivo.

Ingold (2012) se refere a esse fenômeno como se uma relação de interligação das coisas, humanas e não humanas, como se fossem um agregado de fios vitais (INGOLD, 2012).

Objetos, ao contrário, são inertes e estáticos, diante de nós, são a morte e o fim – estão sempre "acabados" como algo fora do tempo, sem historicidade. As coisas são um "acontecimento [...] ou melhor, um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião." (INGOLD, 2012, p. 29)

***

T[53]. — "Eu sou do Piauí! Morei um pouco em São Caetano, pouco tempo, né! Depois fui morar em Itanhaém, litoral. Fiquei trabalhando lá e eu não gostei não. Segundo T. , como iam se iniciando alguns projetos, logo após a compra da vila pela Prefeitura de Santo André, SP algumas pessoas o convidaram para vir a morar na Vila: - "já tinha esse projeto [ateliê-residência[54]] pra cá, eu tinha um amigo [ele] estava morando aqui, ligou pra mim, dizendo que tinha uma casa desocupada, aí eu vim, já paguei dois alugueis ai em quinze dias eu peguei minhas coisas e vim pra cá. (T. 2018)

> Eu cheguei aqui [Vila de Paranapiacaba] em 2001. Eu tinha uma proposta de morar e pesquisar, né! Materiais de recursos naturais de pigmentos de terra. Eu fui morar lá na parte alta, porque aqui já a Prefeitura ainda estava negociando a compra da vila, ai eu aluguei uma casa na parte alta e fiquei um ano lá. Quando a Prefeitura comprou a vila, ai começo o projeto dos ateliê-residência e eles me convidaram pra morar aqui em baixo, pra conversar com o pessoal dos ateliês. Eu fui convidado pelo pessoal da Prefeitura (T. 2018).

[53] nordestino, preto, artista plástico de raízes Piauiense, cujo caminhos o fizeram passar por inúmeros lugares do sudeste

[54] Prefeitura de Santo André, antevendo o "Plano Patrimônio", instituído em 2002, criou o "Projeto Ateliês-–residência", para incentivar a permanência dos moradores na Vila de Paranapiacaba. Segundo R. uma das pioneiras do ateliês-residência na Vila de Paranapiacaba, o projeto visou "desenvolver potencialmente seus trabalhos alternativos, os artistas do projeto formavam um grupo heterogêneo cuja característica era ser composto por artistas "fósseis" – consagrados em exposições, catálogos e envolvidos em projetos de cultura e, portanto com certa legitimação no campo das artes, e artistas espontâneos à medida que era formado por artistas de vanguarda com ausência de sinais de consagração artística e sem o devido reconhecimento, ambos os tipos desenvolvendo arte experimental que envolvia o uso de materiais reciclados visando a uma arte social vinculada à ideia de inserção, auto gestão e geração de renda para a comunidade da vila como um todo"

Não é difícil encontrá-lo na Vila, contudo é improvável que o encontre em casa num dia de semana, sem ter com ele agendado algo. Ele é daquele tipo de artista da classe dos peripatéticos gregos, que tem nas andanças a motriz criativa.

> Eu já era bastante conhecido no ABC, já tinha um tempo de trabalho, já era bastante conhecido, participava de muita mostra no ABC quando começou aqui logo de cara já começou os ateliês, aí vieram outros artistas do ABC, começamos muito nós somos pioneiros quase, mas aí a Regina já morava há muito tempo [30 anos de casa já] eram 13 ateliês, vinham bastante os ateliês no festival de inverno não dava nem para entrar, tinha eventos nos ateliês, teatro e mudou bastante agora os ateliês no festival de inverno tinha evento mudou bastante uns foram embora porque ficaram desanimados não tinham um respaldo, não dá para viver só de arte já tenho faço oficina faço palestra sou convidado para ser jurado (T. 2018).

De início, o Projeto Ateliê-residência era tutelado pelo Plano Patrimônio de Paranapiacaba. T., desde esse tempo, final dos anos 1990, habita essa casa. Mas, conforme os anos passaram, os ateliê-residência foram ganhando mais autonomia. T. sempre contava como era no início, de como as cosias eram mais dinâmicas, um entre e sai de gente. Com o tempo, porém, os ateliês-residências, pouco a pouco, foram fechando as portas. Atualmente, poucas pessoas ainda alimentam essa experiência artística na vila.

***

> Uma casa tem muitas vezes as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supôs que o dono pense em as arejar e expor para o teu e meu desenfado. Nem todos serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá (ASSIS, 1997, p. 5).

T. me apresentava peça por peça das suas composições artísticas. Era difícil descansar a visão sobre uma única coisa, em função das cores fortes e as alternâncias abruptas de tamanho entre elas. Mas a casa uma das suas obras que ele pegara à mão, havia uma biografia para cada uma delas. Mesmo as rochas, coladas umas sobre as outras para assumir formas da sua imaginação, cada uma tinha um berço de origem “esse tijolo coletei ali, no caminho do Mens”.

Em suas caminhadas matinais, acolhia inúmeras coisas, dava-lhes sentido outros ou, como gostava de dizer, sobre seu fazer artístico: “incorporava-as” a seu ateliê.

> [...] Aqui destruiu muita coisa... tem um projeto que é continuado tudo que eu encontro na vila que ia ser jogado no lixo eu transformo em arte aqui nos fragmentos era uma casa que pegou fogo, isso aqui era uma boneca que estava na caçamba. Pedacinhos de madeira tudo parte dos fragmentos tudo que eu encontro faço uma seleção e depois o que vou usar aproveito [...] (T.2018).

Nem todos os objetos eram transmutados para um estado de arte, alguns eram guardados e dispostos mais discretamente naquela paisagem doméstica. Sabia que eram artefatos históricos, por isso não alterava suas formas, mas tinha muito cuidado com eles (**Fotos 34 e 35**).

Foto 34 e Foto 35: T. sentado à porta. Garrafas artesanais de elixir da antiga farmácia do Sr. Genofre, em Paranapiacaba. A direita Xilogravuras realizadas em dormentes de trem



Fonte: o autor (2016)

Sobre estes artefatos históricos, contava grandes histórias, e imaginava seus antigos donos. Eu sempre ficava com o pé atrás, mas embarcava na história. Como, diria Bachelard (2008) “imaginar será sempre maior que viver” (BACHELARD, 2008, p. 100).

Antes de Paranapiacaba eu nunca havia entrado em um ateliê, nem mesmo fora conhecedor de artistas, de forma que tinha certa dificuldade com os devaneios em torno das coisas. Para alguém que está acostumado a pensar os artefatos em sua condição prática e simbólica dentro das sociedades que as criaram, ouvir um artista divagar sobre as possibilidades criativas a respeito deles, me atordoava.

Estar em uma paisagem como aquela, vivenciá-la, é como entrar na mente criadora daqueles que a transformam dia após dia – se paisagem é movimento, um ateliê-residência é o

exponencial desse fenômeno geográfico. Disso concluí: Arqueologia é sobre coisas e não objetos.

Cada coisa dessas, com uma temporalidade própria, incorporada ao fluxo de vida da casa: "[...] A casa real nunca fica pronta. Ela exige de seus moradores um esforço contínuo de reforço face ao vaivém de seus habitantes humanos e não humanos [...] A casa real é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião (INGOLD, 2012, p. 30).

***

Relicários:
O tempo não cabe numa estante
Mas coisas, cabem

Conheci muitas pessoas na Vila de Paranapiacaba durante esses anos de pesquisa. Pessoas que abriram as suas casas, convidaram-me para entrar, sentar-se e conversar. Essas relações se fortaleceram com os anos. Atualmente, os encontros são mais leves, descontraídos e com mais aberturas, mas nem sempre foi assim.

Entre o verão e o outono de 2015 já estava morando na Vila. Boa parte do meu tempo era dedicado a conversar com as pessoas. Para tanto, apresentava-me como um pesquisador da área de Patrimônio Cultural, ligado a um Museu e laboratório de Arqueologia, cujo objetivo era entender a relação das pessoas com a vila. Esse "cartão de visitas" mais fez fechar portas do que abri-las para mim.

Sempre havia um ar de comedimento nas falas das pessoas quando os assuntos convergiam para a materialidade do patrimônio cultural. Algumas vezes, os assuntos iam bem, até este ponto.

Assim, descobri, naquele tempo, que há mais de uma maneira de encerrar um assunto abruptamente, de forma que poderia escrever um tratado sobre "as desculpas para fugir de uma entrevista fracassada". De "buscar o filho na escola" ou "daqui a pouco tenho um compromisso", "tenho que sair", "vou receber visitas" ou, simplesmente, a boa e velha sinceridade – que doía mais, pois era quase como me enxotar.

Tudo isso para fugir dos assuntos dos "puxadinhos", das "gambiarras", dos pequenos concertos na casa, como se a "encarnação do fiscal do patrimônio" estivesse diante deles – eu. Mas, quando consegui ao menos entrar em suas casas, havia algo que apreendia de imediato e

que não tomavam por coisa importante a ser escondido: artefatos históricos da Vila de Paranapiacaba (**Fotos 36 e 37**).

.

Foto 36 e Foto 37: Coleção de frascos de vidro e artefatos da ferrovia da SPR, pertencente a morador da Vila de Paranapiacaba



Fonte: o autor (2016)

São objetos de toda sorte: tijolos de várias tipologias, oriundos de diversas olarias ao longo da ferrovia Santos-Jundiaí, com destaque para a região do ABCD. As telhas francesas, boa parte da região de Marselha, França. Algumas foram aproveitadas nos anexos improvisados das casas. Outras ocupam lugares em prateleiras ou ficam empilhadas no quintal das casas. Inúmeros frascos de remédios, ampolas e vidros de elixir também compõem o cenário doméstico.

A variabilidade de artefatos me impressionava. Muitas peças eram corriqueiras, que passariam despercebidas por sua aparência rústica, ora fragmentados, tralhas domésticas de outros tempos; afinal, qual seria o valor dessas coisas? Contudo, essas coisas que compunham a paisagem doméstica são dotadas de valor histórico, algumas, inclusive, com certa raridade, como uma placa de ferro varada com o Brasão da SPR. Quando me deparava com esses acervos, relutava em aceitar, como quem prefere a ignorância ao conhecimento do fato (**Fotos 38 e 39**).

Foto 38 e Foto 39: Placa da SPR utilizada nos porões das casas da Vila Martin Smith (Vila Nova). Paranapiacaba, SP



Fonte: o autor (2016)

As origens desses objetos são as mais variadas. Mas, comumente, eram provenientes de depósitos encontrados em vários lugares da Vila de Paranapiacaba[55](PEREIRA, et al. 2016; PASSOS, 2016). Alguns deles, estavam dentro dos quintais dos moradores.

***

Outros artefatos, embora com menor recorrência, como: maquinários da antiga SPR, peças de composições, peças de locomotivas, placas antigas, carteiras escolares da antiga escola, ferramentas e mesmo artefatos de uso cotidiano das antigas famílias de ferroviários, técnicos e engenheiros que habitavam a Vila na época áurea da SPR, podem ser encontrados adornando os imóveis da vila.

Muitos dos objetos, patrimônio material, estavam dispersos pela Vila, até que alguém os encontrou e os levou para sua casa. Essa situação não se limita ao Sítio de Paranapiacaba. Um jovem morador realizou várias incursões na "via da conservação" do sistema funicular, descendo os patamares da Serra, coletando inúmeros objetos (ferramentas, material construtivo e louça). Como lembra Menezes (2011), "sob a ótica da legislação brasileira, todos praticam atos ilegais, que contrariam as perspectivas patrimoniais de preservação" (MENEZES, 2011, p. 58). Contudo, há de se distinguir esse tipo de prática, daquelas que são evidentemente – em sua intencionalidade – criminosas (**Fotos 40 e 41**).

[55] Em Pereira et al. (2016) há a relação dos depósitos de onde boa parte desse material era retirado pelas pessoas e entrava em circulação na Vila. Alguns desses depósitos foram cadastrados como sítios arqueológicos nesse período.

Foto 40: Coleção de fragmentos de louças de um morador da Vila de Paranapiacaba



Fonte: o autor (2016)

Foto 41: Morador que participou dos trabalhos de campo na área da Arqueologia de Paranapiacaba, expondo sua coleção



Fonte: o autor (2016)

Ainda sobre o ato de colecionar, acreditamos "que é preciso pensar na materialização das relações e não na sua materialidade" (MENEZES, 2011, p. 67). O Patrimônio de Paranapiacaba envolve um processo de ressignificação e de incorporação dos objetos a vidas das pessoas (INGOLD, 2012; REPEP, 2016), que deve ser alvo de reflexão, para não cairmos nos moldes discursivos de uma arqueologia colonialista (BEZERRA, 2011).

> O discurso do patrimônio essencializa a sacralização do passado e seus testemunhos materiais; os moradores, por sua vez, sacralizam o passado ao

> ressignificar ‘lugares e coisas’ em suas vidas cotidianas. Esse processo se dá quando os moradores transformam um fragmento de louça histórica ‘jogado’ no meio da rua em semióforo de sua conexão com o passado. Não há desvalorização nesse processo. Talvez seja pertinente perguntar o que se entende por ‘valorização’? (BEZERRA, 2011, p. 68).

Tal fato faz-nos retornar à discussão proposta por Menezes (2011), quando ele entende que, em tais circunstâncias, tal como se apresenta com os curadores de Paranapiacaba, a relação estabelecida com “o ‘patrimônio arqueológico’ não é de destruição, de desconhecimento. Nesse caso, a lógica patrimonial é contrária à percepção de que essas populações têm de ‘lugares e coisas’” (BEZERRA, 2011, p. 68).

5.3 Futebol, ferrovia e faina

> El fin del partido: Un vacío asombroso: la historia oficial ignora al fútbol. Los textos de historia contemporánea no lo mencionan, ni de paso, en países donde el fútbol ha sido y sigue siendo un signo primordial de identidad colectiva, **Juego, logo soy**: el estilo de jugar es un modo de ser, que revela el perfil propio de cada comunidad y afirma su derecho a la diferencia. Dime cómo juegas y te diré quién eres: Hace ya muchos años que se juega al fútbol de diversas maneras, expresiones diversas de la personalidad de cada pueblo, y el rescate de esa diversidad me parece, hoy día, más necesario que nunca (EDUARDO GALEANO)

A história do futebol brasileiro está intrinsecamente ligada aos veios de terra e rocha rasgados pelo ferro, desde as planícies litorâneas ao interior profundo do país. Milhares de operários, nesse intercurso da história pré-industrial e industrial brasileira, foram os alicerces do ensejo “progressista” da elite econômica e política. A ferrovia mudou o paradigma do trabalho ‘braçal’: ferro, rocha bruta, carvão mineral, fumaça e jornadas árduas de trabalho.

Em São Paulo, o futebol fora trazido pelos engenheiros e técnicos ingleses ligados à ferrovia e começava a disseminar-se pelas bandas de Piaçaguera, Alto da Serra e no planalto do Piratininga, seguindo o contorno e as sinuosidades da ferrovia em direção ao interior paulista.

Em torno das estradas de ferro surgiram vilas, cidadezinhas e um grande senso de identidade e coletividade ferroviária. Também, nos interstícios do labor, da faina rotineira e extenuante, o futebol começara a enraizar-se como uma prática de sociabilidade, coletividade e identidade operária.

***

"Escuridão-branca"
Oculta as folhas que caem
Revela o som d'água

Em uma década de Vila de Paranapiacaba, nunca presenciei um jogo de futebol sequer – pelo menos nenhuma partida oficial, já que comumente a garotada batia uma bola por lá. Queria muito testemunhar os herdeiros do Serrano Athletic de 1903[56] (atual Atlético Lira Serrano) jogar naquele campo. Esse infortúnio só não é mais trágico pelas histórias míticas que já escutei sobre aquele campo. Uns dizem: "o primeiro campo de futebol do Brasil", outros negam; uns tantos alegam ser, na verdade, o primeiro campo de futebol com medidas oficiais do país", outros, no entanto contestam essa afirmação.

Há quem diga, ainda, que naquele gramado, Charles Miller, "o pai do futebol brasileiro", jogara umas partidas de futebol, juntamente com os ferroviários, que gostaram tanto que levaram o gosto do futebol por onde quer que a ferrovia fosse. Mas dizem ser mito que lá, ele tenha dado o pontapé inicial do futebol no Brasil. Será? (**Foto 42**).

Foto 42: Campo de futebol União Lira Serrano, Paranapiacaba, Santo André, SP, antes do restauro



Fonte: Pin (2020).

[56] "O serrano Athletic Club foi registrado na federação Paulista de Futebol em 1903; após fusão com a Sociedade Recreativa Lyra da Serra o campo de futebol passou a pertencer a uma nova agremiação, a União Lira Serrano e figura entre os mais antigos campos de futebol do Brasil, ainda em uso.

É bem verdade que, tendo a levar a sério todas as histórias em torno do futebol da vila "inglesa", apesar de consultar os colegas historiadores[57] que desnublam as narrativas e põem veracidade naquilo que ora está sendo retorcido pelos papos de boteco, pelas resenhas de esquina e pelo enaltecimento das histórias orais que perpassam gerações. A memória tem dessas artimanhas, às vezes, se mistura com a fantasia para engrandecer fatos que nos são afetos ou afetivos.

Não obstante, as elucubrações populares acerca das origens do futebol margeiam os fatos consagrados pelos estudiosos do assunto. Mascarenhas de Jesus (2009) delineia sobre a origem do futebol brasileiro e consagra, na literatura, a íntima ligação com as ferrovias paulistas – principalmente a SPR – apesar de não mencionar os times da Vila de Paranapiacaba.

> [...] Embora nossa investigação aponte para a pluralidade de "portas de entrada" do futebol no Brasil, e que se reconheça a impossibilidade de localizar precisamente o momento e lugar de nossa primeira experiência futebolística, São Paulo pode resgatar seu velho emblema de "locomotiva nacional" e tomar para si o orgulho de ser o berço de tal esporte no Brasil. Foi, sem dúvida, a primeira cidade a organizar o futebol e vê-lo disseminado pelas ruas [...] Podemos afirmar que já no final do século passado tal esporte era praticado em clubes, empresas (capital inglês) e estabelecimentos escolares; que em 1896, o velódromo da família Prado, na Consolação, foi reformado para abrigar partidas de futebol; que em 1902 a cidade organiza o primeiro campeonato de futebol do país. Segundo Mazzoni (1968), a primeira partida de futebol realizada no Brasil dentro das regras oficialmente estabelecidas na Inglaterra em 1863, ocorreu na Várzea do Carmo, entre as equipes inglesas São Paulo Railway e The São Paulo Gaz, em 14 de abril de 1895. Complementando este elenco de pioneirismo paulistano, resta frisar que o primeiro clube de futebol formado essencialmente por brasileiros foi o Mackenzie College, criado em 1898. A título de curiosidade, outros clubes "nacionais" foram criados em São Paulo na virada do século, mas nenhum sobreviveu, o que qualifica o Sport Club Rio Grande (RS), fundado em 1900, como mais antigo clube brasileiro de futebol em atividade. Mas não enquanto "berço do futebol", como se afirma não raramente na literatura esportiva do Rio Grande do Sul (MASCARENHAS DE JESUS, 2009, p. 3 grifo nosso).

[57] Eduardo Pin, historiador e morador da Vila de Paranapiacaba escreve: "Em 1896 a partir da fundação do "São Paulo Atlhetic Club", o primeiro time de futebol do país, os treinos eram realizados na Chácara do Engenheiro Dulley, no Bairro do Bom Retiro, mas utilizando-se de um campo de críquete improvisado para o futebol, que ficava onde hoje está a FATEC, na Rua Três Rios. Em 1901 outro local foi improvisado para que fossem realizadas as partidas de futebol em São Paulo, desta vez foi o Velódromo da Consolação (antigo campo para prática de ciclismo) que iria servir de campo e estádio para realização do primeiro Campeonato Paulista no ano de 1902. Se a primeira partida foi realizada num pasto, se a Chácara Dulley iniciou as práticas de futebol em 1896, num campo improvisado de críquete e o Velódromo foi transformado em campo de futebol em 1901, com certeza o Campo de Futebol do Alto da Serra em Paranapiacaba, planejado em 1895, é, de fato, o primeiro do gênero no país, célula mater dos estádios de futebol no Brasil! (PIN, 2020, p. 1)

Contudo, há fatos incontestáveis em meio a tantas histórias e estórias. O primeiro fato é que o campo de futebol de Paranapiacaba é um importante patrimônio cultural brasileiro. Dotado de um "espírito" próprio e características únicas que, para aqueles que conheciam as "manhas" do campo, podiam se transformar numa verdadeira vantagem estratégica: os melhores lados para se jogar, os melhores dias e épocas do ano.

***

É sabido que a Vila de Paranapiacaba foi planejada numa perspectiva panóptica – o famoso vigiar e punir foucaultiano[58] – na qual a disposição das casas expressava os níveis de poder, pois foram dispostas em posição hierárquica na paisagem: quanto mais altas, maior o cargo e a importância do seu morador.

> Havia regras estritas não apenas em relação ao trabalho, mas também em relação ao lazer. Os operários podiam transitar pelas ruas apenas até determinada hora. E até o clube da vila, chamado de Lírio da Serra, ficava em um plano inferior, sob as vistas do engenheiro-chefe (PLENS, 2000, p. 13)

Essa disposição tinha como intuito dar a sensação, aos trabalhadores da época, de uma fiscalização ininterrupta sobre os serviços da SPR. A casa do engenheiro chefe (castelinho), por exemplo, estava bem alocada no centro da vila, com visão para todos os cantos. Só não estava à altura do campo de futebol.

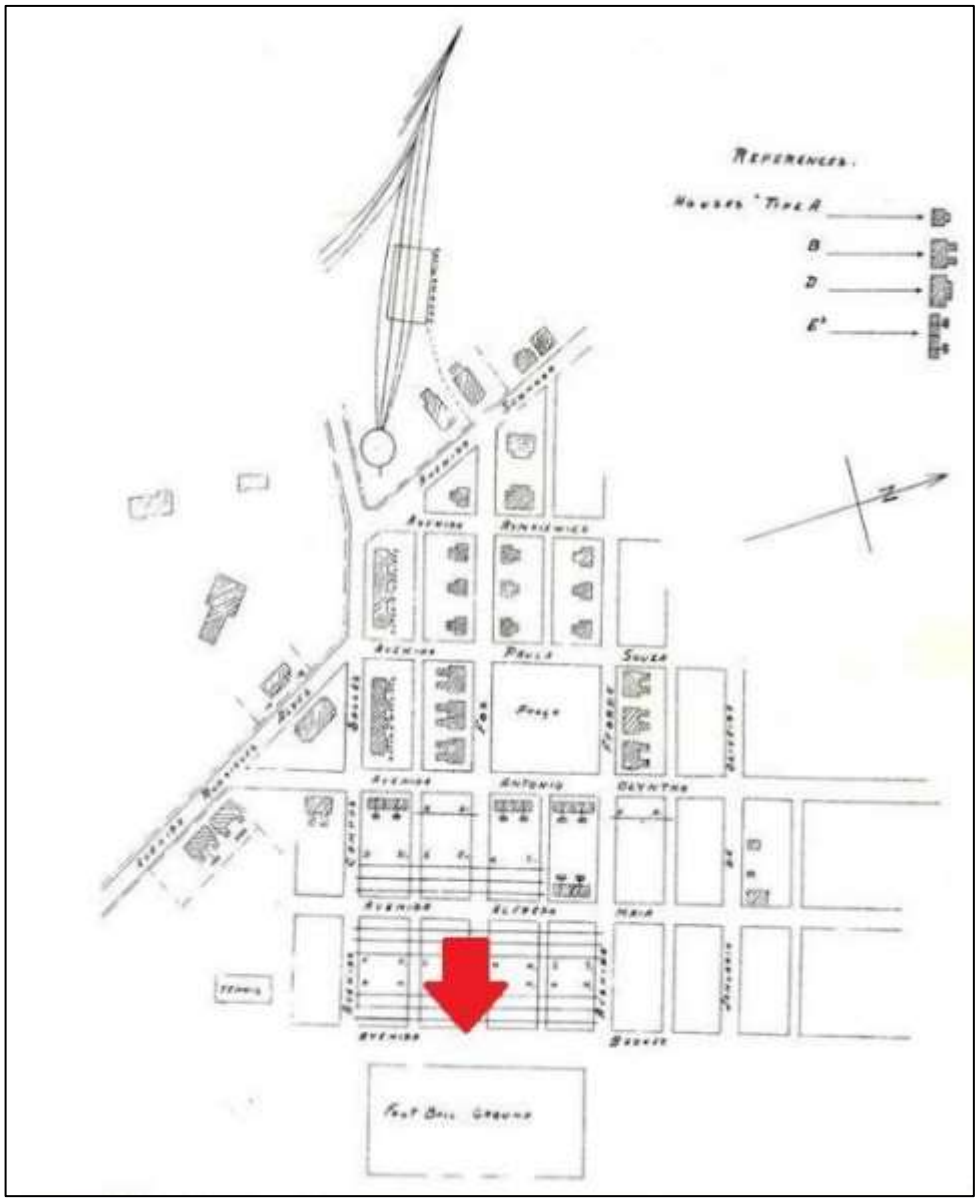
[58] Sobre o assunto, consultar a tese de Plens (2000), cuja pesquisa é referência para o entendimento de uma São Paulo Oitocentista que implantou, em boa medida, um sistema ordenado e sistêmico, pautado na sociedade disciplinar.

Figura 19: localização do campo de futebol com relação a paisagem panóptica da vila de Paranapiacaba



Nas plantas originais de 1890, já se podia ver o espaço destinado ao campo de futebol. Segundo consta, a implantação ocorrera em 1895, data essa também questionada por alguns pesquisadores do assunto, como Pin (2020). Talvez, aquém das precisões das datas, o que porventura pode ser posto à luz de nossa atenção, sejam as intencionalidades por trás do 'rigor' expresso por uma arquitetura de poder − havia, inclusive, esses pontos de lazer, sistematicamente projetados para amainar as mentes e corpos cansados.

Figura 20: Planta da Vila de Paranapiacaba (Vila nova/Martin Smith)



Fonte: Prefeitura Municipal de Santo André (2022).

Todavia, lá está o momento do futebol na memória, e não está só. Há também relatos da cultura do Cambuci[59] – que é uma referência ao hábito de ingerir, em demasia, bebidas destiladas para amenizar o frio, chuva e neblina e, por consequência, há sempre menção aos acidentes em decorrência desse comportamento dos ferroviários, dos tempos operacionais da ferrovia (SPR-RFFSA) (**Foto 43**).

[59] Essa expressão foi me apresentada, primeiramente por Spiff. Diz respeito ao consumo de aguardente de Cambuci, bebida típica da vila de Paranapiacaba. Os relatos sempre correlacionam os acidentes, graves ou não, com a bebida – embora o conhaque seja também bastante mencionado – e com a neblina densa.

Foto 43: Time União Lira Serrano



Fonte: Arquivo Histórico Museu de Santo André

Saindo um pouco do escopo historiográfico e adentrando mais a fundo a 'cosmologia' em torno do campo de futebol de Paranapiacaba, é crível aferir que sua presença na vila, dentro de um contexto cotidiano e numa experiência operária/ferroviária, fez convergir para essa materialidade, uma gama de narrativas que têm por detalhes o dia a dia de uma comunidade centrada no trabalho, nas fainas, quase sem tempo para o lazer. Esse fato atesta a presença, nos momentos de distração, desses dias saudosos no imaginário das pessoas que vivenciaram o tempo auge da SPR e/ RFFSA (**Foto 44**).

Foto 44: campo de futebol do clube União Lira Serrano



Fonte: Arquivo Histórico Museu de Santo André

Para quem quer conversar com o presidente do atual ULS, basta ir ao bar que fica abaixo do campo no Boteco do seu A., proprietário do estabelecimento e mentor do clube. O interior do boteco atesta o amor pelo clube e pelo futebol do "alto da serra", com uniformes antigos pendurados nos balcões, com mesas de alvenaria no exterior, último estabelecimento para quem vai para o caminho do Taquaruçu.

No fim das contas, naquele campo, em um patamar elevado da vila de Paranapiacaba, era onde primeiro se sentia a neblina descendo sobre as cabeças e em nada demorava para cobrir por completo – uma verdadeira escuridão branca[60], de modo a não ser mais possível distinguir quantos jogadores havia em campo, ou mesmo para onde a bola fora chutada e de que modo havia chegado ao fundo da rede.

***

Tive a oportunidade de conhecer o seu B. em 2015. Ele era um dos moradores mais antigos da Vila, na época, que pegara a transição entre a SPR e a RFFSA. E, entre tantas outras histórias da vida de ferroviário com as quais havia me presenteado, estava aquela sobre seus tempos de futebolista. Veio a falecer alguns anos atrás, infelizmente.

Lembro-me bem como ansiava por conversar com ele, pois a fama o precedia. Seu B. era um dos grandes nomes do Atlético Lira Serrano. Os moradores sempre me perguntavam se eu já havia conhecido ou falado com ele – como se a legitimação de meu trabalho fosse mediante esse encontro, dado seu conhecimento sobre os assuntos da vila e da ferrovia.

Quando o indaguei sobre aquele passado de atleta, perguntei-lhe – "O pessoal fala bastante que o senhor era jogador de futebol de mão cheia". De pronto ele gargalhou, mas não negou o título que lhe fora outorgado pelos conhecidos, e respondeu – "é porque aqui tinha os ingleses que formaram um time aqui chamado União Lira Serrano."

Entusiasmado, seu B. me contou como era "paparicado" pelos encarregados em dias anteriores aos jogos. Relatou-me, também, que tivera oportunidades de ascender profissionalmente no esporte devido ao seu jeito com a bola - "[...] então, eu gostava do esporte, me encaixei bem.... cheguei a treinar no Corinthians [...]" (Seu B.).

[60] "É uma escuridão branca" – disse uma criança que estava em meio ao um grupo de turistas referindo-se à densa nevoa que encobria a Vila naquele dia. Spiff, que os monitorava, ficou impressionado com essa descrição espontânea, que o pegou desprevenido. A definição que aquela criança desconhecida fez sobre a nevoa foi de uma obviedade genial.

Depois de um tempo de conversa, comentei que eu não precisaria nem lhe perguntar o time, pois estava claro a paixão pelo Corinthians. Ele me disse:

> aqui só dava corinthiano, palmeirense aqui era zero. Corinthians é time de massa. E eu fui fazer um teste lá no parque são Jorge, fui lá fazer um teste para o Corinthians. Era um tal de 'Rato', o técnico que tinha lá. então tinha eu e mais 8 para fazer o teste. Então ele reunia todos aqueles novos e dizia: "em 15 minutos eu sei quem é de boa, hein" assim na cara dura mesmo [...] ainda fui três vezes (SEU B. 2017).

É muito comum que, embora muitos tenham jogado nos períodos posteriores à SPR e, portanto, ligados à RFFSA, indicarem, em seus relatos que, alguns hábitos e costumes da "época dos ingleses" perduraram entre os ferroviários.

Seu B. e outros ex-jogadores do ULS, relatam que, para aqueles que tivessem um "diferencial" no futebol, a esses era concedidas algumas regalias, como sair mais cedo do trabalho e ser benquisto pelos superiores, valendo-se até de algumas promoções de cargo. Pelo que consta na narrativa do seu B., esse foi seu caso:

> E aqui, rapaz, era inglês... essa cidade era inglesa. E os ingleses adoravam futebol. Tinha um empregozinho melhor. Se jogava bem, já elevava [o cargo] [...] tinha um esquema (risos), eles davam muito valor... era rígido.... mas também bebiam em rapaz (risos) porque aqui era garoa, dia e noite. [...] tinha emprego rapaz, era duro, era duro.... os ingleses sabiam valorizar o estrangeiro [...] você podia ser malandro no serviço, mas via seu ponto. [o pessoal] falava "ele é malandro, ele é malandro. Eles iam lá, pegavam a ficha e diziam "ó homem direito" - tinha o futebol, os ingleses gostavam muito e davam emprego melhor para os caras que jogava bem... era uma beleza. Ai domingo você ia ali, folgava e ia ali no Pacaembu, assistir o Corinthians jogar, ai ia lá, tinha o passe, passe de graça, 75% de abatimento porque era funcionário (SEU B. 2017).

Sobre as pessoas daquela formação do 'Lira', não havia mais ninguém: "daquela época, não tem ninguém mais não, já morreu tudo. Dos que não foram embora daqui [da Vila de Paranapiacaba], dos que ficaram aqui [da Vila de Paranapiacaba] já morreu, só tem eu mais velho aqui."

A relação futebol-trabalho parece ter sido algo como de um 'comensalismo' social. Pelo que se conta e pelos relatos do Seu B e outros ex-ferroviários, havia benefícios para os "craques" – jogava bem, tinha benefícios: "O serrano é de 1906... ah os ingleses gostavam muito, se você

jogasse bem rapaz, tinha emprego garantido, bom. Tratavam bem o jogador. Chegava domingo tinha futebol, tinha técnico e tudo" (Seu B)

No entanto, devido aos apelos de sua mãe, na época, para que mantivesse o ofício de ferroviário – uma das profissões que eram muito bem-vistas na época – Seu B. não engrenou:

> Sabe como é mãe... "filho, você já está encaixado ai [na ferrovia], está tudo certo aqui, você está trabalhando, vai pra esse negócio de futebol ...pa.pa.pa" [imitou sua mãe] e me tirou do [time], mas eu estava indo bem rapaz.... era o técnico durão em véio... e ele já dizia logo ... foi o brandão... não, estou mentindo, foi o tal de... José Casteli, mas o apelido era rato, técnico do Corinthians. Eu estava no serrano batendo uma bola e depois veio uma pessoa e falou "ei você não quer fazer teste pro Corinthians" falei, custa nada fazer o teste, falei vou... e aí minha mãe já começou "você está empregado e pa pa pa"[imitou sua mãe] sabe como é mãe... ai falei .... "mãe, mas eu vou lá só fazer a vontade do.... Rapaz... olha, [pausa longa] não era pra ir mesmo. aí fui lá... fiz primeiro treino, gostou e mandou voltar, [me deu] um cartão.... aí naquela época, no dia em que eu ia, o suicídio do Getúlio Varga (SEU B. 2017).

Dessa história, há muito elementos que nos ajudam a contextualizar o período em que tais fatos ocorreram. Na época da entrevista, Seu B. era muito jovem, havia começado a trabalhar na ferrovia em 1951, três anos antes da morte de Getúlio Vargas -1954 - o que explica as preocupações de sua mãe com seus sonhos futebolísticos. A ferrovia era sinônimo de estabilidade e o futebol, naquela época, não era o fenômeno que é atualmente. Situa também o caos político da época, às vésperas e com a morte de Getúlio. Seu B. disse sobre aquele dia: "aí estava um rebuliço danado e a minha mãe falou " Aí estava um rebuliço danado, ai minha mãe falou, "não vai, porque Getúlio era o xodó do país, presidente. Aí não fui, mas também abandonei, e comecei a jogar no serrano."

Outro fato que "data" a narrativa seu B. é a atuação do "Rato" como técnico de futebol. Ex-jogador do Corinthians, e técnico nos anos de 1942, 1943 e, também, em 1954. Mensurei, na época da entrevista, a qualidade do Seu B. pela posição e por ter se destacado na peneira de um clube grande. Seu B. jogava, em suas palavras, como 'centro médio', que seria algo como meio de campo atual - "[...] oh, rapaz, miolo rapaz, é a sustentação do time, você tem que comandar tudo.

***

Neblina e fuligem
Uma finta que ninguém viu,
Gol!

Dia de céu azul, conversa na Vila dos Aposentados, parte alta, ao som dos choques dos vagões cargueiros no pátio ferroviário. Parados no parapeito, próximos à passarela, seu Z. me presenteava com histórias antigas do seu tempo de 'boleiro' entre os ferroviários.

Com a visão privilegiada da Vila Martin Smith, no horizonte, e apontando o dedo na direção do campo, disse-me: "Jogo de futebol aí do campo, era bom." Alguém interrompeu o raciocínio, dando-nos um "bom dia".

A conversa sobre futebol se iniciou quando lhe perguntei sobre o restauro do campo se desenrolando, para seus tempos de futebolista: "Joguei, como centroavante, mas não pelo Lira, mas pelo "caixa de fumaça". O Serrano era bom, mas também tinha a Caixa de Fumaça, onde é hoje o orfanato. Eles chamavam caixa de fumaça porque naquela época era bastante cerração – aí eles falavam 'é a caixa de fumaça'".

Espantei-me com o nome engraçado do time, nunca ouvira falar, talvez fosse um menos famoso entre os ferroviários da Vila. Seu Z. relatou-me que era comum entrar um ou dois jogadores a mais em campo em dias em que jogavam contra visitantes, fato esse que corroborou com outras estórias que ouvira. É dito que a cerração era tanta que ninguém percebia.

Mas, enquanto falávamos de futebol, outros assuntos rodeavam a conversa central. Intrinsecamente ao desporto, a vida cotidiana dos ferroviários. A bem da verdade, comumente os relatos tendem a um certo romantismo com a gestão inglesa na vila; são poucos os ferroviários que retratam pontos negativos daquele período, cujo contraste, que a bibliografia especializada pontua com severidade, uma vez que a própria configuração urbana atesta o rigor e a clausura a que os funcionários eram submetidos.

Seu Z., então distraído, contrastou os jogos sob a nevoa com a fato de que o engenheiro de fato vigiava os funcionários de seu castelo: "que nem o castelo, o pessoal falava que ele [engenheiro chefe] ficava lá pra vigiar...vigiar nada, não dava pra ver nada, era só serração [risos] e era assim, o engenheiro queria ver, que jeito... num via."

Apontou para o castelinho em risadas e reforçou: "a turma fala que engenheiro via... via nada. Eles eram ruins, gostava de ver a gente trabalhar. [...]" acrescentou.

> Naquele tempo a cerração era tão baixa que você enxergava a base de dois metros, três metros. Carro nesta estrada parava, esperava...vinha ó, era uma serração que num sei. Agora ela é rala, vem e vai embora, naquela época não ia.... era. Acidente aqui dava muito, morreu muito conhecido meu aí. Era triste ... (Z., 2022)

O tom da conversa mudou por um instante. Por alguns minutos, ele narrou inúmeros eventos de acidentes fatais ou aqueles que dilaceravam membros. Pontuou dois possíveis culpados, a cachaça e a neblina (causa) e os trens ocultos que pegaram os embriagados transeuntes (efeito).

> Muitos aqui relaxavam, porque como aqui chovia muito, a droga aqui é a cachaça. Cachaça, conhaque. Pra entrar no campo, aquele frio, toma uma dose aí... um litrão de conhaque, o cara toma um gole e já...[risos] não existia droga naquele tempo, a droga era a bebida. [...] (Z. 2017).

Incrível como dois fenômenos tão ímpares, aparentemente, mesclam-se na narrativa de forma tão consoante: trabalho, opressão (mesmo que psicológica e velada), adoecimento e acidentes. Mas também as fugas, entretenimento, sociabilidade e esporte. Uma contradição, de fato.

Da mesma forma, ainda se notam as configurações sociais que circundavam as partidas de futebol. Divisões territoriais, mesmo que ainda flexíveis na falta de um ou outro jogador para cada lado de um dos times:

> como era muita gente, dividiu os times. Eu jogava aqui [caixa de fumaça] porque eu era aqui do morro. Mas jogava lá também [na parte baixa, Lira Serrano], quando faltava gente. Tinha festival. Eu jogava de centroavante, o menino aqui [referindo ao falecido marido da Cida do morro] os dois irmãos, eram bons. O marido da Cida jogou no Santo André. O irmão [cunhado da Cida] não jogou no Santo André, mas outro [marido da Cida] sim (Z., 2022).

Ainda havia os jogadores (ferroviários) que moravam em outros patamares da Serra, mas compunham os times principais.

> [...] era tudo time daqui...Porque a ferrovia tinha o 15 de Novembro; porque no tempo da rede, os ingleses eram apaixonados pelo futebol e por ano eles davam uma verba para ajudar. Eles incentivavam; e os caras que trabalhavam aqui nestas oficinas eles davam preferências.... Se os caras jogavam bem, eles os catava e formava o time então eles davam hora pro cara sair pra treinar... os 'bonzões' aí tinha privilégio pra treinar. A única coisa que ainda tenho dessa época é a carteirinha da Lira (Z., 2022).

Depois de divagarmos, em assuntos outros, fiz-lhe uma pergunta sobre as recentes obras de restauro do campo de futebol, se seria interessante disputar novos campeonatos em Paranapiacaba.

> Volta, volta! O campo aqui, quando eles gramaram ele, era um tapete. La pra fora era terrão. Suzano veio ai, Jundiai, tudo conhece o serrano. Falar com aqueles veião lá [vão dizer] "ah já fui jogar lá", vinha sim.... antigamente aqui era tão bom... lá em Jundiai, sabe o que eles faziam, eles alugavam o trem, porque o trem naquela época era alugado – especial, a quantidade de vagão que você quisesse, só vinha especial mesmo, não vinha mais ninguém... a cidade era movimentada (SEU Z., 2022).

Parece haver uma certa ansiedade com o restauro do campo, há grandes expectativas sobre sua reinauguração. Uns querem que o Serrano volte aos dias de glória e que na estreia jogue contra um time grande. Outros pensam exclusivamente sobre o quão benéfico será para o turismo; e outros, por sua vez, preocupam-se com a autenticidade do campo após tantas mudanças.

***

> *Vamos entregar antes da Copa do Mundo, entre setembro e outubro, o primeiro campo com medidas oficiais do Brasil. E a própria família do Charles Miller, que morou na vila, autorizou a criação do memorial dele aqui, para que Paranapiacaba se torne referência turística para os amantes de futebol e de história. Vamos recuperar (o campo), mas mantendo sua história e tradição", afirma o prefeito Paulo Serra.*
> *(entrevista do Prefeito Paulo Serra ao ABC do ABC, 09/08/2022)*

Dentro do escopo das obras de restauro do PAC2-Cidades Históricas, a PMSA deu início às obras de 'restauro' do campo de futebol que, enquanto parte constituinte do núcleo urbano da Vila Martin Smith, é tombada nas três esferas – federal, estadual e municipal.

A obra, contudo, teve uma recepção polêmica entre os moradores e moradoras da Vila, levantando questões acerca dos 'limites do restauro'−dado o impacto físico e estrutural na área do campo de futebol. Além do mais, lideranças entraram com pedido de vistoria por parte do CONDEPHAAT e do Ministério Público Estadual. Por meio de carta, a prefeitura acionou o CONDEPHAAT para dialogar.

> No ofício nº 14.2021 de 24/08/2021 os solicitantes indicam "que sejam analisados os fatos apresentados de obra do poder público municipal, Prefeitura de Santo André, através da Secretaria do Meio Ambiente na Vila de Paranapiacaba e que devidas providências sejam tomadas. Trata-se de restauro do campo de futebol Serrano Athletic Club". Os fatos enunciados pelos solicitantes no ofício citado são: "a movimentação de terra no local está sendo efetuada de maneira temerária e altamente questionável para um Patrimônio tombado [...]. O sistema de drenagem original do campo, que possuía as pedras, por exemplo, está sendo dilacerado. Trata-se de obra na APRM-Billings. Não consta que referida obra de restauro tenha licenciamento ambiental (PREFEITURA MUNICIPAL de SANTO ANDRÉ, 2022, P. 1).

Dentro da perspectiva do restauro, a obliteração quase completa da superfície do campo[61], do sistema de drenagem que data mais de um século, foram totalmente modificadas[62]. As arquibancadas, antes ausentes estão sendo implementadas[63]. Do campo original pouco restou, e as indagações são sobre se aquele ainda seria o campo onde "nascera" o futebol paulista (**Fotos de 45 a 48**).

[61] Foi apresentada no projeto básico a instalação de muro de gabiões para contenção das margens do terreno, amenizando-se riscos de erosão das edificações da Rua Nova (PA nº 50360/2013-2, p. 16). O engenheiro responsável pela obra, Sr. Junior, identificou que para a instalação de gabiões foi necessário o revolvimento da terra, conforme se observa nas condições atuais do terreno;

[62] O arquiteto que realizou projeto básico havia alertado de que um dos fatores das condições muito precárias do campo era a "ausência de um sistema de drenagem que permita um rápido escoamento das águas" (PA nº 50360/2013-2, p.19). Foi proposto um sistema de drenagem em espinha de peixe, o que segundo o responsável pela obra ainda não foi realizado, pois a estabilização do terreno com os muros de gabiões é o estágio anterior à execução desse sistema.

[63] Foi indicado em projeto básico que as peças em madeira deveriam ser recuperadas quando fosse o caso, e que partes faltantes deveriam ser acrescentadas com mesmo material, se possível. Que o restauro será pautado pelas 'Diretrizes e procedimento de patrimônio edificado em madeira na Vila de Paranapiacaba' realizado pelo arquiteto Gilson Lameira de Lima, elaborado no programa de pesquisa de políticas públicas da Fapesp. (PA nª 50360/2013-2, p.34). Indicou ainda que a pintura respeitará o estudo de prospecção de cores para a Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba realizada pelo Escritório Júlio Abe Wakahara Ltda. e constante no PA nº 47.084/2011-0, aprovado pelo Condephaapasa. Até o momento foi realizada limpeza e recolocação das madeiras em boas condições, bem como dos trilhos que estruturam a arquibancada

Foto 45 e Foto 46: Obras de restauro do campo de futebol de Paranapiacaba.



Fonte x: ABC do ABC (2022)

Foto 47 e Foto 48: Obras de restauro do campo de futebol de Paranapiacaba



Fonte: SOS Paranapiacaba (2022).

O assédio midiático em torno das obras só não é tão notável quanto a ansiedade dos meios de comunicação em reforçar os mitos e dúvidas sobre as "histórias" do campo de futebol: "o primeiro campo"; "campo mais antigo". Registra-se, ainda, a confusão em torno da natureza da intervenção: se restauro, se reforma ou se revitalização. No mais, há um enaltecimento sobre o potencial turístico de tal atrativo – que terá até mesmo um busto de Charles Miller – para a vila (**Figura 21**).

Figura 21: Mosaico de notícias sobre a reforma/restauro do campo de futebol



Primeiro campo de futebol do Brasil passa por obras de revitalização

Espaço em Paranapiacaba foi construído no século 19 para ser casa do Serrano Athletic Club; memorial a Charles Miller será instalado ao lado

Paranapiacaba. Arquibancadas em construção.Toda contenção pronta. O mais antigo estádio ganha contornos.

A chuva atrasou a conclusão das obras. Um problema de última hora prejudicou os trabalhos. Mas esta página "Memória" não tem dúvidas: boleiros do Serrano e do Grande ABC, historiadores do futebol e do Memofut, Santo André vai oferecer ao mundo futebolístico um troféu de valor incalculável para a história do esporte bretão. Com uma novidade a mais

Esportes

esportes@dgabc.com.br | 4435-8384

Santo André inicia resgate da história do futebol no Brasil

13/04/2021 - Começa restauro do campo de futebol histórico da Vila de Paranapiacaba (SP)

DISTRITO FEDERAL, Brasília - Antiga vila ferroviária preserva arquitetura inglesa implementada no Brasil no século XIX

Campo de futebol de Paranapiacaba passa por reformas

Inaugurado em 1894, espaço é considerado o estádio mais antigo do Brasil

Fonte: respectivamente: ABC do ABC (2022); Diário do Grande ABC (2022) Revista Museu (2021); Rudge Ramos Jornal (2022)

Parafraseando Galeano (2004), as linhas destas crônicas são dedicadas àqueles entusiastas do futebol, patrimônio, história trabalhista do país. Se me perguntassem a importância do futebol na Vila de Paranapiacaba, apontaria para as crianças brincando nas ruas, para os mais antigos bebendo conhaque ou Cambuci no boteco que, com orgulho, tem emoldurada na parede aquela camisa centenária do Serrano ou contaria as inúmeras histórias que mesclam labor, afeto e história ferroviária, pois são muito interessantes e agradáveis.

5.4 Paisagem atarefada de uma casa em ruínas

"só quando as cumeeiras de nosso céu se juntarem, ainda nesta noite,
essa casa terá um telhado" (PAUL ÉLUARD 1941):

Eis o alpendre
Afagando a nuca
D'porta: entre.

Há uma passagem ilustrativa na obra de Yoshikawa (1999) sobre como podemos levar um bem cultural à morte, se não o preservamos em conformidade com a sua natureza intrínseca.

> [....] durante muitos anos, visitei templos e casas tradicionais em diversas províncias atrás de um objetivo: conhecer as espadas antigas e valiosas guardadas nesses lugares. Pois declaro que fiquei triste ao ver como eram poucas as relíquias conservadas em bom estado. No templo Suwa, em Shinshu, por exemplo, existem 300 espadas consagradas aos deuses do xintoísmo, mas no meio delas não havia cinco em bom estado, sem pontos de ferrugem. No templo Omishima, em Iyo, há um famoso depósito que conserva cerca de três mil espadas antigas, datadas de algumas centenas de anos atrás, e nele me enfurnei por quase um mês, pesquisando. Sabe o que descobri? Coisa espantosa: das três mil e tantas espadas, nem duzentas tinham brilho! [...] o problema é que quanto mais tradicionais ou famosas as espadas, mais são guardadas, acabando por transformar-se em alvo de ataques de ferrugem. São como crianças amadas demais pelos pais e que acabam estragadas por excesso de mimo [...] (EIJI YOSHIKAWA, 1999, p. 1240).

Em nossa sociedade, há um crescente risco de desvirtuamento do sentido de preservar, tal como no colocado pelo personagem Yoshikawa – o polidor de almas. Somos tentados a sacralizar e a cristalizar as coisas no tempo, impedindo-as de continuar com sua temporalidade, de confluir com a história humana, sendo ressignificada, envelhecendo e acumulando tempos.

Como uma espada antiga carece de quem a manuseie com frequência para não enferrujar, um patrimônio arquitetônico, por exemplo, carece de quem o habite, para que não venha a ruir.

***

A Casa em que fiquei hospedado, encontra-se no Morro (Parte Alta ou Vila dos Aposentados, como também é chamada) conta com uma localização privilegiada: de frente e acima do pátio ferroviário e da torre do relógio. De lá, a visão que se tem da Vila (Parte Baixa) é panorâmica.

A Casa em questão localiza-se na Rua Rodrigo Quaresma, que começa em frente à Igreja do Bom Jesus de Paranapiacaba. É uma rua peculiar, inicia-se lá "em cima", no largo da Igreja

e “vem descendo”, fazendo uma curva nas costas da Casa e continua até sua frente, quando finalmente acaba. O calçamento de paralelepípedos rege, num tom audível, o caminhar das pessoas lá fora. Da janela do quarto da casa vê-se sempre o fluxo dos transeuntes. Quando a rua está molhada −o que é quase sempre, vez ou outra, uma pessoa desatenta leva um escorregão.

A primeira vez que se vislumbra seu interior pode assustar o curioso, pois a casa “está desmontada”. No lugar do teto havia uma imensa lona fazendo as vezes de cobertura. Em alguns lugares do teto, não havia cobertura. Suas telhas francesas estavam empilhadas no chão do quintal, esperando para serem recolocadas no seu legítimo lugar.

A parede, em parte, fazia-se ausente. Boa parte do madeiramento havia sido retirado, bem como o do piso. Para circular de um lado para o outro é preciso o equilíbrio sobre algumas vigas ou pequenas pontes improvisadas, que impediam que andássemos no chão nu, uma vez que a falta de piso deixava à vista o chão de terra a uns 10 centímetros de altura do assoalho original. Por todos os lados havia inúmeras ferramentas espalhadas (**Foto 49**).

Foto 49: Interior da casa do P.



Fonte: o autor (2016)

De maneira geral, todos os cômodos estavam abarrotados de materiais de construção. A única exceção era um pequeno cômodo que, daquele momento em diante, seria o meu "dormitório": um cômodo que possui entrada independente e janelas com vista para a rua. Vale ressaltar que essa área da casa, em particular, contava com telhado e com paredes – apesar de possuir algumas frestas na parede e vãos largos entre a porta e o chão. P, o guardião da casa, usava esse espaço para dormir, às vezes. Mesmo auxiliado por uma lâmpada improvisada, o ambiente era escuro. Piso de tacos de madeira, com alguns buracos fundos.

Levou algum tempo para que eu me acostumasse com o barulho dos meus passos. Foi uma experiência interessante essa, de passar semanas tomando conhecimento de cada passo que dava. O ranger do assoalho de madeira sempre acusa a chegada e a saída de alguém da casa, sem contar que, a cada choque dos pés com o chão, subia uma considerável quantidade de serragem de madeira.

A mobília era coberta por panos e por plásticos para evitar o acúmulo de pó, com exceção de duas poltronas, antiquíssimas, que fizeram vez de cama. Durante as noites, a escuridão só possibilitava identificar os objetos com auxílio do tato. A pouca luz que penetrava era a que provinha dos postes da rua. Acostumar-me com a Casa durante a noite levou tempo.

Por volta das quatro horas da madrugada dessa primeira noite, um frio intenso adentrou a Casa. Agasalhos e cobertores não venciam o ar gelado que circulava no seu interior. A neblina esfumaçava o ambiente, tornando-o, também, úmido. Acordado, comecei a ouvir os primeiros vagões da MRS movimentando-se ruidosamente no pátio ferroviário. O ranger do aço em decorrência do atrito entre os trilhos e as rodas dos vagões era estridente demais. Seu retinir parecia ecoar por grandes distâncias. Pelas junções dessas duas condições, frio e barulho, adormecer tornava-se um desafio. Uma longa espera pelo amanhecer.

E, assim, foram inúmeras as madrugadas perdidas que serviam para tomar notas no diário de campo. Com a pouca luz de uma lanterna de chão, foi possível ler, escrever e esperar pelo amanhecer; contudo, "a neblina [sempre] era tanta que a muito custo [alvorecia]"[64]. Algo tão comum à Vila nessa época do ano (verão), manhãs de uma neblina que se demora a dissipar, tardando o amanhecer. Os raios solares somente vencem a densa neblina por volta das oito horas da manhã.

[64] Trecho adaptado de uma nota no diário de campo do livro O idiota, Dostoiévski, F. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: editora 34. 2002.

As impressões noturnas de um desalento quase inocente, devido à penumbra, esvaneciam e davam lugar a um sentimento de acolhimento. Uma dialética do dia e da noite, que impacta a percepção e os sentimentos.

Não que a noite em si me atormentasse, mas a fisionomia da Casa transformava-se. Sua incompletude, seus espaços vazios, o barulho do vento mexendo a lona do teto e o ranger das madeiras causadas pela variação térmica criavam um cenário desconfortável. A noite amplificava os sentimentos menos requeridos por nós: ansiedade, solidão e insegurança – "por que, realmente, estou aqui?". Tratava-se de uma espécie de medo psicológico por, talvez, ter feito a escolha errada. Precisava, realmente, passar por aquilo?

Inversamente às impressões noturnas, o dia revigorava-me. Com a claridade, era costume caminhar pelo quintal e observar a grande quantidade de musgo incrustado nas madeiras – nas paredes e telhados, mas também o que estava encrustado nas duas árvores do terreno – uma de limão cravo e outra de romã. A incidência solar no musgo ainda encharcado com orvalho faz com que a casa cintile um verde esmeraldino. Com atenção, podia ver a água esvaindo-se em forma de vapor e sentir o cheiro de madeira molhada mesclada com o odor leve de algumas orquídeas crescidas nas paredes. Era outra casa. Nessa dialética de claro e escuro, dia e noite, de medo e conforto, a sensação era a mesma: estranhamento.

Aos poucos, dia a dia, fui me acostumando aos sons – paisagens sonoras. Com o tempo, já não acordava assustado com o barulho dos vagões que iam e vinham subindo e descendo a Serra do Mar. Além do mais, os dias, ao contrário das noites, sempre me animavam. Depois de um tempo, deixei de ouvir, hora a hora, o relógio tocar, com exceção de um momento do dia, quando chega a "hora de Maria" – quando ressoam as badaladas do relógio, às 18 horas. A Igreja do Bom Jesus de Paranapiacaba entoa a "Ave Maria" de Franz Schubert, como é costume em igrejas católicas. Costumam dizer que essa tradição objetiva marcar o fim de um dia de trabalho.

***

Já havia algumas semanas que eu auxiliava P. nas reformas da casa. Trabalho extenuante e que refletia diretamente na minha disciplina com a observação. Por alguns dias, deixei de lado meu diário de campo. Para ter uma ideia, em um desses dias eu ficara tão absorto na faina que não vi a luz do dia. Um dia todo imerso com a resolução de consertar a calha d'água que, quando dei por mim, o sol já estava atrás da serra. Cansaço físico, câimbra e dores nas costas eram

constantes, já que minha função, muitas vezes, era segurar a calha para que P. a arrumasse, fazendo-me ficar em uma mesma posição por alguns minutos. Porém, algumas vezes, minha função resumia-se em, simplesmente, fazer companhia ao P., distraí-lo com conversas. Nessas circunstâncias, aproveitava para fazer-–lhe muitas perguntas sobre a vila e as pessoas e, eventualmente, passar-lhe alguma ferramenta.

Em parte, e para minha sorte, ele precisava que alguém ocupasse a casa para dar impressão de que ali havia residentes e, assim, evitasse saques. Também precisava, eventualmente, de alguém que o ajudasse com aqueles reparos. Devo dizer que compreendi, de imediato, os termos tácitos de nosso "contrato", inclusive as "entrelinhas". Esforcei-me muito para não me fazer de desentendido, uma vez que ansiava por perambular pelas ruas e conversar com toda sorte de gente. Anotar tudo que fosse possível e realizar factualmente uma pesquisa como observador participante em tempo integral. A simples ideia de passar tardes realizando consertos, principalmente tendo plena faculdade da minha total inaptidão com essa natureza de trabalho, me desanimava. Mas, todavia, era justo e assim eu o fiz nos dias que se seguiram a partir do nosso primeiro encontro.

***

Os primeiros meses foram difíceis nesse aspecto. No período da tarde, como combinado, passava-os com P., na Casa. Algumas vezes, P. percebia minha inquietação, dizia-me coisas do tipo "acho que consigo arrumar o restante sozinho. Você não quer ir 'fazer a pesquisa'" ou "agora dou conta, pode ir". Essa atitude, na verdade, só fizera com que eu tivesse mais motivos para ficar e ajudar.

Primeiro, porque mostrava uma total empatia para comigo. Segundo, em determinado momento, eu percebi que P. me ensinara mais coisas sobre a Vila do que qualquer outra pessoa. Ele apresentou-me a um número considerável de moradores que, se não me conheciam muito bem, ao menos sabiam que eu andava para cima e para baixo com ele; e isso, por si só, era uma grande contribuição.

Na verdade, dentro da casa, eu perambulava circularmente, entre um buraco da parede, por debaixo de andaimes, no quintal e por entre as portas. Afinal, diante do desconhecido, a melhor forma de familiarizar-se é a atitude perambulante.

As conversas com P. naquele ambiente lapidaram minha noção de lugar. Com o tempo, já não considerava as atividades da casa como fardo da minha pesquisa, mas como minha própria experiência de lugar, portanto, minha experiência vivida no patrimônio arquitetônico.

A experiência na Casa do Morro deu origem, mesmo que eu não soubesse naquela época, a questões norteadoras da minha pesquisa: O que é habitar o patrimônio? Como o fenômeno da paisagem se manifesta nessas circunstâncias?

***

Compreender-se-á a obstinação de P. para manter aquelas paredes de pé: vê-lo trabalhar diariamente, protegendo a casa dos olhares das autoridades e dos vizinhos que rondavam por ali, bisbilhotando os afazeres barulhentos de P., fez com que imaginasse ele próprio dizendo os versos de Thoreau: "eis a casa que [reconstruo]; eis quem mora na casa que reconstruo [...] eis o pessoal que amola o homem, que mora na casa que [reconstruo]" (THOREAU, 2015, p. 151).

P. apontava todas as imperfeições da Casa, com uma atitude inquietante, mostrando-se bastante preocupado. Por vezes, quase que inaudível, murmurava a sequência dos seus afazeres: "tenho que arrumar essa calha logo"; "preciso reforçar isso"; "aquela parte está descoberta, logo choverá". Entre outros dizeres, tateava a memória em busca de novas tarefas. Depois de um longo período de convivência, percebi que se tratava de um cacoete.

Quando irrompia esse 'mantra', era para realizar "curadorias" das coisas: mobiliário em geral, mas também artefatos memoráveis, que guardavam a história dos moradores predecessores. À medida que P. me apresentava a Casa – esse processo perdurou por toda minha estadia – também me mostrava, mesmo inconscientemente, sua história, sua origem, seus sonhos. A história de ambos, P. e Casa, convergiam para aquele momento presente de observação e escuta.

Na primeira visita, fiquei horas circulando no interior da Casa na companhia de P. Não que a casa fosse muito grande, pelo contrário −apesar de ser uma das maiores do Morro − conta com cinco cômodos, fora o anexo externo, banheiro, uma área de serviço e um quintal.

A Casa térrea é um híbrido de alvenaria e madeiramento. A maior parte consiste em madeira, com exceção da área voltada à Rua Rodrigo Quaresma, que tem paredes de alvenaria. Os alicerces da casa são feitos com blocos revestidos, no pé direito, por azulejos de um vermelho-alaranjado. Essa casa se enquadra dentro do conjunto de casas térreas da Rua Rodrigo Quaresma. O morro pode ser dividido em mais três partes, com características particulares: há um conjunto de sobrados na Rua William Speers, o largo da Igreja e o conjunto de casas (CRUZ, 2007).

Próximo à entrada principal da Casa havia um andaime, por baixo do qual tínhamos que passar para acessar a entrada, pela sala; e, nessa andança, diariamente, eu batia a cabeça nele (**Foto 50**).

Foto 50:Vista da casa da lateral esquerda, tomando como referência o portão de entrada. Andaime para realização dos trabalhos e as telhas francesas empilhadas ao lado. No horizonte, a vista para a parte baixa.



Fonte: o autor (2016).

Apesar da situação delicada que presenciava, eu estava maravilhado pela Casa, sim. Mas, principalmente, com a afetividade de P. para com o imóvel, e pelo orgulho de ter adquirido aqueles objetos juntamente com a casa.

Havia toda sorte de coisas: mobílias e cadeira da antiga escola da Vila; peças de composições ferroviárias; objetos utilitários artesanais, pertencentes a um cotidiano passado. Todos tiveram a devida contextualização por parte do P.

Pude notar que, por trás da frustação por conta do estado da casa, P. nutria um peculiar orgulho por ser proprietário de uma casa histórica. Poucas pessoas teriam a sensibilidade de ver

um valor inestimável de uma casa, que mesmo à beira da ruína, transpirava história. Esse sentimento que P. nutria, contagiou-me.

A cada vez que P. recordava de algum objeto de potencial histórico, ele descambava a procurar por entre entulhos – enquanto dizia "você vai ver, é um objeto muito antigo, histórico". Quando em posse do referido objeto, contava-me toda sua história – a quem pertencera, sua forma e função, histórias emaranhadas a vidas e pessoas. No início, não dei a devida atenção aos objetos e para a história que os envolvia. Quase me passaram despercebidos. Não fosse a insistência de P. em chamar-me atenção para essas pequenas "coisas", talvez continuassem esquecidas nos cantos da Casa.

***

Quando o conheci, P. já habitava a Vila há aproximadamente 12 anos, exercendo a atividade de monitor ambiental e respondendo, também, por trabalhos de marcenaria e de carpintaria. Escolhera a Vila de Paranapiacaba, por assemelhar-se a seu "lugar de infância", também serrano.

Dizia ele: — "Paranapiacaba me remete ao meu lugar de infância. Queria criar meus filhos em um lugar como esse". P. é divorciado e não mora com os filhos, mas estes o visitam periodicamente. Nasceu na divisa de Taboão da Serra, SP, mas foi registrado em Campo Limpo, região Sul da cidade de São Paulo. Tempos depois, em sua adolescência, mudou-se para Mauá – cidade do Grande ABC, por motivos familiares. Quando atingiu a maioridade, começou a trabalhar de forma itinerante e, assim, morou em Peruíbe, SP; na capital, teve experiências em alguns Bairros, tais como Pinheiros; Fradique Coutinho e Vila Madalena. Sobre essa época ele diz:

> Virei Hippie. Comecei a fazer uns trabalhos artesanais e vender em feiras, viajando por aí, morando em alguns lugares, mas sempre ficando pouco. No período em que morei na Vila Madalena entrei para um grupo de performance, teatro de Rua, onde conheci vários lugares. Conheci a mãe dos meus dois primeiros filhos, voltei a Campo Limpo. Logo nos separamos. Passado um tempo conheci a mãe do meu filho mais novo. Fui morar no Rio de Janeiro, em Volta Redonda. A vida deu umas voltas, não deu muito certo. Voltei para São Paulo, em Artur Alvim e de lá vim direto para Paranapiacaba. Muita coisa, né? Mas perceba, sempre gostei de serra (risos). (P. 2016)

P. conseguiu, via licitação, uma casa na Rua Nova, parte Baixa da Vila. Dessa forma, tornou-se permissionário por um período de cinco anos, com possibilidades de renovação. Dificilmente um morador não consegue renovar o contrato de permissionário. Há casos em que o morador, tendo acumulado um número considerável de infrações, perde o direito de moradia, sendo-lhe solicitada a entrega da casa. A infração mais comum é a falta do pagamento mensal, previsto em contrato. Há ainda outras infrações consideradas graves e que podem também acarretar a quebra de contrato, tal como a depredação do Patrimônio. No caso de P., nunca houve problemas maiores entre ele e a Secretaria de Paranapiacaba, estando ele em sua terceira renovação de contrato.

A vontade de adquirir um imóvel próprio na Vila de Paranapiacaba, segundo ele, foi casual. Não pensara sobre isso antes de surgir a oportunidade. Contudo, quando chegou ao seu conhecimento a venda dessa Casa, no Morro, surgiu-lhe a ideia de ter um pouco mais de estabilidade. Segundo ele: "Aqui, na parte baixa, como permissionário, pode-se viver a vida inteira. Mas nunca se sabe, essas trocas de partido na Prefeitura, vem um aí de repente e pede para todo mundo sair. Eu vim para cá [vila] para ficar. Quero ficar velho aqui". A compra de um imóvel na parte alta permitiria maior "estabilidade" para planejar abrir uma pousada, por exemplo,- e P. nunca escondeu essa vontade.

Inicialmente, conta P, "quando eu estava negociando a casa com os herdeiros do antigo proprietário, ela aparentava boas condições ou pelo menos não aparentava ter tantos problemas". Segundo P., houve má fé por parte dos que estavam à frente das negociações: "Estava tudo bem disfarçado [sic]. Para ter-se uma noção, os móveis mais pesados estavam em cima dos buracos no chão. Havia reformas recentes, mas tudo para aparentar um bom estado". Oportunamente, mostrou-me como haviam feito para esconder as falhas estruturais da casa. No teto, um forro recém-colocado escondia o madeiramento e as telhas quebradas. O mesmo ocorria no piso, defeitos ocultados, na ocasião, por tapete e móveis. As paredes e as partes de alvenaria, no entanto, davam mostras de seu estado, mas P. julgou a situação remediável na ocasião. Quando começou a reformar a Casa, todos os problemas existentes afloraram.

Desde então, diariamente, realiza uma série de tarefas para "manter a casa em pé". Seu otimismo é surpreendente. Todos os dias, ao ajudá-lo, eu mesmo desanimava. Arrumávamos uma janela onde a parede praticamente inexistia; consertávamos uma calha, onde não havia telhado; consertávamos um pedaço de piso em meio a muitos buracos. Dificilmente podia-se imaginar o fim dessas "tarefas hercúleas". Mas com tempo e persistência, aos poucos, fui notando as transformações de uma ruína em um lar (**Foto 51)**.

Foto 51: Lona utilizada para cobrir algumas partes do teto.



Fonte: o autor (2016).

Quando conversávamos, confessou-me em tom de brincadeira, que, quando finalmente terminadas as obras, iria sentir falta da visão privilegiada para o céu. Das noites em que acordava para pegar água e da cozinha, conseguia observar as estrelas – ou a neblina.

***

Voltando minha atenção ao quintal, pude conferir um anexo da casa (**Foto 52**), do qual P. me havia dito pertencer ao antigo morador, conhecido como Alfredo. Era um antigo trabalhador da Rede Ferroviária Federal; também era um caçador profissional (que detinha o direito à caça). “Ele tinha até mesmo uma carteirinha”, disse-me P.

Esse anexo era outrora um viveiro de pássaros e seu interior estava repleto de apetrechos para confecção de gaiolas. Havia muitas gaiolas usadas, espalhadas pelo viveiro, todas vazias, claro. P. é monitor ambiental e repulsa a atividade de caça e/ou aprisionamento de pássaros. Disse-me que as invasões à sua propriedade decorriam do interesse de algumas pessoas pelas

gaiolas, e por essa razão estava dando outro destino a elas, reaproveitando-as como suportes de flores.

Foto 52: Anexo, à esquerda, antigo viveiro de pássaros.



Fonte: o autor (2016).

Nas pausas que dávamos, descíamos à Parte Baixa, no largo dos padeiros, para tomar café – ritual repetido, várias vezes ao dia, todas as vezes que estávamos juntos trabalhando. Quando isso ocorria, encontrávamos outros moradores, os quais P. energicamente cumprimentava. P. é o tipo de pessoa que se faz notar. Tem uma energia sem igual, no que diz respeito a conversar. Quando esses encontros ocorriam, geralmente, ele cumpria um ritual: "Esse – apontava para mim. É o Thiago. Ele está fazendo uma pesquisa aqui na Vila". E assim me apresentava. Nessa época, eu não tinha muito claro o que realmente estava fazendo ali. Por essa razão, evitava prolongar-me nas explicações acerca do tema – resumia-a ao temário do patrimônio cultural, da memória e da identidade – temas muito familiares aos moradores, já que, com certeza, eu não era o primeiro dessa "espécie" de pesquisador naquelas cercanias. Completava, dizendo o nome da instituição e a minha área de atuação – a Geografia – e voltava minha cabeça para P., como quem solicita que haja uma retomada da conversa.

Com uma atitude de escuta, fazia-me de sombra de P.. A sua personalidade forte me ajudava muito nisso, pois, tão logo tomava a palavra, o ouvinte de pronto prestava atenção nele. Os temas das conversas eram os mesmos. P., com razão, carregava em sua mente o mesmo assunto: a reforma da casa. Por esse motivo sempre pedia conselhos aos que podiam ajudá-lo: carpinteiros (principalmente); pedreiros; eletricistas e encanadores. O Largo dos Padeiros parecia ser um ponto de convergência dos mestres desses ofícios – como se provou mais tarde. Confesso que aprendi muito – mesmo que muito eu já tenha esquecido completamente sobre esses assuntos, e as poucas coisas de que me lembro, foi porque consegui registrar em meu diário de campo.

Lembro-me de uma ocasião em especial, na qual o tema da conversa era a preservação das madeiras e a prevenção contra cupins. Em uma nota em meu diário, observei a beleza descontraída daquela conversa. A forma como trataram do assunto fez-–me remeter à literatura à qual me dedicava na ocasião – a poética do espaço de Bachelard, mas também alguns trabalhos de Relph (2012) e Tuan (2013) sobre acuidade e percepção ambiental.

Um dos presentes recomendou a P. que utilizasse uma espécie de óleo de máquina específico para vagões de trens, algo aprendido/transmitido pelos antigos ferroviários e que perdurava, pelo visto, no trato com a madeira de seus lares ainda nos dias de hoje - o pinho-de-riga, bem como outras madeiras nobres presentes nas estruturas das casas. O óleo, de espessura densa e de cor preta, deveria ser aplicado sobre a madeira de forma a torná-la impenetrável para os cupins.

Um outro senhor, que aparentava ter em torno de 70 anos, tomou a palavra e disse-–nos, num tom de propriedade, que talvez não fosse uma boa ideia usar o óleo em questão, pois ele tinha um odor forte e penetrante, que demorava a deixar a madeira. Disse-nos, ainda, que o cheiro de uma casa construída com essas madeiras antigas, o pinho-de-riga, também fazia parte do patrimônio e que era um cheiro único. Disse que era umas das coisas de que mais sentia falta na vila: “cheiro de casa de madeira boa, velha, ajustada à nossa vida difícil naquela época” (acredito que se referia à vida na Vila ferroviária, à dificuldade laboriosa do ofício de ferroviário). Segundo P., aquele homem era um antigo ferroviário da Vila, que vez ou outra retornava para visitá-la, pois havia uns dez anos que se mudara para a cidade de Ribeirão Pires. Depois desse dia, nunca mais o encontrei.

Com o tempo, porém, familiarizei-me com outros rostos – esses a quem considero conhecedores dos ofícios ligados à madeira (e eles com o meu). Encontrava-os, a princípio, sempre nos arredores do Largo dos Padeiros, tomando café em algumas das bodegas do lugar.

Quando tomei conhecimento de seus nomes e endereço, arriscava abordagens, com acanhados "bons dias" e chamava-os já pelo nome. Esforcei-me muito para guardar o nome de cada um deles, e isso me ajudou, de certa forma, a mostrar que eu não desdenhava de nossos pontuais encontros e sempre prestara muita atenção nas conversas.

Descobri que, além do conhecimento empírico e prático da vivência com o patrimônio de madeira, havia também, complementarmente, algumas incipientes obras do PAC (em 2015 ainda eram bem incipientes as obras de restauro). Contudo, muitos ainda não estavam empregados – e isso era sempre um outro assunto, a insegurança de não conseguirem se engajar nesse grandioso projeto de restauro. Muitos desses homens – incluindo P. – são ex-alunos do antigo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), fizeram diversos cursos profissionalizantes de restauro e de marcenaria, mas queixavam-se recorrentemente de não serem "aproveitados" na Vila. Dessas conversas e desabafos, pude constatar o quão difícil é conciliar o discurso de sustentabilidade (turismo e desenvolvimento) com a prática efetiva (engajamento dos sujeitos com o patrimônio de forma orgânica).

***

Essa rotina que se estabelecia, entre as fainas na Casa, as pausas no Largo dos Padeiros e as muitas conversas com o P. deram-me muito em que pensar. Afinal, os temas surgiam, a cada dia mais. Geralmente, eu aproveitava as atividades diárias da casa para processar todas essas informações. Aprender na prática, como por exemplo, o caso do óleo de locomotiva que aplicamos nas madeiras da Casa. De fato, o cheiro era insuportavelmente forte. Estonteante, para dizer a verdade. Depois que aplicamos em boa parte das madeiras, ambos, P e eu, tivemos fortes dores de cabeça e chegamos à conclusão de que, realmente, o antigo morador que nos aconselhara a não o usar estava certo: o cheiro do óleo, apesar de efetivo para seu fim – proteger a madeira de cupins – também se sobrepôs ao odor natural da casa. Por vários dias, não pude mais sentir o perfume das orquídeas que ficam próximas à janela do quarto e nas paredes externas. Ao mesmo tempo, não pude deixar de apreciar o fato de que a técnica do aplique era uma antiga "manha" dos ferroviários de outrora, que chegara a P. pela oralidade.

***

O tempo que fez com que a Casa beirasse à ruína; inúmeros problemas estruturais assolavam os alicerces; a madeira, em algumas partes estavam podres dada à ação da umidade e dos fungos. Os pregos corroídos pela ferrugem e as telhas, muitas delas ao chão, estavam em cacos. A presença de ninhos de pássaros nos vãos das paredes, vida encrustada por todos os lados da casa: orquídeas enormes, musgos salientes, trepadeiras que "revestiam" algumas colunas e que floriam o interior da Casa. Todos esses elementos acusavam a ação do tempo. Tempo esse que se materializa na paisagem decrépita da Casa moribunda.

Porém, afetava ainda mais seu proprietário: "todo dia é uma luta. Se eu parar de mexer, a Casa cai de vez ou vem alguém dizer que [a casa] é ruína e me tiram daqui", disse-me P.. Esses problemas minavam os ânimos de P., pois, caso viesse a ruir, não poderia erguer outra em seu lugar, ou seja, perder-se-ia a casa definitivamente.

Quando P. me apresentou à Casa, pude notar em seus olhos um misto de orgulho e de preocupação. A casa, da qual ele era guardião, sem dúvida tem um charme encantador, daquele tipo de fisionomia que só o tempo pode dar às coisas, um corpo velho e o interior cheio de histórias. A luta de P. era contra o tempo: "ela [a Casa] ainda tem muito a contar, não deixarei que vire uma ruína", disse-me ele.

***

Há uma perigosa ambivalência na temática da preservação do patrimônio cultural. Ao presumirmos, apressadamente, que a preservação requer apenas isolamento acautelador sobre os bens, pondo-os em redomas de vidro, privando-os dos efeitos do tempo e de sua relação orgânica com a sociedade, podemos desvirtuar a essência daquilo que tem por natureza envelhecer e acumular 'vida'.

O restauro enquanto prática de preservação −fundamental, diga-se de passagem − tem seu fundamento nessa ambivalência e, frequentemente, cruza linhas muito tênues entre preservar o valor histórico e obliterar as marcas de temporalidade.

Quando se pensa em patrimônios arquitetônicos habitados, não é só a materialidade que deve ser restaurada para ressaltar a identidade cultural do bem. Quem habita o patrimônio tem sua história de vida atrelada a esse fluxo de tempo, assim os seus valores identitários e sentido de pertencimento têm que ser restaurados de tempos em tempos, tal como a materialidade que o abriga.

Essas pessoas, possuem um saber profundo sobre tais edificações. Há de se considerar a potência pedagógica desse conhecimento, que transpassa questões técnicas e conceituais. Falam mais daquilo que pode ser sentido de um patrimônio edificado. Conhecem, com propriedade, a capacidade de acumular a vida que uma casa possui. Agregam, assim, ao conhecimento histórico, uma história de vida, entrecruzando as narrativas entre pessoas e coisas.

5.5 "Nós não somos patrimônio!": considerações sobre as divergências técnico conceituais da sobreposição de tombamentos

Passo lá depois, no morro
Papear sobre as engrenagens, dormentes...
Das memórias enferrujadas

Ocasionalmente, numa manhã de domingo, encontrava-me no Largo da Igreja do Bom Jesus de Paranapiacaba, sentado na escadaria uns degraus abaixo do nível da porta, perpendicularmente ao cemitério. Observava as várias levas de turistas que chegavam por ali: de carro, ônibus, havia ciclistas; pessoas com vestes para trilhas; motoqueiros, uma variedade considerável de visitantes. Algumas pessoas se aglomeravam nos arredores para tirar fotos da igreja: viam-se muitos flashes ligados, por conta da penumbra da neblina que cobria completamente o cume da igreja. A olho nu, não se viam a cruz e o sino, postados na parte superior. Havia, também, um considerável número de devotos (em sua maioria moradores) que aguardavam o badalar dos sinos anunciar o início da missa – às nove horas.

Um turista, no entanto, chamou-me atenção: um homem, extravagante, de voz grave, falava num tom alto e gesticulava muito com seus companheiros. Estavam próximos ao cemitério – alguns moradores direcionavam olhares de reprovação, o padre já começava a receber os fiéis. Cumprimentava, um-a-um com um aperto de mão antes que entrassem. O homem extravagante então aproximou-se do centro do Largo da Igreja. Acompanhei seu trajeto. Postou-se junto ao parapeito, aparentemente para tomar distância necessária para fotografar o grupo todo. Tirada a fotografia do seu grupo, voltou-se para as pessoas que estavam próximas. Havia um senhor sentado num banco de madeira cabisbaixo – o turista viu a oportunidade de uma ótima fotografia e, sem prévio aviso, resolveu tirar-lhe uma foto à "queima-roupa". O Senhor, aparentemente irritado, fechou o semblante. O turista, por sua vez, percebendo que se

tratava de um morador, desejou-lhe um bom dia apressadamente e bombardeou-o com interrogatório. Acredito que percebera que levaria uma bronca pela fotografia sem permissão, então, como estratégia, resolveu 'puxar assunto'.

O turista falava apressadamente, perguntou ao morador sobre o que se podia fazer na Vila para se distrair. E a única coisa que pude ouvir claramente, em alto e bom tom, foi a resposta do morador, num tom sério, mas polido: "olha, eu moro aqui em cima [do Morro], o pessoal histórico mora lá embaixo". Ao dizer essas palavras fez um gesto, como quem enxota um cachorro, virando o rosto abruptamente para o lado, continuou – "é lá que tem atração turística e as casas que as pessoas querem ver, lá que é patrimônio, aqui é também, mas lá é mais. Está até sendo restaurada [a parte baixa]. Aqui [morro] é tudo feio, o povo não liga muito. Lá [parte baixa] tem bar e restaurante e boas pousadas". O morador dirigiu-se ao interior da igreja para se acomodar. Minutos depois, os sinos anunciavam o início da missa.

***

Esse episódio me intrigou muito. O morador que sentenciava "o pessoal histórico mora lá embaixo" era um dos moradores que, orgulhosamente, valorizam a cultura ferroviária da vila – não era uma pessoa de lida fácil, eu mesmo tentei me aproximar algumas vezes, todas sem sucesso.

Quando perguntei para P. quem era aquele senhor, P. relatou-me que ele era descendente de duas gerações de ferroviários, antes dele. Fato que, recorrentemente, ele fazia questão de lembrar aos demais moradores. O que o levaria a se "excluir" do componente histórico da Vila de que tanto se orgulha? Presumi que, possivelmente, a intenção dessa frase e, consequentemente, do discurso, fosse na verdade uma manobra para se livrar do turista extravagante. "Desqualificando-se" perante a história da vila o turista perderia o interesse na manutenção do interrogatório. Ocorre que, naquela época havia muito ressentimento dos moradores do Morro, com os desdobramentos do PAC2-CDH.

Durante minha estadia no Morro, testemunhei muitas conversas, cujo tema era o restauro na Parte Baixa. Alguns questionavam o porquê de o Morro não ser contemplado pelo PAC2-CDH, uma vez que ele, o Morro, é parte do que conhecemos por Vila de Paranapiacaba. Nessas circunstâncias, nas conversas, faziam-se apontamentos sobre as condições das fachadas,

estruturas das casas que precisavam, assim como a Parte Baixa, de intervenções de restauro; sobre o potencial turístico da vila; do atraso das obras, dentre outros assuntos. Esses temas estão presentes no cotidiano dos moradores atualmente. Como dizem, "papo de bar".

***

O Morro é tombado nas instâncias municipal e estadual. A Verbas do PAC2 -cidades históricas, é de âmbito federal, assim, uma exigência para a inclusão do Morro no programa seria o tombamento pelo IPHAN, o que não ocorreu.

Nesse período, inclusive, eu participei de inúmeras reuniões do conselho municipal, de moradores, reuniões com técnicos do IPHAN. Em uma dessas reuniões vim a conhecer a rede paulista de educação patrimonial (REPEP). Entre técnicos de órgãos de proteção, funcionários da Prefeitura e moradores, estava presente também a professora Simone Scifoni[65] que, em sua fala, citou um relato de um morador do Morro que, em uma conversa, relatou-lhe que não se sentia parte daquilo – patrimônio cultural – uma vez que, sendo ele ferroviário aposentado, que "viveu a ferrovia", não ver sua casa contemplada pelo programa.

Presenciei outras tantas falas naquele período que tinham a mesma conotação. Surpreendente isso, de linhas imaginárias impactarem de tal maneira as noções de identidade e pertencimento.

O episódio do morador e do turista é apenas um exemplo, dentre muitos, de como equívocos nas políticas de proteção do patrimônio cultural podem afetar as várias dimensões do mundo-vivido. A má compreensão das dinâmicas de sítio histórico pode acarretar a exclusão de áreas envoltórias que deveriam ser indissociáveis – tal como ocorre no Morro.

"Não sou patrimônio"; "não sou histórico"; "sou morador novo, moro há apenas 15 anos"; "sou morador antigo, ferroviário" "sou parte da história da vila"; "ele não é histórico": ouvir-se-ão, em Paranapiacaba, frases como essas em diferentes oportunidades, principalmente quando o tema da conversa diz respeitar a história da Vila. Os significados culturais contidos nelas trazem à tona algumas premissas antigas sobre o debate do patrimônio cultural.

[65] Geógrafa, professora do Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

Desse episódio em diante, notei inúmeros eventos que corroboram a tese de que a sobreposição de tombamentos e as divergências conceituais sobre o conceito de proteção e paisagem cultural poderia afetar as noções de identidade e de pertencimento ao lugar, onde, principalmente via políticas públicas e gestão diferenciada sobre o patrimônio cultural, poderiam gerar/fomentar conflitos.

Não existe, numa perspectiva sociológica, um conflito explícito entre moradores do Morro e os Moradores da Parte Baixa. Muitos têm relação de parentesco e de amizade e até mesmo coabitam ambos os lugares. Alguns moradores, como nos casos dos aposentados, já residiram na Parte Baixa, quando mantinham vínculos empregatícios com a ferrovia. Todos pertencentes à Vila de Paranapiacaba. O que existe, na verdade, é uma comparação com o tratamento diferencial por parte do poder público entre as duas porções da Vila. A aplicação dos recursos do PAC2 – Cidades históricas, para o restauro do sítio da Parte Baixa, em 2013, veio a avultar ainda mais essas diferenças.

Pelo fato de o processo de tombamento do IPHAN não considerar o Morro como parte fundamental, acabou evidenciando um fenômeno inusitado: a diferenciação entre aqueles beneficiados por políticas públicas de âmbito federal – maior visibilidade, maior quantia de recurso – e aqueles que se vêm em uma situação marginal dentro desse quadro; – suas casas se degradando com o tempo e, no entanto, eles estando de mãos atadas quanto à possibilidade de intervenções contundentes nos imóveis, haja vista serem tombados. A hierarquização dos órgãos de proteção atuante refletiu diretamente no sentido de identidade dos moradores, que veio a culminar numa definição de desapropriação indenitária como: "nós não somos patrimônio".

A relação entre moradores – principalmente os antigos, com o poder público local é frágil. Da parte dos "moradores antigos", há uma ligação da ideia de descaso e de abandono do complexo ferroviário da Vila de Paranapiacaba, com o fim da concessão da São Paulo Railway. É claro que esse quadro de abandono tem raízes macropolíticas, com o desinteresse do Estado brasileiro com as ferrovias, durante a década de 1950 (ALAMINO, 2011).

Mesmo os períodos de concessão da RFFSA, ainda se mantém uma dinâmica cotidiana da vida do ferroviário, apesar das ressalvas, a brusca mudança de tratamento. O impacto maior, contudo, foi a compra dos bens da Vila pela Prefeitura Municipal de Santo André, SP. A mudança da administração também é um marco de mudança cultural dentro da Vila. O imaginário acerca do período áureo das ferrovias paulistas, sob a concessão da SPR, enraizou-se profundamente e está presente na cosmologia ferroviária da Vila, mesmo nos dias de hoje.

Um dos moradores, D., antigo remanescente na parte baixa da Vila – antigo ferroviário e hoje comerciante (restaurante), quando perguntado sobre a relação dele com a Vila, explicita as relações conflituosas geradas pelo processo de compra da Vila:

> foi tombado patrimônio histórico nós não íamos mexer na estrutura da casa íamos simplesmente manter o padrão dela, só que não tivemos essa sorte de ter o direito da compra da casa. Mesmo assim, eu gosto daqui (D., 2018)

O tombamento do qual ele fala é o de 1986 pelo CONDEPHAAT. Os demais tombamentos, Municipal e Federal, deram-se depois da compra da Vila. Percebe-se o descrédito na legitimidade.

> [...] eles alegaram que compraram [referindo-se à compra da Vila realizada pelo município de Santo André, SP] - eu nunca vi os documentos de compra e venda... já pedi... nunca vi. Eles não mostram pra gente o documento de compra e venda... porque na verdade não existe, pra mim não existe. Até um ano atrás, eu fui chamado pela rede ferroviária pra eu pagar os aluguéis. Que eu sempre paguei pra prefeitura e eles queriam que eu pagasse pra eles... como eu posso pagar pra prefeitura e pagar pra rede ao mesmo tempo? Aí, se eu acertasse os aluguéis eu teria o direito de compra. Eu fui ao [setor de] patrimônio da rede ferroviária federal. Aí a Prefeitura ficou sabendo que a gente foi lá em cima, rapidinho eles mudaram de ideia e mandaram a gente voltar e ficar na boa.

Desde a década de 1980, os moradores da Vila autogeriram-se no que diz respeito à moradia. Desde o fim da concessão da SPR e início do período da RFFSA, alguns moradores ditavam as regras de convivência e de aquisição ou não das casas desocupadas. Registram-se relatos de cobrança e de aluguéis de forma informal para outros moradores da Vila.

Há alegações, ainda hoje, nas narrativas, que questionam a veracidade de a compra da Vila ter sido feita pela Prefeitura e certa resistência à nova realidade.

Antevendo a dificuldade que seria administrar a Vila de Paranapiacaba pela distância física entre o município e o distrito e pelas questões atinentes à identidade e aos sentimentos de pertencimento dos moradores, a Prefeitura criou, em 2002, a Subprefeitura de Paranapiacaba.

***

5.5.1 Sobreposição dos tombamentos da Vila de Paranapiacaba

> [...] da modalidade de musealização, "culturalização" funciona, assim, precisamente como vetor de especialização dos "benefícios" que os "bens culturais" poderiam produzir afinal. Essa situação não é propriamente excepcional, que os bens declarados de valor mundial fossem ignorados pela população local (salve o como mercadoria, como pode algo valer para o mundo todo se não vale para aqueles que dele poderiam ter a fruição. Como pode o patrimônio mundial não ter antes valor municipal? [...] aliás, é necessário repensar a escala de alcance dos bens culturais (municipal, estadual, federal), quase sempre definidos a partir de critérios jurídicos, administrativos ou quantitativos (MENESES, 2009, p. 29-31)

Nesse intervalo de tempo, antes da compra dos imóveis pelo Município de Santo André, em 2001[66], houve inúmeras ocupações das casas por viajantes, andarilhos, artistas e outros segmentos sociais, pessoas que eram chamadas de "moradores novos". alcunha essa utilizada para denominar moradores sem ligação com o passado ferroviário da Vila.

Passado meio século do fim da concessão Inglesa da Vila de Paranapiacaba, esta passou por inúmeras dificuldades que geraram grande mobilização de diversos sujeitos sociais para a preservação do sítio histórico. Nesse ínterim, universidades, órgãos de proteção e munícipios adjacentes propuseram-se a pensar em alternativas de preservação. Do tombamento do CONDEPHAAT, na década de 1980, para a atualidade, houve alguns programas de restauros e de reformas. Outros tombamentos de instâncias federais e municipal na década de 2000 também foram importantes para manutenção e para a salvaguarda desse bem histórico. Contudo, nenhum programa injetou tanto investimento quanto o PAC- CH, chegando a aproximadamente 40 milhões de reais para restauro e reforma da Vila.

No tocante ao PAC-CH, essa foi uma das maiores políticas públicas de preservação do patrimônio cultural de âmbito federal da História brasileira. Anteriormente, houve iniciativas

[66] A aquisição do patrimônio de Paranapiacaba, realizada pela Prefeitura de Santo André (PMSA) em 2001, junto com o tombamento nas instâncias Federal e Municipal (respectivamente 2002 e 2003), são marcos de uma mudança administrativa na gestão do patrimônio cultural da Vila, mudanças essas que foram sentidas pelos moradores na época. Os moradores tiveram que se adequar às restrições no uso dos imóveis. Na condição de permissionário, o morador tem restrições para exercer atividade de benfeitorias que alterem as estruturas das casas ou, de alguma forma, altere ou desrespeite a relação entre área construída e espaços livres e, assim, venha a modificar o padrão urbanístico da Vila. Além disso, há contratos quinquenais que têm que ser revistos e então renovados. A PMSA adquiriu apenas as residências da Parte Baixa. Na Parte Alta, diferente da Parte Baixa, os imóveis são particulares, contudo, na condição de patrimônio arquitetônico e pelo fato de as terras serem públicas, ao ser declarada "ruina" não pode mais haver intervenção do morador, muito menos a construção de outro imóvel.

federais dessa natureza quando, na década de 1970, tivemos o Programa das cidades Históricas – PCH e num passado mais recente o Programa Monumenta, que durou anos, de 1996 a 2010. Contudo, o PAC-CH configura-–se como um dos maiores esforços no campo da preservação do patrimônio cultural brasileiro, tanto pela abrangência territorial, quanto pelos recursos injetados para preservação, para revitalização e para restauros de bens culturais.

No entanto, apenas uma parcela da Vila de Paranapiacaba foi contemplada pelo PAC-CH. Tratando-se de recursos oriundos do Governo Federal, o tombamento do IPHAN teve peso nos desdobramentos do programa; o tombamento dessa autarquia federal restringiu-se à porção da Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba, com marcos arquitetônicos da ocupação inglesa, a única contemplada pelo PAC-CH. Diferente, o CONDEPHAAT, por exemplo, abrangeu em seu tombamento todas as partes da vila: Parte Baixa e o Morro/parte alta/Vila dos Aposentados e Mata Atlântica circundante.

Vê-se que a natureza específica do Sítio Histórico de Paranapiacaba põe em evidência os impactos do arranjo institucional vertical desarticulado das autarquias mencionadas. A problemática exigiu do município a elaboração de uma lei para promover a participação dos diversos sujeitos e instituições: Prefeitura e os órgãos de preservação.

Em nível municipal, o CONDEPHAPASA utilizou-se dos mesmos conceitos do órgão estadual; contudo, apoiando-se na lei de ZEIPP (Zona Especial de Interesse do Patrimônio de Paranapiacaba), configurou-se como um marco substancial na gestão pública municipal do patrimônio cultural na Vila. A sua implantação deu base sólida para o que havia sido feito até então. Segundo Figueiredo (2012), a ZEIPP "foi criada e demarcada em 2004, pelo Plano Diretor de Santo André (Lei nº 8.696/04) e regulamentada em 2007, pela Lei Específica nº 9.018/07" (FIGUEIREDO, 2012, p. 13).

O PAC-CH contou com três etapas bem definidas: 1) em 2009, iniciou-se a elaboração dos "**Planos de Ação**", que horizontalizavam as relações entre os municípios e as superintendências do IPHAN para planejamento integrado para a gestão do Patrimônio Cultural; 2) o lançamento do PAC-CH que, então, incorpora os **processos de elaboração dos Planos de Ação**; 3) 2013, fase real de **implementação** do PAC-CH, em 44 municípios, cujo objetivo se declara como desenvolvimento local econômico e social, de forma sustentável (IPHAN, 2019).

O Plano de Ação da Vila de Paranapiacaba foi elaborado em conjunto pelo Iphan, Estado e Município de Santo André. A Superintendência do Iphan SP foi responsável por coordenar a elaboração do Plano, fornecendo apoio às atividades de capacitação, de difusão e de

participação da sociedade, com designação de corpo técnico que participou do desenvolvimento dos trabalhos, para garantir a integração intersetorial entre os órgãos da administração pública pertinentes. Ao Município de Santo André coube o compromisso da realização de todas as etapas previstas.

Entendemos que, mesmo que a ZEIPP e o plano de ação do PAC-CH tivessem sido mecanismos importantes para suprir as deficiências advindas da verticalização dos tombamentos em Paranapiacaba, ainda assim, não foram suficientes para abranger a Vila em sua totalidade.

A segregação setorial da Vila, pela parcialidade da implementação do PAC-CH, solapou vínculos de identidade entre moradores, causando uma desigualdade na preservação material do patrimônio arquitetônico da Vila que deveria, em tese, compor o mesmo contexto cultural, abrangendo a totalidade da paisagem, num tombamento integralizado em nível federal.

Como os recursos do PAC- cidades históricas foram de âmbito federal, a Parte Alta da Vila não compôs o conjunto tombado pelo IPHAN (Vila Inglesa "histórica"). Tal fato acabou por gerar certo desconforto por parte dos moradores da Parte Alta que se sentiram excluídos de um dos maiores projetos de restauro da Vila. Além disso, inúmeros imóveis encontravam-se em situação precária – havendo, inclusive, alguns eventos extremos de deslizamento de terra, dada a declividade do morro e dos altos índices pluviométricos causando danificação estrutural dos imóveis.

Os fatos já citados intensificaram as disparidades entre os núcleos históricos da Vila de Paranapiacaba, uma vez que as condições estruturais dos bens imóveis da parte alta estão em situação de extrema fragilidade ambiental. Tais imóveis encontram-se dispostos em uma forma de relevo fortemente dissecado, característico da região da Serra do Mar (ROSS, MOROZ 1997), com alto índice pluviométrico, tendo ocorrido, ao longo dos anos, episódios de movimento de massa que impactaram severamente os terrenos da parte alta, colocando em risco os seus habitantes e danificando, permanentemente, seu patrimônio arquitetônico.

A diferenciação dos tombamentos dos perímetros pode ter causado rupturas na forma de compreender a Vila histórica, tornando comum a diferenciação pronominal entre "nós" e "eles", como se não partilhassem os usos existenciais[67] do patrimônio cultural de forma igualitária,

[67] Menezes (1996) diferencia os usos culturais da cultura dos usos existenciais. Enquanto o primeiro está relacionado às relações de externalidade aos bens culturais – tal como a figura do turista em uma cidade histórica, o segundo fala daquela relação existencial com a cultura, tal como um morador que habita e vive a paisagem substancialmente em seu cotidiano.

apregoando, assim, no imaginário, uma noção de maior e menor "valor" histórico dos bens imóveis, da paisagem vivida, da memória com aquele patrimônio cultural.

Em tais circunstâncias os gestores do patrimônio cultural deveriam pensar de forma polissêmica as experiências dos sujeitos com o lugar, o que aponta para uma lógica patrimonial que é contrária "à percepção de que essas populações têm de 'lugares e coisas'" (MENEZES, 2011, p. 61).

> O discurso do patrimônio essencializa a sacralização do passado e seus testemunhos materiais; os moradores, por sua vez, sacralizam o passado ao ressignificar 'lugares e coisas' em suas vidas cotidianas. Esse processo se dá quando os moradores transformam um fragmento de louça histórica 'jogado' no meio da rua em semióforo de sua conexão com o passado. Não há desvalorização nesse processo. Talvez seja pertinente perguntar o que se entende por 'valorização'? (MENEZES, 2011, p. 68).

A disputa pelas narrativas, pela memória e pela identidade com o lugar são fenômenos observáveis nesses contextos. Essa situação vem, ao longo dos anos, de forma discreta, afetando a autoestima desses moradores mais antigos e gerando, assim, alguns atritos, fenômeno já verificado na tese de Elias e Scotson (2000), pois, segundo os autores,

> A força da função vivificadora do sentimento de valor próprio se mostra na universalidade da tendência de elevar o valor do próprio grupo às custas do valor de outros grupos [...] se tivermos em vistas uma série de casos em que outsiders foram ou são discriminados, logo descobriremos determinados traços em comum, a matéria prima de uma hipótese. Existem diferenças marcantes na tolerância e intolerância como grupos estabelecidos tratam os outsiders, e sem dúvida vários fatores contribuem para isso. Mas talvez possamos dizer que grupos até certo ponto seguros de seu próprio valor, grupo com uma autoestima relativamente estável, tendem para a moderação e a tolerância em relação aos outsiders; e, por outro lado, aquelas sessões de grupos de estabelecidos em que os membros são mais inseguros, mais incertos de seu valor coletivo tendem à mais aguda hostilidade na estigmatização de grupos outsiders, e ser implacáveis na luta pelo status quo e contra uma queda ou abolição dos limites entre estabelecidos e outsiders. Normalmente, são eles que mais têm a perder com uma ascensão dos outsiders (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.212).

No caso de Paranapiacaba, observa-se pelas narrativas que essa insegurança no habitar se originou com o fim da concessão da SPR, com as seguidas décadas de abandono, e a chegada de pessoas que não partilhavam a identidade ferroviária, intensificou tal insegurança e na década de 1980. Com a exclusão do perímetro da parte alta do tombamento do IPHAN houve e ainda há danos colaterais significativos que estão coetaneamente explicitados pela parcialidade das obras do PAC-CH, apenas no setor da parte baixa.

É imprescindível compreender e elucidar as problemáticas advindas das divergências conceituais dos tombamentos e como reverberaram política, econômica e culturalmente no cotidiano dos sujeitos em todas as suas dimensões. Como as divergências técnico-conceituais dos órgãos de proteção do Patrimônio Cultural podem impactar na esfera do mundo vivido, da experiência do Lugar e das paisagens?

Nesses termos, estariam os órgãos de proteção do patrimônio cultural a dar conta dessa escala geográfica de experiência dos sujeitos sociais com os bens culturais acautelados pelo Estado? Esta é a dúvida, pois se vê que as sobreposições dos tombamentos, bem como as diferentes concepções técnicas conceituais dos órgãos de proteção mencionados impactaram, em certa dimensão, a implantação do PAC-CH na Vila de Paranapiacaba. Queremos, pois, compreender em essência essa realidade!

Essa investigação se apresenta como uma discussão profícua para dimensionarmos os arranjos de grupos sociais que habitam lugares com forte caráter de identidade histórica. Acreditamos que habitar o patrimônio arquitetônico é um fenômeno intersecto a forças ontológicas, tal como a historicidade e a temporalidade dos lugares e das paisagens.

5.6 A metáfora da roupa velha e o paradoxo de Teseu

Cupins, bromélias e retintas
O manto da casa carcomida,
Cada estação, uma cor

Antes das obras, podia se ouvir com clareza o atrito dos trilhos com o aço do trem, subindo e descendo a serra. Ouviam-se, também, os compassados passos dos transeuntes sobre os paralelepípedos. Sobrepunham-se a essa melodia cotidiana as risadas das crianças, as

conversas dos adultos, o som dos pássaros e o ruído dos automóveis. A paisagem é, para além do que se vê, um compilado sinestésico de sons, odores, cores e texturas.

Quando a vila entrou em obra, ouviam-se mais sons de furadeiras, de martelos e de marretas. Passos mais apressados; carros com fardos mais pesados. Curiosos cercando operários; conversas otimistas ou pessimistas sobrea nova situação.

Foto 53 e Foto 54: Paisagem da Vila de Paranapiacaba durante as Obras de Restauro do PAC-CDH



Fonte: Pereira, (2016).

Tudo era novo e passível de assuntar. Via-se a matéria-prima circular, ser substituída e em alguns casos, completamente trocada. Escombros, tijolos, telhas e madeira amontoados em alguns cantos da Vila. pessoas novas, técnicos bacharéis e doutores concentrados. A paisagem não muda apenas por seus aspectos visíveis, ela muda porque o cotidiano muda, transforma-se e a vida dinamiza-se.

***

Estávamos há algumas horas perambulando pelos arredores da Rua da Estação. No caminho, casas ocultas por tapumes, escombros empilhados, operários sobre andaimes. O som de lixadeiras, de marretas e de furadeiras abafava os ruídos da mata e das conversas das pessoas, que gesticulavam mais que o comum para auxiliar a compreensão de suas falas.

A conversa com L[68]. não tinha linearidade e nem ritmo, marcada por grandes pausas, seguidas de devaneios – aquele tipo de diálogo que sequer tem um objetivo claro, cujo impulso é de tatear a memória em busca de estórias. A narrativa que L. empregou utilizava certa

[68] Homem, branco, 54 anos. Morador da Vila de Paranapiacaba há 10 anos. Artista plástico, pintor e membro do projeto ateliê-residência de Paranapiacaba. Também é guia ambiental e cultural da vila.

circunstancialidade, preenchendo um episódio de sua vida com historietas, marcos temporais, que o levaram à Vila de Paranapiacaba.

L. é um dos muitos artistas plásticos que vim a conhecer na Vila, possuía, como alguns outros artistas residentes, uma Ateliê-residência, preenchido por quadros e mais quadros de sua autoria. – Nunca conheci de fato sua casa − sendo um dos poucos ateliês que não adentrei, dada à natureza reservada de L. – tive apenas vislumbres do interior doméstico, quando batia à sua porta e ele atendia, nesse breve instante conseguia observar os contornos dos móveis e de inúmeros quadros.

Enquanto caminhávamos, íamos reparando na quantidade de materiais de construção nos recantos da Vila: caminhões com toras de madeira, vindas do Norte do pais,[69] haviam deixado uma grande quantidade delas, perto do Bar da Zilda, que já estava em obras, junto com vigas, tijolos, telhas.

L. me questionou, na ocasião se, trocando todo material histórico, ainda seria patrimônio? E, apesar do tom irônico-sarcástico, manteve firme a questão, pelo menos aguardou um esboço de resposta da minha parte. Por falta de resposta, mantive-me calado por um tempo.

Aproveitei a oportunidade e perguntei-lhe o que estaria achando de tudo aquilo. Acrescentando: "sua casa também será restaurada, né?. Ele então me respondeu de pronto: "é estranho, porque uma hora tudo vai ficar diferente, mas três restauro desses e a vila histórica some". Ao terminar essa sentença, soltou uma gargalhada.

Depois de passar o dia com L., paramos em pé, frente à sua casa, mas encostados no alambrado enferrujado do pátio ferroviário; perguntei-lhe, novamente, o que achava do restauro dos imóveis da Vila de Paranapiacaba, agora sério e dirigindo meu olhar para ele. Antes de responder minha pergunta, voltou seu olhar para sua casa. Seu rosto denotava uma compenetração, como quem esculpe a melhor resposta.

[69] Em 2016, enquanto realizávamos o monitoramento arqueológico, tivemos oportunidade de conversar com responsável pelo carregamento dessas madeiras – um especialista. Disse-nos a origem da maioria delas. Que me recordo, a maioria proveniente do Norte do país. Apesar de ter dito as espécies de árvore naquela ocasião, não tomei nota e a informação entrou para o esquecimento.

Foto 55: Antigo Locobreque nas proximidades da Rua da Estação



Fonte: o autor (2023).

Por um instante, ambos olhávamos para o mesmo objeto com duas percepções completamente distintas: eu, observava a casa, mas não a percebia de imediato, pois queria vê-la pela ótica do meu interlocutor, queria, pois, que ele preenchesse a forma com conteúdo. Já L. muito provavelmente, provocado pela questão posta, olhava-a como quem pede permissão para falar de uma intimidade.

Depois de alguns segundos, disse-me:

> Minha casa é como uma roupa velha... confortável. Ao se vestir, encaixa-se perfeitamente no corpo, me sinto à vontade nela, mas quando restaurarem [a casa] será como uma roupa nova... bonita, porém um pouco desconfortável, até eu me acostumar. Vai perder esse musgo que tanto gosto, no telhado, e as bromélias.... que estão ali.... Gosto da minha porta e de todas estas sobreposições de tons e cores que possui, suas pátinas. As marcas, todas que o tempo trouxe...vão sumir... (L. 2015).

Uma fala que suscita questões. Na ocasião, ficamos parados frente àquela casa, olhando-a. L. levou-me mais para perto e com a mão apontou as pátinas existentes no batente da porta. Consegui perceber pelo menos três camadas de cores vivas, a mais profunda era azul-céu, depois beje (ou uma cor desgastada pelo tempo) e a última vermelha, mais recente, pois todos os imóveis residências da vila possuíam essa coloração, até então.

Quando escorei a mão próximo ao batente da porta, para melhor ver as patinas que L. me mostrava, senti a aspereza e a umidade, aqueles fungos rosados com pequenas plantas crescendo entre as fendas da parede (**Foto 56 a 58**).

Foto 56 e Foto 57: comparação entre duas casas da vila de Paranapiacaba, um dos pouco conjuntos de casas restauradas depois dos inícios das obras.



Fonte: O autor (2021).

Foto 58: comparação entre duas casas da vila de Paranapiacaba, um dos pouco conjuntos de casas restauradas depois dos inícios das obras.



Fonte: O autor (2021).

O telhado era exatamente como L. descreveu, repleto de vida. Sobre o vermelho-– terra do telhado repousa um musgo cintilante sobre as telhas francesas, como uma primeira pele. É possível observar o orvalho sobre o musgo refletindo a luz solar, havia inúmeras bromélias e inúmeras orquídeas de várias tonalidades, sobre o telhado, nas paredes e em algumas juntas dos alicerces da casa. A casa incorporou temporalidade e a vida pujante da flora circundante.

Havia, também, buracos e madeiras lascadas na base da casa, pelos quais, olhando bem, podia-se ver o chão da sala, de cimento queimado e com vermelhão. Nas proximidades da janela. também havia fendas que, de certo, permitiam a entrada de vento e das brumas que insidiam o ano todo sobre a vila.

Por fora, a casa tinha sua beleza, mas não se podia ignorar que boa parte estava danificada substancialmente. Podiam-se ver, também, alguns remendos com materiais diferentes do original −se fora ele ou um antigo morador que fizera a gambiarra, não saberia dizer. Mas, levando em consideração sua fala anterior e o valor que dá aos préstimos do tempo sobre a matéria da casa, talvez não fosse ele (**Foto 59**).

Foto 59: Musgos sobre as madeiras que cercam as escadarias de algumas casas



Fonte: O autor (2022).

A própria ideia de identidade presume mudança, contudo é compreensivo aceitarmos que toda mudança traz questionamentos sobre nossa identidade, bem como as das coisas. E, depois de tantos reparos, restauros e readequações; depois de tantos moradores que ali habitaram, ela ainda será a mesma? Ela ainda é a casa primeira, aquela feita por ingleses no século XIX? (**Fotos 60 e 61**).

Foto 60 e Foto 61: Marcas registradas em uma das primeiras casas a serem restauradas na Vila pelo PAC2-CDH



Fonte: O autor (2022).

Desde que L. veio a habitá-la, tornou-se para além de uma casa, mas, também, um ateliê. Ali reverbera uma dupla função que a substância: morada que resguarda o corpo e ateliê que abriga a criatividade. Um ateliê-residência em um patrimônio arquitetônico beira uma certa redundância, uma vez que a arquitetura também é uma forma de arte.

Assim as mudanças acontecem não só na estrutura, mas em todo interior, nas pinturas da parede da casa, único lugar permitido para alterar a cor. Mas os pregos fincados nas paredes para segurar os quadros, armários, espelhos e tantas marcas cravadas na superfície daquelas madeiras, são resquícios que datam de outros tempos.

***

O Paradoxo do Teseu tem guiado há séculos as questões filosóficas sobre identidade e o que somos e como somos com o tempo e com as coisas – temporalidade. De acordo com Plutarco (2008) "o navio em que Teseu fez a travessia com os jovens e em que regressou são e salvo era uma embarcação de trinta remos que os atenienses conservaram até o tempo de Demétrio de Falero[70]."

Segundo consta, conforme prosseguiam em sua jornada de retorno, os tripulantes "retiravam o madeiramento envelhecido e substituíam-no por pranchas robustas, que ajustavam às outras, de tal modo que, para os filósofos, este navio representava um exemplo adequado à discussão sobre o "argumento do crescimento"" (Plutarco, 2008). Essa discussão polarizava os filósofos entre os que acreditavam que o navio continuava a ser o mesmo, enquanto outros que diziam não se tratar do mesmo navio.

[70] Filósofo peripatético que governou Atenas entre 317 e 307 a. C

Em síntese, Teseu parte de um barco de Creta, retornando para sua casa em Atenas. A viagem dura 50 anos. Ao longo desses anos, conforme avança em sua viagem, Teseu vai substituindo as peças de forma que, em algum ponto, todas as peças foram substituídas. A questão então é: o navio que saiu de Creta para Atenas é o mesmo navio, sendo que suas peças foram todas substituídas? (Plutarco, 2008).

***

A convergência daquele momento me inspirou muito no decorrer da minha pesquisa. Conforme apreendia a narrativa de vida de L. e de tudo o que fizera até chegar a esse ponto, morador e artista plástico da vila de Paranapiacaba, cuja relação com aquela materialidade me espantava cada vez mais, havia algo que sobrepujava, a forma como enxergava o patrimônio que o 'vestia' e a sensibilidade na apreciação da temporalidade latente daquele lugar.

"Uma roupa velha", amassada, com alguns rasgos e remendos, mas com odor familiar, com a textura que o tato já acostumara e um aspecto, uma fisionomia amigável a seus olhos. Enquanto habitante, sua trajetória de vida de constituir naquele lugar, de forma que podemos indagar se nessa relação entre o sujeito e as coisas, não [eram?] como uma incorporação.

Embora essa fala de L. possua uma conotação nostálgica, ele, de forma alguma, impusera valores negativos às vindouras transformações pelas quais sua casa passaria, era apenas uma constatação. Na verdade, tantas outras pessoas, em suas narrativas, davam o mesmo tom preocupado com as possibilidades de um restauro – a mudança, a transformação. Sentimento esse que talvez seja melhor expresso como angústia[71].

A questão que ficou é: restaurada, a casa será a mesma? Depois de tantos anos, mudando peça por peça, ela, a casa, com efeito, perdeu muito do que era de original – da matéria-prima. O que dá valor a um patrimônio arquitetônico, se não a materialidade que a constituiu? Qual é o papel das pessoas nessa trama de temporalidade que daria valor ao patrimônio cultural?

Nesse mesmo dia, ainda de pé, recostados no alambrado, conversávamos, já com falas pausadas e com pensamentos entrecortados, como são os assuntos que estão prestes a acabar.

[71] Uma paisagem em transformação é uma paisagem de angústia (angústia em seu sentido sartriano, onde, não existindo uma fuga da angústia, a angústia é inevitável e, em algum momento, o projeto existencial se depara com ela. Ela nos ronda e nos enfraquece e não há possibilidade de despistá-la, pois mesmo contornando-a, ela existe "em resumo, fujo para ignorar, mas não posso ignorar que fujo, e a fuga da angústia não passa de um modo de tomar consciência da angústia" (Sartre, 1997, p. 89).

L., educado demais para dizer que estava ficando entediado e eu, extasiado, mas igualmente cansado, procurando o melhor jeito de me despedir.

5.6.1 Considerações sobre a metáfora da roupa velha e o paradoxo de Teseu

> Se o observador, situado em um barco, segue a corrente, pode-se dizer que com a corrente ele desce em direção ao seu porvir, mas o porvir são as paisagens novas que o esperam no estuário, e o curso do tempo não é mais o próprio riacho: ele é o desenrolar das paisagens para o observador em movimento. Portanto, o tempo não é um processo real, uma sucessão efetiva que eu me limitaria a registrar. Ele nasce de *minha* relação com as coisas. Nas próprias coisas, o porvir e o passado estão em uma espécie de preexistência e de sobrevivência eternas [...] aquilo que para mim é passado ou futuro está presente no mundo. Frequentemente se diz que, nas próprias coisas, o porvir ainda não é, o passado não é mais, e o presente, rigorosamente, é apenas um limite, de forma que o tempo desmorona (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 552).

Retomando o paradoxo de Teseu, há reverberações profundas nas discussões filosóficas ulteriores. Mas são os predecessores de Plutarco, Heráclito e Aristóteles, que dão fundamentos para a discussão. Heráclito de Éfeso cunhou a famosa metáfora do rio para fundamentar sua teoria do devir, ninguém se banha duas vezes no mesmo rio[72], pois tanto as águas quanto os sujeitos já não seriam os mesmos. (ARISTÓTELES, 1984). Metáfora essa retomada na discussão Merleaupontyana sobre temporalidade.

Aristóteles (1984), "em a metafisica", por outro lado, na tentativa de resolver esta questão filosófica – ou complicar ainda mais − acreditava que uma coisa é definida por quatro causas: as formais, materiais (essas duas estão ligadas à constituição da coisa em si); as causas, finais e as causais eficientes (ARISTÓTELES 1984)

A "**causa formal"**, o que dá forma a coisa, sua essência, aquilo que a distingue das demais casas, sua potência de ser – assim uma casa é uma casa porque tem forma de casa, mas essa questão está para além da materialidade. Aquele que arquiteta a casa, direciona uma intencionalidade sobre ela, dando corpo à forma antes imaginada. Por isso uma casa não é um amontoado de madeira – sua essência é uma convergência do saber-fazer, cultural, e identitário, sua essência é morar e essa intencionalidade *a priori* que lhe conferiria sua essência.

[72] HERÁCLITO. Sobre a natureza. Trad. José Cavalcante de Souza. Em.: Os pensadores. Vol. 1. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

Aristóteles diria que a única coisa que se altera na casa é a sua materialidade, a "**causa material**" – neste exemplo, em um primeiro momento, suas madeiras (pinho de Riga), em boa parte, vieram do Porto de Riga, Letônia acoplados nos lastros dos navios. Suas telhas vieram de diversas regiões da França, carregando consigo as marcas que fazem menção às cidades dessas olarias. Os componentes metálicos vieram de regiões do norte da Europa. Essa seria a constituição original das casas feitas pela SPR, no século XIX.

Com o tempo, os pinhos de riga foram carcomidos por cupins, apodreceram pelas intemperes climáticas e deram lugar a outras matérias primas, como as madeiras nativas da Serra do Mar. As telhas, pouco a pouco, foram substituídas por telhas de olarias regionais – muda o cheiro, muda a cor, mudam as pátinas. Isso é exemplo de **"causa eficiente",** de um agente transformador

A causa eficiente, diz respeito às transformações das coisas, suas mudanças dentro de um fluxo de tempo. Além do próprio tempo que transforma as coisas, há outros agentes, tais como a vida vegetal que abraça a casa e, lentamente, talha a madeira, ou mesmo seus habitantes que, gentilmente, dão movimento a essa paisagem doméstica, com pequenos reparos para suprir suas necessidades cotidianas, substituindo as peças danificadas. O patrimônio arquitetônico teria um "**ato de potência**" de se transformar em uma ruína.

A "**causa final**", pode ser aquele que fez a casa, mas também aquele que ali habita e lhe dá uma "intenção" – essa intenção pode ser reconfigurada ao longo do tempo, constantemente ressignificada. O construtor da casa, pode ter tido uma intenção estética arquitetural ao fazê-la ou também pode tê-la construído pensando única e exclusivamente para abrigar outras pessoas. O morador, também pode, constantemente, redefinir o sentido de seu lar. A causa final da casa é abrigar; mas, todavia, a causa final de quem se abriga é morar, e essa seria uma razão de seu existir.

O mundo estaria no próprio mundo por essência. Assim a essência de qualquer coisa é a função dessa coisa – se uma casa tivesse vida ela seria o morar.

O ser, nessa perspectiva, extravasaria a essência e assumiria a casa como um todo – ainda é casa, mas também é a representação suprema do morar. Assim, é mais sobre o que se é, do que sobre o que aparenta ser enquanto matéria. As constantes transformação da matéria podem levar a novas essências ou mesmo sobrepô-las (ARISTÓTELES, 1984)

Essas quatro teses das casualidades de Aristóteles de certo, nos dão repertório para refletirmos sobre o paradoxo de Teseu e perpassa ou atravessa todas os ensaios que dizem respeito às transformações da paisagem dentro do fluxo da temporalidade em Paranapiacaba

colocando-nos, assim, num epicentro de problemáticas outras, pois o que definiria o ser, então é sua função. Será que realmente conseguimos encontrar suas essências? Ou, quais implicações dessa ótica linear do tempo – que flui, escorre, passa, linearmente – passado, presente, futuro dentro de uma relação de causa e efeito?

> Diz-se que o tempo passa ou se escoa. Fala-se do curso do tempo. A água que vejo passar preparou-se, há alguns dias, nas montanhas, quando a geleira derreteu; no presente ela está diante de mim, ela vai em direção ao mar onde se lançará. Se o tempo é semelhante a um rio, ele escoa do passado em direção ao presente e ao futuro. O presente é a consequência do passado, e o futuro a consequência do presente. Essa célebre metáfora é na realidade muito confusa. Pois, *a considerar as próprias coisas,* a fusão das neves e aquilo que daí resulta não são acontecimentos sucessivos, ou, antes, a própria noção de acontecimentos não tem lugar no mundo objetivo. Quando digo que anteontem a geleira produziu a água que passa presentemente, eu subentendo um testemunho sujeito a um certo lugar no mundo e comparo suas visões sucessivas: ele assistiu ali à fusão das neves e seguiu a água em sua queda, ou então, da margem do rio, ele vê passar, depois de dois dias de espera, os pedaços de madeira que havia jogado na nascente. Os "acontecimentos" são recortados, por um observador finito, na totalidade espaço-temporal do mundo objetivo. Mas, se considero este próprio mundo, só há um único ser indivisível e que não muda. A mudança supõe um certo posto onde eu me coloco e de onde vejo as coisas desfilarem; não há acontecimento sem alguém a quem eles advenham, e do qual a perspectiva finita funda sua individualidade. O tempo supõe uma visão sobre o tempo. Portanto, ele não é como um riacho, ele não é uma substância fluente. Se essa metáfora pôde conservar-se de Heráclito até hoje é porque, sub-repticiamente, nós colocamos no riacho um testemunho de seu curso. Nós já o fazemos quando dizemos que o riacho *se* escoa, já que isso significa conceber, ali onde só existe uma coisa inteiramente exterior a si mesma, uma individualidade ou um interior do riacho que desdobra, no exterior, as suas manifestações (MELEAU-PONTY, 2006, p. 553)

Assim, compreendo que o tempo, na experiência subjetiva, não escoa do passado para o presente e, por fim, o presente empurrando o porvir para o ser. O que entendemos como futuro, por exemplo, não é o acúmulo de sucessões de acontecimentos que teriam como base o passado, pois “somos tempo”.

Dessa forma, o tempo é “o desenrolar das paisagens para o observador em um movimento. Portanto, o tempo não é um processo real, uma sucessão efetiva, que eu me limitaria a registrar. Ele nasce da minha relação com as coisas” (Merleau-Ponty, 1999)

A metáfora da roupa velha empregada por L. para descrever o afeto pelo acúmulo de vida incorporada em seu ateliê-residência, nos mostra que nossa percepção de tempo está na nossa relação com as coisas e, também, nas próprias coisas.

Ali, quando L. me explicitava suas angústias com o vindouro restauro de sua casa, também tocava esse porvir, essa "tempestade no horizonte" que se formava. Naquele momento convergia em sua narrativa sua percepção da temporalidade daquela paisagem.

Dessa forma, o passado e o porvir estão, nas palavras de Merleau-Ponty, em "uma espécie de pré-existência e de sobrevivência eternas" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 551-552). Para L., as marcas deixadas pelo tempo (passado) e o apagamento das mesmas pelo restauro (porvir) estavam sendo percebidas no presente – presente naquele momento, presentes no mundo.

Mesmo as marcas de tintas, frutos de seu ofício de artista, que respigaram no chão de madeira, anos atrás, absorvidas e incorporadas por aquela casa, mesmo essas marcas tão caras a L. não remetem ao passado, pois quando revigorados ao pensamento para serem narrados por ele, elas estão tão presentes quanto o som de fundo da nossa conversa, do atrito dos vagões sobre os dormentes, tão presentes quando o a sensação térmica daquele dia. O significado dessas marcas para o sujeito é sentido naquele instante, num "sentido de passado" que fora trazido ao presente por significação, mas que, dessa forma, são uma percepção de presente.

> Se meu cérebro conserva os traços do processo corporal que acompanhou uma das minhas percepções, e seu influxo nervoso passa novamente por esses caminhos já percorridos, minha percepção reaparecerá, terei uma nova percepção, enfraquecida irreal, se se quiser, mas em algum caso essa percepção que é presente, poderá indicar-me um acontecimento passado, a menos que sobre o meu passado eu tenha uma outra visão que me permita reconhecê-la como recordação (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 553-554)

Da mesma forma, para aqueles que sucederão L. naquela casa, experenciarão as marcas de tintas deixadas por ele, pois a paisagem é um manifesto e testemunho da presença humana sobre a Terra que faz convergir em si, no seu horizonte, nossa experiência de tempo.

Se num exercício de pensamento, eu considerasse, num futuro longínquo, um encontro com L., no mesmo lugar, não mais diante daquela casa, mas de outra, que passara por inúmeros restauros e reformas, de forma e estilo idênticos à anterior, mas não a mesma, a não ser por uma pequena lasca de madeira que resistira como testemunho de sua antiguidade. Diante dessa lasca de madeira possivelmente estaríamos percebendo aquele passado, poderíamos tocar naquela casa novamente.



CAPÍTULO 6: ENSAIO FINAL

6.1 A Temporalidade da Paisagem na Vila de Paranapiacaba

Quando estamos imersos nas paisagens que trazem o passado em sua fisionomia, o que nos afeta mais, o que nos toca mais, é a percepção que temos das coisas e de como elas chegam a nós: foi por meio da nossa sensibilidade, ou das ideias e dos pensamentos elaborados racionalmente sobre as coisas e sobre os lugares?

Ainda, quais valores nos conectam a isso que denominamos patrimônio cultural? São os valores legados pelas instituições para a sociedade: estéticos, históricos, culturais ideológicos, identitários, ou mesmo as manifestações político-econômicas sobre a cultura humana? Ou, talvez, por serem legados do nosso saber-fazer e da nossa imaginação sobre "a permanência do fazer manual dos homens" (CHOAY, 2001), os quais não são passíveis de se replicar no presente e no futuro? Ou, então, valores atrelados ao plano conceitual, ou de qualquer outro fundamento epistemológico da Arquitetura, da História, da Arqueologia e da Geografia?

Tais dimensões do patrimônio cultural, evocadas por essas questões, elucidam uma problemática bastante explorada pelas ciências sociais de base fenomenológica: o distanciamento do ser do mundo da percepção para uma hipervalorização do conhecimento intelectual, racionalizado (HEIDEGGER2001; MERLAU- PONTY, 1999; BESSE, 2012; DARDEL 2011).

Assim, respondendo a essas provocações, Merleau-Ponty (1999) diria que a nossa forma de estar no mundo é originalmente sentida, vivenciada pelo nosso corpo. Por essa razão, qualquer esforço para compreender, ontologicamente, a relação das pessoas com o patrimônio cultural e histórico, é voltarmo-nos para o mundo da existência, dos sentidos e da percepção, em termos fenomenológicos, e apreender o mundo pré-reflexivo (MERLEAU-PONTY, 1999). Nossa relação com os lugares históricos não é necessariamente perpassada pela intelectualidade. Os conceitos e definições do temário patrimonial não alcançam o mundo da percepção, o contato direto com as coisas.

Dizer que tal bem cultural tem um valor específico por remeter a um tempo, a uma ideologia, a um estilo, a uma arquitetura, a um potencial econômico, e que, por esses motivos deveriam ser preservados, é reduzir ou anular a potência que é o conhecimento oriundo da percepção direta do sujeito com o mundo, seria apenas um olhar sobre reverberações em torno do fenômeno observado − o "ser-em-si" sartriano "incriado, sem razão de ser [...] supérfluo para toda a eternidade" (SARTRE, 2005, 40).

Não é difícil ilustrar a tensão que elementos externos exercem sobre lugares históricos, estereotipando-os; definindo-os e engessando-os no tempo; impondo determinações fixas para

exploração comercial; estandardizando a paisagem, quando não expulsando as pessoas do lugar. Essa estrutura predatória em torno do temário patrimonial objetifica-o – e objetos não têm consciência de si próprios, são o ser-em-si, acabados (SARTRE, 1998)

Doravante, ver-se-á que desvelar os fenômenos advindos da experiencia, pré-reflexiva, originária e singular do habitar o patrimônio cultural, faz-nos compreender, um pouco mais, o ser-no-mundo. A percepção do mundo não é uma construção, ela é uma forma primária de ser e estar no mundo. A resposta (ou a tentativa de uma) para as inúmeras indagações supracitadas encontra-se na apreensão da relação das pessoas com as coisas para figurar sua consciência de ser-no-mundo, da sua condição de 'tempo'.

***

6.2 Uma síntese sobre a relação das pessoas com as coisas

Habitar o patrimônio cultural é 'ser' nesse mundo inundado de temporalidade, é o ato exponencial dessa experiência, que é temporal.

É desse contato dos sentidos com o mundo que nos incrusta na paisagem e revela o pensamento originário, antepredicativo e de onde advém o conhecimento que é anterior a toda e qualquer intelectualidade racionalista.

Os saberes sobre as 'coisas', o trato da madeira, o trato dos metais e o trato das alvenarias.; o conhecimento de técnicas de reformas e de restauros[73] que nasceram de necessidades utilitaristas, cotidianas de uma materialidade que é secular, sobrepõem-se, ainda, aos conhecimentos passados por gerações, para um bem viver diante das condições postas pelo cotidiano (mundo-vivido), perpetuando – e ressignificando−técnicas que datam da construção da ferrovia, da manutenção da SPR.

Mas o conhecimento que ressalto, ainda é mais profundo e tem reverberações existenciais: conhecimento sobre o tempo – uma imersão dos sujeitos na temporalidade da paisagem – que frutifica em saberes afetivos sobre as pessoas e as coisas do lugar.

Depois de anos na Vila de Paranapiacaba, ainda é surpreendente observar a rede de trocas de conhecimento sobre determinado assunto ligado à lida com o patrimônio cultural. Esse intercâmbio de técnicas passadas por gerações, de pessoa a pessoa tem grande importância

[73] Refiro-me aqui às práticas corriqueiras de manutenção e de restauro feita por moradores para manutenção das casas, diante das necessidades básicas da habitação.

na preservação da cultura material e, por mais diferente e espontânea que seja, é também um saber a ser salvaguardado, assim como conhecer esse inerente ao habitar, esse que só é apreendido com a permanência e a vivência com os que ali comungam desse saber.

Outrossim, o resgate da memória afetiva com essa paisagem é um ponto salutar a se destacar. São poucos os moradores e moradoras que têm laços com o passado distante da Vila. Poucas famílias ferroviárias permaneceram nela, apesar da expressividade e do prestígio que essas famílias de "moradores antigos" têm e da contribuição efetiva para a manutenção da história local, e hão de ser valorizados essas experiências e esses saberes, com resguardo de políticas públicas do campo patrimonial.

Por essa razão recorro a Merleau-Ponty (1999) para compreender a relação perceptiva das pessoas com o tempo e a temporalidade da paisagem, pois quando acolhemos a narrativa de uma pessoa sobre alguma coisa (seja uma casa ou um artefato) que remeta a lembranças e a recordações, há, de fato, uma busca nos referenciais da memória, é uma percepção do passado que é presente, naquele momento, e está prestes a ser compartilhado.

> Nós não dizemos que o tempo é para alguém: isso seria estendê-lo ou imobilizá-lo novamente. Dizemos que o tempo *é* alguém, quer dizer, que as dimensões temporais, enquanto se recobrem perpetuamente, se confirmam umas às outras, nunca fazem senão explicitar aquilo que estava implicado em cada uma, exprimem todas uma só dissolução ou um só ímpeto que é a própria subjetividade. É preciso compreender o tempo como sujeito e o sujeito como tempo. Evidentemente, essa temporalidade originária não é uma justaposição de acontecimentos exteriores, já que ela é a potência que os mantém juntos distanciando-os uns dos outros. A subjetividade última não é temporal no sentido empírico da palavra: se a consciência do tempo fosse feita de estados de consciência que se sucedem, seria necessária uma nova consciência para ter consciência dessa sucessão e assim por diante. Somos obrigados a admitir uma consciência que não tenha mais, atrás de si, nenhuma consciência para ter consciência dela, que, consequentemente, não esteja estendida no tempo e cujo ser coincida com o ser para si.

No período em que estive na vila de Paranapiacaba, recolhi inúmeros relatos de pessoas que compartilharam lembranças nem sempre felizes, quase sempre nostálgicas e saudosas. Não raro, era convidado a adentrar o imóvel, guiado para o cômodo onde havia objetos e artefatos históricos, quinquilharias antigas à disposição do olhar.

Notavelmente, as pessoas preferem estar diante de gatilhos para rememorar o passado − pegar um retrato na mão, dar-me algum álbum de fotografia ou algum pertence de um antepassado. É um momento único e elucidativo de que o passado está ali, presente no mundo

e pela materialidade de um retrato ele é pujantemente percebido e vivenciado, tocado, sentido e lançado a um horizonte de porvir.

Esses momentos atestam que o tempo ‘é’. Que não há uma sucessão de momentos – que é um equívoco pensar linearmente sobre o tempo ou mesmo desdobrá-lo entre passado presente e futuro. O que atesta a temporalidade da paisagem é essa convergência para o momento percebido.

Esses fenômenos das curadorias domésticas, que fizeram convergir as narrativas das coisas com as narrativas dos sujeitos (PASSOS, 2016), levaram-me a pensar na singularidade que é essa forma de habitar o mundo – num contato intermitente com as retenções do passado. Há algo de profundo em ser exposto a todo momento às “cargas” da temporalidade de, literalmente, estar a um toque de inúmeras retenções do passado. A cada externalidade que apresenta a consciência, remetendo ao sentido de antigo a percepção: objeto, casa, indumentária, turista ou políticas públicas, restauros, reformas. Sempre há algo no cotidiano que faz emergir a percepção de tempo e, por consequência, o sujeito toma consciência constantemente da sua própria condição de ser-no-mundo, com um ser temporal.

> Em meu presente, se eu o retomo ainda vivo e com tudo aquilo que ele implica, há um êxtase em direção ao porvir e em direção ao passado que faz as dimensões do tempo se manifestarem, não como rivais, mas como inseparáveis: ser presentemente é ser sempre, e ser para sempre. A subjetividade não está no tempo' porque ela assume ou vive o tempo e se confunde com a coesão de uma vida (MERLEAU-PONTY, 1999, 568).

Estar cercado por coisas “antigas” faz com que haja uma perspectiva temporal, onde se acolhe o passado mesmo que de forma emaranhada, confusa e mesmo que a memória esteja rarefeita, o passado ainda está ali, fazendo-se presente, o objeto é sua âncora. O único “limite do passado é o esquecimento” – diante dessas quinquilharias nenhum passado é passível de ser esquecido, pois há sempre a possibilidade de reinventá-–lo.

A perspectiva temporal advinda do contato direto com o patrimônio cultural potencializa o acesso aos passados longínquos; há, assim, essa espécie de acolhimento do passado, pois [...] “a retenção é ter o passado à mão” (MERLEAU-PONTY, 1999).

**

Não há paisagem sem temporalidade, tal afirmação se sustenta na ideia e no princípio de que a paisagem é esse movimento de confluência de vidas e de existenciais conectadas −no

espaço e no tempo – e de que a temporalidade diz respeito à nossa condição de seres lançados num emaranhado temporal (ou, horizonte temporal). Estamos em comunhão com outros seres e coisas, "acontecendo" sempre em termos de passado, presente e porvir, com a predeterminação de um início e um fim.

Numa perspectiva Heideggeriana, tomamos consciência dessa existência pela sua finitude de 'sermos para a morte'. Para além, a capacidade de espelhamento dessa nossa condição e angústia para toda materialidade circundante: uma casa rui, o corpo biológico se decompõe e todo o resto do mundo compactua dessa realidade factual.

Quando questionamos, insistentemente, o que é habitar o patrimônio cultural, sabemos que, qualquer esboço de respostas soaria como mimetismo de tons metafóricos e, também, em metalinguagens – dessa relação entre a humanidade e o universo da materialidade das coisas não vivas.

O pensamento está carregado de uma perspectiva Merleaupontyana de temporalidade, mas é em Tim Ingold (2012) que ganha tração, pelo esforço mesmo de corporificar a dimensão epistêmica da fenomenologia da percepção nas inúmeras antropologias voltadas à relação entre humanos e não humanos, seres visíveis e invisíveis.

Os "ensaios" contam sobre as essências fundantes da experiência que é habitar o patrimônio cultural. Narram a relação dos sujeitos com as 'coisas', da trama "ser" neste fenômeno que é ser afetado por uma paisagem dada a justaposição de detalhes de impressões humanas, geração após geração, em sua fisionomia, deixando intrínseco o valor do passado.

As marcas 'talhadas' na materialidade, quando revisitadas e postas em movimento narrativo tomam um tom nostálgico, saudoso e distante, mas tais marcas não levam ao passado. A parede da casa revestida de pátinas ou o assoalho riscado porque, em algum momento, arrastamos um móvel que nem existe mais. Relicários sobre a estante e tantas outras marcas, por mais que nos conduzam a um sentimento nostálgico, eles existem no agora e remetem ao instante da percepção e da experiência sensível com o mundo. Segundo a concepção merleaupontyana da temporalidade, essas 'marcas' "são presentes e, se encontro ali signos de algum acontecimento "anterior", é porque tenho, por outras vias, o sentido do passado, é porque trago em mim essa significação" (MERLEAU-PONTY, 2006, p.553).

Nossa existência nada mais é do que expressão da temporalidade que nos consubstancia. O corpo, nosso corpo, se abre à experiência da existência – neste tecido do cotidiano que nos põe a experimentar o mundo e, num sentido de alteridade, perceber o "outro" experienciando, à sua maneira, o tempo.

Mas, o passado e o porvir não estão nas coisas, muito menos no mundo, pois somos nós que lhes atribuímos esses significados e damos-lhes sentidos e lhes atribuímos "intencionalidade".

O patrimônio cultural de valor histórico não está no passado – ele é presente – um fenômeno da contemporaneidade, do qual nos apropriamos, dando-lhe sentido e razão de ser; sentido esse que é espelhado no nosso próprio sentido de ser - individual e coletivo - que diz respeito a uma geograficidade e historicidade.

Assim, "a ruína como um porvir"; a metáfora da roupa velha e o paradoxo de Teseu"; "Sobre as "coisas" e as pessoas"; "Paisagem atarefada de uma casa em ruínas"; "Futebol, ferrovia e faina" são reverberações da experiência vivida, uma apreensão da relação das pessoas com o patrimônio no cotidiano, são esboços de uma resposta à questão norteadora: o que é habitar o patrimônio cultural? Esses ensaios são um tratado sobre o ser lançado no mundo em sua correlação com as "coisas".

Por essa razão, para tecer envolvimento entre as pessoas e o mundo, nos propusemos a olhar para o patrimônio não pautados no tempo newtoniano, cronologicamente, matematicamente calculados – com datações, sejam relativas ou absolutas − essas servem para fins científicos muito específicos (e importantes), mas aqui nos voltamos para o tempo de envolvimento das pessoas com as coisas.

Pensar sobre o passado, é uma ação do presente, visando sempre a um porvir; esse novelo de lã que estamos chamando de temporalidade não é, em absoluto, linear. Ele é exatamente isso, a constituição de nós mesmos – acontecemos quando nossa temporalidade se manifesta.

Assim, a tese em tela, apresenta-se, desvelando um dos fundamentos, que acreditamos constituir a essência do habitar o patrimônio arquitetônico: a temporalidade.

Pensando de outra maneira – de certa forma, otimista – essa concepção de que o patrimônio cultural não diz respeito ao "passado" ou mesmo a um "porvir" , e sim ao momento vivido, dá aberturas para pensarmos implicações políticas que estão em torno do temário patrimonial, a razão de ser do patrimônio habitado não está congelada em eventualidades pretéritas, mas sim na temporalidade experienciada por aqueles que vivenciam o patrimônio, outorgando ou não os valores que outrora foram atribuídos a essa materialidade da cultura.

A paisagem, então como fenômeno geográfico desvelado, atesta essa incorporação da temporalidade dos sujeitos e das coisas, numa retomada de narrativa "histórica" – que, se no passado, não nos pertenceria e, por essa razão, talvez, não devêssemos tratar as "coisas" dotadas

de temporalidades como testemunhos de outro tempo – mas , sim, de fato incorporá-los em nossas experiências de seres corporais, lançados numa cotidianidade (que é também uma forma de ser-estar-no-mundo, como seres temporais e espaciais que somos).

Dessa forma, cada um dos ensaios contidos no corpo desta tese é um tratado sobre a apreensão do e fenômeno – ou da relação entre pessoas e coisas ou da temporalidade da paisagem vivida (e tecida) pelas pessoas da Vila.

Essa é a "perspectiva do habitar, segundo a qual a paisagem é constituída como um registro duradouro — e testemunho — das vidas e dos trabalhos das gerações que nela habitaram e, ao fazê-lo, deixaram lá algo de si." Ao pensar o patrimônio cultural edificado – sua gestão e preservação – por esse prisma, nos colocamos em um lugar inquieto, sem conforto.

Quando emergimos a essência da temporalidade sobre o ser e as coisas, não estamos refutando a preservação, o restauro a manutenção – muito embora os reforcemos criticamente em outro momento deste trabalho, está aversão ao envelhecimento e à decrepitude das coisas em nossa sociedade ocidental – mas recolocando uma essência fundamental que qualifica a inserção da 'vida' sobre esses patrimônios, tirando-as do estatuto de objeto inertes para uma 'coisa viva', enfim, uma paisagem vivenciada e habitada.

A temporalidade da paisagem nos faz pensar sobre nossa permanência no mundo – e estamos realmente num momento histórico, no qual essa reflexão se faz necessária: "trazer as coisas de volta à vida" (INGOLD, 1999) não seria uma possibilidade de conexão com o mundo?

***

É essencial sentir. Esta tese se alicerça, fundamentalmente, na experiência direta com as pessoas na sua interrelação com as coisas. Metodologicamente, a imersão no cotidiano, por meio de pesquisa participante, revelou inumeráveis detalhes da vida daqueles que têm por habitar as estruturas e edificações históricas.

São detalhes que subsidiam a defesa de que devemos atravessar as veredas nubladas dos conceitos que impõem um valor intrínseco do bem histórico-cultural. O valor histórico, estético, arquitetônico do patrimônio cultural não define a essência do bem em si. Quando habitadas, essas vilas e cidades históricas, têm sua trama emaranhada pelas vidas humanas que deixam suas marcas – afetam a materialidade e são afetadas pelo acúmulo de tempo das coisas.

Estar lá significou que meu corpo próprio foi consubstanciado pela experiência de tempo. Também é possível afirmar que me atarefei naquela paisagem e que muito de mim está

perpetuado nas ruas, uma vez que prospectei coisas no chão, nas casas, pois pernoitei em tantas e compartilhei memórias, ao meu modo, da vida diária e intima das pessoas.

Estar aqui significa que algo nasceu dessa experiência, que me permite, talvez, dizer que há uma contribuição efetiva desta pesquisa:

I. Ter apresentado as potencialidades do método fenomenológico e de metodologias correlatas para diagnóstico e prognóstico de fragilidades e vulnerabilidades de políticas públicas no campo do patrimônio cultural habitado;
II. Evidenciar o fenômeno das curadorias domésticas e pô-lo à luz para discussões sobre papel das instituições na mediação entre bens arqueológicos e a comunidade local;
III. O valor pedagógico dessas práticas espontâneas de curadoria de acervos in loco, para salvaguarda dos bens incorporados na trama da vida dos sujeitos;
IV. Evidenciar os impactos da sobreposição de tombamentos e as divergências conceituais do conceito de paisagem cultural entre os órgãos no mundo vivido, nas noções de identidade e pertencimento;
V. Por fim, desvelar a temporalidade da paisagem como fundamento do ser-no-mundo e que essa experiencia de habitar o patrimônio cultural, exponencia a percepção de tempo dos sujeitos e, consequentemente, faz reverberar a consciência de si mesmo nessa trama existencial.

Não há limite para o que não está acabado e esta tese atesta este sentimento de abertura ao em vez de seu fechamento para questões tão fluidas acerca deste fenômeno circunscrito do habitar o patrimônio cultural.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. F. M. 1974. São Paul.o , 1(1):1-37, 1989. paulista. São Paulo, l11p. (Série Teses e fias, 14)

AB'SÁBER, A. N. O tombamento da Serra do Mar no Estado de São Paulo. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n. 21, p. 7-20, 1985.

ASSIS, M. **Relíquias de Casa Velha.** O Globo – obras completas. 1997.

ALAMINO, C. A. M. Vila de Paranapiacaba: paradoxo de um patrimônio histórico e um ponto turístico**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo,** 2001.

ANDRADA, A. C. Paul Ricoeur: O sujeito na história. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 34, n. 108, 2007.

BACHELARD, G. **A poética do Espaço**. 2ª Ed. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BERDOULAY, V; ENTRIKIN. J. N. Lugar e sujeito: perspectivas teóricas. In MARANDOLA JR, E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L (organizadores) **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: perspectiva 2014.

BESSE, J.-M. Geografia e existência: a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BEZERRA. "As moedas dos índios": um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi.** Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 57-70, jan.- abr. 2011.

BERREMAN. Desvendando máscaras sociais. In **desvendando máscaras sociais**. 1ª edição 1975.

BRASIL. Constituição Federal. 1988.

BUTTIMER, Anne. **Values in geography**. Washington: Association of American Geographers, 1974.
_____. Grasping the dynamism of lifeworl. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 66, n. 2, p. 277-292, jun. 1976.

_____. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

_____., Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. Geograficidade | v.5, n.1, Verão 2015.

CAMPOS, E **A vila de São Paulo do Campo e seus caminhos.** Eudes Campos. 30 anos de DPH. Departamento Histórico de São Paulo. 2006.

CESAR, Marisa Flórido. O Ateliê do artista. In: ***Arte & Ensaios***. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, ano XIV, nº 15, 2012.

CICOUREL. A. Teoria e Método em pesquisa de campo. **Method and measurement in sociology.y**, The Free Press, Nova Iorque, 1969.

CYRINO, Fabio. Café, Ferro e Argila: A história da implantação e consolidação da San Paulo (Brazilian) Railway Company Ltd. através da análise de sua arquitetura.São Paulo: Landmark, 2004; pg. 82.

COLOGNESE, S. A; MÉLO, J. L. B. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de sociologia**, Porto Alegre, RS. Volume 9. p. 143-159, 1998.

CONSELHO DA EUROPA. Cartas. 1991.

CONDEPHAAT. Tombamentos. Acesso em 2016. http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.fe8f17d002247c2c53bbcfeae2308ca0/?vgnextoid=963c6ed1306b0210VgnVCM1000002e03c80aRCRD

CORRÊA**,** S. R**.** M **FORMULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE CIDADES HISTÓRICAS (PCH):** 1972/1979. V SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS CULTURAIS – 7 a 9 de maio/ Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil. 2014.

CLAVAL, P. A Experiência Humana da Terra, a Abordagem Cultural em Geografia. Capítulo 8. **Epistemologia da Geografia**. Tradução: Margareth de Castro Afeche Pimenta; Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2001.

CRUZ, T. F. S. **PARANAPIACABA**: arquitetura e o urbanismo de uma vila ferroviária. Dissertação de mestrado do programa de Pós-graduação em teoria e história da arquitetura e do urbanismo. Escola de engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. 2007.

DARDEL, E. **O homem e a terra** : natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAMATTA, R. O Ofício de Etnólogo; ou, como ter 'Anthropological Blues'. **Cadernos de Antropologia e Imagem (UERJ)**, v. 1, 1978.

ÉLUARD, P**. Dignes de vivre**. Ed. Julliard, 1941.

ELLIS JR, A. **O Bandeirantismo Paulista e o Recuo do Meridiano.** Companhia editora nacional. Brasiliana. Série 5. Volume 36. 1938.

Pessoa, Fernando. Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Vol.I. Fernando Pessoa. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1982. - 36.

FARTHING, S. **Tudo Sobre Arte**. Editora Sextante. 2010.

FERRÃO; FERREIRA; Estudo sobre os antigos caminhos do planalto no **Período colonial Anais do XV Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas** ISSN 1982-0178- 29 e 30 de setembro de 2010.

FRANCO, C. **Bandeiras e bandeirantes de São Paulo**. Companhia editora nacional. Brasiliana. Série 5. Volume 181. 1940.
LAVANDER JR, MENDES, **Memórias de uma Inglesa.** São Paulo, Brasil, 2005.

FOUCAULT, M. Verdade e subjetividade. Tradução: Antônio Fernando Cascas. In **Revista de comunicação e linguagens** nº 19. Lisboa, Portugal editora: cosmo, 1993.

_____. **O que é o autor?** Ed. Nova Veja-Passagens. 7º edição. Lisboa Portugal. 2009.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. (trad. António Gonçalves) Coimbra: Almedina, 1980.

FIGUEIREDO, V. G. B. Paranapiacaba: um caso de preservação sustentável da paisagem cultural. **Revista Labor & Engenho. Campinas, Brasil V.5, n. 3**. 2011.

FIGUEIREDO, V. G. B. O Patrimônio e a Lei: o Papel das Zonas Especiais na Preservação da Paisagem e no Desenvolvimento Urbano. **VI Encontro Nacional da Anppas. Bélem – PA – Brasil.** 2012.

FIGUEIREDO, V. G B. As Zonas Especiais na Preservação do Patrimônio Cultural e no Desenvolvimento Sustentável: questões sobre a experiência de São Paulo e Santo André. In: **XV ENANPUR - Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2013, Recife. Anais do XV ENANPUR. Recfie: UFPE**, 2013.

FIGUEIREDO, V. G. B. Patrimônio Cultural, Cidade, Sustentabilidade: qual o papel da legislação urbanística na preservação e no desenvolvimento**? Ambiente & Sociedade, vol. XVII, núm. 2, pp. 91-110 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade** Campinas, Brasil. 2014.

FLORÊNCIO, S. R. R. Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais. **Cadernos do patrimônio cultural**: educação patrimonial / Organização Adson Rodrigo S. Pinheiro. – Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

LELOUP, J. J. Nomes de Deuses. Editora: Unesp. 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar 2013.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas**. in Metodologias qualitativas na sociologia. Ed. Vozes. pag. 53 – 68, 1987.

HEIDEGGER. M. **Sobre o problema do ser** ;O caminho do campo /Martin Heidegger ; tradução de Ernildo Stein ; revisão de José Geraldo Nogueira Moutinho. São Paulo : Duas Cidades, 1969.

_____; **Ser e Tempo**. Tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 4 ed, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. Identidade e diferença. In: _____. Os pensadores. (trad. Ernildo Stein) São Paulo: Abril Cultural, 1999.

_____. Construir, habitar, pensar. In: Ensaios e conferências. (trad. Emamanuel C. Leão) Petrópolis: Vozes, 2001a.

_____. "... poeticamente o homem habita..." In: Ensaios e conferências. (trad. Emamanuel C. Leão) Petrópolis: Vozes, 2001b.

HOLZER, W. O lugar da geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. Ano IV, n° 7. p. 67-78. jul./dez. 1999.

_____; A GEOGRAFIA HUMANISTA: uma revisão. **ESPAÇO E CULTURA**, UERJ, RJ, EDIÇÃO COMEMORATIVA, P. 137-147, 2008

INFINITO OLHAR. Quem somos. Acesso 11 de dezembro de 2015. http://www.infinitoolhar.com.br/

INGOLD, T. Trazendo as Coisas de Volta à Vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

INGOLD, T. The temporality of the landscape. In: T. INGOLD. **The perception of the environment**. Essays in livelihood, dwelling and skill. London/New York: Routledge. 2001.

KAFKA, F. **A Metamorfose**. Editora Riddel. 2007.

KUNDERA, M. **A insustentável leveza do ser**. Tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. Ed. Companhia das letras, São Paulo, SP. 352 paginas. 1999.

MARRE, J. A. L. A construção do objeto científico na investigação empírica.

Cascavel: **Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná** – UNIOESTE, 1991.

MATOS, O. N**. Café e Ferrovias**. Editora Alfa-Omega 1974.

MALPAS, J. Pensar topográficamente: Lugar, espacio y geografia. **Documents d'Anàlisi Geogràfica** 2015, vol. 61/2 199-229.

MATUS, C. **Planejamento Situacional Estratégico**. Caracas 1993.

MARANDOLA JR., E. Heidegger como matriz do pensamento fenomenológico em Geografia. In: **Encontro Nacional de História do Pensamento geográfico,** 2, 2009.

_____; Identidade e Autenticidade dos Lugares: o pensamento de em *place and placelessness*, de Edward Relph. **XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre, Julho 2010.

_____.; Heidegger como matriz do pensamento fenomenológico em Geografia. In: **Encontro Nacional de História do Pensamento geográfico,** 2, 2009.

_____.; Identidade e Autenticidade dos Lugares: o pensamento de em *place and placelessness*, de Edward Relph. **XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre, Julho 2010.

_____.; **Fenomenologia e pós-fenomenologia**: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. Geograficidade | v.3, n.2, Inverno 2013.

MCGREEVY, P. 1987 Imagining the future at Niagara Falls. Annals of the Association of American Geographers 77 (1):48–62

MENESES, U. T. B. Os usos "culturais da cultura": contribuição para uma abordagem critica práticas e políticas culturais. In Turismo: espaço paisagem e cultura. Ed. Hucitec, São Paulo. 1996.
_____.;. O **campo do Patrimônio Cultural**: uma revisão de premissas. In IPHAN. 1º Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. *Anais, vol.2, tomo 1. Brasília: IPHAN, 2012.*

MINAMI, I. Vila de Paranapiacaba: patrimônio ambiental, tecnológico e arquitetônico. YÁZIGI, E., CARLOS, A. F. A., CRUZ, R. de C. A. da, **Turismo:** espaço, paisagem e cultura. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **União e Iphan terão que recuperar patrimônio histórico, artístico e cultural de Paranapiacaba, em Santo André**. Disponível em <http://www.prsp.mpf.mp.br/sala-de-imprensa/noticias_prsp/10-06-13-2013-uniao-e iphan-terao-que-recuperar-patrimonio-historico-artistico-e-cultural-de-paranapiacaba-em-santo-andre > Acesso em 10 de junho de 3013.

MIGUEL, R. Ateliês residência da Vila de Paranapiacaba. **Trabalho de conclusão de curso para obtenção de título de especialista em sociologia**. Universidade municipal de São Caetano do Sul 2012.

MORETTO NETO, M. Protagonismo Comunitário Em Paranapiacaba: O impacto das ações governamentais no desenvolvimento sócioeconômico- comunitário da Vila de Paranapiacaba no período de 2001 a 2004. **Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração**. 2005
.
NEPOMUCENO, K. T. **A casa e a vertigem da ordem**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes. Belo Horizonte Escola de Belas Artes da UFMG 2007.

PASSARELLI, S. H. SOBRE A VILA DE PARANAPIACABA. In **Paranapiacaba: estudos e memórias.** Santo André PUBLIC gráfica e fotolito. 1989.

PÁDUA, L. T. S. **A "topologia do ser" lugar, espaço e linguagem no pensamento de martin heidegger.** Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio. 2005.

PEREIRA, et al. Programa de prospecção e monitoramento arqueológico da parte baixa da Vila de Paranapiacaba, Santo André São Paulo, Relatório Final, IPHAN, 2016.

PESSOA, V, R. S. Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. **Geo UERJ** - Ano 14, nº. 23, v. 1, 1º semestre de 2012 p. 4-18.

PLATAFORMA PARANAPIACABA. Projeto. Acesso, 12 de dezembro de 2015. https://plataformaparanapiacaba.wordpress.com.

PLANS, M. Da força repressora à coesão sutil: a arqueologia da vila operária. REVISTA DE ARQUEOLOGIA. 2010.

PRADO, A. **Primeiros Povoadores do Brasil.** Companhia editora nacional. Brasiliana. Série 5. Volume 37. 1939.

PMSA, *Memorial da ZEIPP* - **Zona Especial de Interesse do Patrimônio de Paranapiacaba**. Santo André. Prefeitura de Santo André, 2005.

PMSA, **Sumário de Dados de Paranapiacaba e Pq. Andreense.** Santo André. Prefeitura de Santo André, 2008.

PMSA, **Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável de Paranapiacaba.** Santo André. Prefeitura de Santo André, 2008.

REPEP. Princípios da educação patrimonial. http://repep.fflch.usp.br acesso 7 de dezembro de 2015.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pilon, 1976.

_____. O Sentido de Lugar. In: marandol jr. Eduardo; holzer, Werther; oliveira, Lívia de. (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RICHARDSON, R. J. **Observação**. In Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo. Ed. Atlas, pag. 259 – 264. 2010.

RICOUER, P. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Editora Unicamp. 2003.

SANTOS, J. PARANAPIACABA. In **Paranapiacaba: estudos e memórias.** Santo André PUBLIC gráfica e fotolito. 1980.

SANTO ANDRÉ, Prefeitura Municipal. Plano de Desenvolvimento Sustentável da Vila de Paranapiacaba. Santo André: **FAUUSP-LUME**, 1999.

SANTO ANDRÉ, Prefeitura Municipal. **Plano Patrimônio**. Santo André: PMSA, 2001.

SANTO ANDRÉ, Prefeitura Municipal. **Secretaria de Gestão de Recursos Naturais de Paranapiacaba e Parque Andreense**. Acesso em http://www2.santoandre.sp.gov.br/index.php/2013-03-20-17-29-08/2013-03-20-17-30-14/institucional-sgrnppa 2015.

Sauer, C.O. A morfologia da paisagem. In: Paisagem, Tempo e Cultura. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1925).

SILVA, Fabíola Andréa. Arqueologia e Etnoarqueologia na Aldeia Lalima e na Terra Indígena Kayabi: Reflexões sobre Arqueologia Comunitária e Gestão do Patrimônio Arqueológico. In **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 19, p. 205-219, 2012.

SILVA, P. F. **Ateliês contemporâneos**: possibilidades e problematizações. 2002.

SCIFONI, S. Para repensar a Educação Patrimonial. **Cadernos do patrimônio cultural**: educação patrimonial / Organização Adson Rodrigo S. Pinheiro. – Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

SCHIFFER, M. B. **Behavioral Archaeology**: principles and practice. London: Equinox Pub.; Oakville (Conn). 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

THOREAU, H. D. Walden. Tradução Denise Bottman -Ed. L&PM. Porto Alegre, 2015.

TOLKIEN, J. R. R. **O hobbit**. 6ª ed. São Paulo: editora WMF Martins fontes. 2012.

TRIVIÑOS, A, N. S. **Pesquisa Qualitativa**. In introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo. Ed. Atlas, pag. 116 – 170, 2008.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (Trad. Lívia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1985.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (Trad. Lívia de Oliveira) São Paulo: Eduel, 2013.

TUAN, Y. Geografia humanística. In: perspectivas da geografia. Org. Christofoletti Humanistic Geography. Tradução do texto original: Annals of the Association Americans Geographers, v.66, n.2, p.266-276, 1976. [1982].

TURRA NETO, N. **Enterrado vivo!:** identidade punk e território em Londrina – Pr. São Paulo: EDUNESP, 2004.

_____, Vivendo entre jovens**:** a observação participante como metodologia de pesquisa de campo. **TerraPlural**, Ponta Grossa, v.6, n.2, p. 241-255, jul/dez. 2012.
ZEIPP. Santo André. http://www2.santoandre.sp.gov.br/ acesso 2007.
.
WINKIN, Y. Descer ao campo. In:. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, Alba (org.). Desvendando mascaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1980, pp. 77-86.

Wright, J.K. 1947. Terrae Incognitae: The Place of Imagination in Geography Annals of the Association of American Geographers 37: 1–15.

APÊNDICE A

1. Apresentação dos resultados da tese de doutorado na Vila de Paranapiacaba, Santo André São Paulo.

Ao longo destes anos, inúmeras pessoas, moradores e moradoras da Vila, compartilharam suas vivências e experiências com Paranapiacaba comigo. Um voto de confiança que dificilmente conseguirei retribuir. Foi uma construção horizontal sobre saberes acerca dos significados que rondam este habitar. Neste processo, expectativas foram criadas, expectativas sobre os rumos da pesquisa, seus fins práticos para a vila e para suas vidas. Não há como saber, de fato, o impacto destes escritos no curso de suas histórias, mas, ao menos pude compartilhar os frutos do aprendizado com todos e todas que doaram um precioso tempo de seus dias e noites para me ensinar sobre Paranapiacaba.

Foto 1 e 2: Apresentação dos resultados e roda de conversa com moradores e moradoras da Vila de Paranapiacaba e funcionários do município de Santo André São Paulo



Foto 3 e 4: Apresentação dos resultados e roda de conversa com moradores e moradoras da Vila de Paranapiacaba e funcionários do município de Santo André São Paulo



Foto 5: Apresentação dos resultados e roda de conversa com moradores e moradoras da Vila de Paranapiacaba e funcionários do município de Santo André São Paulo



Apresentação dos resultados da tese em tela ocorreu no dia 19 de dezembro de 2023, no Centro de Visitantes de Paranapiacaba (CV). Objetivou-se, na ocasião, apresentar os resultados da pesquisa em tela para moradores e moradoras da Vila; técnicos ambientais, culturais e de turismo da Prefeitura Municipal de Santo André

APÊNDICE B

SÃO PAULO RAILWAY

PLANTA GERAL

do traçado da nova linha mostrando os terrenos necessarios para as obras e captação das aguas necessarias para o trafego.

Escala 1:4000

Acto do Snr. Dr. de Maio de 1858
O Chefe da 2ª Secção

N.B. Os terrenos necessarios para os fins indicados estão assignalados nesta planta com aquarella de carmim.

RIO PARAHYBUNA

RIO PIRAHY

RIO MOGY

RIO CUBATÃO

RIO PERDIDO

LINHA DA DIVISA DAS AGUAS

Area = 3019559 m²

Area = 468786 m²

SÃO PAULO RAILWAY

PLANTA GERAL

do traçado da nova linha mostrando os terrenos necessarios para as obras e captação das aguas necessarias para o trafego.

Escala 1:4000

Acto do Snr. Dr. de Maio de 1858
O Chefe da 2ª Secção

N.B. Os terrenos necessarios para os fins indicados estão assignalados nesta planta com aquarella de carmim.

RIO PARAHYBUNA

RIO PIRAHY

RIO MOGY

RIO CUBATÃO

RIO PERDIDO

LINHA DA DIVISA DAS AGUAS

Area = 3019559 m²

Area = 468786 m²

APÊNDICE C

Curso: Arqueologia de Paranapiacaba: potencialidades para o arqueoturismo

Laboratório de Arqueologia Guarani e Museu de Arqueologia Regional -FCT-Unesp

Responsável: Ms. Thiago de Moraes dos Passos; Dra. Neide Barrocá Faccio

Emenda do Curso

A Vila Ferroviária de Paranapiacaba em Santo André, SP é considerada patrimônio ambiental, histórico, tecnológico e arquitetônico (MINAMI, 2000) tendo sua origem ligada à instalação do sistema funicular inglês na região, em meados do século XIX. Trata-se de um conjunto arquitetônico, tombado nas instâncias Municipal, Estadual e Federal. A Vila de Paranapiacaba conta, ainda, com o Parque das Nascentes; Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba; Parque Estadual da Serra do Mar e Reserva da Biosfera. Em 2014, a Vila de Paranapiacaba foi indicada para pertencer ao Patrimônio Mundial da UNESCO. Dada está complexa relação com patrimônios naturais e culturais, vê-se a oportunidade de um diálogo transversal com os atores sobre as e diversas competências acerca do patrimônio cultural e de uma melhor compreensão do patrimônio arqueológico, a fim de instrumentalizar com noções conceituais, técnicas e jurídicas que envolve a arqueologia brasileira. Outrossim, objetiva-se, dialogicamente, discutir as potencialidades de um "arqueoturismo[1]" na Vila de Paranapiacaba, fortalecer laços entre arqueólogo(a)s e profissionais ligados ao patrimônio cultural e a vila de Paranapiacaba a fim de aprimorar a prática turística como potencialidade pedagógica, dialógica, transversal e sustentável.

[1] O arqueoturismo ou turismo arqueológico, consiste em uma modalidade de visitação que intenciona uma aproximação com lugares e paisagens que possuam vestígios da cultura material de outras épocas e culturas – em outras palavras, um turismo que vige a visitação de Sítios Arqueológicos (no âmbito nacional) pré-coloniais e históricos. A discussão acerca o arqueoturismo implica em aparelhar e instrumentalizar os lugares a recepção turística com fins pedagógicos, transversais em todos os sujeitos envolvidos que vise uma sustentável alternativa de visibilidade da cultural dos sítios arqueológicos.

Objetivo geral:

Ministrar curso introdutório e oficinas de arqueologia aos moradores, monitores ambientais, monitores históricos e servidores públicos municipal de Santo André – principalmente os servidores e servidoras atuantes Vila de Paranapiacaba a fim de fomentar a discussão sobre gestão e turismo arqueológico – ou arqueoturismo.

Objetivos específicos:

- Apresentar conceitos, temas e técnicas da arqueologia brasileira, a fim de instrumentalizar funcionários, técnicos da prefeitura municipal de Santo André, bem como profissionais ligados ao turismo cultural e ambiental sobre a gestão do patrimônio arqueológico;

- Compreender a produção do conhecimento e a sua divulgação a partir das técnicas de investigação em arqueologia para estimular o debate a respeito do patrimônio visando sua preservação;

- Discutir de forma transversal e dialógica as potencialidades do arqueoturismo na Vila de Paranapiacaba a fim de que fomente as políticas públicas nesse campo.

CONTEÚDO PROGAMADO

1. Introdução a arqueologia: conceitos e temas da arqueologia brasileira.

2. Arqueologia e a legislação brasileira – IPHAN e o CONDEPHAAT
- O trabalho do arqueólogo: campo, laboratório e ações de esclarecimento.
- Arqueologia e Sociedade
- Arqueologia e Educação

3. Arqueologia regional

- Arqueologia pré-colonial
    - Caçadores coletores
    - Sambaquis
    - Ceramistas
- A Etno-história e a ocupação indígena na serra do mar

4ª Introdução a arqueologia histórica
- Arqueologia colonial
- Arqueologia industrial

- Arqueologia e patrimônio arquitetônico
- Arqueologia e as coisas – a Vila de Paranapiacaba.

Carga horária: 16 horas.

Material e dinâmica adotados para o curso

em *Office Power Point.*

Cartografias colaborativas

Exposição de artefatos arqueológicos pré-coloniais e históricos.

Oficinas

Oficina de lascamento;

Oficina de pintura rupestre;

Oficina de cartografia colaborativa (onde estava este objeto?)

Bibliografia

ALMEIDA, M. B. 2003. O publico e o patrimônio arqueológico: reflexões para a arqueologia pública no Brasil. Habitus, v. 1, n. 2.
BARRETO, C. 1999/2000, A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil. Revista USP, n.44: 32-51.
BEZERRA, M. 2008 Bicho de nove cabeças: os cursos de graduação e a formação dos arqueólogos no Brasil. Revista de Arqueologia 21(2)139- 154.
BINFORD, Lewis. Em busca do passado. Publicações europa-america, 1983: Capítulo VII: Gente no espaço em que vive. Pp.179-238.
BRUNO, C. 2013/2014 Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos. Revista de Arqueologia 26/27
CARNEIRO, Carla Gibertoni. Ações educativas no contexto da arqueologia preventiva: uma proposta para a Amazônia. 2009. 306 p. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
CARVALHO, A. V. ; SILVA, B. S. R. . Arqueologia e socialização do conhecimento: Indiana Jones, mostre-nos o que sabe. CIÊNCIA E CULTURA, v. 65, p. 45-48, 2013.
FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2003.
FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ORSER JÚNIOR, Charles; SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira (orgs.). Identidades, discurso e poder: estudos da Arqueologia Contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.
GILBERTONI, C. 2013/2014 Socialização da pesquisa arqueológica: uma questão interdisciplinar.Revista de arqueologia 26/27.
GNNECO, C. E DIAS, A. 2015 Sobre a arqueologia de contrato. Revista de Arqueologia v.28 (2):03-19
LIMA, T. 2011 Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, v.6, n.1: 11-24
MACHADO, J. 2017 Arqueologias Indígenas, os Laklaño Xokleng e os objetos do pensar. Revista de Arqueologia, v.30(1):89-119.
NEVES, EDUARDO GOES. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In Silva, Aracy Lopes e Grupioni, Donizete. Temática Indígena na escola. MEC/MARI/UNESCO, São Paulo: Brasília, 2000:171- 196.
RENFREW, C.; BAHN, P. Arqueología: teoria, métodos y practica. Madrid: Akal, 1998. – Capitulo 2 e capítulo 3
RIBEIRO, L. 2015 Empreendimentos econômicos, violações de direitos humanos e o silêncio da Arqueologia no Brasil. Revista de Arqueologia, v.28(2):172-186.
SILVA, F. A. As Tecnologias e seus significados. In: Revista Canindé, nº 2. Xingó, Ed. MAX-UFS, 2002.
SILVA, F. O Passado no Presente: narrativas arqueológicas e narrativas indígenas.
SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Arqueologia – antropologia ou história? Origens e tendências de um debate epistemológico. Tessituras, Pelotas, v. 2, n. 1, p.

10-39, jan./jun. 2014.
TRIGGER, Bruce. História do Pensamento Arqueológico. São Paulo: Editora Odysseus, 2004. Cap. 10: 365-406.
WICHERS, C. 2013/2014 Dois enquadramentos, um mesmo problema: os desafios da relação entre Museus, Sociedade e Patrimônio Arqueológico. Revista de Arqueologia 26/27

APÊNDICE D

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Gleison da Silva Santos, inscrito(a) sob o RG/ CPF 40242-026-3, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

Gleison da S. Santos
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(✓) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(✓) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Hercules H. Soares, inscrito(a) sob o RG/ CPF 265.036.748-21, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa _____

Eu, Daniela da Silva Bergamini, inscrito(a) sob o RG/ CPF 23.183.102-X, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 5 de abril de 2022

Daniela da Silva Bergamini

Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Bianca Regina da Silva Santos, inscrito(a) sob o RG/ CPF 40.241.950-9, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável THIAGO sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

Bianca Regina da Silva Santos
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: Sim
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa: Sim
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Maria Cristina Lima de Oliveira, inscrito(a) sob o RG/ CPF 28.318.003-1, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Thiago de Moraes sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de ~~abr~~il de 2022
Setembro

Maria Cristina Lima de Oliveira
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: Sim
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa: Sim
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Maria Cristina Lima de Oliveira, inscrito(a) sob o RG/ CPF 28.318.003-31, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Thiago de Moraes sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de ~~abril~~ Setembro de 2022

Maria Cristina Lima de Oliveira
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
(X) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
(X) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, LUIZ THIAGO R. S. CORREA, inscrito(a) sob o RG/ CPF 40.141.965-0, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

Luiz Thiago R. S. Correa
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(✓) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(✓) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Edmila Souza Lourenço, inscrito(a) sob o RG/ CPF 40.241.926-1, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 05 de setembro 2022.

Edmila Souza Lourenço
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Mauricio Tintori Piqueira, inscrito(a) sob o RG/ CPF 23.752.927-0, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

Mauricio T. Piq.

Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Flavia de Carvalho Ribeiro, inscrito(a) sob o RG/ CPF 296.648.068-89, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Thiago Passos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de Agosto de 2022

Flavia de Carvalho Ribeiro
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Marcos Roberto Vital, inscrito(a) sob o RG/ CPF 24.964.887-8, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Thiago de Moraes Passos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, ... de abril de 2022

Marcos Roberto Vital - M Vital
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Cássio Marques, inscrito(a) sob o RG/ CPF 40.242.022-6, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 25 de abril de 2022

Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Thiago F m Silva, inscrito(a) sob o RG/ CPF 29.217.542-7, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

Thiago F m Silva
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Alexander Vinicius Ribeiro Nunes, inscrito(a) sob o RG/ CPF 47835192-6 | 392.042.538-35, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 5 de ~~abril~~ SETEMBRO de 2022

Alexander Vinicius Ribeiro Nunes
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Evanir da Silva Antunes, inscrito(a) sob o RG/ CPF.....17542978 9....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

Evanir da Silva Antunes

Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Luciana da Silva Santos, inscrito(a) sob o RG/ CPF 35.033.972-7, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 Setembro de abril de 2022

Luciana da Silva Santos
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Danielle Gonçalves Libório Vila Nova, inscrito(a) sob o RG/ CPF 54.491.253-6 e 136.324.987-84, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, ~~..... de abril de 2022~~ 05 de setembro de 2022.

Danielle G. Libório Vila Nova
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa _____

Eu, Maria do Socorro Amorim de Oliveira, inscrito(a) sob o RG/ CPF 160.208.068-20, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de setembro de 2022

Maria do Socorro Amorim de Oliveira
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

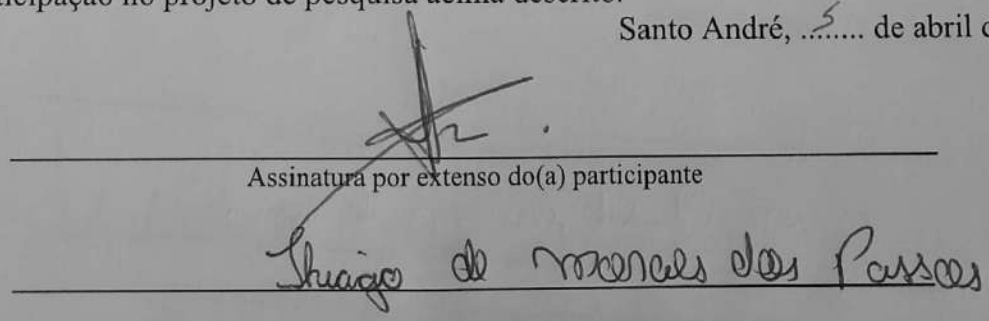
(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, João Paulo Dias de Azevedo Dantas, inscrito(a) sob o RG/ CPF 33.251.344-0/SSP-SP, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 5 de abril de 2022



Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

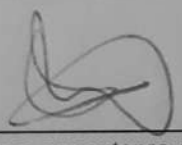
Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: Sim
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Valdinete Maria Matos, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, ...5.... de abril de 2022



Assinatura por extenso do(a) participante

Valdinete Maria Matos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Thiago de Moraes dos Passos

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Israel Mário Lopes, inscrito(a) sob o RG/ CPF 40.142.138-2 / 325.596.888-75, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, ...5... de ~~abril~~ setembro de 2022

Israel Mário Lopes
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
( ) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu Luciamara Mateo R.G. 20870446-2, inscrito(a) sob o RG/ CPF. 192.961.408-47, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 5 de abril de 2022

Luciamara Mateo
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Paulo Cesar Teixeira, inscrito(a) sob o RG/ CPF.....1.25.114.908-11....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, ...5... de abril de 2022

Paulo Cesar Teixeira
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Rita de Cássia Chahud de Mello, inscrito(a) sob o RG/ CPF 44.227676-x, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável thiago passos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de ~~abril~~ Setembro de 2022

Rita Chahud

Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____

( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____

( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Mayra Guzman de Souza Brito, inscrito(a) sob o RG/ CPF 33165363-6, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Thiago Passos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de ~~abril~~ setembro de 2022

Mayra G Brito

Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Maysa Guzman de Souza Brito, inscrito(a) sob o RG/ CPF 33165763-6, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Thiago Passos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de ~~abril~~ setembro de 2022

Maysa G Brito
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, LUCAS SOARES RODRIGUES PEREIRA, inscrito(a) sob o RG/ CPF 428.452.848-23, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

LUCAS SOARES R. PEREIRA
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Ryan Simão da Silva, inscrito(a) sob o RG/ CPF 37.3?0.?20.338-47, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, ..5.. de abril de 2022

Ryan Simão da Silva
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

( ) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

( ) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, José Soderaldo da Silva, inscrito(a) sob o RG/ CPF 25316285-3/192230608 85, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, ...5... de abril de 2022

José Soderaldo da Silva
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

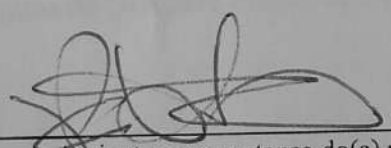
Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(✓) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, Paulo Tadeu Alves Ferreira, inscrito(a) sob o RG/ CPF 24517691-3 / 164.782.208-37, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Thiago de Moraes dos Passos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 5 de abril de 2022



Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(✓) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(✓) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, ..Claudio Henrique da S. Nazario....., inscrito(a) sob o RG/ CPF....466.287.338-07....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, .05. de abril de 2022

Claudio Henrique da Silva Nazario
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
( ) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, PAULO DANIEL BATISTA, inscrito(a) sob o RG/ CPF 180.330.238-79, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 25 de abril de 2022

P. D. Batista
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: SER-NA-PAISAGEM
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(✓) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:SER-NA-PAISAGEM
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, JORGE EDUARDO COSMO MARIANO, inscrito(a) sob o RG/ CPF 194.503.378-96, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável THIAGO DE MORAES DOS PASSOS sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 ~~de abril~~ SETEMBRO de 2022

Jorge Eduardo Cosmo Mariano
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____

( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

( ) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa: _____

( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa _____

Eu, Soldenei Silva do Vale, inscrito(a) sob o RG/ CPF 19.780.026-9, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 5 de abril de 2022

Soldenei Silva do Vale

Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

( ) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
(X) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, WAGNER KENJI NOBE....., inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável ..... sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

_____
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
_____
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: MARQUEM @SERDAMATA
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
( ) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, DOUGLAS B. GOMES, inscrito(a) sob o RG/ CPF 25.506.462-7, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável THIAGO PASSOS sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 5 de abril de 2022

Douglas Borges Gomes
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: MARQUEM @SERDAMATA
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
( ) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, DOUGLAS B. GOMES, inscrito(a) sob o RG/ CPF 25.506.462-7, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável THIAGO PASSOS sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 5 de abril de 2022

Douglas Borges Gomes
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, WANDERLEY CHIQUEZZI, inscrito(a) sob o RG/ CPF 17.835.722-4, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável THIAGO DE MORAES DOS PASSOS sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

WANDERLEY CHIQUEZZI
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____

No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, WANDERLEY CHIQUEZZI, inscrito(a) sob o RG/ CPF 17.835.722-4, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável THIAGO DE MORAES DOS PASSOS sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

WANDERLEY CHIQUEZZI
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: **"Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**. [título sujeito a mudanças]. Meu nome é: Thiago de Moraes dos Passos, Pesquisador responsável e minha área de atuação é Patrimônio Cultural. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não haverá prejuízo de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail **thiago.passos@unesp.br** e, inclusive, sob forma de ligação, através do seguinte contato telefônico: (018) 99662-4513.

A pesquisa supracitada tem por objetivo: desvelar os diversos fenômenos intrínsecos ao habitar o patrimônio arquitetônico, a fim de apreender como esses fenômenos reverberam no mundo-vivido dos moradores de Paranapiacaba. A Pesquisa em tela utiliza-se de metodologias qualitativas (Entrevistas, grupo focal, e observação-participante). Por tanto, os dados coletados são: Áudios gravados que serão utilizados exclusivamente para o trabalho supracitado e para divulgação posterior em publicações cientificas. Estes dados estarão à disposição do(a) concedente sempre que requisitado.

(X) Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa: _____
( ) Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa:_____
No caso de imagens captadas (quando houver) há necessidade de concessão de uso dela:
(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa:_____
( ) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa_____

Eu, WANDERLEY CHIQUEZZI, inscrito(a) sob o RG/ CPF 17.835.722-4, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado ""**Ser-na-paisagem": habitando o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba, Santo André, São Paulo**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável THIAGO DE MORAES DOS PASSOS sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santo André, 05 de abril de 2022

WANDERLEY CHIQUEZZI
Assinatura por extenso do(a) participante

Thiago de Moraes dos Passos
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Rua R. Dr. Cyro Bueno, 40 - Jardim Cinquentenario, Pres. Prudente - SP, 19060-560
Telefone: (18) 3229-5388